

Mídias Educacionais e Ensino de
Língua Espanhola
Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Natal-RN



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Secretário de Educação a Distância
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Campus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenadora Adjunta da UAB/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA Material Didático

Professor Pesquisador/conteudista
MARIA DALVACI BENTO
RUDSON GOMES DE SOUZA

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS
SANTOS

Revisão Linguística
ILANE CAVALCANTE

Diagramação
ANDREZÁ FURTADO
GABRIEL FACUNDES
JULIO CESAR
MARIANA MOREIRA
MATEUS PINHEIRO
MAYARA ALBUQUERQUE

Ilustração
LAILA ALVES
VLADIMIR RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Marise Lemos Ribeiro CRB 15/418

B478m I Bento, Maria Dalvaci.

Mídias educacionais e ensino de língua espanhola / Maria
Dalvaci Bento, Rudson Gomes de Souza. – Natal : IFRN Editora, 2012.

423 p. : il. color.

ISBN

1. Educação – Mídia. 2. Língua espanhola – Estudo e ensino.
3. Sociologia da comunicação. I. Souza, Rudson Gomes de. II. Título.

CDU 37:316.77

O Material Didático

Caro(a) Aluno(a):

Você está recebendo este material didático por meio do qual vai realizar a maior parte de seus estudos do curso de Letras Licenciatura em Espanhol. Na Educação a Distância, o material didático é a mais importante ferramenta de estudo. Ele é o principal mediador entre você e os conhecimentos historicamente acumulados que foram escolhidos para compor cada aula que agora está em suas mãos.

O material didático na EaD é, ainda, substituto do professor no momento em que você o utiliza. Nesses textos, o professor se faz presente através da linguagem dialogada, das estratégias de mobilização dos conteúdos, das atividades, enfim, de tudo o que compõe esse material. É importante que você tenha clareza de que a sua aprendizagem depende, sobretudo, do seu empenho em estudá-lo, dedicando bastante atenção aos conteúdos de cada aula. Realizar cada uma das atividades, comunicar-se com seu tutor e/ou professor através das várias formas de interação e sanar as dúvidas que, por ventura, venham surgir durante o processo de utilização desse material, constituem-se elementos primordiais para o seu aprendizado.

Esse material foi concebido, escrito e finalizado com muita dedicação com um objetivo principal: a sua aprendizagem. Cada imagem, ícone ou atividade passou por um refinado processo de análise com o objetivo de que, no final de cada sessão de estudo, você tenha compreendido bem os conceitos, categorias ou postulados essenciais à sua formação como professor de Língua Espanhola. Desejamos que o itinerário iniciado por você seja exitoso e que, ao final do curso, esse material tenha contribuído efetivamente para seu crescimento na condição de indivíduo, cidadão e profissional.



Bons estudos.

Diretoria de Produção de Material Didático

As seções

Com o objetivo de facilitar a sua aprendizagem, as aulas foram estruturadas didaticamente em seções que facilitam o seu itinerário de estudos. Essas seções cumprem, cada uma, um objetivo específico e estão articuladas entre si, de modo que, ao final de cada aula, você tenha compreendido o conteúdo e apreendido os conceitos principais. Vamos ver quais são essas seções e quais as suas funções nas aulas.

Apresentação e objetivos

Apresenta de maneira resumida os conteúdos que você vai estudar e os objetivos de aprendizagem da aula.

Para começar



Texto de abertura da aula. Pode ser um poema, uma crônica, uma charge, um conto, entre outros. Tem a função de problematizar a temática que será trabalhada na aula.

Assim é



Desenvolve a temática da aula através da apresentação dos conteúdos propriamente ditos.

Mãos à obra



São as atividades de percurso (fixação) que estão relacionadas com os conteúdos trabalhados em cada bloco.

Atenção



Usada quando o professor quer dar um destaque para algum aspecto importante da temática que está sendo estudada: conceitos, significados de termos, explicação adicional sobre um termo, entre outros.

Já sei



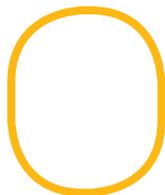
Resumo da aula que você estudou

Autoavaliação



Espaço em que o professor sugere algumas maneiras de você se autoavaliar em relação ao seu aprendizado.

Box



Aparece quando existe necessidade de uma informação complementar, como um biografema de um autor em destaque, a indicação de uma leitura ou filme, com breve sinopse, entre outros.

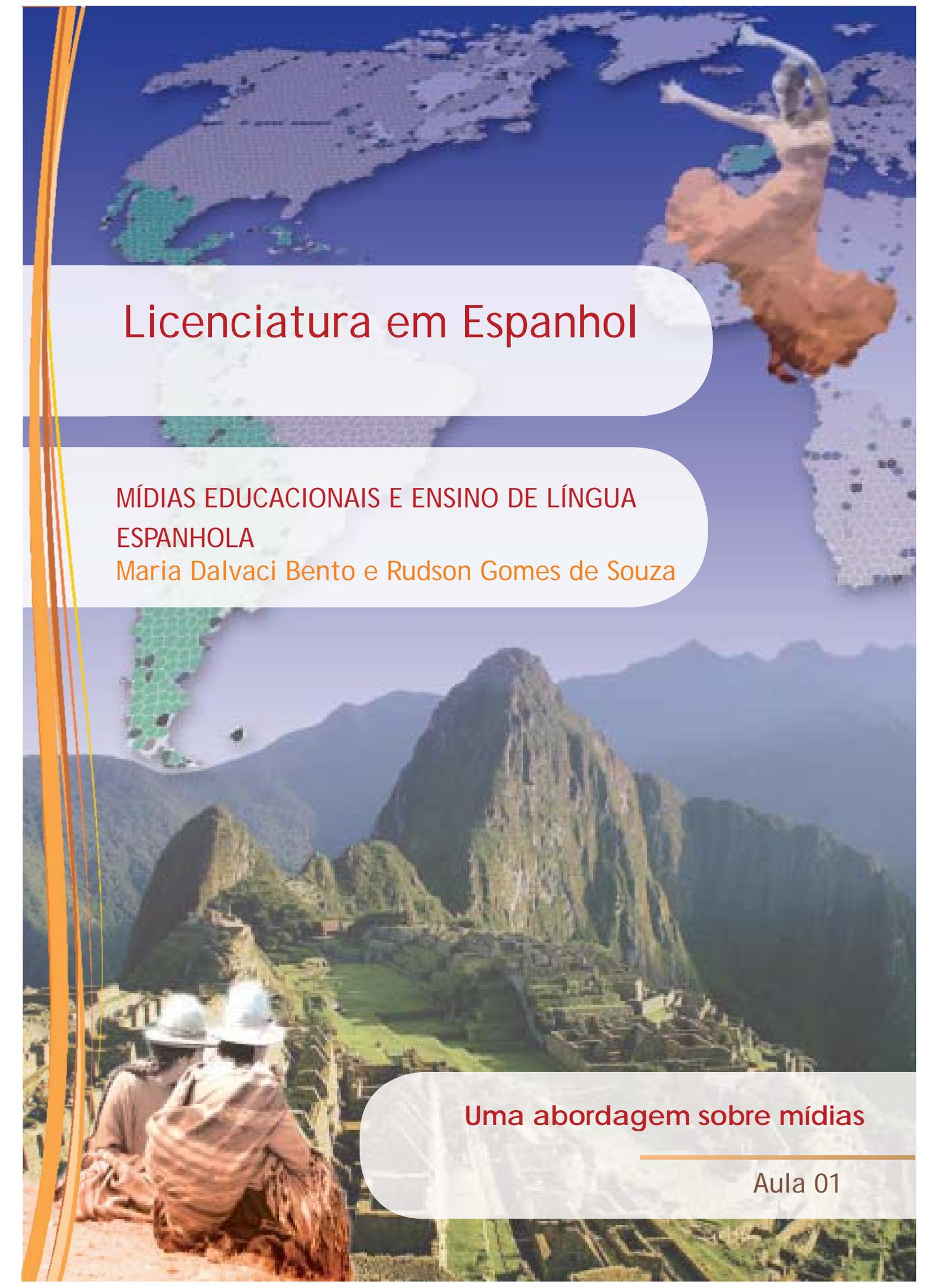
Referência



Apresenta as referências bibliográficas que foram utilizadas pelo professor para a elaboração da aula.

Índice

Uma abordagem sobre mídias	Aula 01
As mídias no tempo	Aula 02
As mídias na educação	Aula 03
Contextualizando a mídia impressa	Aula 04
Utilizando jornais	Aula 05
O livro didático, o livro paradidático, a enciclopédia e o dicionário	Aula 06
A propaganda	Aula 07
Histórias em quadrinhos: Charge, e tiras cômicas	Aula 08
Televisão e educação	Aula 09
Os Gêneros televisuais	Aula 10
Vídeo/DVD/CD na sala de aula	Aula 11
Produção de vídeo utilizando o Movie Maker	Aula 12
Cinema: documentário, curta e longa-metragem	Aula 13
O Rádio	Aula 14
Internet: sua história e o uso de aplicativos na educação	Aula 15
As interfaces da internet	Aula 16
Redes Sociais: Orkut, Facebook e Twitter	Aula 17
As possibilidades de aplicação do You tube na educação	Aula 18
A webquest: o trabalho crítico e colaborativo na internet	Aula 19
Plataformas de aprendizagem	Aula 20



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Uma abordagem sobre mídias

Aula 01

Apresentação e objetivos

Caro(a) aluno(a)!

Os avanços científicos e tecnológicos que têm ocorrido nos últimos anos têm trazido mudanças profundas para a sociedade, influenciando a forma como as pessoas se relacionam e se comunicam umas com as outras e com o mundo. Em virtude disso, as distâncias diminuíram, haja vista que o mundo se tornou globalizado. Nesse novo contexto, as mídias e as tecnologias têm papel de destaque.

Nesta aula, procuraremos apresentar uma visão geral das mídias, destacando o conceito, expondo uma noção sobre as novas mídias, focalizando algumas de suas características e enfatizando suas linguagens.

Você encontrará, também, uma breve discussão a respeito da velocidade da informação na sociedade atual, bem como a influência das mídias na vida cotidiana. Por último, abordaremos as quatro principais mídias: impressa, TV, rádio e informática.

Ao final desta aula, você deverá:

- Compreender o conceito de mídia e nova mídia, bem como perceber sua influência nos mais variados aspectos da sociedade;
- Identificar as principais características das mídias;
- Identificar as linguagens correspondentes a cada mídia;
- Refletir a respeito da diversidade de informações disponíveis nas mais variadas mídias.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!



Fig. 01

Estamos começando o estudo da disciplina Mídias Educacionais e o Ensino de Língua Espanhola. Nessa primeira aula, fazemos um convite a você para refletirmos, juntos, a respeito de um tema bastante instigante para um estudante de graduação de uma língua estrangeira: uma introdução ao estudo da mídia.

Por que consideramos este tema instigante? Porque cada um de nós convive diariamente com as mais variadas mídias, que atendem a muito dos nossos interesses e/ou necessidades. As mídias podem nos proporcionar o entretenimento, a informação, a comunicação.

Quem não gosta de ler um bom texto, um bom livro? Acreditamos que você deve gostar, não é mesmo? Ouvir música ou noticiário pelo rádio, ainda, é uma prática bastante comum para muitas pessoas hoje. E a TV? Quantas pessoas gostam de assistir às telenovelas diariamente! Ou aos telejornais! Ou aos jogos, principalmente, de futebol, entre outros!

E os computadores? Estes têm invadido de tal forma nossa vida, a ponto de realizarmos diversas atividades por meio dele, inclusive estudar, como é o que você está fazendo neste curso a distância, não é mesmo? Você deve gostar de ter acesso a muito do que é veiculado nas mídias!

Então, faremos um breve passeio por esse mundo “midiático”, tentando entender alguns aspectos que envolvem as mídias.

Bons estudos!



Uma abordagem sobre as mídias

Para início de conversa

A infinidade de informações em que nos encontramos mergulhados cotidianamente – fato comprovado quando estamos conectados à internet, ou assistimos à TV, ouvimos rádio, assistimos a vídeos, lemos revistas, livros, jornais – faz-nos refletir (e questionar) a respeito de quais ações poderiam ser viáveis para lidar com esse mundo de informações, que nada mais são do que uma consequência da evolução da sociedade.

Assim, essa evolução vem exigindo das novas gerações uma formação permanente, levando em consideração tanto a organização da vida social e o exercício da cidadania, como a aquisição de novos saberes e competências. As formas da comunicação, os modos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas escolas, nos últimos tempos, podem sofrer profundas modificações sob o efeito das tecnologias da informação e da comunicação. Assim, para compreendermos melhor o mundo em que vivemos, é fundamental nos apropriarmos das diferentes linguagens que o caracterizam.



Fig. 02

As tecnologias permitem hoje, como nunca antes, que as pessoas se expressem de formas e meios diversos, ou seja, através do escrito, do áudio (rádio, programas de som na internet), do vídeo e da multimídia (câmeras digitais, vídeos na internet). A riqueza de recursos disponíveis na internet, por exemplo, tem facilitado a disseminação das informações e a comunicação.

E como nos encontramos em meio a tantos recursos midiáticos

disponíveis ao nosso alcance? Estar atento para essa realidade pode ser um bom começo para entender esse processo.

Compreendendo as mídias

Para tratarmos da definição de *mídias*, consideramos fundamental abordarmos, também, o conceito de *tecnologia*, devido às relações intrínsecas que existem entre as duas.

As tecnologias fazem parte das nossas atividades cotidianas mais comuns, como comer, beber, dormir, etc. (KENSKI, 2008). Portanto, vejamos a definição do termo “tecnologia”:

- O termo “tecnologia” vem do grego *tekhnō* (de *tékhné*, ‘arte’) e *logía* (de *lógos*, ou ‘linguagem, proposição’);
- Resulta de um processo de estudos, planejamentos e construções específicas em busca de melhorar a vida;
- Conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade;
- É o conjunto de ferramentas e técnicas que correspondem ao uso que lhes damos.

Fig. 03



Não, meu filho, você não foi baixado pela internet. Você nasceu!

Mas, e as tão faladas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), o que podemos dizer sobre elas? Essas tecnologias, caracterizadas como midiáticas, especificamente, envolvem tanto a aquisição, como o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios

eletrônicos e digitais (como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros). Como podemos perceber, elas são o resultado da união das tecnologias de informação, antes referenciadas como informática, e as tecnologias de comunicação, relativas às telecomunicações e mídia eletrônica.

Agora, vamos passar ao conceito de mídia. Vejamos algumas formas de se definir o termo "mídia":

- A palavra "mídia" é originada do latim *médium* que corresponde ao plural de meios;
- De uma forma mais genérica, "mídia" significa um amplo sistema de expressão e comunicação;
- Significa, também, suporte de difusão e veiculação da informação (rádio, televisão, jornal);
- Por último, ainda destacamos que a mídia pode ser a forma como a informação é transformada e disseminada (mídia eletrônica, mídia impressa, etc).

Consideramos que, muito mais importante do que as definições apresentadas aqui, é a finalidade da mídia, pois esta pressupõe a comunicação. Se nós observarmos, atualmente, o termo é sempre usado no plural (mídias). De qualquer modo, reforçamos que a mídia possibilita que as pessoas possam comunicar a expressão do seu pensamento, a construção do conhecimento.

A comunicação humana pode ocorrer de forma direta (face a face) ou por meio de recursos tecnológicos – que chamamos de comunicação mediada. Em outras palavras, as pessoas interagem umas com as outras de diferentes formas e por meios diversos. As mídias representam novas formas de as pessoas ampliarem as possibilidades de interagirem umas com outras, com o mundo. O computador, hoje, é a tecnologia que agrega as mais variadas formas de produção de informação e entretenimento, tais como som, vídeo, impressos, mapas, etc.

Com o surgimento da internet, a comunicação texto-audiovisual passa a ser uma realidade, bem como a facilidade de acesso à informação. Em meio a isso, surgem, também, novos modos de combinar diferentes recursos tecnológicos e novos conceitos passam a ser enfatizados, que são: hipertexto, telemática, multimídia e hiperídia. E o que significa cada um desses conceitos? Vamos conhecê-los agora.

O **hipertexto** significa um texto em formato digital e que nele podemos agregar outras informações na forma de blocos de textos,

palavras, imagens ou sons, etc. O acesso se dá através de *hiperlinks* (ou simplesmente *links*). Esses *links* estão representados sob a forma de termos destacados no corpo do texto principal, imagens ou ícones gráficos que, ao serem clicados, você será remetido para a página onde é esclarecido o assunto abordado. A World Wide Web é o sistema de hipertexto mais conhecido atualmente.



Fig. 04

A **telemática** se apresenta como o conjunto de tecnologias da informação e comunicação, que é resultado da junção dos recursos das telecomunicações (telefone, cabo, satélite, etc.) com os recursos da informática (computadores, sistemas de redes, softwares, etc.). Essa junção proporcionou um grande ganho para as pessoas em qualquer parte do mundo, uma vez que possibilitou ocorrer o processamento, a compreensão, o armazenamento e a comunicação de enormes quantidades de dados em curto espaço de tempo.

Na prática, a telemática trata da manipulação e utilização da informação através do uso combinado de computador e meios de telecomunicação.

A **multimídia** é uma terminologia aplicada para designar a capacidade de um computador ou um programa usar elementos de várias mídias como áudio, vídeo, ilustração, animação e texto. Esse termo, também, é utilizado para referir-se às produções que articulam diversas mídias, de maneira informatizada e com participações interativas de seus usuários. Podemos citar como exemplos, o CD ROM com softwares educativos, jogos, etc.

A **hipermídia** resulta da associação entre hipertexto e multimídia, misturando diferentes tipos de linguagens numa só linguagem, ou seja, a hipermídia inclui além de textos comuns, sons, vídeos e animação, de uma forma interativa. Com apenas um clicar de botão, o computador responde ao caminho desejado. Na prática, a hipermídia faz uma ampliação dos princípios da escrita eletrônica para o domínio da interação, do som e da imagem.

As novas mídias

Nos últimos anos, a mídia vem passando por um processo de transformação bastante relevante. A partir da mídia clássica, novas mídias têm surgido. A proliferação das novas mídias se dá pelo aproveitamento das mídias que já existem, alterando, assim, a forma da chamada mídia clássica.

O que vem a ser, então, essa mídia clássica? A mídia clássica começa com a impressora a vapor e o uso do papel de jornal barato, indo ao surgimento do rádio, depois da TV, dos serviços de telefonia e, mais tarde, com outras mídias, como, por exemplo, o computador.

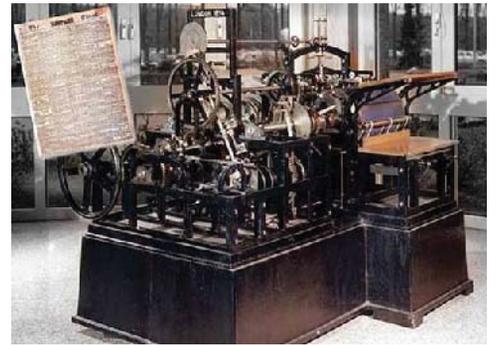


Fig. 05

Você já ouviu falar sobre o que traz a nova mídia, de forma que a diferencia da mídia clássica? Bem, a nova mídia surge trazendo consigo algo diferente da mídia clássica que é a produção, o armazenamento e a distribuição de informações e entretenimento de produtos de voz, vídeo e impressos num único canal eletrônico comum. Podemos citar alguns exemplos da nova mídia, como: os computadores multimídia, CD-ROM, discos laser, bancos de dados que cabem na palma da mão, livros eletrônicos, redes de videotextos, telefones e satélites de transmissão direta, jornais eletrônicos portáteis, televisão de alta definição (HDTV), transmissões radiofônicas digitais, etc.

Assim, a junção das inovações tecnológicas de telecomunicações e de informática são quem possibilitam que o fornecimento de informações chegue, por exemplo, aos lares oferecendo os mais diferentes serviços de voz, dados e vídeo. (Dizard, 2000).

Essas novas mídias possibilitaram a criação de uma realidade completamente diferente daquela que se conhecia antes do surgimento da internet. Nesse contexto, novos caminhos e novas perspectivas direcionam para novos modelos de comunicação. No entanto, é importante ficar atento para o fato de que o futuro da comunicação é definido pelas pessoas e não pelas tecnologias em si.



Fig. 06

Outra questão bastante relevante e que necessita ser, aqui, mencionada, diz respeito às chamadas mídias sociais. Antes do seu surgimento, a comunicação se dava de um para todos, ou seja, do jornal para os leitores, da rádio para os ouvintes, da TV para os

telespectadores, entre outros. As mídias sociais apresentam uma nova realidade: a comunicação se dá de todos para todos. Assim, qualquer pessoa (que queira e possa!) pode produzir e receber informações através da maior rede de comunicação do mundo: a Internet. Podemos apresentar como exemplo de mídias sociais, algumas já bem conhecidas de todos nós: as redes sociais – como *orkut*, *facebook*, entre outras.



Mãos à obra

Agora que você estudou alguns conceitos importantes relacionados às mídias, é hora de avaliar o que aprendeu, por isso vamos fazer a atividade a seguir. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir esta atividade.

1. Pense em um dia específico de sua vida e nas atividades que, normalmente, você desenvolveria. Em seguida, responda:

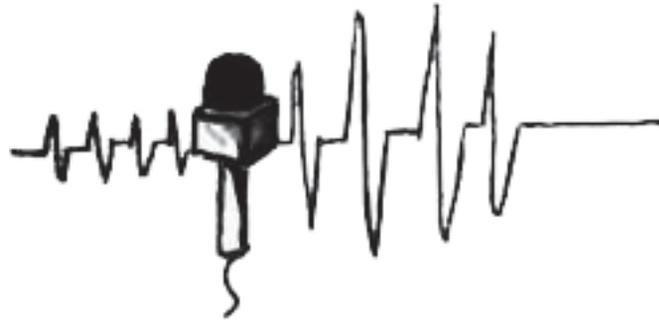
a) Quais as tecnologias que você usaria durante o dia?

b) Quais mídias? Em que situações?

c) Como as tecnologias e as mídias interferem no cotidiano das pessoas? Para a elaboração desta resposta, apresente um exemplo extraído do cotidiano, noticiado ou não pelos jornais.

Caracterizando as mídias

Fig. 07



As mídias possuem algumas características específicas (Santaella, 2003), que veremos a seguir. Uma dessas características é a **provisoriidade**. Tudo que é veiculado nas mídias é rápido, passageiro. O jornal, por exemplo, é produzido diariamente e para ser lido no mesmo dia. O leitor não tem interesse de ler uma notícia no dia seguinte, pois ela não tem mais importância. No telejornal, acontece o mesmo: uma notícia veiculada, hoje, sobre as guerras do Oriente Médio, por exemplo, não será veiculada no dia seguinte. Da mesma forma, ocorre no cinema: um filme visto em uma semana é substituído por outro na semana seguinte e, assim, sucessivamente nas próximas semanas. Essa situação acontece em qualquer mídia.

Outra característica fundamental das mídias é a **mobilidade**. Ao ligarmos a TV, por exemplo, podemos ver em diferentes canais, a mesma notícia sendo veiculada, com raríssimas alterações. Da mesma forma acontece na internet. O mesmo fato pode ser visualizado em diferentes sites. Quando são acrescentadas novas informações sobre o mesmo fato num site, imediatamente, essa situação se repete em outros sites. A mesma notícia, também, pode ser ouvida no rádio e pode ler lida no jornal impresso. Como podemos observar, a informação está sempre transitando de uma mídia a outra e sua duração é sempre determinada pela própria mídia.

Destacamos, ainda, outra característica das mídias que é sua própria **proliferação**. Temos conhecimento da existência de várias mídias, mas sabemos que outras mídias surgem diariamente. Isso ocorre, principalmente, devido à competitividade entre as diferentes mídias na busca por estarem sempre nos primeiros lugares no que se refere à venda de produtos e pela audiência.

Podemos observar que um simples boletim de notícias ouvido no rádio pode levar uma pessoa a querer saber mais detalhes de uma

notícia ouvida e, dessa forma, levá-la a procurar ligar a TV para assistir ao telejornal. Pode acontecer, também, de uma notícia veiculada na TV, à noite, motivar o espectador a ler o jornal do dia seguinte, em busca de mais informações. Quando situações dessa natureza ocorrem, chamamos isso de intercomplementaridade das mídias.

As linguagens das TIC/mídias

O processo de produção e disseminação de informações, a interação e a comunicação em tempo real – como, por exemplo, uma notícia publicada na internet no instante em que o fato ocorre – foram possibilitados por causa dos avanços tecnológicos dos últimos anos. Isso foi possível devido às articulações entre a informática e as telecomunicações. As mídias envolvem tecnologias específicas de informação e de comunicação (já citadas, anteriormente) e tem sua base no uso da linguagem oral, da escrita e da linguagem digital – síntese entre som, imagem e movimento. (Kenski, 2008).

Veremos, agora, cada uma das linguagens com que as tecnologias de informação e de comunicação e mídias se expressam:

1. A linguagem oral

É a linguagem mais antiga usada na comunicação humana. Nos primórdios da civilização humana, ela exigia a presença e a proximidade entre os interlocutores (pessoas que dialogam). Essa linguagem limitava o homem ao espaço do seu grupo. Hoje, a linguagem oral ainda é a nossa principal forma de se comunicar e de trocar informações. A mídia rádio, por exemplo, utiliza essencialmente essa linguagem. A televisão, também, faz bastante uso da linguagem oral. Queremos destacar que a oralidade, em todos os tempos, sempre enfatizou a memorização, a repetição e a continuidade.

2. A linguagem escrita

A escrita como tecnologia de comunicação surgiu quando o homem começou a praticar a agricultura. Até mesmo a forma como as linhas na página estão organizadas, estaria ligada à simetria do campo cultivado. Na sociedade da escrita, era necessário compreender o que estava sendo comunicado graficamente e não, apenas, memorizar.

As primeiras escritas gráficas foram encontradas em paredes de cavernas, ossos, pedras e peles de animais. Bem mais, tarde, foi criado

o papel chamado papiro, pelos egípcios. E depois veio o pergaminho, um tipo de papel feito de pele de ovelha, e era utilizado por nobres e senhores ricos. O papel como conhecemos hoje foi inventado pelos chineses. Porém, foi a criação da imprensa por Gutemberg – tecnologia de impressão gráfica – que possibilitou diversos impressos em papel (jornais, revistas, livros, etc).

É com a escrita que se dá a autonomia da informação. A escrita, enquanto tecnologia de informação e comunicação é uma ferramenta para ampliar a memória e para comunicar.



Fig. 08

3. A linguagem digital

Essa é uma linguagem que se articula com as tecnologias eletrônicas de informação e comunicação e engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos. Podemos exemplificar como base da linguagem digital, os hipertextos (vistos anteriormente).

O hipertexto se apresenta como uma evolução do texto linear (o formato de texto que estamos acostumados a ler). Ressaltamos, no entanto, que no meio do encadeamento de textos (é assim que temos o hipertexto), se houver outras mídias, como vídeos, sons, fotos, etc, teremos uma hipermídia.

Uma vez que a linguagem digital é expressa em diferentes tecnologias de informação e comunicação, o acesso à informação muda bastante. O poder da linguagem digital que se baseia no acesso aos computadores, à internet, aos jogos, entre outros, – e, ainda, com todas as aplicações das mais variadas mídias – pode influenciar muito mais na construção do conhecimento, criando uma nova realidade informacional.



Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver uma atividade sobre as características e linguagens das mídias, por meio da atividade que segue. Vamos lá?

2. Considerando as características e as linguagens das mídias, apresente em um quadro-síntese:

a) Aspectos relevantes no uso das mídias;

b) Aspectos preocupantes no uso das mídias.
Justifique suas escolhas.

A velocidade da informação na sociedade atual

A informação é o elemento principal do processo comunicativo. Se considerarmos as mídias desde seu início, que começa com a imprensa escrita (conforme já tratamos anteriormente), constatamos que o acúmulo de informações cotidianas é o aspecto mais importante no processo de comunicação.



Fig. 09

Se você pensar um pouco a respeito das duas últimas décadas, vai perceber que têm surgido inúmeras tecnologias que se modificam com uma velocidade imensa, proporcionando mudanças profundas na maneira de viver em sociedade. Muitos avanços que vêm acontecendo na sociedade são consequência do desenvolvimento científico e tecnológico.

Vejam as duas características muito importantes da sociedade atual: a) a velocidade das alterações no campo da informação e; b) a necessidade do ser humano de estar constantemente se atualizando para poder acompanhar essas mudanças.

Chamamos sua atenção para o fato de que as Novas Tecnologias vêm surgindo e, com elas, uma infinidade de informações. Essas tecnologias têm contribuído para a transformação da comunicação humana. O grande cuidado que cada um de nós deve ter, nesse processo, é de não se perder no meio de tanta informação disponível nas mais variadas mídias. Essa diversidade de informações que chegam até nós com tamanha velocidade – tanto verbais, quanto visuais, sonoras, entre outras – é uma marca registrada da sociedade atual. Desta forma, é necessário repensar formas de desenvolver habilidades que nos possibilite analisar criticamente essas informações, pois somente o acesso a elas não é suficiente.

Essa realidade traz mudanças significativas para as pessoas. Mas, afinal, que mudanças são essas que vêm ocorrendo como consequência dos avanços citados anteriormente? Podemos apresentar três exemplos como ilustração para essa discussão: o primeiro deles diz respeito à popularização do telefone móvel, que tem facilitado a comunicação entre as pessoas, conseqüentemente, trazendo benefícios a sua vida. Hoje, é comum o uso de telefone móvel, tanto em zona urbana, quanto na rural, independente da classe social a que a pessoa pertença. O segundo exemplo enfatiza o surgimento da internet e suas infinitas possibilidades de se ter acesso à informação (através da escrita, áudio e vídeo, ao mesmo tempo). O terceiro exemplo que apresentamos são as transmissões televisivas em tempo real. Podemos acompanhar um determinado acontecimento em qualquer parte do mundo no exato momento que ele se dá (Ex.: O casamento do príncipe Williams com a jovem Kate Middleton).



Fig. 10

Em meio a tanta informação disponível através das diferentes mídias, é preciso estar atento para o fato de que não podemos abordar a informação, considerando apenas a quantidade com que é transmitida ou com que velocidade se dá essa transmissão. Essencialmente, é necessário levar em consideração, também, a qualidade das informações



Fig. 11

veiculadas por esses meios (GAMBOA, 2001). É muito importante pensar sobre isso, compreendendo a necessidade de buscar conhecer o que é uma informação de boa qualidade.

A democratização do acesso às mídias se constitui num grande desafio para a sociedade atual, uma vez que ainda há milhões de pessoas que vivem em condições subumanas, cuja maior luta é em prol da sobrevivência. Para que todas as pessoas possam ter esse acesso, é necessário que haja incentivo por parte do Governo e das grandes empresas no sentido de beneficiar as populações de baixa renda.

A influência das mídias na vida cotidiana

Nós consumimos de tal forma as mídias, que não imaginamos mais nossa vida cotidiana sem os mais variados suportes midiáticos. A televisão, por exemplo, é um instrumento indispensável nos lares. Somos seduzidos por ela e, ao mesmo tempo, dependentes dela. As telenovelas retratam bem essa realidade. Há uma imensa maioria de telespectadores que assiste diariamente às telenovelas e não conseguem se ver sem esse momento de entretenimento, de tal forma que já se tornou cativo no seu dia-a-dia. Para muitos, essa é sua forma de lazer preferida (ou a única) ou o momento de descanso, depois de um longo dia de trabalho.



Fig. 12

É possível ver que a mídia procura através das já referidas telenovelas, aproximar a realidade da ficção a tal ponto que, o que é representado na televisão, por exemplo, acaba se tornando um retrato do cotidiano. Aos nossos olhos, parece que, ao produzir as telenovelas, seus idealizadores procuram provocar nos telespectadores a impressão de que a vida cotidiana é apenas uma continuidade da trama vista na TV.

Os usuários da internet, por sua vez, também não conseguem “sobreviver” sem acessá-la diariamente, para ler e enviar e-mails, fazer pesquisas, realizar compras, utilizar redes sociais, chats, etc. Afinal, vivemos numa sociedade conectada em rede, cheia dos mais variados recursos tecnológicos que modificam a comunicação humana. Enfim, a variedade de informações e a facilidade de acesso

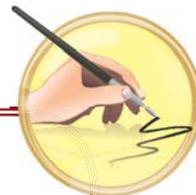
exigem da mídia, constantemente, uma adequação diante dessa realidade.

A diversidade de mídias existente e seu consumo tão elevado nos leva a pensar no quanto não estamos preparados para lidar com essa realidade, mesmo quando se tem acesso. E por que isso tem ocorrido? Exatamente porque antes de nos apropriarmos de determinadas mídias, outras surgem diariamente.

Devemos nos manter atentos, enquanto consumidores da mídia, para o fato de que é necessário compreender melhor as relações que devemos manter com os mais variados suportes midiáticos, principalmente, para não nos tornar dependentes deles. Ou você já se tornou um desses dependentes?

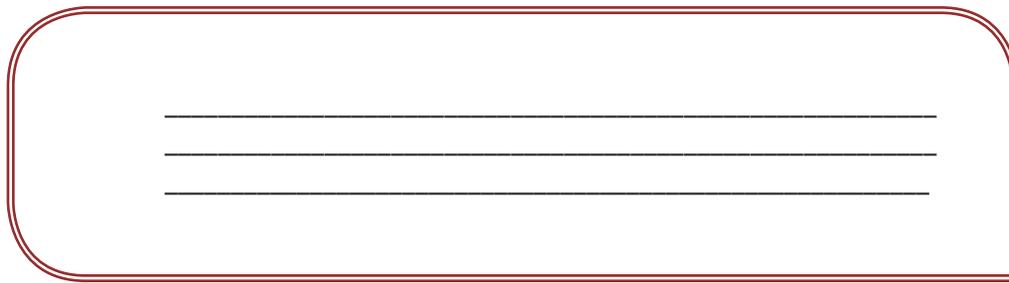
Além do mais, outro cuidado que devemos ter em relação às mídias diz respeito ao seu poder de manipulação. Um exemplo claro dessa realidade está relacionado às propagandas, cuja intenção maior é vender o produto anunciado. Além disso, outra situação bem conhecida nossa é a pesquisa de intenção de votos na época de campanhas eleitorais. A mídia procura manipular os eleitores indecisos para favorecer candidato A ou B.

Mãos à obra



Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Procure refletir sobre a atual sociedade que se encontra invadida por tanta informação que chega até nós, de todos os lados do mundo. Afinal, como estamos lidando com a diversidade de informações, com as novas formas de comunicação mediatizadas por tecnologias que impulsionam novas maneiras de viver na sociedade?



Um olhar particular para os impressos, o rádio, a TV e o computador

As chamadas mídias clássicas (impressa, rádio, TV, computador), desde o seu surgimento, tiveram suas influências, seus momentos de evidência.

A mídia impressa, por exemplo, apesar de todas as inovações tecnológicas, continua existindo e desempenhando seu papel junto aos leitores. Porém, não podemos deixar de destacar que, no atual contexto em que, constantemente, novas tecnologias de informação e comunicação estão surgindo, precisamos aprender a circular, ao mesmo tempo, pelos diversos recursos midiáticos disponíveis, principalmente, porque eles direta ou indiretamente estão relacionados à escrita.

No entanto, queremos chamar sua atenção para o fato de que precisamos estar preparados para, por exemplo, transitar da leitura da notícia no jornal impresso para a notícia disponibilizada na internet. E o que é necessário para fazer isso? Bem, da mesma forma de que precisamos nos alfabetizar para utilizar, de forma efetiva, a escrita, necessitamos nos alfabetizar digitalmente.

Para os apreciadores da leitura, um dos grandes benefícios da mídia impressa é o fato de ser de fácil transporte já que não necessita de computador, por exemplo, para ser utilizada.

No que se refere à **mídia rádio**, queremos dizer que ela trouxe consigo rapidez na difusão da informação, além de ser um dos meios de comunicação que apresenta pouca exclusão.

Durante alguns anos, o rádio reinou como uma mídia privilegiada. Porém, com o surgimento da TV, passou a perder sua notoriedade. Tudo que era possível se ouvir no rádio, passou a ser ouvido e visto na TV. Com a chegada do computador, o rádio passou a ter novas possibilidades de acesso, por meio da internet: a web rádio.

Queremos lembrar que o Governo Federal é quem controla o uso das ondas eletromagnéticas, sendo responsável pela distribuição da concessão que garante às associações e/ou empresas a autorização para operar uma emissora, independente do objetivo a que se destina: educar, informar, entreter e mobilizar a sociedade civil.

A **televisão**, por sua vez, é considerada como um dos principais meios de aquisição de informações. A combinação de linguagens totalmente diferentes – imagens, falas, músicas, escrita – contribui para tornar eficiente a comunicação pela televisão. Ela ainda é tida como o meio de comunicação que dispõe de maior popularidade e de maior inserção social.

Uma das principais características da televisão é a questão comercial. Inicialmente, as primeiras transmissões tratavam de vender aparelhos de TV. Mais tarde, a ênfase foi dada à publicidade dos mais variados produtos. Sempre foi a publicidade quem sustentou a televisão comercial. Como é orientado para o consumo, o conteúdo da programação televisiva contempla esse aspecto e numa linguagem de fácil acesso.

A TV veicula a ideologia da classe dominante. O receptor se torna impotente diante da força dessa imposição ideológica. Na verdade, a TV deve ser considerada como espaço democrático, a serviço da cidadania. Portanto, é necessário refletir a respeito da importância dos meios de comunicação na vida do cidadão.

Enfim, pensar na **informática** é trazer à mente uma das grandes invenções do ser humano. Seu surgimento trouxe muitos benefícios à sociedade e avanço tecnológico em diversas áreas como: medicina, telecomunicações, transportes, educação etc. Utilizando o computador, por exemplo, podemos realizar pesquisas de natureza diversa, conhecer lugares, descobrir novos conceitos, testar conhecimentos novos, conhecer pessoas, etc.

Conectado em rede, o computador torna-se meio de comunicação, uma das grandes mídias da atualidade. Sua popularidade tem sido a responsável por uma verdadeira revolução em nossos hábitos e em nossa organização social. Estudamos, compramos, pagamos conta, conhecemos pessoas, entre outras inúmeras coisas, através da internet.

Com a informática, é inquestionável que o advento da Internet é o responsável pela ampliação e a rapidez no acesso à informação, provocando grande parte das mudanças na Sociedade da Informação e Comunicação. É graças ao desenvolvimento dos computadores e da tecnologia da informação, que situações que só existiam na ficção se tornaram realidade (teleconferências, retiradas de dinheiro fora do

horário bancário, ligações telefônicas entre dois continentes, sofisticados exames clínicos e robôs que constroem outras máquinas, etc).

A internet é uma rede formada por milhões de computadores que se “comunicam” entre si, recebendo e transmitindo dados, textos, sons e imagens. Há quem diga que, para estar hoje incluído na sociedade da informação e comunicação, é necessário ter acesso à internet. E o mais importante de tudo isso: esta mídia engloba todas as outras mídias.

Porém, é fato que o surgimento de uma mídia não fez desaparecer a outra. É verdade que, quando uma delas “nasce”, passa a ter maior utilização pelo público, proveniente talvez, do caráter de novidade, ou porque é portadora de recursos tecnológicos que traz (supostamente) mais benefícios à população. No entanto, mesmo com novos atributos, não fez desaparecer as mídias já existentes. Isso não aconteceu com os impressos, quando do surgimento do rádio. Ou seja, os jornais impressos continuaram existindo, as revistas, os livros, etc. Mais tarde, quando surgiu a TV, o rádio não desapareceu. Da mesma forma, ocorreu com o computador, apesar de todas as ferramentas e aplicativos, não anulou as mídias que o antecedeu. Na verdade, o computador trouxe contribuições para o redimensionamento das demais mídias em atividade.



Já sei!

Em nossa primeira aula, procuramos compreender alguns conceitos básicos e fundamentais num estudo introdutório das mídias, como: conceitos de tecnologia, tecnologia da informação e da comunicação, mídias, novas mídias, hipertexto, telemática, multimídia e hipermídia.

Tivemos conhecimento das principais características da mídia, compreendendo a provisoriedade da mídia, sua mobilidade, bem como o que leva a sua proliferação. Aprofundamos, também, nossos conhecimentos a respeito das linguagens das mídias.

Além do mais, compreendemos que o fato de vivermos na sociedade atual implica em sermos desafiados constantemente. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo, por isso devemos ter o cuidado com a qualidade das informações que nos apropriamos. Assim, percebemos o quanto as mídias exercem influência em nossa vida.

Enfim, apreciamos alguns aspectos básicos das quatro principais

mídias (impressa, TV, rádio e informática), considerando que o surgimento de uma, não anula a outra.

Autoavaliação



Caro(a) aluno(a)!

Vivemos rodeados de informações veiculadas nas mais diversas mídias. Por um lado, não só houve o aumento do número de fontes de informações, seja pela internet ou por meio de CD-ROM, TV a cabo etc, como também aumentou a velocidade com que as informações circulam – os fatos são conhecidos com rapidez. Por outro lado, a quantidade de informações é tão grande, que as pessoas não conseguem absorver tudo o que está na mídia e, também, têm dificuldade de diferenciar o que é importante daquilo que não é.

Diante do exposto, orientamos para que você:

- a) Assista a uma mesma notícia em dois telejornais de dois canais de TV diferentes no mesmo dia. Cite o título da notícia do primeiro canal de TV assistido e indique qual telejornal e o canal de TV. A seguir, realize o mesmo procedimento com o segundo canal de TV escolhido, indicando o telejornal e o canal de TV. Compare as duas notícias, observando as informações acrescentadas em cada uma delas.
 - b) Discuta com os seus colegas, no fórum, as formas com que a TV aborda um mesmo fato, observando e opinando sobre o porquê dessas diferenças.
1. Agora, acesse a *internet*, especificamente, a página do *Google* (www.google.com.br). Pesquise sobre o tema da notícia assistida na TV. Você vai observar que aparecerão muitos *sites* com informações relacionadas a sua pesquisa.
- a) Navegue em vários *sites* e leia a informação disposta a respeito do fato por você escolhido.
 - b) Escolha dois desses *sites* e compare as informações entre o *site* 1 e *site* 2. Observe as informações dispostas em um que não constam no outro. Não se esqueça de citar a manchete de

cada *site* e os seus respectivos endereços.

c) Que critérios você utilizou para escolher a notícia nesses dois *sites*? Houve preocupação com a qualidade da informação?

d) Por fim, comente como você se sentiu ao realizar essa pesquisa em mais de uma mídia.

Atenção! Organize suas respostas em um único texto. Não se esqueça de dar um título a sua produção.



Leitura complementar

Para aprofundar seus conhecimentos a respeito das mídias, leia o texto **Linguagens tecnológicas são resultado da cultura**, de Mágda Rodrigues da Cunha. O texto completo está disponível no seguinte endereço: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-magda-linguagens-tecnologicas-resultado-cultura.pdf>.



BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Trad. Maria Carmelita Padua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorje Zahar Ed, 2004.

GAMBOA, Sílvio Sánchez. A globalização e os desafios da Educação no limiar do novo século. IN: SANFELICE, José Luís. Pós-modernidade, globalização e educação. IN: LOMBARDI, José Claudinei. (Org.). **Globalização, Pós-modernidade e Educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas: Associados, 2001.

DIZARD JR, W. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação.

GONNT, J. **Educação e mídias**. Trad. Maria Luíza Belloni. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LESSARD, C. & TARDIF, M. (Org.). **O Ofício de Professor**: história, perspectivas e desafios internacionais. Trad. Lucy Magalhães. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 2003.

Fonte das figuras

Fig. 01 - http://bp2.blogger.com/_SdbkUJH3y-c/Rz5GAuHwizI/AAAAAAAAAC8/mMbDmwfkhM/s400/cartum_bertrand.jpg

Fig. 02 - http://1.bp.blogspot.com/-Os_KqJKUpLU/TZ33w2FJmDI/AAAAAAAAALA/cUIwaeWpug4/s1600/Mídias+5.jpg

http://4.bp.blogspot.com/_VFLg-i3L7OE/TSGgShcnSJI/AAAAAAAAACGE/v3A6876TqA/s1600/computador-megafone.jpg

Fig. 03 - http://2.bp.blogspot.com/_HqGk0IwVaQ/TKFOw1u3YI/AAAAAAAAAAM/DEvmZTzRA_8/s1600/5charge4.jpg

Fig. 04 - http://3.bp.blogspot.com/_bh-XHKFto7A/TNiFAOYpSGI/AAAAAAAAACA/swCjmhJZUdw/s1600/multimidia1.jpg

Fig. 05 - http://www.kba.com.br/noticias/offset_plana/2007/1817-2007/1817-2007_clip_image002.

jpg

Fig. 06 - http://imagens.imagensdeposito.com/fotos/p/papel_de_parede_do_ipod-36852.jpg

Fig. 07 - http://4.bp.blogspot.com/_NzivymVXUDs/TTh4KQIEHvI/AAAAAAAAACLc/ATICCT3DzvI/s1600/micro.bmp

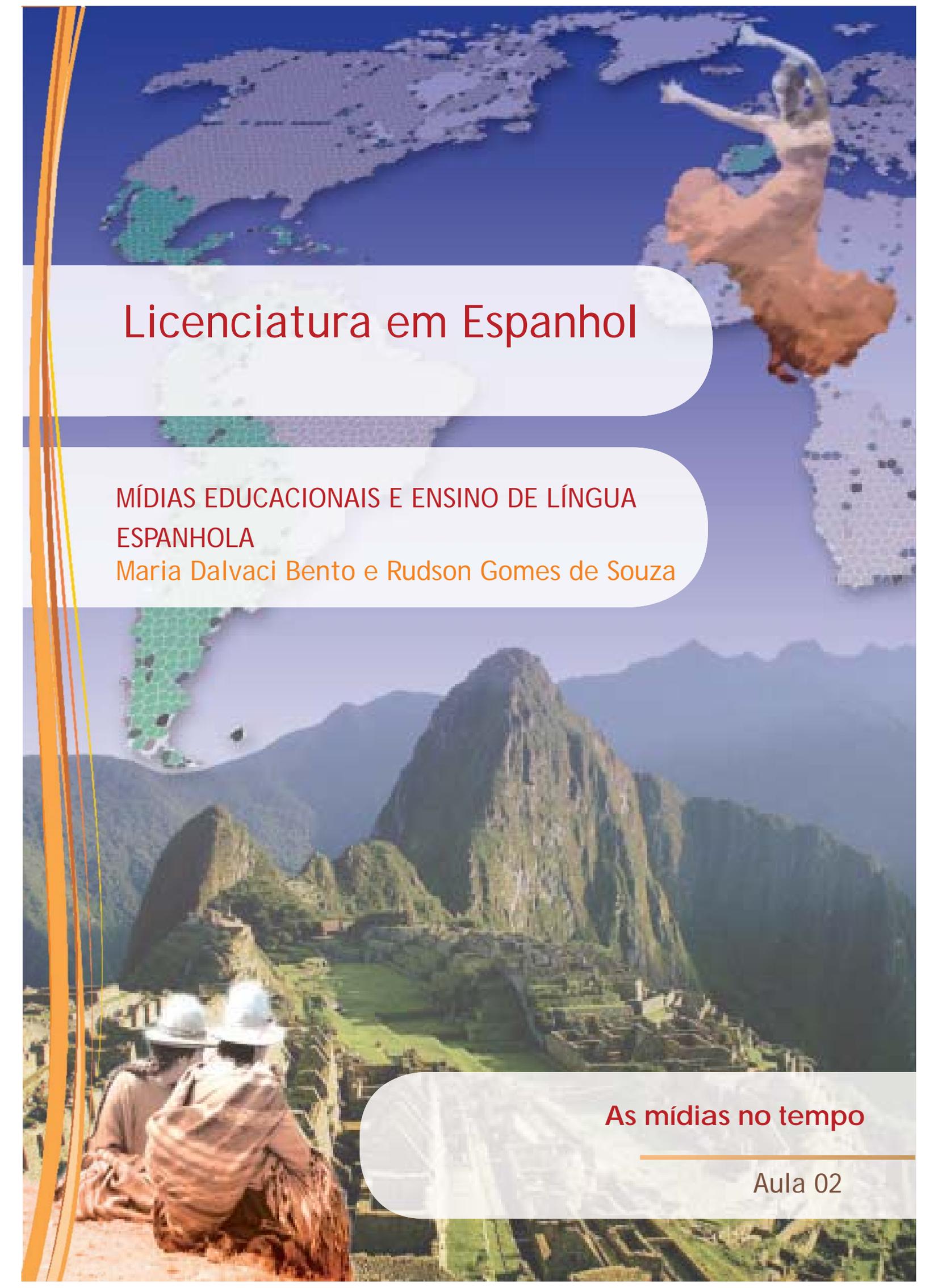
Fig. 08 - <http://www.mocidadedejesus.com.br/wp-content/themes/mocidade/imagens/noticias/humor-twitter.jpg>

Fig. 09 - <http://imagens.tiespecialistas.com.br/2011/07/Figura-1.jpg>

Fig. 10 - http://1.bp.blogspot.com/-Qg48LWdFpNo/Tf0zMa5cC8I/AAAAAADbw/yNklceWY2jA/s1600/2011.04.29_Casamento%2BWilliam%2Band%2BKate620-18_131175997618386318.jpg

Fig. 11 - <http://maringa.odiario.com/blogs/odiarionaescola/files/2011/07/lendo-jornais-antigos.jpg>

Fig. 12 - http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS3oEtkEYdojylj1V1R9ReKgCULEmp0mO_oje3T-P-qbHEGwRRPEH10xqhw



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

As mídias no tempo

Aula 02

Apresentação e objetivos

Agora que você compreende melhor não só o conceito de mídias, trabalhado na aula anterior, mas também a sua influência, as suas características, a sua linguagem e a diversidade de informações que elas podem nos proporcionar, observaremos e discutiremos sobre a relação entre o que compreendemos como Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE).



Fig. 01

Nesta aula, apresentaremos uma perspectiva temporal da inserção das TIC, destacando, de forma bem sutil, as várias teorias da aprendizagem de LE, desde o que podemos classificar quanto à metodologia tradicional até a mais nova corrente metodológica conhecida como Acional, ou por tarefas.

Você fará uma breve viagem, através de um quadro comparativo, por meio da qual conhecerá essas diferentes correntes metodológicas de ensino-aprendizagem, refletindo de maneira mais superficial como e quando possivelmente as mídias e as novas mídias foram aparecendo como ferramentas de tarefas ou atividades de aprendizagem em LE.

Ao final desta aula, você deverá:

- compreender as diferentes correntes metodológicas de ensino-aprendizagem de LE, com ênfase nos materiais utilizados como ferramentas de aprendizagem;
- refletir sobre o surgimento e posterior utilização das TIC dentro do processo de evolução da aprendizagem de LE;
- identificar, de forma geral, como e quando as TIC foram relacionadas às várias correntes metodológicas.



Para Começar

Olá, caro (a) aluno(a)!

Estamos começando mais uma etapa importante em nossa jornada, buscando conhecer melhor as várias mídias e tecnologias que nos cercam.

Nesta segunda aula, fazemos um convite a você para refletirmos, juntos, a respeito da evolução das mídias dentro das teorias de ensino-aprendizagem de LE, que chamamos de mídias no tempo.

Como futuros professores, acreditamos que, embora seja interessante a possibilidade de traçarmos uma linha do tempo para apresentarmos o surgimento das mídias em nossas vidas, de um modo geral, optamos por, neste primeiro momento, mostrarmos como elas foram surgindo, de acordo com o uso das próprias correntes metodológicas em épocas distintas, sem a necessidade de uma apresentação com ênfase em um estudo puramente historicista. Portanto, antes de nos aprofundarmos nas possibilidades de utilização das mídias na educação, é necessário procurarmos identificar historicamente quando as necessidades de ensino-aprendizagem de uma LE proporcionaram essa inserção na esfera escolar. Neste caso, uma comparação, mesmo que resumida, entre as principais correntes metodológicas, pode ser uma boa maneira de percebermos gradativamente essa inserção e, mais adiante, detalharmos esse uso não mais do ponto de vista histórico, mas do ponto de vista funcional/operacional.

Qual professor não quer ter a facilidade de encontrar a melhor metodologia para ser aplicada em sala de aula? Acreditamos que você deve pensar nesse aspecto a todo o momento, não é verdade? E se fosse possível para você conhecer, em pouco tempo, e de uma forma mais resumida, particularidades de cada metodologia? Bem, o próximo passo que gostaríamos de apresentar para você, futuro professor de Língua Espanhola, é justamente procurar fazê-lo perceber, dentre algumas particularidades, que tipos de recursos e tarefas podem facilitar o aprendizado dos seus futuros alunos.

Sendo assim, faremos uma breve apresentação das principais correntes metodológicas de ensino-aprendizagem de LE com ênfase nos recursos e atividades utilizados em cada época.

Bons estudos!



As mídias no tempo

1. As diferentes correntes metodológicas de ensino-aprendizagem de LE e a inserção gradativa das TIC



Como futuros professores de LE, há sempre uma questão intrigante que nos acompanha durante toda a nossa formação: de que maneira podemos ensinar aos nossos futuros alunos o que aprendemos na universidade? A escolha de uma ou várias metodologias e, principalmente, quanto às ferramentas que utilizaremos para que nossos aprendizes alcancem os objetivos propostos em um curso dessa natureza, certamente, não é tarefa das mais fáceis. Caberá ao professor escolher uma metodologia e suas respectivas ferramentas de aprendizagem que vão ao encontro das necessidades de um grupo específico.

Contudo, não é objetivo nosso apresentar para você a corrente metodológica ideal. Até porque não podemos considerar uma única metodologia de ensino-aprendizagem como ideal quando estamos falando de análise de necessidades. Provavelmente, em algum momento, mesmo que consigamos estabelecer aquele caminho que parece ser mais pertinente ou mais seguro a ser percorrido com nossos alunos, essas correntes metodológicas pré-

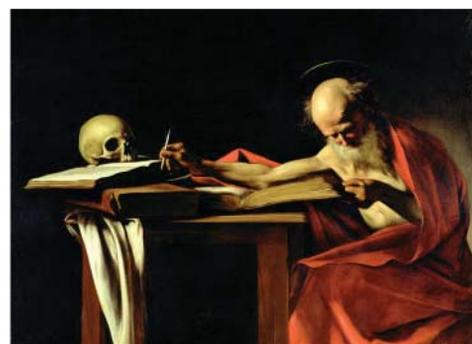


Fig. 02- São Jerônimo escrevendo (1604), tela de Caravaggio.

estabelecidas invariavelmente estarão se cruzando em algum espaço de tempo.

Nesse sentido, a utilização das TIC na esfera escolar surgiu para preencher espaços que ferramentas mais tradicionais já não comportavam como proposta de tecnologia de aprendizagem de uma LE em épocas distintas, dentro de uma linha de tempo real. A importância e utilização das mídias para o sucesso da continuidade das correntes metodológicas é inegável e será, portanto, bem mais detalhada, tendo um papel de maior destaque mais adiante dentro da nossa proposta de utilização das mídias e novas mídias na educação, como a correta utilização de dicionários, da televisão e da internet, dentre outros.

É interessante prestarmos bem atenção, neste momento, em aspectos particulares das metodologias de ensino e tentarmos observar gradativamente o surgimento das TIC, principalmente no auxílio da utilização e/ou preparação de materiais e atividades.

A Corrente Metodológica Tradicional ou Clássica

Quando pensamos em corrente metodológica, logo vêm às nossas mentes questionamentos quanto aos objetivos, materiais de ensino-aprendizagem, tipos de tarefas, avaliação e a relação entre professor e aluno, dentre outros.

Observando e compreendendo como cada corrente pretendia atender às necessidades de cada época, de acordo com esses aspectos anteriormente relacionados, conseguimos caracterizar e identificar o porquê do surgimento de diferentes métodos ao longo do tempo e das ferramentas que cada um apresentava como ideais para o aprendizado de uma LE.

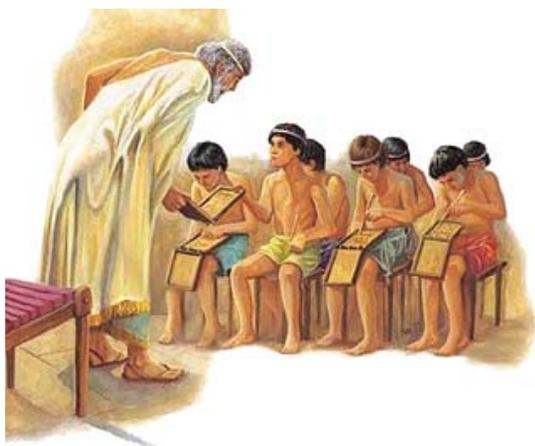


Fig. 03

Podemos imaginar que, desde a antiguidade, houve a preocupação em ensinar e aprender diferentes línguas, embora sem pretensões atestadamente educacionais. A corrente metodológica mais antiga ao ensino de uma LE surgiu em meados do séc. XVIII, com o objetivo principal de transmissão do conhecimento. Até então, o estudo de outra língua, que não fosse a sua própria língua materna, estava concentrado apenas à leitura de textos literários, especificamente em grego

ou latim, conhecidos como os Grandes Clássicos. A partir daí, mesmo sem conseguirmos delimitar uma teoria linguística específica, ou mesmo uma teoria de aprendizagem que caracterizasse esse tipo de método, surgiu a corrente tradicional ou clássica que trazia a gramática normativa com a exposição de regras básicas do idioma a ser traduzido, a partir de livros de gramática, textos literários e dicionários bilíngues.

Nesse caso, era comum que as atividades estivessem centralizadas na tradução dos textos clássicos e no ditado, o que acabava sendo a única forma de avaliação aplicada dentro de uma relação vertical entre professor e aluno. Esse tipo de metodologia fez bastante sucesso até o séc. XIX.

O Método Direto (MD)

Com a Revolução Industrial e, conseqüentemente, com a necessidade de comunicação entre as nações, várias tendências começaram a surgir numa tentativa de renovação e reação contra a corrente tradicionalista de ensino, baseada na tradução dos Clássicos. Somente em 1902, após o Congresso Filológico de Estocolmo (1886, onde surgiu pela primeira vez o nome Método Direto - MD) e o Congresso Nacional de Línguas Vivas em Leipzig (1900), a França introduziu oficialmente esse método em seu país, com o objetivo de proporcionar o acesso à oralidade, ou ao falar corretamente.

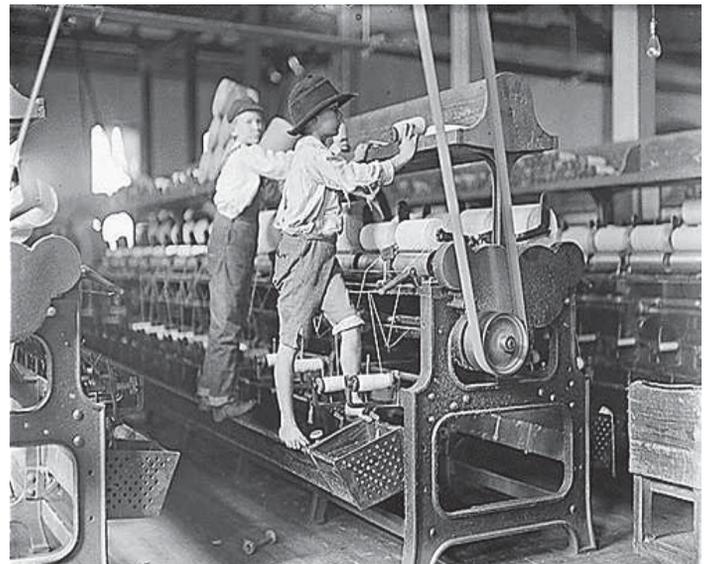


Fig.04- Revolução Industrial - Crianças trabalhando na indústria têxtil (Séc. XIX)

De acordo com Chagas (1979), essa nova corrente metodológica tinha como teoria linguística o contato direto com a língua-alvo, de preferência por intermédio de um referente situacional, ensinando gramática normativa, através de quadros explicativos, evitando ao máximo o uso da língua materna e da tradução. Por meio da utilização de materiais como o livro do aluno, o livro do professor e o dicionário monolíngue, as atividades eram direcionadas à compreensão das lições de gramática, à correção fonética e aos exercícios orais com perguntas e

respostas.



Fig. 05

Foi uma metodologia de ensino de LE ousada para a época, porque o foco na aprendizagem da linguagem oral avançava sobre a linguagem escrita. A ideia de aprender a pensar na outra língua começava a tomar corpo nas escolas públicas francesas. A avaliação já não mais se concentrava em tradução de textos, mas em um modelo de transformação da língua, a partir de um texto base, com substituição e reemprego das formas gramaticais e exercícios do tipo que preenche lacunas. O professor tinha o papel de ator, representante da outra língua, enquanto o aluno continuava passivo. A moda da cientificidade também influenciou bastante esta corrente de 1910 até meados de 1920.

O Brasil, que até então trabalhava o ensino de línguas calcado unicamente na gramática, centralizando a carga horária de LE das escolas ao aprendizado de Grego e Latim, só "conheceu" o método direto trinta anos após a sua adoção pela França, em 1931, quando o ensino das línguas clássicas saiu da escola e houve o aumento de carga horária para o ensino das chamadas línguas modernas. Esse método ainda teve bastante força até os anos 1960. Embora a carga horária destinada ao ensino de línguas estrangeiras modernas ainda fosse insuficiente e a baixa qualificação dos professores não permitisse um maior avanço na aprendizagem de uma LE, o MD teve um papel importante à época dentro do contexto pedagógico brasileiro por permitir ao país um contato maior com a modernidade, por meio da experiência com técnicas tão avançadas para aquele momento da sua história.



Mãos à obra

Agora que você conheceu as duas primeiras correntes metodológicas e suas particularidades, especificidades e diferenças é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. Com base no conteúdo que você estudou até agora, responda as questões que seguem.
 - a) Especifique os tipos de materiais utilizados em cada um dos métodos das correntes metodológicas e o que mais

os diferenciava com relação aos objetivos propostos para as atividades. Além disso, aponte a(s) semelhança(s) entre os métodos estudados, caso exista. Para melhor organizar sua resposta, sugerimos a criação de um quadro-síntese.

b) Você consegue identificar, no contexto da caracterização do método tradicional e do método direto, se houve o uso de mídias? Caso identifique, apresente-as.

2. Pelo que você aprendeu na aula anterior, é possível considerarmos os materiais utilizados no método direto como novas mídias? Argumente.

O Método Audiolingual

Parece-nos uma boa opção pensar o método direto como a corrente que inaugurou a era dos métodos, por já apresentar uma teoria linguística

que trazia um conjunto de procedimentos, na tentativa de definir o melhor caminho para o processo de ensino-aprendizagem de LE. Seu foco na oralidade acabou influenciando e, possivelmente, em algum momento dos anos 1960, se misturando a um novo método que surgia com o objetivo de acelerar esse processo de oralidade: o método audiolingual. Esse novo método está diretamente ligado ao estruturalismo americano.

Com a entrada na Segunda Guerra Mundial, os EUA já buscavam a criação de um programa de treinamento linguístico por meio do exército cujo objetivo era a proficiência em conversação. O método vai se definindo já no final dos anos 1950 e tem, portanto, como objetivo principal o acesso mais rápido à comunicação oral. Ele nasce atrelado a um conceito chamado de análise contrastiva, pois, ao comparar a LE com a língua materna, poderia prever erros e criar estratégias específicas de aprendizagem.

O estruturalismo está baseado na psicologia behaviorista que estudava o comportamento através do processo estímulo/resposta. A gramática era trabalhada através da tentativa de interiorização das regras por meio de repetições. Podemos destacar, neste contexto, a ênfase em exercícios realizados em laboratórios de línguas com a utilização de materiais como manuais, livro do professor, filme fixo e rolos de fitas sonoras. As atividades eram preparadas com ênfase na repetição dos diálogos ou estruturas e memorização, além da preparação de lições, da explicação e do surgimento do que conhecemos por competência oral, expressão oral, competência escrita e expressão escrita, e eram avaliadas as competências linguísticas com o "erro" sendo considerado como atitude negativa e, portanto, controlado de forma repressiva pelo professor.



Fig. 06

Com o tempo, o método, ao ser questionado, começou a perder força já no início dos anos 1980. Primeiro porque a permanência do professor no centro da comunicação e o aluno, então, receptivo, mas ainda subordinado ao mestre e à metodologia, pareciam carregar traços marcantes das correntes anteriores. Isso, de certa forma, no resultado final do processo educativo, "engessava" a criatividade e a autonomia do aprendiz de uma LE. Depois, com uma crítica da psicologia cognitiva voltada ao próprio estruturalismo por Chomsky, gerativista, e especificamente por Hymes (1979), da corrente sociolinguista, surge a ideia de que a aprendizagem tem o seu foco nos processos mentais.

A Abordagem Comunicativa

A partir dos anos 1980, devido às várias mudanças no quadro teórico, torna-se inevitável também a mudança de paradigmas no ensino de LE. Linguagem e comunicação agora se confundem e o potencial comunicativo da linguagem torna-se, então, o centro das discussões. Atender as necessidades dos alunos, promovendo uma real competência comunicativa, torna-se o objetivo primordial dos cursos de LE. Há uma espécie de interação de várias teorias como: linguística da enunciação, sociolinguística, psicolinguística, pragmática, análise do discurso, dentre outras.

Começa a aparecer uma distinção mais evidente entre as competências gerais e as competências comunicativas em línguas. Partindo da afirmação de Ortí Teruel (2004), pesquisador da Língua Espanhola como LE, de que *“El objetivo de la enseñanza de lenguas extranjeras [...] continua siendo desarrollar la competencia comunicativa de la lengua extranjera, tal como lo entiende El enfoque comunicativo; sin embargo, se perfila este concepto de una manera parcialmente novedosa”*, podemos começar a evidenciar o contraste entre a corrente audiolingual e a nova corrente metodológica: a Abordagem Comunicativa, que, como sabemos, está baseada nas reflexões críticas de Hymes (1991) sobre a noção de competência de Chomsky.

No campo das teorias de aprendizagem, junto à utilização das mídias na escola, procuramos apresentar até o momento, como características mais relevantes para o nosso estudo, a relação de interação entre professor-aluno/grupo-classe. Ela nos faz quebrar a barreira do estudo comportamental behaviorista que dará lugar a teorias que responderão melhor às necessidades dos aprendizes de LE.

A aprendizagem passa a seguir as regras do Cognitivismo e do Construtivismo, levando à autoconstrução do saber e à formulação de hipóteses por meio da utilização de uma gramática semântica, ou seja, que vai do sentido à forma.

Neste momento da história do ensino-aprendizagem de línguas, a noção de gramática passa a não mais ser normativa, mas funcional. As TIC, agora, de maneira irreversível e até mesmo imprescindível, surgem claramente na esfera escolar com o papel de dar aparato ou literalmente sustentar a aprendizagem de LE que busca uma competência configurada como sendo verdadeiramente comunicativa.

Dois eventos históricos, em particular, exemplificam bem a entrada das mídias no contexto educacional:

1. O surgimento da televisão nos anos 1950 – essa mídia audiovisual passou a ser apresentada como ferramenta de ensino-aprendizagem, principalmente através de programas como tele-cursos nos anos 1970/1980;
2. A popularização do computador pessoal nos anos 1990 e o barateamento do acesso à internet no séc. XXI que modificaram a relação entre conteúdos e pesquisadores.



Fig. 07

As mídias são facilmente identificadas com a utilização organizada de materiais bem específicos como os documentos autênticos, livros do aluno e livros de exercícios (mídia impressa); fita cassete, CD e DVD (mídias audiovisuais) e as atividades favorecem a compreensão e expressão oral, assim como a compreensão e expressão da escrita no idioma o qual se deseja obter o aprendizado. No final dos anos 1980, a informática se torna mais acessível, embora mais como aparato

para a aprendizagem do que propriamente uma ferramenta utilizada para esse fim, mas iniciando uma grande popularidade nos anos 1990 com a chegada dos computadores pessoais e a combinação de diferentes recursos tecnológicos com a utilização frequente da multimídia.

Contrastando também com o método audiolingual, a avaliação agora exige o estudo do “erro” ou, simplificando, dá mais atenção ao erro, mas de maneira positiva e não repressiva, apontando para a necessidade de autoavaliação, o que pressupõe, segundo essa corrente metodológica, ser uma das chaves para o domínio da competência de comunicação. Essa corrente continua ainda muito forte nos dias de hoje.

Contudo, segundo Martins-Cestaro (1997), esse tipo de abordagem funcional ou comunicativa recebeu várias críticas por estudiosos como Galisson (1982), pois, embora seja rica em estudo teórico e se apoie no uso de todos os aparatos anteriormente citados, é pobre no uso real dessas tecnologias que defende para tipos de procedimentos e exercícios, ao contrário das teorias mecanicistas que se assemelham ao método audiolingual, rico no uso de tecnologias, tais como gravador, projetor, etc., embora pobre em se tratando de discurso teórico.



Conhecemos mais duas correntes metodológicas, enfatizando-se suas particularidades, especificidades e diferenças. Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluí-la.

1. É possível afirmarmos que a inserção das TIC aparece de maneira mais evidente já a partir do método audiolingual? Argumente.

2. Comparando essas duas últimas correntes metodológicas abordadas neste estudo, aponte semelhanças e contrastes entre ambas, justificando sua resposta.

Uma abordagem Acional

Com a força do advento das novas mídias e uma produção em grande escala de novas tecnologias – o que proporcionou o acesso mais fácil das pessoas, de modo geral, às novas TIC – o séc. XXI se inicia com um intenso movimento de estudiosos que defendem uma nova abordagem para o ensino de LE: o Método ou Abordagem Acional.

Em linhas gerais, a grande diferença dessa nova abordagem para a abordagem comunicativa está no real entendimento da importância em atender as necessidades dos alunos, além, evidentemente, da velocidade

como surgem novas tecnologias e essas chegam com facilidade aos nossos lares e instituições nas mais diversas áreas de atuação.



Fig. 08

O objetivo continua a ser o de atender as necessidades dos alunos, mas que somente é possível de ser alcançado a partir do momento em que há uma co-construção do conhecimento. Esse pensamento não é de todo novo, pois, segundo Souza (2006, p. 2010), a abordagem do ensino de línguas estrangeiras para fins específicos, que surgiu no Brasil em meados dos anos 1970, já concentrava o foco de ensino de LE essencialmente e exclusivamente nas necessidades dos aprendizes.

A teoria linguística observada na chamada *Net Generation* (OXFORD, 2009) ainda considera a pragmática, a linguística do ponto de vista sociocognitivo, mas chamando a atenção, sobretudo, para os aspectos interculturais.

A interação e os aspectos culturais passam a ter papel importante na aprendizagem através do socioconstrutivismo, da pedagogia da autonomia e, principalmente, da aprendizagem colaborativa. Nesse sentido, a internet tem papel fundamental e de destaque. A gramática continua a ter um caráter nocional-funcional e os materiais não são pré-estabelecidos, mas todo o material que for necessário ao cumprimento de tarefas como projetos de aprendizagem, micro tarefas e tarefas finais, atividades colaborativas com ação coletiva e objetivo coletivo devem ser utilizados. As competências e expressões orais e escritas estão, nesse momento, articuladas. A avaliação está centrada em dois processos: validação dos projetos e avaliação dessas competências e expressões relacionadas diretamente à tarefa.

Busca-se um aperfeiçoamento da comunicação através de todo aparato tecnológico que já está inserido na vida cotidiana do aluno e até mesmo dos professores, fora do contexto escolar. São novas ferramentas de pesquisa, comunicação e interação que se multiplicam e estão agregadas umas com as outras, atualizando-se com tamanha velocidade que, na esfera escolar, principalmente em cursos de LE, só têm espaço se o aluno, o professor e o grupo em geral agirem em conjunto. O que se pretende como papel ideal do aluno é uma participação de co-ação e não mais uma passividade ou recepção de conhecimentos. Como essas novas mídias estão inseridas em suas vidas, por toda parte, há um favorecimento claro em tornar o aluno, muitas vezes, protagonista em

sala de aula.

Embora seja uma abordagem muito nova, a metodologia acional está inserida dentro de um processo de mudanças radicais nas relações humanas, o que ainda é passível de análises mais profundas que demandam tempo e pesquisa, daí o nosso propósito em construir esta breve noção de linha do tempo com relação às TIC e às teorias de ensino-aprendizagem de LE. Já existem muitas pesquisas que comprovam ou ao menos apontam para uma melhor eficiência desse tipo de método.

Podemos citar uma pesquisa recente de Lazo-Wilson & Lozano Espejo (2009), que trabalharam o ensino de Língua Espanhola como segunda língua, obtendo ótimos resultados, envolvendo a inovação de práticas instrucionais e comunicativas que ofereciam a possibilidade da coexistência das línguas com uma variedade de aspectos que revelaram aprendizagens surpreendentes através da inserção de novas mídias e tecnologias como a apreciação e a construção de *Blogs* em LE.



Fig. 09

Outra experiência bem atual para uma melhor aprendizagem da Língua Espanhola, com impactos não menos surpreendentes, pode ser encontrada em pesquisa de Niño (2009), com fortes evidências que sustentam a presença das novas mídias e suas ferramentas ancoradas pela internet por meio do *Google*, *Wikis* e *Blogs*, *Skype*, *YouTube*, *Podcasting*, dicionários online e redes sociais como meios eficientes de aprendizagem. Essa nova abordagem justifica a necessidade de formação dos novos professores para o correto uso dessas novas mídias com



Fig. 10

finalidade educacional, saindo, então, da antiga característica puramente comunicativa ou informativa.



Mãos à obra

A abordagem acional parece surgir como uma forte variação ou complementação à abordagem comunicativa. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

1. Qual o contraste mais evidente entre as abordagens acional e a comunicativa?

2. Qual das abordagens pode ser identificada como aquela que utiliza as novas mídias? Justifique.



Nesta aula, procuramos realizar um breve levantamento histórico da inserção das TIC ao longo da aplicação de correntes metodológicas distintas para o ensino de LE. Nossa ideia não consistiu em apresentar como funciona, ou como devemos trabalhar a utilização das mídias ou novas mídias dentro da sala de aula, mas ilustrar possibilidades de identificarmos quando elas começaram a surgir ou interferir na esfera escolar.

Fazemos, aqui, uma breve comparação dos principais métodos de ensino-aprendizagem de LE, pois, como futuro professor, você refletirá inevitavelmente sobre a ideia ou mesmo sobre a obrigação de escolher um ou mais métodos de acordo com as necessidades dos seus alunos. Essa não é tarefa das mais fáceis, haja vista que existem diferentes tipos de abordagem e é um processo vivo que depende especialmente desse momento de ruptura dramática causada entre as relações humanas, em consequência da evolução acelerada dos aparatos tecnológicos.

Além do mais, com a facilidade de acesso a essas novas tecnologias por parte dos alunos na sua vida cotidiana, o atual professor de LE não conseguirá avanços significativos na aprendizagem destes, se não observar aspectos fundamentais como a formação especializada para a utilização das mídias, principalmente das chamadas novas mídias, dentro e fora do espaço escolar. A co-participação dos alunos, nesse grande desafio que é compreender e estar atualizado com esse grande movimento tecnológico e social, é inevitável e ainda poderá implicar em aspectos desconhecidos para a nossa geração.

Enfim, todas as correntes metodológicas têm a sua importância dentro de cada contexto histórico no qual estão inseridas. Conseguir reconhecer a utilização dessa multiplicidade de mídias dentro de um contexto histórico certamente nos ajudará a trazer para a esfera escolar atual os melhores recursos tecnológicos para uma boa colaboração entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de LE.

Tentamos trazer para você, através da interdisciplinaridade, uma visão do que se trabalhou até os dias de hoje quanto ao ensino de LE e de como todas essas abordagens podem contribuir de maneira positiva para, em um segundo momento, aprendermos a utilizar essas mídias na educação da maneira mais eficaz.



Autoavaliação

Refletindo sobre o que aprendemos até o momento, é fundamental ao professor de LE, ou mesmo de qualquer outra área do conhecimento, trabalhar bem na escolha da(s) metodologia(s) a ser(em) aplicada(s). Compreendemos que essa opção envolverá aspectos específicos: o objetivo que desejamos alcançar ou principalmente aquele o qual desejamos que os nossos alunos alcancem; as teorias linguísticas e de aprendizagem que servirão de base para o processo de ensino-aprendizagem; a avaliação pretendida pelo tipo de atividades em conformidade e sintonia com materiais adequados (neste aspecto, as TIC têm papel essencial); e a colaboração entre os envolvidos no processo, especificamente o professor, o aluno como sujeito individual e o grupo no qual estão inseridos.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

1. Acesse a internet e com a ajuda da ferramenta Google ([HTTP://www.google.com.br](http://www.google.com.br)) realize uma busca sobre pesquisas científicas, artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos, livros, monografias, dissertações, teses, etc. sobre cada uma das correntes metodológicas estudadas.

a) Acesse um tipo de pesquisa para cada metodologia e leia o trabalho do pesquisador;

b) Escolha uma ou mais pesquisas lidas e compare com a sua leitura sobre todas as características abordadas pelo(s) autor(es) do(s) texto(s) escolhido(s). Você acrescentaria mais informações ao que você leu a partir dessa leitura extra? Justifique.

c) Que critérios você utilizou para escolher a metodologia a ser comparada com o seu resumo? Houve alguma influência direta do que você absorveu nesta aula?

2. Preencha o quadro a seguir, apontando cada corrente metodológica abordada nesta aula, principalmente relacionando-as com o que você compreendeu sobre tarefas e mídias utilizadas em cada época. Para tanto, siga o modelo.

	Tradicional Séc. XIX				
Materiais (mídias)	Mídia impressa (livro e dicionário)				
Atividades	Tradução				

3. Por fim, pensando como futuro professor de Língua Espanhola no contexto da escola pública brasileira, tente explicitar qual(ais) metodologia(s) você utilizaria em sala de aula. Justifique.

Atenção! Organize a segunda atividade em um único texto. Não se esqueça de dar um título a ele.



Leitura complementar

Para aprofundar seus conhecimentos a respeito do uso das TIC na aula de Língua Espanhola, leia o artigo **O uso pedagógico das TIC no ensino-aprendizagem de língua espanhola**, disponível no seguinte endereço: <http://www.textolivre.org/viiiideosol/forum/122.pdf>

A ferramenta de internet *Google* também oferece, além de buscas específicas em *sites*, portais e *blogs*, um bom acervo de livros *online*. Indicamos a leitura dos seguintes textos:

O livro: **Práticas docentes com o ensino da língua espanhola nas séries iniciais**. Acesse em: http://books.google.com.br/books?id=rkMKLKMweSIC&pg=PA87&dq=as+TIC+e+o+ensino+da+L%C3%ADngua+Espanhola&hl=pt-BR&ei=vN5wTq-ZFozH0AGk6aGRCg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

O capítulo 2 do livro: **Interacciones sincrónicas escritas en línea y aprendizaje del Español**: caracterización, perspectivas y limitaciones. Acesse em: http://www.galanet.eu/publication/fichiers/Alvarez2008_tesis.pdf.



CHAGAS, Valnir. **Didática especial de línguas modernas**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GALISSON, R. Et alii. **D' autres voies pour la didactique des langues étrangères**. Col. LAL. Paris: Hatier/Didier, 1982.

HYMES, D.M. On communicative competence. In: BRUMFIT, C.J. & JOHNSON, K. **The communicative approach to language teaching**. Oxford: OUP, 1979.

_____, D.H. **Vers une compétence de communication**. Paris: Crédif; Hatier; Didier, 1991.

LAZO-WILSON, V., & Lozano Espejo, C. I. The coalescence of Spanish language and culture through blogs and films. In R. Oxford & J. Oxford, (Eds.), **Second language teaching and learning in the Net Generation**. Honolulu: University of Hawai'i, National foreign Language Resource Center, 2009, pp. 127-139.

MARTINS-CESTARO, S.A. **O ensino da língua francesa nas escolas públicas estaduais de Natal**. Dissertação de mestrado. UFRN: Natal, 1997.

NIÑO, A. **Internet and language teaching/learning: Reflections on online emerging Technologies and their impact on foreign-language instruction**. In R. Oxford & J. Oxford, (Eds.), **Second language teaching and learning in the Net Generation**. Honolulu: University of Hawai'i, National foreign Language Resource Center, 2009, pp. 22-30.

ORTÍTERUEL, J. Roberto. **Estúdio de la competência intercultural a partir del análisis sociocultural de interacciones orales com arabohablantes**. Memória del Master en Formación de Profesores de español como Lengua Extranjera de la Universidad de Barcelona. Barcelona: Virtual, 2004.

OXFORD, R. & OXFORD, J., (Eds.), **Second language teaching and learning in the Net Generation**. Honolulu: University of Hawai'i, National foreign Language Resource Center, 2009.

SOUZA, R. E. G. **A abordagem do inglês instrumental nas escolas para o desenvolvimento da habilidade de leitura**. Monografia de Pós-graduação. Universidade Castelo Branco: Natal/Rio de Janeiro, 2006.

_____, R. E. G. **O papel da leitura nas aulas de inglês:** uma análise segundo a percepção dos professores do ensino médio de escolas públicas estaduais de Natal. Dissertação de Mestrado. UFRN: Natal, 2010. Disponível em: http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3967. Acesso em 10 out. 2011.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://blog.opovo.com.br/educacao/files/2011/09/imagesCAM27XPH-150x120.jpg>

Fig. 2 – <http://www.projetovidanova.com.br/blog/mavin/wp-content/uploads/2009/10/64911.jpg>

Fig. 3 – <http://3.bp.blogspot.com/-94vnjWaSg1k/Tie-TrwvSzI/AAAAAAAAARs/-elsoDI2NFE/s320/educ3.jpg>

Fig. 4 – http://farm5.static.flickr.com/4117/5058494394_7efce8f33e.jpg

Fig. 5 – <http://www.ufrb.edu.br/reverso/wp-content/uploads/2011/03/Google-L%C3%ADnguas.jpeg>

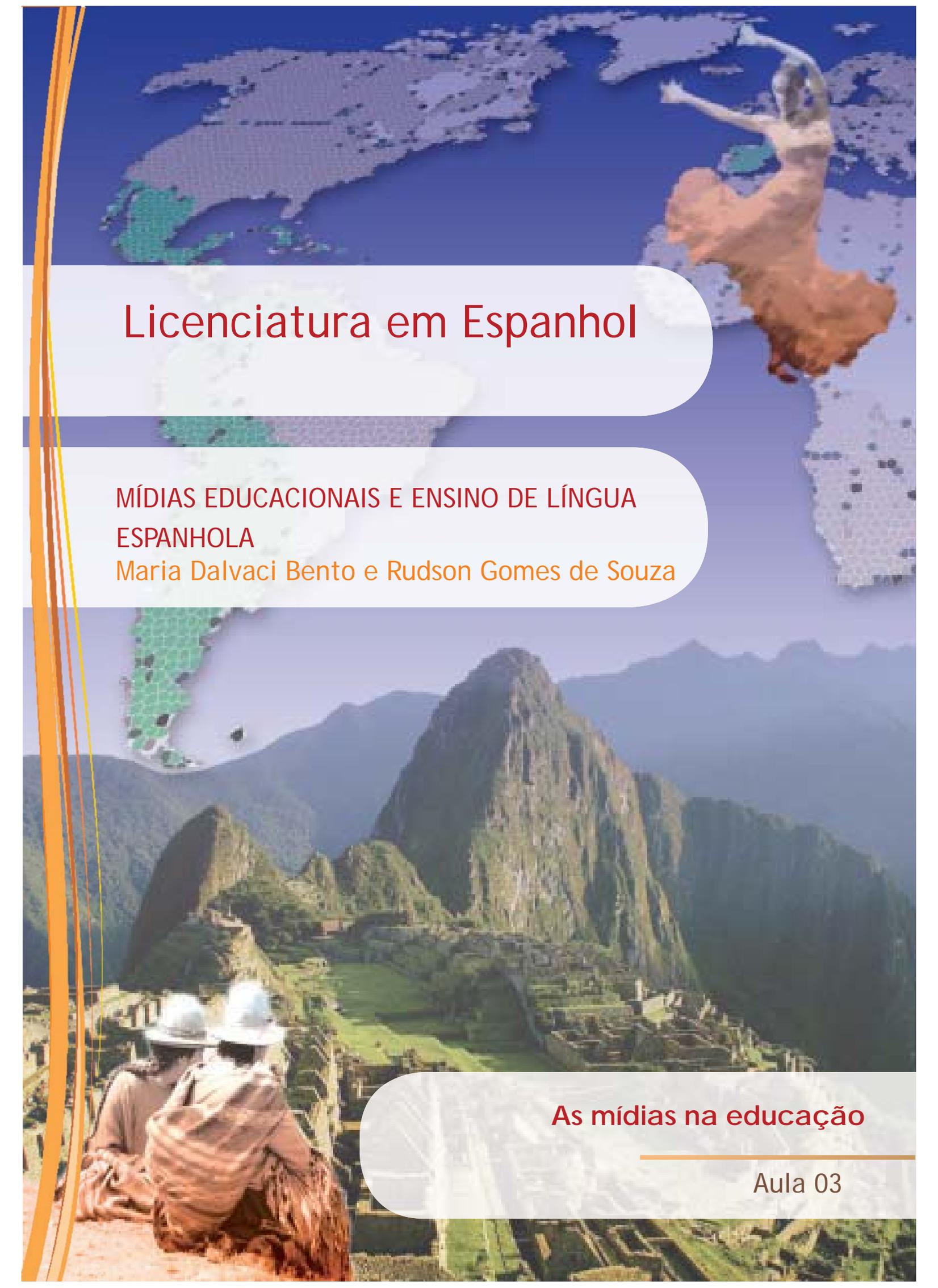
Fig. 6 – http://www.fortesvilaca.com.br/imagens/1185_m.jpg

Fig. 7 – http://1.bp.blogspot.com/_WW_XZGjwsk/Rvgy3JdCJRI/AAAAAAAAADU/ydUc-IMRqnM/s400/Laborat%C3%B3rio+de+l%C3%ADnguas.jpg

Fig. 8 – <http://www.enlinkbuilding.com.br/wp-content/uploads/2011/09/twitter.jpg>

Fig. 9 – http://4.bp.blogspot.com/_H-bJmB9jSiw/RxtYstnMnfi/AAAAAAAAABA/p-RC6kInoCA/s400/charge_pela_internet.JPG

Fig. 10 – http://3.bp.blogspot.com/Up8YSObpnhs/TVZO6dVseZI/AAAAAAAAAAk/MMjBb3TQgi4/s1600/phoca_thumb_l_educacao-charges-aula-virtual.jpg



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

As mídias na educação

Aula 03

Apresentação e objetivos

O desenvolvimento tecnológico traz consigo um elemento fundamental que é a proliferação de informações. Essas informações são disseminadas em diferentes suportes midiáticos. Diante disso, a escola não pode ficar imune a essa realidade.

Para que possamos analisar criticamente as informações disponíveis nas mais diversas mídias, é necessário conhecer suas linguagens.

Sendo assim, nesta aula, abordaremos a importância das mídias na educação, refletindo sobre o processo de ensinar e aprender, utilizando as tecnologias de informação e comunicação. Destacaremos, também, as potencialidades e implicações das mídias na educação, bem como a necessidade de se ter uma visão integradora dessas mídias. Por último, veremos algumas dificuldades e desafios das mídias na educação.

Ao final desta aula, você deverá:

- reconhecer a importância da utilização das mídias na educação;
- reconhecer novas formas de ensinar e aprender com o uso das mídias;
- compreender a necessidade de desenvolver uma visão integradora das mídias na educação;
- identificar dificuldades e desafios na utilização das mídias na educação.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

É um prazer discutirmos com você, nesta aula, questões relacionadas às mídias na educação. Acreditamos que os momentos de estudos serão bastante prazerosos, uma vez que o tema das mídias favorece uma discussão bastante calorosa, principalmente por fazerem parte da vida cotidiana. O texto desta aula traz uma discussão bastante atual e sua leitura é de fácil compreensão.

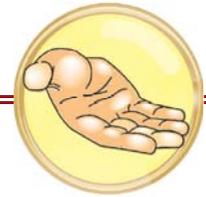
Propomos atividades que o (a) leve a refletir sobre o conteúdo tratado e que, também, você possa estabelecer, com facilidade, uma relação da teoria com a prática.

É importante pensarmos em como encontrar formas mais adequadas para a incorporação das linguagens das mídias nas atividades pedagógicas. Por isso, sugerimos que você faça as leituras e as atividades, discutindo com seus colegas para que possa aprofundar, cada vez mais, seus conhecimentos nessa temática das mídias e seu uso na educação.

Você vai compreender por que as escolas não podem mais deixar de contemplar, em seus currículos, a utilização das mídias na educação.

Bons estudos!

Abraços!



Muitas questões envolvem a educação e as mídias. Mas, afinal, por que se faz necessário utilizar as mídias na educação? Por que há preocupação por parte de muitos professores e especialistas em educação de que as escolas devam contemplar em suas propostas pedagógicas a temática das mídias?

Para iniciarmos nossa discussão, destacamos que o principal objetivo das mídias na educação é desenvolver uma leitura crítica das mídias, independente de qual seja o seu suporte, se escrito, radiofônico, televisivo, computacional, ou qualquer outro.

Alguns motivos justificam a necessidade de se estudar as mídias e utilizá-las na educação: seu consumo elevado no contexto atual; seu caráter ideológico (comprovado com a publicidade); seu caráter político (o processo de eleição); a velocidade da informação; o aumento das privatizações das tecnologias de informação e comunicação, entre outros.

Por isso, hoje, dispor dos mais variados recursos tecnológicos na escola, ou saber utilizá-los, não é suficiente para os professores. É necessário, também, aprender a intervir nesse processo. E por que tanta preocupação com esse aspecto? Tomemos como exemplo o poder que a televisão exerce na vida das crianças, levando-as a se tornarem sujeitos passivos e dependentes. Essa situação poderá trazer sérios problemas tanto para o seu desenvolvimento cognitivo quanto o socioafetivo.

Relevância das mídias na educação

Diante de tanta informação disponível nas mídias e a facilidade de acesso aos diferentes recursos tecnológicos, o trabalho do professor vem se tornando cada vez mais complexo, pois exige conhecimentos e competências em vários campos do saber, incluindo aqui o das novas tecnologias da informação e da comunicação. Essas tecnologias podem contribuir para modificar a própria organização do ensino e do trabalho docente.

Não podemos negar que, atualmente, os alunos chegam às escolas com conhecimentos mais elaborados do que aqueles de anos atrás, principalmente, por causa do acesso à internet. No entanto, observamos

que muito pouco tem sido feito pelas escolas. Reconhecemos que algumas delas têm uma variedade de recursos tecnológicos que podem ser utilizados na prática pedagógica, mas, de fato, ocorre pouca mudança nesse aspecto.

Para Bittencourt (2005), um dos principais pressupostos para a renovação dos métodos de ensino pelos currículos atuais é a articulação entre método e as novas tecnologias. Reconhecemos que as mudanças culturais ocorridas a partir das novas tecnologias da informação e da comunicação são inevitáveis, uma vez que estas geram sujeitos com novas habilidades e diferentes capacidades para entender o mundo contemporâneo.



Observamos que as tecnologias permitem hoje, como nunca antes, que as pessoas se expressem de formas e meios diversos, seja através do escrito, do áudio (rádio, programas de som na internet), do vídeo e de equipamentos de multimídia (câmeras digitais, vídeos na internet). A riqueza de recursos proporcionados pela *internet* combina publicação e interação, por meio de listas de discussão, *fóruns*, *chats*, *blogs*. Então, fazer uso das informações das mídias na escola é essencial, mas devemos priorizar a utilização de métodos que formulem práticas de uso não alienado. E, nesse processo, além de analisar as

especificidades de cada mídia e a complementaridade das diferentes linguagens, destacamos, também, a importância de seu uso integrado.

Ressaltamos que tanto os professores quanto a equipe gestora da escola precisam compreender e incorporar mais as novas linguagens a sua prática docente, desvendando seus códigos, dominando as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. Em se tratado das práticas sociais do mundo moderno, é necessário abriremos espaço para o uso das tecnologias e das mídias na educação, a fim de formar os alunos, preparando-os para atuarem na sociedade digital, tendo em vista que convivemos com as linguagens atrativas e sedutoras de vários ambientes da *internet*, do rádio, da televisão, das revistas, dos jornais, entre outros. Por fazerem parte do seu universo, tais linguagens podem e devem ser apropriadas pelos alunos no cotidiano educativo.

Nessa perspectiva, não conseguimos mais pensar a formação de professores tanto inicial quanto continuada, sem levar em conta as

linguagens das mídias e sua utilização na educação. Porém, quando citamos essa preocupação, não estamos nos referindo, essencialmente, ao seu uso (ou não) na educação, pois consideramos que a atenção maior deve estar concentrada em conhecer as linguagens das mídias para utilizá-las de forma efetiva.

O ensino e a aprendizagem com as TIC

Não podemos negar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) provocam impactos na prática docente, levando a uma desestruturação nos modos convencionais de ensinar e de aprender, proporcionando novas formas de se apropriar do conhecimento.

Embora essas tecnologias tragam múltiplas contribuições para o processo de mediatização do ensino e da aprendizagem, este, por sua vez, apresenta muitas dificuldades, pois grande parte dos professores não tem domínio técnico das tecnologias. Ao considerarmos as principais características dessas tecnologias que dão suporte às mídias, citadas por Bellonni (2001), que são a simulação, a virtualidade, a acessibilidade, a superabundância e extrema diversidade, reconhecemos que elas são completamente novas para os professores, o que exige a busca por novas metodologias, aliás, bem diferentes das metodologias tradicionais utilizadas anos a fio, centralizadas na aula expositiva.

Podemos citar o uso de telefones celulares como uma situação impactante vivenciada por qualquer um de nós e que traz reflexos na sala de aula. Mesmo os modelos mais simples, a maioria deles já dispõe dos mais diferentes recursos: *internet*, câmera digital, canais de TV, jogos, músicas, etc. Se uma única tecnologia dispõe de tantos recursos, não podemos deixar de, também, fazer uso desses recursos, de forma integrada na escola. Pensando nessa realidade, questionamos: os professores vêm se utilizando de recursos tecnológicos dessa natureza no ensino?

Por outro lado, é necessário ficarmos atentos para duas questões



Fig. 01

muito importantes quando se discute sobre as TIC na educação: muitas vezes são enaltecidas suas possibilidades e, outras vezes, criticadas suas limitações. Ora são vistas como “salvadoras”, ora como alienadoras, no sentido de auxiliar, ou não, o processo ensino-aprendizagem. Na verdade, a nossa preocupação deve ser no sentido de que a utilização das TIC só é considerada verdadeiramente efetiva, significativa, concreta, se as atividades que as incluem, deixam evidente a construção do conhecimento por parte dos alunos.



Fig. 02

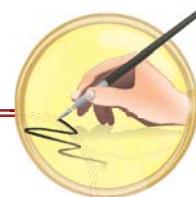
Tomemos como exemplo o uso das TIC na educação a distância. Ao longo de sua história, ela vem fazendo uso dos meios de comunicação disponíveis na sociedade como suportes na mediação do processo ensino-aprendizagem. Inicialmente, esses suportes eram os livros, as cartilhas ou os guias, os “kits” para as práticas, elaborados especialmente para a modalidade a distância. Esses materiais foram acrescidos do áudio com o rádio na década de 1970 e do áudio e vídeo com a televisão na de 1980. Os anos de 1990 trouxeram

outros desafios para a execução de programas que se pretendem ofertar através da educação a distância que têm, como destaque, a utilização de computadores.

Vemos, então, que a utilização das TIC na educação vem trazendo contribuições para o processo ensino-aprendizagem ao nos proporcionar diferentes formas de buscarmos o conhecimento. Sobretudo na EAD, a utilização das TIC tem se ampliado nos últimos anos, especialmente, por exercer um papel relevante ao transformar essa modalidade de ensino, numa possibilidade de acesso para muitos professores que querem investir em sua formação profissional e se encontram nas regiões mais longínquas do Brasil.

Aqui, chamamos sua atenção no sentido de compreender que as TIC podem dar uma significativa contribuição ao processo ensino-aprendizagem, porém, é preciso ter cuidado para não valorizar mais os recursos tecnológicos do que propriamente as pessoas envolvidas no processo, que são os professores e os alunos.

Em se tratando das TIC, reforçamos que estas podem, de fato, modificar as formas de comunicação pedagógica, pois já modificaram efetivamente as formas de comunicação humana e a escola não tem como ficar imune a tal processo. Portanto, não dá mais para fazer de conta que essa realidade não existe.



Agora que você estudou, um pouco, a respeito das mídias e TIC na educação, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. Reconhecemos que, se as escolas utilizarem o conteúdo das mídias nas atividades pedagógicas, pode favorecer a aprendizagem dos alunos.

- Baseando-se na afirmação acima, como você analisa o papel da escola frente ao uso das mídias nas atividades pedagógicas?

2. A maioria das escolas públicas de educação básica disponibiliza alguns recursos tecnológicos, tais como computadores – organizados em laboratórios – televisor, aparelho de DVD, câmera digital, entre outros.

- Dê uma sugestão de atividade, utilizando uma dessas mídias dentro de um conteúdo de educação básica.

Potencialidades e implicações das mídias na educação

Começaremos, aqui, levantando alguns questionamentos bastante pertinentes para compreendermos as potencialidades, bem como as implicações no uso das mídias no processo ensino-aprendizagem. Afinal, os professores utilizam, efetivamente, todos os materiais impressos nas atividades pedagógicas. O rádio, por exemplo, não desfruta mais o prestígio que tinha antes do surgimento da televisão, mas, mesmo assim, ainda é possível utilizá-lo na educação? Os professores exploram em suas aulas a programação televisiva? Os fatos mostrados na TV podem ser considerados conteúdos importantes a serem explorados nas aulas? E a *internet*, os professores utilizam seus recursos nas aulas? Ou, somente, pedem que os alunos façam pesquisas na internet, sem estabelecer critérios para isso, nem tão pouco explorar aquilo que os alunos pesquisaram?

Essas e outras questões nos levam a pensar o quanto a dinamicidade, na utilização pedagógica das mídias, pode trazer muitas contribuições para o processo ensino-aprendizagem, especialmente pelo vasto conteúdo veiculado por elas. Porém, quando se faz uso indiscriminado desses recursos midiáticos na educação, sem um planejamento prévio, eles se tornam prejudiciais à aprendizagem. Trataremos dessas questões, de forma detalhada, em aulas posteriores, uma vez que enfocarão as especificidades das principais mídias (rádio, TV, impressos, etc) e seu uso na educação.



Fig. 03

Precisamos considerar que os produtores das mídias, na maioria das vezes, se preocupam mais com os meios, dando mais ênfase à apresentação visual, ao som, à tecnologia do que propriamente às mediações pedagógicas. Ou seja, não há uma preocupação maior com a essência do que é veiculado: a informação. Por isso, é preciso orientar os alunos no sentido de eles reconhecerem que as mídias podem servir para a manutenção do poder e a manipulação das pessoas. Porém, não podemos deixar de reconhecer que elas, também, proporcionam a democratização do acesso à informação e oferecem subsídios para ampliar a formação humana.

Assim, ao dominar técnicas e linguagens midiáticas, os alunos se transformam em leitores mais críticos nas diversas mídias, conseqüentemente, aprenderão a lidar melhor com informações veiculadas e, assim, terão maior compreensão dos recursos que fazem com que essas informações sejam mais percebidas e compreendidas. As mídias possibilitam que as informações, antes disponíveis apenas nos grandes centros urbanos, cheguem às escolas e às pequenas comunidades. Nesse contexto, a educação, ao mesmo tempo em que deixa de ser uma educação limitada, formalizada sob a autoridade do escrito e do livro, traz novos desafios no sentido da necessidade do professor de estar em constante processo de formação (NEVES & MEDEIROS, 2006).

Indiscutivelmente, a escola precisa exercitar as linguagens das mídias, desenvolvendo atividades que combinem entrevistas gravadas, com textos escritos ou imagens gravadas em vídeos, uma mesma notícia em jornal impresso e num telejornal, a propaganda impressa e a propaganda na TV, explorar cenas de telenovelas com a dramatização, etc. É verdade que o mais importante não é saber ligar um aparelho eletrônico (um televisor, computador, DVD, etc), embora esse conhecimento seja necessário. É preciso, acima de tudo, aprender a aprender fazendo uso das diferentes linguagens que envolvem as mídias.

Lembramos que uma das grandes inovações tecnológicas na educação tem sido os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Isso se concretiza, principalmente, por serem espaços disponibilizados na internet, construídos especialmente, com a intenção de proporcionar situações de aprendizagem utilizando ferramentas diversas (fóruns, chat, diário de bordo, etc.) em que professores e alunos – em espaços e tempos diferentes, ou não – possam construir conhecimentos de forma colaborativa.

Indiscutivelmente, na educação a distância, esses ambientes têm feito com que a oferta de cursos se dê de maneira diferente das outras possibilidades de oferta desenvolvidas, anteriormente, como, por exemplo, cursos a distância utilizando somente material impresso. Nesses

cursos, o contato do tutor com os cursos e vice-versa era feito por meio de telefone e dos correios – para envios de atividades, o que dificultava bastante o processo. Os AVA, por estarem inseridos num suporte que tem como principal característica a convergência dos diversos meios de comunicação, amplia as possibilidades de interação.

Assim, é evidente que há uma necessidade de mudanças na atuação do professor, pois a partir dos AVA, sua função principal é o de ser articulador, orientador no processo de construção do conhecimento dos alunos, bem como ser parceiro do aluno, ou seja, ele não é mais o sujeito que ensina, mas aquele que conduz o aluno em direção às novas descobertas, novos caminhos em busca do conhecimento.

Temos presenciado alguns discursos direcionados para a crítica aos professores, no sentido de não utilizarem as mídias em seu fazer pedagógico, porém sem considerar que a maioria deles não lida com as novas tecnologias e, conseqüentemente, as escolas se encontram despreparadas para a sua utilização efetiva. Ter domínio das linguagens midiáticas, na escola, é indiscutivelmente uma necessidade urgente.

Integrar as mídias na educação

Se parmos, um pouco, para pensar, constatamos que aprendemos sobre diferentes assuntos e nas mais diversas situações da vida, articulando essas situações, integrando os conteúdos, as pessoas interagindo umas com as outras, investigando possibilidades, realizando coisas diversas, etc.



Nesse contexto, o que podemos dizer em relação ao uso integrado de tecnologias e mídias na educação? Inicialmente, as mídias e tecnologias eram utilizadas de forma separadas (TV, computador, câmera digital, celular, etc), mas vemos que, cada vez mais, a tendência é utilizá-las de forma integrada.

A convergência de mídias traz consigo a necessidade de integração destas na educação, porém, não queremos dizer que, em algum momento, em uma atividade específica, não possamos utilizar uma única mídia;

isso tem a ver com os objetivos definidos no planejamento da aula, nos conteúdos que estão sendo trabalhados. Para que os professores possam desenvolver sua proposta pedagógica, de modo que integrem diferentes tecnologias e mídias, devem, primeiramente, identificar as que existem na escola e, a partir daí, procurar conhecer suas potencialidades e suas limitações, bem como a forma de manuseá-las.

Uma das possibilidades para que possamos desenvolver uma prática pedagógica voltada para a integração das mídias, é o trabalho com projetos, uma vez que estes não só favorecem a integração de diferentes áreas do conhecimento, de várias mídias, como também permitem que os alunos aprendam fazendo, em cooperação uns com os outros (Prado, 2005).

Portanto, o contexto atual nos revela a necessidade dos profissionais, dos mais diversos setores, estarem em constante processo de formação, em especial os professores que devem ser transformados em aprendizes permanentes. Esse fato demonstra que toda profissão tem seu percurso permeado por mudanças, decorrentes do desenvolvimento técnico e científico. A profissão de professor precisa seguir essa mesma lógica. Estar em sintonia com essas mudanças exige dos professores uma preparação sistemática possibilitada pelos cursos de formação.





Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver uma atividade sobre as características e linguagens das mídias. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

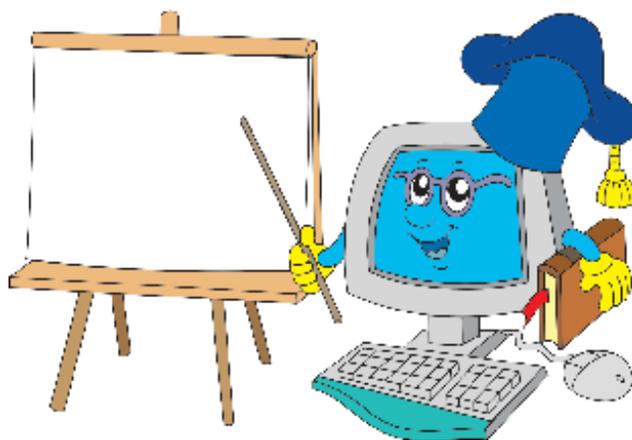
Embora seja fato a utilização das mídias na educação, muitos professores, ainda, não fazem uso desses recursos em suas aulas. Sabendo disso:

1. Cite dois benefícios que os alunos podem ter, quando os professores utilizam os conteúdos das mídias nas aulas.

2. Apresente uma sugestão de conteúdo por meio do qual os professores podem desenvolver atividades com os alunos que propiciem a integração de mídias.

Dificuldades na utilização das mídias na educação

Alguns aspectos dificultam a utilização de mídias na educação. Encontramos resistência por parte de muitos professores, inclusive não participando de formação necessária que os ajude a fazer uso dos recursos midiáticos em suas aulas. A resistência à inovação tecnológica é fato, o que denota dificuldade em conviver com essa nova realidade na educação. Não podemos esquecer que o desenvolvimento tecnológico e sua relação com a educação não tem sido visto com bons olhos por alguns educadores, principalmente, por medo da própria máquina ou até mesmo por falta de formação. Há, também, aqueles que resistem por achar que podem ser substituídos pelo computador (LIBÂNEO, 2010).



Essas resistências precisam ser enfrentadas e quebradas porque senão os professores poderão, com certeza, vir a passar por situações embaraçosas diante de seus alunos. E por que podemos afirmar isso? Porque os alunos são abertos às inovações tecnológicas e, por isso, sabem fazer uso das diversas tecnologias com desenvoltura e, conseqüentemente, podem solicitar ao professor que as use em sala de aula.

Por outro lado, temos visto que, na escola, as linguagens das mídias têm sido pouco exploradas nas atividades pedagógicas. Reconhecemos a grande repercussão que as diferentes mídias causam na sociedade e o contato constante que professores e alunos têm com essas mídias fora da escola, porém, no processo ensino-aprendizagem sua utilização vem se dando de forma esporádica. E aí, percebemos que, nesse aspecto, há uma distância enorme entre a realidade que professores e alunos vivem – rodeados de diversas mídias – e o uso que se faz dessas mídias para ensinar e aprender.

A *internet* já é uma realidade em muitas escolas públicas brasileiras, mesmo assim, ainda se faz pouco uso nas atividades pedagógicas. Sabemos que sempre vai haver alguns professores que não querem inovar sua prática pedagógica, mas jamais podemos esquecer que são inúmeros os que querem melhorar o ensino para que seus alunos possam aprender mais e melhor.

Assim, voltamos a afirmar que é inevitável que essas questões sejam

enfrentadas tanto na formação inicial quanto continuada de professores. Isso significa que cursos destinados a formar e aperfeiçoar professores, quanto ao uso das tecnologias atuais, podem ser uma estratégia de, ao mesmo tempo, construir conhecimento, dominar essas tecnologias e desenvolver competências e habilidades que beneficiarão os alunos desses professores.

As mídias na educação: alguns desafios



Fig. 04

Entre as responsabilidades da escola, uma delas é levar os alunos a aprender a atribuir significados às informações veiculadas na mídia. O grande desafio para pensar as mídias na educação consiste em diversificar as formas de ensinar e de aprender, utilizando os impressos, o rádio, a TV e os recursos da informática, principalmente, os disponíveis na internet.

Não temos dúvidas de que ensinar e aprender são desafios enfrentados em qualquer época. Educar, hoje, apresenta novas conotações. Não dá mais para ficar dando aula como ocorria há vinte anos, por exemplo. Com o desenvolvimento tecnológico e a fluidez das informações, o contexto social muda e, conseqüentemente, o educacional, também. Essa realidade implica buscar novas maneiras de ensinar e de aprender.

A escola, por sua vez, deve orientar o aluno no sentido dele saber ir buscar a informação e analisá-la criticamente, dando sua própria significação. Assim, além de propiciar o domínio das diferentes linguagens para que o aluno saiba buscar a informação, a escola deve conduzi-lo a, também, produzir a informação. Em outras palavras, queremos dizer que o professor deve levar o aluno a analisar criticamente os programas de TV, as mensagens e notícias veiculadas nos jornais locais, os programas de rádio, as notícias em diferentes *sites*, etc. Ao mesmo tempo, a escola deve estar organizada para, por exemplo, orientar o aluno a produzir vídeos, a criar *blog*, principalmente, com o intuito educativo, a criar o jornal da escola, a organizar programas de rádio (rádio escolar). Sair da posição de analista do que é veiculado na mídia e ir mais além: produzir informações. Ressaltamos que essa não é tarefa fácil para os professores, mas os alunos só podem ter conhecimentos das diferentes linguagens das mídias, quando eles vivenciam esses dois processos.

Não podemos perder de vista que as tecnologias e mídias são

fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, mas, com certeza, o maior desafio mesmo é buscar uma educação de qualidade. E as tecnologias têm papel importante nesse processo, tanto a telemática, quanto o audiovisual, os impressos de qualquer natureza, etc. Mesmo assim, temos uma preocupação muito grande: em consequência da própria rapidez na evolução das tecnologias e meios de comunicação, acabamos tendo contato com uma nova tecnologia, sem nem mesmo ter dominado a outra.

Como podemos perceber, o processo de ensinar e aprender se torna um grande desafio e, ao mesmo tempo, necessita de mudanças. Com as novas tecnologias, tanto o ensino presencial quanto o ensino a distância sofrem transformações. Assim, não dá mais para continuar priorizando um ensino centralizado na transmissão de informações. É necessário ir por outro caminho, criando situações de aprendizagem, de forma que possibilite aos alunos transformar as informações recebidas em conhecimento.

Mãos à obra



Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

1. A intenção do ensino é proporcionar aprendizagem. Sabemos que utilizar as mídias na educação não é tarefa fácil. Portanto, se o professor não estiver preparado, pode utilizar as mídias só por modismo.
 - Cite alguns motivos que levam muitos professores a não utilizar os conteúdos das mídias em suas aulas. Exponha suas reflexões a respeito.

2. Em sua opinião, qual é o principal desafio da utilização das mídias na educação? Por quê?



Já sei!

Nesta aula, procuramos discutir sobre as principais questões que envolvem a utilização das mídias nas atividades pedagógicas, procurando tentar perceber que só podemos nos tornar leitores críticos e criativos das mídias se conhecermos suas linguagens e soubermos empregá-las em diferentes situações.

Para que isso se efetive, só a vontade e o interesse de alguns professores não são suficientes. É preciso que haja formação para tal, bem como envolvimento da equipe pedagógica e da administrativa.

Essa é uma tarefa complexa, mas também extremamente urgente de ser efetivada nas escolas, especialmente, porque os alunos convivem, diariamente, com os mais diversos recursos midiáticos, utilizando, muitas vezes, de forma indiscriminada. São muitas as possibilidades que esses recursos podem trazer para o ensino e a aprendizagem. Utilizar as mídias na educação é um desafio que os educadores não podem mais deixar de enfrentar.

É preciso um olhar mais atento para essa questão das mídias na

educação, pois não dá mais para ficar somente na discussão. Sua inserção no currículo deve se tornar fato e, conseqüentemente, novas metodologias devem ser utilizadas.

Autoavaliação



Caro (a) aluno (a)!

Analise as duas situações a seguir e responda às questões relacionadas.

Situação 1:

Digamos que você foi convidado a ir a uma escola conversar com os professores para saber, por exemplo, se eles desenvolvem atividades pedagógicas que contemplem conteúdos dos programas de TV. Os professores informam que não fazem isso, porém disseram que é comum chegar à sala de aula e encontrar as alunas conversando sobre as telenovelas. Já os alunos discutem bastante sobre futebol, principalmente, na quinta e segunda-feira, uma vez que os principais jogos dos campeonatos brasileiros – veiculados pelas TV – acontecem na quarta à noite e no final da semana.

A partir da leitura do conteúdo dessa aula, utilize argumentos que convençam os professores a repensarem seu posicionamento de não utilizarem os conteúdos da programação da TV nas aulas.

Situação 2:

Pense numa escola pública de educação básica que possui laboratório de informática com 20 computadores conectados à internet.

Nessa escola, há um pequeno grupo de professores que utilizam o laboratório de informática nas atividades pedagógicas, porém de forma esporádica e outro grupo que se constitui daqueles que não utilizam o referido laboratório.

1. Quais orientações você daria àqueles professores que fazem uso esporádico da informática nas aulas, para que eles possam ampliar a utilização de uma mídia como a informática, em suas aulas?

1. **Texto 1:** Mídia e educação, de Raquel de Almeida Moraes. Disponível em: http://www.revistaconecta.com/conectados/rachel_midia_educacao.htm
2. **Texto 2:** As mídias na educação, de José Manuel Moran. Disponível em: E:\Produção - textos\As mídias na educação.mht
3. **Capítulo 2** do livro Mídia-educação, de Maria Luíza Belloni: Da tecnologia à comunicação educacional.

Referências



BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação? Coleção Polêmicas do Nosso Tempo.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

GONNT, J. **Educação e mídias.** Trad. Maria Luíza Belloni. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias:** o novo ritmo da informação. 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 12ª. Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

NEVES, C. M. de C; MEDEIROS, L. L. **Mídias integradas à educação.** In: FARIA, D. S. (Org.). **Série do Salto para o Futuro:** Mídias na Educação. 2006. Disponível em: <www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/>. Acesso em: 14 set. 2011.

PRADO, M. E. B. B. **Integração de mídias e a reconstrução da prática pedagógica. Mídias Integradas à Educação.** In: ALMEIDA, M. E. B. (Org.). **Série do Salto para o Futuro:** Integração de tecnologias, linguagens e representações. 2005. Disponível em: <www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/>. Acesso em: 15 set. 2011.

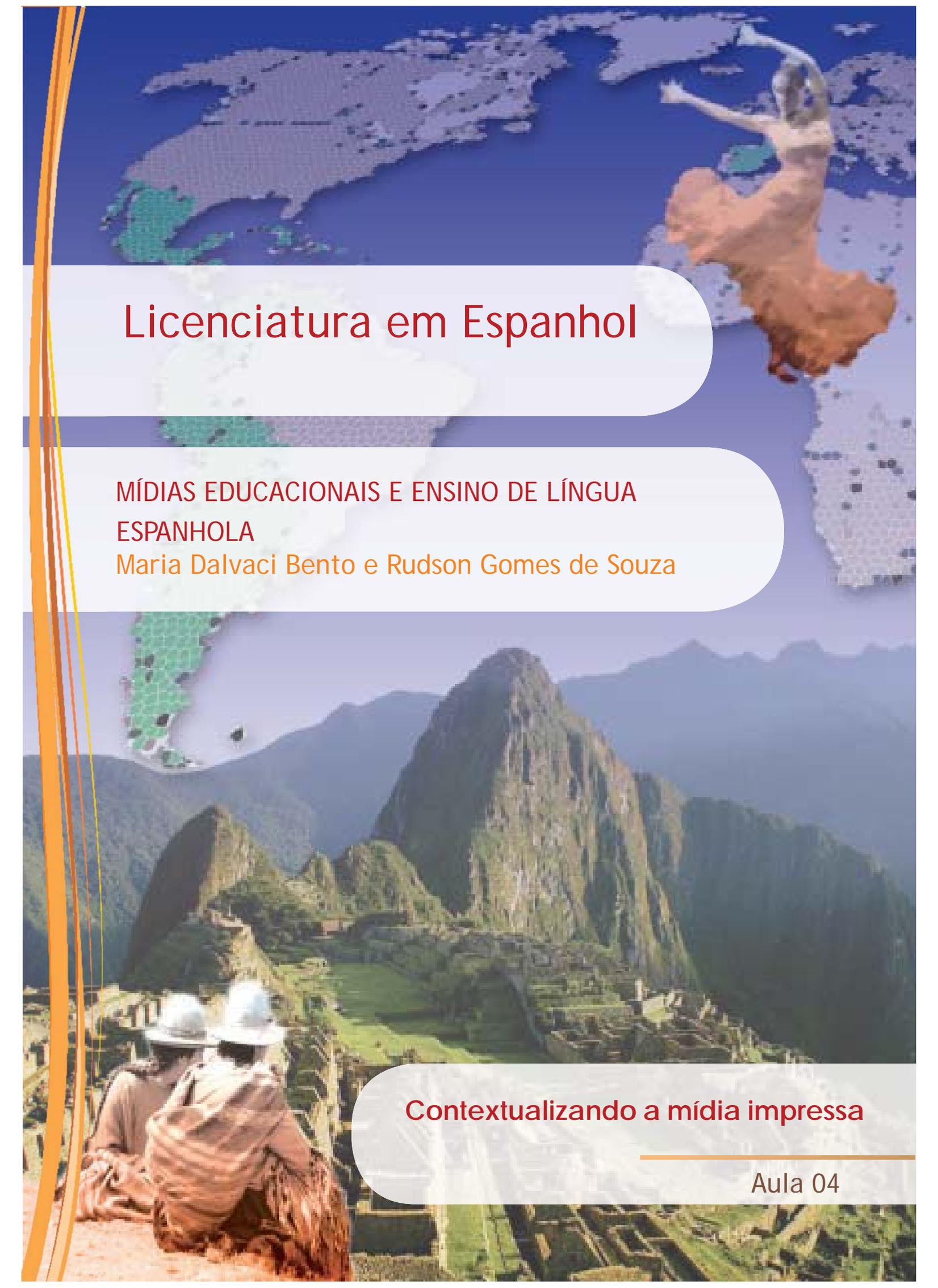
Fonte das figuras

Fig. 1 – http://www.universoimport.com.br/celular_funcoes__.jpg

Fig.2 – <http://portal.ifrn.edu.br/mossoro/noticias/ofertado-curso-de-formacao-em-ead-no-campus>

Fig.3 – <http://www.reidacocadapreta.com.br/2011/04/18/tirinha-tecnologica-engracada-do-dia-armazenamento-de-dados/>

Fig. 4– <http://pplware.sapo.pt/pessoal/curiosidades/xo-2-concorrenco-a-o-magalhaes-2/>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Contextualizando a mídia impressa

Aula 04

Apresentação e objetivos

Na primeira unidade do nosso curso, procuramos refletir sobre as mídias, tipologias e o seu possível papel auxiliador na aprendizagem; compreender os vários conceitos inseridos nessa abordagem, especificamente um pouco das metodologias de ensino-aprendizagem e como as mídias evoluíram dentro desse processo, além de reconhecermos as suas potencialidades e as suas aplicações na esfera escolar.

A partir de agora, iniciaremos uma nova abordagem sobre as mídias para o ensino de LE, especialmente para o espanhol. Iniciaremos pela mídia impressa e os recursos que professores e alunos podem utilizar para o ensino-aprendizagem de Língua Espanhola.

Nesta aula, portanto, apresentaremos o desenvolvimento da mídia impressa, passando pela história da escrita.

Ao final desta aula, você deverá:

- refletir sobre a história da escrita;
- compreender o desenvolvimento da mídia impressa;
- refletir sobre o papel e/ou importância da mídia impressa de um ponto de vista mais geral.



Para Começar

Olá, caro (a) aluno (a)!

Estamos iniciando uma nova unidade. A partir de agora, centralizaremos nossos estudos de modo mais sistemático, ou seja, com aulas mais específicas e conteúdos direcionados à aprendizagem de LE, de acordo com cada mídia e tecnologia que possam ser inseridos no contexto de sala de aula.

Dedicaremos três grandes módulos para desbravarmos as mídias impressas, audiovisuais e a internet. Neste primeiro bloco, fazemos um convite a você para refletirmos a respeito da contextualização da mídia impressa e de seus vários recursos os quais podem ser extraídos da esfera puramente informativa e levados para o espaço escolar.

Acreditamos que seja bem interessante iniciarmos esta unidade com um apanhado geral da evolução da mídia impressa, desde o seu surgimento. Portanto, antes de nos aprofundarmos nas possibilidades da utilização de várias ferramentas proporcionadas por essa mídia, – para a sua utilização como ferramenta de aprendizagem de língua espanhola aos seus futuros alunos. Faremos uma viagem no tempo, desde o surgimento da escrita até a sua utilização como recurso de informação, interação e como ferramenta educacional. Neste primeiro momento, não nos deteremos na explicitação da utilização de recursos da mídia impressa dentro de sala de aula, mas procuraremos compreender o próprio desenvolvimento dessa mídia de modo global até apontar para um futuro que também envolva o âmbito escolar.

Acreditamos que muitas perguntas começarão a surgir a partir de agora. O que a história da escrita tem a ver com a mídia impressa? Que conexão é essa? Bem, o próximo passo, que gostaríamos de apresentar para você, consiste em procurar fazê-lo perceber como surgiu a mídia impressa, qual a sua finalidade inicial e quais são os seus futuros desafios.

Bons estudos!

Abraços!



1. Como tudo começou: a história da escrita

A escrita surge com a necessidade do homem, desde os antigos primórdios da humanidade, de registrar, de alguma forma, os acontecimentos de cada um desses grupos de indivíduos.

Diante dessa necessidade de comunicação ou de registrar informações, por milhares de anos, o homem foi desenvolvendo diferentes sistemas de representação, de forma progressiva. Seja para a difusão de ideias e informações, seja para as relações comerciais, a escrita tornou-se um instrumento com valor inestimável.



Fig. 01

Em épocas mais remotas, o homem se utilizava de figuras que representavam objetos da época. Esse tipo de escrita é conhecido como expressão pictográfica. No noroeste do Brasil ou nas cavernas astecas, esse tipo de representação aparece de maneira bem simples, por meio de desenhos de objetos.

Registros de cerca de seis mil anos atrás, mais especificamente da Mesopotâmia, dão conta do início do desenvolvimento da escrita ideográfica, que precedeu a atual escrita alfabética. Nesse momento, o homem não se utilizava apenas de desenhos e rabiscos de figuras que se desejava registrar, mas havia uma necessidade de representar também ideias por meio desses vários símbolos. Progressivamente, essas figuras foram se tornando uma convenção da escrita, o que levava os leitores à necessidade de contextualizar, aos poucos, esses símbolos, principalmente por meio de um senso comum, para conseguir compreender os seus significados.



Fig. 02

É interessante atentarmos para o fato de que as letras do nosso alfabeto vieram através desse tipo de processo. Existem algumas escritas ideográficas bem conhecidas: os hieróglifos egípcios, por exemplo, assim como as escritas minóicas, sumérias e a chinesa, que originaram a escrita japonesa.

का काँ कि की

kā kām̐ ki kī

कु कू कृ क्व क्ल

ku kū kr̥ kr̥̄ kl̥

Fig. 03

1.1 A escrita alfabética

Sem nos preocuparmos com a exatidão cronológica, mas sim com a sequência cronológica de acontecimentos, chegamos aos silabários, ou um conjunto de sinais que eram utilizados especificamente para a representação de determinadas sílabas. Esses sinais não representavam apenas letras, mas sílabas inteiras. Surge, então, um sistema de caracteres reduzidos, inventado pelos fenícios, para a representação do som consonantal. A escrita árabe e a hebraica carregam algumas dessas características semíticas.

A α	alfa	N ν	ni
B β β	beta	Ξ ξ	csi
Γ γ	gama	Ο ο	ômicron
Δ δ	delta	Π π	pi
E ε	épsilon	Ρ ρ	rô
Z ζ	dzeta	Σ σ ς Ϻ	sigma
H η	eta	Τ τ	tau
Θ θ ϑ	teta	Υ υ	ípsilon
I ι	iota	Φ φ	fi
K κ	capa	Χ χ	qui
Λ λ	lambda	Ψ ψ	psi
M μ	mi	Ω ω	ômega

Fig. 04

Chegam, então, os gregos, com o acréscimo das vogais ao sistema fenício, criando assim, a escrita alfabética. A palavra "Alfabeto" é derivada das duas primeiras letras do alfabeto grego alfa e beta. Mesmo com toda essa contribuição grega, o nosso alfabeto ainda não deriva desse sistema de escrita. Somente com a adaptação dos romanos à escrita grega, constituindo-se no sistema alfabético greco-romano, chegamos ao nosso alfabeto atual, representando o menor

inventário de símbolos, o que permite a representação dos sons da fala em unidades menores que a sílaba.

Contudo, não é apenas a forma que diferencia os diversos sistemas de escrita. Há outros aspectos, como a direção, que são elementos diferenciadores desses sistemas. Os japoneses e chineses, por exemplo, escrevem da direita para a esquerda assim como os árabes, sendo que esses últimos não escrevem em colunas como os primeiros, mas em linhas de cima para baixo. O grego antigo alternava a direção das linhas e os romanos instituíram a escrita como conhecemos hoje e que vigora em nosso alfabeto – a escrita da direita para a esquerda, em linhas.

Começamos a enxergar a escrita como registro da cultura, da história, da religião, das artes e das relações sociais de um povo. As necessidades sociais estão instrumentalizadas por meio de expressões, reflexões ou simplesmente através da transmissão de informações. Nesse sentido, a informação passa do domínio de poucos para o domínio do público em geral.

1.2 O surgimento do livro

Os primeiros livros foram encontrados na Mesopotâmia, e acredita-se que surgiram há cinco mil anos, de diferentes formas e materiais. Os primeiros eram feitos de barro, quadrados, redondos, ovais, retangulares, e todos já numerados o que facilitava a sua consulta.



Fig. 05- Tábua de Argila



Fig. 06 - Óstraco

A importância da escrita fica mais evidente porque os livros surgiram a partir dessa invenção. Cada povo escrevia seu livro de acordo com os materiais disponíveis. Às vezes mais rígidos ou mais flexíveis, esses materiais iam desde a madeira até o tecido.

Para os materiais mais rígidos, os livros eram confeccionados de barro, através de placas, madeira, osso, bambu e até mesmo metal. Os chineses, por exemplo, utilizavam o bambu como material para a escrita. As tiras eram colocadas para secar e depois as fichas eram furadas nas extremidades e unidas por fios de seda.



Fig. 07 - Pergaminho



Fig. 08 - Papiro

Entretanto, a evolução da escrita está diretamente ligada a partir da utilização de materiais mais flexíveis como o papiro e o pergaminho. Muito utilizado pelos escribas, o papiro era feito com a secagem das plantas de mesmo nome. Criados pelos egípcios, os papiros também eram feitos em rolos, o que não facilitava a leitura, pois era necessário segurá-

los com as duas mãos. Com o pergaminho, obtido a partir do couro cru esticado, iniciou-se a possibilidade da escrita em suas duas faces, frente e verso, além da possibilidade de ser escrito e apagado por diversas vezes. Esse tipo de suporte à escrita possibilitou o desenvolvimento do codex que nada mais é do que o ancestral do livro contemporâneo. Iniciou-se a evolução dos manuscritos, com diferentes suportes facilitadores da escrita, até chegar ao papel tal como hoje o conhecemos.

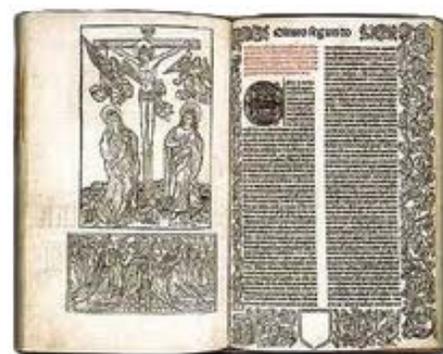


Fig. 09 - Vita - Christi

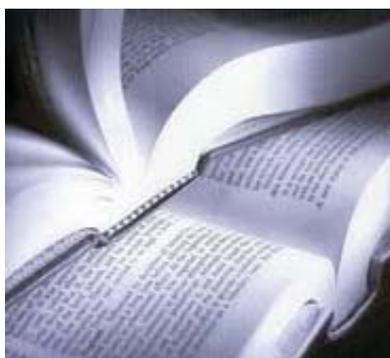
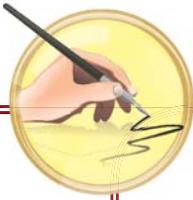


Fig. 10 - Livro Atual



Mãos à obra

Agora que você conheceu um pouco sobre a história da escrita é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos realizar a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluí-la.

Atividade 1:

1. Após leitura e reflexão sobre o surgimento da escrita e a sua importância para a introdução do que conhecemos por material impresso, responda:
 - a) Redija um pequeno comentário no qual conste a relação entre o desenvolvimento do homem em sociedade e a invenção do sistema de escrita.
 - b) De onde deriva o nosso alfabeto?
 - c) Observamos que a forma era o elemento fundamental para a formação dos sistemas de escrita. Além deste, que outro aspecto caracterizava cada sistema de escrita e como chegamos ao tipo de escrita utilizado nos dias de hoje?
2. Pelo que você aprendeu nesta aula, qual a importância em compreendermos o surgimento da escrita e a sua evolução? Argumente.

1.3 O desenvolvimento da mídia impressa

Como pudemos perceber, a comunicação sempre teve um papel de destaque durante o desenvolvimento dos povos. Com o crescente aumento da população entre diferentes os povos e suas diversas culturas, o número de informações aumentou o que fez com que o repasse dessas informações se adequasse e se especializasse, conforme a grande demanda de cada cultura. Com o surgimento do livro (o que caracterizamos anteriormente como a organização de informações através da escrita ao longo do tempo) e, principalmente, após os chineses inventarem o papel no séc. VI a.C., surgiu a imprensa a partir da invenção da tipografia por Gutenberg, em 1438, o que impulsionou de maneira fabulosa a propagação da informação.

A partir do séc. XV, os acontecimentos começaram a circular com informações das mais variadas, vindas do Ocidente, sendo registrados em papéis que circulavam nos grandes conglomerados urbanos, inicialmente por meio de gazetas, pasquins, folhetos e libelos. Da combinação desses tipos de impressos, surgiu, no séc. XVII, o jornal. Vale salientar que o termo imprensa deriva desse processo denominado de prensa móvel criado por Gutenberg e permanece até hoje, mesmo quando nos referimos aos meios radiodifusores e teledifusores, assim como áreas da própria internet.

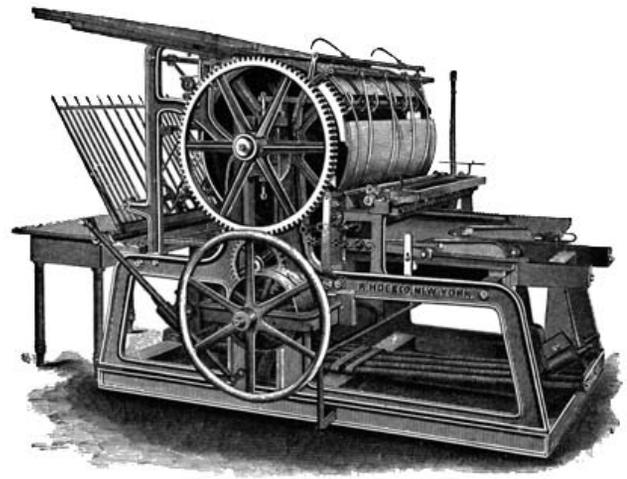


Fig. 11

A origem do jornal se deu primeiro na Europa e, posteriormente, em terreno norte-americano. Embora cada nação tivesse suas particularidades em relação à utilização e crescimento dos seus periódicos, o jornalismo, em geral, recebia rígida oposição dos governos, pois tinha como característica peculiar, além da informação, instigar os seus leitores ao senso crítico e à reflexão. Nessa mesma linha, surgiram as revistas, com apelo mais popular e variedade de conteúdos. Em seguida, já com fins mais didáticos, mas não menos informativos, chegaram os livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, dicionários. Outra grande revolução no meio impresso foi a entrada da propaganda com o objetivo de “vender” informações específicas para um tipo de grupo específico ou mesmo para o público em geral.



Fig. 12

1.3.1 O jornal

Com a origem do impresso periódico na Europa e, posteriormente, na América do Norte, o jornal ainda mantinha um crescimento restrito acompanhado de perto pela censura dos governos, o que fazia com que o mesmo não divulgasse informações de grande relevância até meados do final da Revolução Francesa quando, por causa dos acontecimentos ocorridos na revolução, passou a mostrar sua real função social e a despertar grande curiosidade do público leitor que começava a aumentar. Não por acaso, no Brasil, o despertar do público para os pequenos



Fig. 13

periódicos que iam surgindo estava atrelado quase sempre às revoluções como o período abolicionista.

Com a industrialização, a crescente mecanização tornou a impressão dos jornais mais barata, rápida e eficiente. No séc. XIX, grandes inovações trouxeram as imagens, quadrinhos, cadernos de tendências e as campanhas publicitárias, tímidas no início, mas que passaram a ocupar maior lugar de destaque nos periódicos, contribuindo para a continuidade de sua própria existência.

Diferentemente do que aconteceu no período da I Guerra Mundial, com o controle massivo dos governos frente à imprensa, os jornalistas desempenharam papel de destaque na II Grande Guerra, o que contribuiu para que o jornal conseguisse uma grande expansão diante do rádio e da televisão, por causa do grande interesse e da busca do público por informações sobre os acontecimentos que giravam em torno da guerra.

1.3.2 As revistas

As revistas situam-se em uma zona entre o jornal e o livro. Não possuem a velocidade ou capacidade informativa de um jornal e tampouco a profundidade literária ou didática dos livros. Caracterizam-se por artigos ligeiros, geralmente curtos, acompanhados de imagens e muita publicidade. Contudo, devido à qualidade excelente de suas fotografias e ilustrações de grande criatividade gráfica e tipografia mais sofisticada que as do jornal e de grande parte dos livros é o tipo de mídia impressa que é essencialmente visual, mas sem comprometer o seu conteúdo e a eficácia da leitura.



Fig. 14

Por ser um produto bem mais elaborado que o jornal, torna-se um grande expoente de comunicação que, de maneira sofisticada, funde o texto e a imagem com bastante eficácia. Mais próximo dos livros e mais distante dos jornais, carrega embutido em si o sinônimo de variedade. No início, em meados dos anos 1600, reunia assuntos variados, sob um mesmo tema. Nasceu de maneira segmentada, por temas, sobre teologia, ciências, literatura. Na França, em

meados dos anos 1670, com a mistura de temas bem variados debaixo de um mesmo título, apareceu o que conhecemos hoje como revista de interesse geral. (CORRÉA, 2005).

1.3.3 Livros didáticos e paradidáticos: com um pé na escola

Como já citado, os livros também desempenham um papel fundamental para a difusão de ideias, informações e fatos.

O livro didático é o material impresso mais frequente no ambiente escolar. Necessita estar sempre atualizado com as informações necessárias à promoção de atividades com textos de boa qualidade e que venham a facilitar na articulação entre texto-aluno. Embora seus conteúdos sejam quase sempre elaborados por seus autores de maneira sequencial, são os recortes necessários às necessidades da turma que fazem a diferença no seu uso em sala de aula.

Furlan (2002) observa a inserção e crescente circulação de livros paradidáticos nas escolas. Para esse autor, é o tipo de material impresso que cumpre o aprofundamento em conteúdos específicos que não se consegue apenas com o uso do livro didático. Eles se enquadram em todas as etapas da escolaridade, sendo bem utilizados para a leitura, fichamentos e resenhas.

Não entrando, neste momento, no mérito de um ou de outro tipo de livro, certamente é o material impresso que ainda tem um papel de poder bastante relevante entre grande parte de professores e alunos, embora frequentemente suscitando o debate sobre a validação do seu uso sem a inserção de novas mídias complementares ou até mesmo substitutivas.

Saindo do campo de ensino de língua materna, esse debate é bem menos frequente, pois há grande aceitação por parte dos educadores para esse tipo de material como componente obrigatório ao aprendizado de uma LE. Na esfera da leitura, gramática e escrita, é, muitas vezes, o único elo de contato do aluno com a língua alvo e, portanto, ainda merece destaque principalmente em cursos técnicos ou de idiomas.

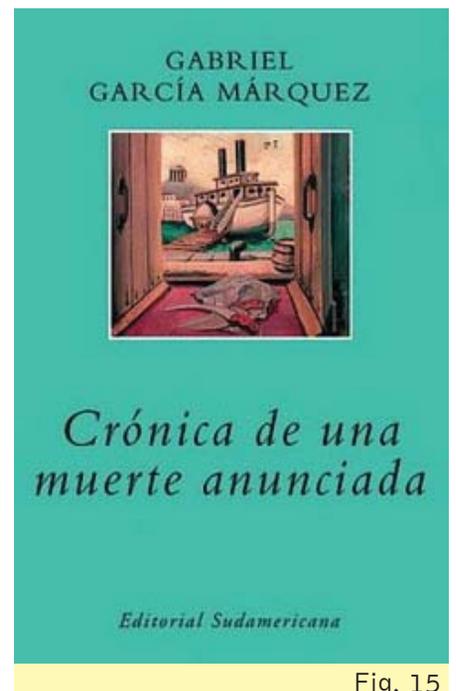


Fig. 15



Mãos à obra

Estamos conhecendo, de forma breve, algumas nuances do desenvolvimento da mídia impressa. Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos até essa etapa. Vamos, portanto, fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

Atividade 2:

1. Depois da descoberta da escrita, qual das seguintes mídias impressas impulsionou a divulgação de informações: o livro ou o jornal? Argumente.
2. Sobre o jornal, responda:
 - a) Como e onde surgiu? Em sua resposta, deixe clara a finalidade do jornal na época de seu surgimento, investigando se, nos dias atuais, a finalidade permanece a mesma.
 - b) Qual o papel dos governos na divulgação de informações? Faça uma relação entre o papel dos governos e épocas distintas.
 - c) Que acontecimentos impulsionaram o jornal? Justifique a contribuição de cada um deles.
3. Em sua opinião, as revistas apresentam algum tipo de vantagem sobre os jornais? Justifique.
4. Qual a relevância da utilização de livro didático e paradidático em aulas de LE?

1.3.4 Enciclopédias e dicionários

A palavra enciclopédia vem do grego enkyklos (circular) e paidéia (cultura), o que significa, em sua origem, um círculo completo do saber. Ela apareceu primeiramente no séc. XVI, mas tem Aristóteles como marco inicial por causa do conjunto de sua obra. No início, reunia um número variado de temas, organizado em grandes assuntos, e, posteriormente, sua concepção estético-formal foi se consolidando até apresentar-se como uma obra que abrange todos os assuntos, e que inclui recursos visuais. Hoje, está enfrentando um processo de “digitalização” com a velocidade de atualização e disseminação de informações da internet. A época de seu surgimento, por ser organizada em verbetes e por ordem alfabética, era chamada de dicionário.



Fig. 16



Fig. 17

O conceito atual de dicionário surgiu em meados dos anos 1500 na Itália. No ensino de LE, há muita controvérsia quanto ao uso do dicionário. Enquanto uma linha de pesquisa defende o contexto como única ferramenta para o entendimento de um vocábulo desconhecido pelo aluno, outros educadores, como Zucchi (2010), acreditam que, se utilizado de maneira correta, em situações específicas e de tipo adequado, é uma ferramenta eficiente principalmente para a compreensão da leitura. Mas há um consenso de que, se utilizado, deve ser manuseado de forma correta, o que infelizmente parece ser fator irrelevante para grande parte dos alunos.

O objetivo principal da utilização de um dicionário é a compreensão de um determinado verbe. Os dicionários mais utilizados nas aulas de LE são os dicionários bilíngues, onde aparecem os verbetes e seus significados tanto em língua materna quanto na língua alvo. Há outro fator de convergência entre os estudiosos em aprendizagem de línguas: o uso do dicionário monolíngue, ou seja, aquele que apresenta os verbetes e seus significados apenas na língua alvo (Español – Español).

1.3.5 A propaganda

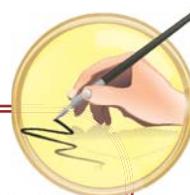
A propaganda impressa é um gênero flexível que comporta variações. Geralmente, é composta por imagens e textos, mas há aquelas cujo corpo textual desenvolve a ideia da informação sem a utilização de imagens e outras ainda que omitem ou diminuem esse corpo textual, colocando em evidência imagens, ícones ou logotipos. Existe um público-alvo a ser alcançado, o que determina o seu espaço de circulação e, portanto, o suporte que a abrigará: livro, jornal, revista, folheto, etc.

É um tipo de mídia encarada mais negativa que positivamente. Contudo, esse recurso midiático acaba sendo uma ótima maneira para conhecer um idioma, tendo em vista o tempo de exposição dos estudantes em processo de aquisição de uma LE, por isso o professor pode trabalhar todo o poder de influência que ele tem principalmente sobre as crianças e os jovens. Pode-se revelar como ótima fonte de conhecimento e informação, ajudando, tanto na construção da percepção crítica e analítica dos alunos quanto na observação dos defeitos e qualidades da publicidade.



Fig. 18

Mãos à obra

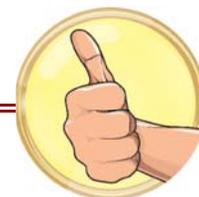


Nossa última atividade levará você a refletir sobre a enciclopédia, o dicionário e a propaganda. Vamos fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

Atividade 3:

1. Que tipo de peculiaridade relaciona a enciclopédia ao dicionário?
2. A utilização do dicionário na aula de LE, da forma como conhecemos hoje, é aceita pela maior parte dos estudiosos em línguas? Justifique.
3. Em sua opinião, qual ou quais vantagens o dicionário monolíngue apresenta, se comparado ao bilíngue?
4. Quais as principais características da propaganda impressa?

Já sei!



Nesta aula, iniciamos mais uma unidade. Discutimos, sem muitos detalhes, sobre a compreensão da mídia impressa. Contudo, fez-se necessário focalizarmos um pouco mais sobre o surgimento da escrita, fenômeno que revolucionou a comunicação e a interação entre os povos.

Destacamos todos os processos que culminaram no desenvolvimento do nosso alfabeto. Para tanto, passamos pelos principais registros impressos conhecidos, antes mesmo do surgimento da escrita como aprendemos nos dias de hoje até o aparecimento da imprensa.

Observamos, ainda, o desenvolvimento da mídia impressa,

seguindo um padrão coerente com os assuntos que foram desenvolvidos até esta unidade, por isso destacamos em especial, em cada aula, o desenvolvimento de cada tipo de mídia, até porque, em se tratando de processo de aquisição de LE, vale a pena a utilização de vários recursos midiáticos: assistir a novelas, ler jornais e revistas, ouvir música e até mesmo ler e/ou assistir às propagandas. Nesta aula, especificamente, tratamos da mídia impressa, veiculada fora e particularmente dentro do universo escolar.

Enfim, nosso próximo passo é passar para o estudo da compreensão de como cada mídia em particular pode contribuir de forma positiva para a melhoria do ensino de língua espanhola como LE. Suas características serão analisadas e avaliadas dentro de cada contexto histórico-funcional, de maneira mais detalhada e abrangente.

Tentamos trazer para você uma reflexão geral do poder da mídia impressa, mesmo diante de uma era de transformações tecnológicas e digitais, por isso explicitamos particularidades de cada um dos principais meios impressos de informação e comunicação. Esperamos que, a partir das próximas aulas, você possa dedicar-se ao estudo de como inseri-las no ambiente de aprendizagem de língua espanhola como ferramentas úteis de ensino.



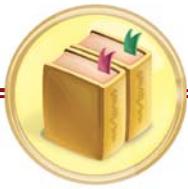
Autoavaliação

A mídia impressa passa por um processo de transformação nos dias de hoje. Com a chegada das novas mídias, cada vez mais a utilização do papel está em pauta em meio à discussão sobre conscientização da vida em um ambiente sustentável, o que colabora para que haja uma diminuição na fabricação desse tipo de material. Refletindo sobre o que aprendemos até o momento, é interessante entrarmos no debate quanto ao desenvolvimento da mídia impressa e o seu papel como veículo de comunicação, informação e utilização para fins didáticos. Esse debate deve ser entendido como uma estratégia de se preservar os vários tipos de mídias impressas, ou, no mínimo, estender as pesquisas na área para que uma possível substituição total pelas novas mídias seja mais bem avaliada, na busca de uma adequação que possa, quem sabe, até mesmo garantir a coexistência de ambas.

Após uma autoavaliação do que aprendeu, sugerimos que você:

1. Acesse a internet e, com a ajuda da ferramenta Google (HTTP://www.google.com.br), realize uma busca sobre os principais jornais e revistas de alguns países que tenham a língua espanhola como idioma oficial.
 - a) Procure em livrarias, sebos, ou bancas de jornal por alguma edição impressa desses periódicos e tente fazer uma leitura em casa com a ajuda de um dicionário, de preferência do tipo monolíngue. Após isso, apresente sua impressão quanto à leitura desse material com o auxílio do uso de um dicionário.
 - b) Escolha alguma matéria do jornal ou revista adquiridos e elabore uma pequena atividade para os colegas de turma, utilizando uma dessas mídias.
 - c) Que critérios você utilizou para escolher a matéria veiculada a ser utilizada em sala de aula como atividade? Houve alguma influência direta do que você absorveu nesta aula?
2. Pense na elaboração de uma propaganda impressa, em língua espanhola, sobre a importância da preservação do meio ambiente. Pode ser um folheto ou um cartaz, por exemplo. Que critérios você utilizaria para desenvolver esse projeto? Como equilibraria texto e imagens? Justifique.
3. Colocando-se na posição de aluno de língua espanhola, em que tipo de enciclopédia você gostaria de pesquisar um determinado assunto, a impressa ou a digital? Em sua opinião, qual a vantagem de se ter o material impresso e qual a vantagem desse material publicado digitalmente online? Justifique.

Atenção! Caso tenha tempo disponível, não é necessário adquirir os periódicos em LE. Basta, apenas, que você se dirija até alguma biblioteca pública que contenha material dessa natureza.



Leitura complementar

Para aprofundar seus conhecimentos a respeito do conteúdo estudado nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos no Google books:

Historia de la escritura: de Mesopotamia hasta nuestros días. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=4kb435l5GsYC&printsec=frontcover&dq=historia+de+la+escrita&hl=pt-BR&ei=6O9_Tt2kFMTVgQeXwsBa&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDkQ6AEwAA#v=onepage&q=historia%20de%20la%20escrita&f=false

História da imprensa no Brasil. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=GmRTJgaQ1WkC&pg=PA1&dq=o+desenvolvimento+da+imprensa&hl=pt-BR&ei=Nu5_Tv3fOZCugQfU8aE_&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCwQ6AEwAA#v=onepage&q=o%20desenvolvimento%20da%20imprensa&f=false

O capítulo 2 do livro: Educomunicação em Mídias – Jorani e cidadania. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=e68NvAujL48C&pg=PA29&dq=o+uso+da+m%C3%ADdia+imprensa+na+escola&hl=pt-BR&ei=9-5_TumGKs6utwfXhMTQCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CDsQ6AEwAw#v=onepage&q=o%20uso%20da%20m%C3%ADdia%20imprensa%20na%20escola&f=false

Nascidos para comprar.

Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=2rfSgGN81qoC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>



CORRÊA, T. S. **Como nascem, vivem e morrem as revistas**. In: Revista Plug. São Paulo: Editora Abril, 2005.

FURLAN, S. A. **A Geografia na sala de aula: a importância dos materiais didáticos**. Brasília: MEC/Seed, 2002.

PEIXOTO, R. S. **Um breve apanhado sobre a história da imprensa**. Minas Gerais: UFMG, 2007.

ROCHA, R.; ROTH, O. **A história do livro**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

ZUCCHI, A. M. T. **O dicionário nos estudos de línguas estrangeiras: os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2010.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://perlbal.hi-pi.com/blog-images/499063/gd/1232390303/34-A-Mensagem.jpg>

Fig.2 – <http://giramundo-cirandeira.blogspot.com/2011/08/um-b-com-be-baii.html>

Fig.3 –

Fig. 4– <http://facersdigital.blogspot.com/2010/09/historia-da-escrita.html>

Fig. 5– <http://encyclopediaurantia.org/images/bm014.jpg>

Fig. 6– http://2.bp.blogspot.com/_GVGS41sQxmU/S_KfCJyp4sI/AAAAAAAAACY/o5ITC8C73cQ/s320/%C3%93straco.JPG

Fig. 7– <http://universidicas.blogspot.com/2010/07/evolucao-do-livro.html>

Fig. 8– <http://universidicas.blogspot.com/2010/07/evolucao-do-livro.html>

Fig. 9– <http://universidicas.blogspot.com/2010/07/evolucao-do-livro.html>

Fig. 10– <http://universidicas.blogspot.com/2010/07/evolucao-do-livro.html>

Fig. 11– <http://masterverkpt.wordpress.com/2010/03/12/prensa-movel/>

Fig. 12– <http://pictures.todocoleccion.net/tc/2009/09/19/15005873.jpg>

Fig. 13– http://www.elpais.com/postales/images/postales_real/9oscra.jpg

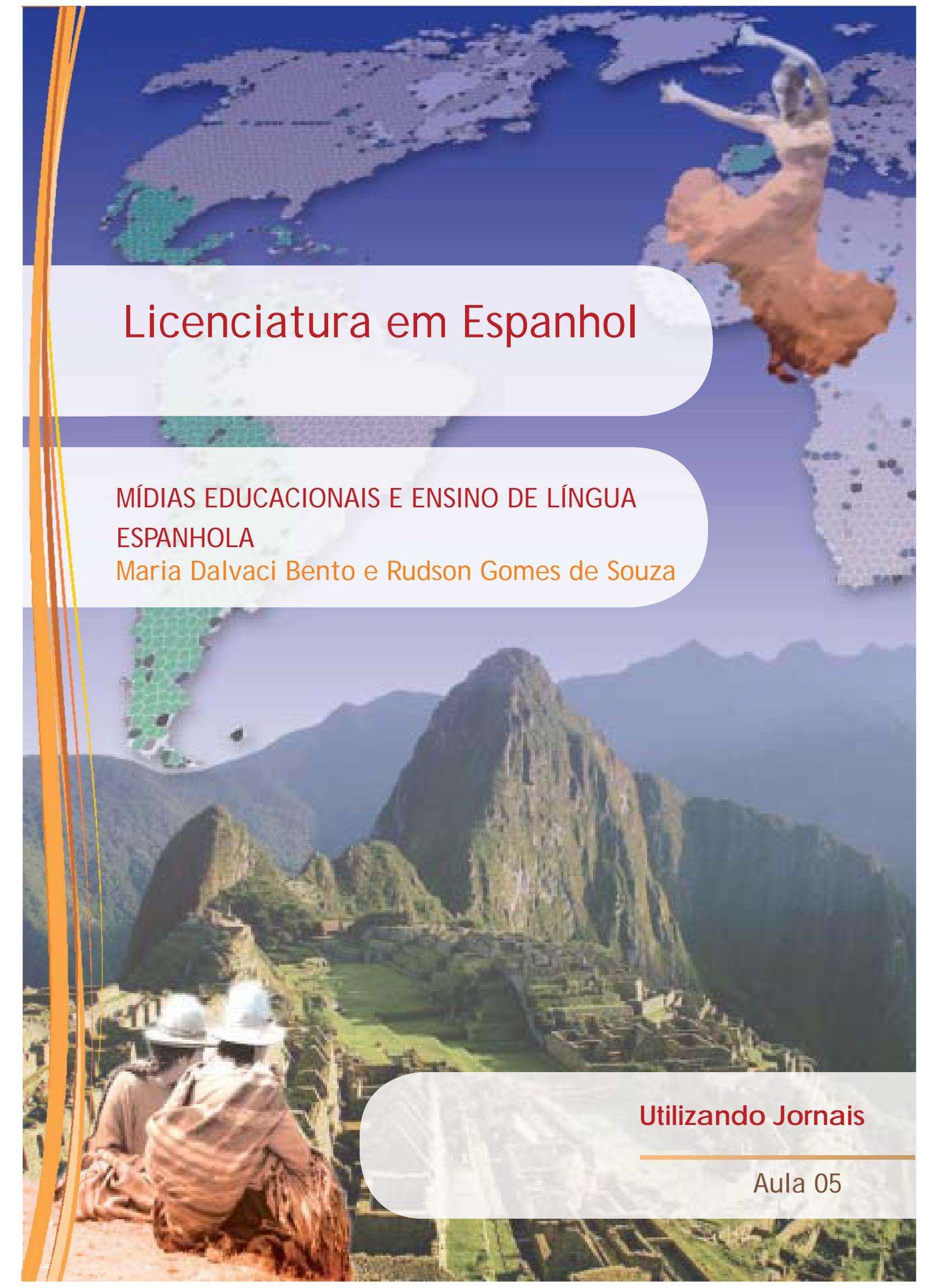
Fig. 14– http://3.bp.blogspot.com/_urRfiQFZIYE/TGRD0iL63kI/AAAAAABPU/StDOzKMVSec/s400/TELVA-REVISTA+FEMENINA.jpg

Fig. 15– http://3.bp.blogspot.com/_lHgXQZrVn8E/S4Fea1QkteI/AAAAAAAAAYY/w0IeudNIK1M/s400/cronica_de_una_muerte_anunciada.jpg

Fig. 16 – <http://www.libreriaLuces.cl/images/6030.jpg>

Fig. 17– http://api.ning.com/files/tAxqucRfG3TkVQTb56dZFpOHGRyMMf3B472vU5xfy22jtXYxTC86U*noaiJdv03LLodM6MH*bV7JYp1d319xjSzNfXvKVGZ/mafaldaylademocracia.jpg

Fig. 18– http://3.bp.blogspot.com/_pJ5hWSXubo/SlyrI2iN_kI/AAAAAAAAAGM/JUS8ZTNDRGQ/s400/NIKE_CR9.jpg



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Utilizando Jornais

Aula 05

Apresentação e objetivos

As possibilidades de desenvolvimento de um trabalho pedagógico utilizando textos de jornais envolvem, ao mesmo tempo, atividades de oralidade, leitura e escrita de textos com o propósito maior de formar leitores críticos de jornais. O tratamento de análise da informação envolve determinados conhecimentos que a escola pode proporcionar aos alunos.

Nesta aula, iremos fazer uma breve abordagem a respeito do uso dos textos de jornais nas atividades pedagógicas. Em seguida, apresentaremos as três funções de linguagem predominantes no texto jornalístico (referencial, emotiva e conativa). Mostraremos atividades que analisam as formas variadas que podem ter a informação de um mesmo fato. Apresentaremos, também, alguns gêneros textuais presentes no jornal e que podem ser utilizados nas atividades pedagógicas. E, por último, destacaremos a utilização do jornal nas aulas de língua espanhola.

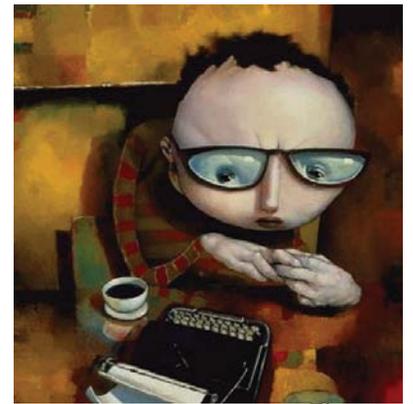


Fig. 01

Ao final desta aula, você deverá:

- identificar, em textos jornalísticos, a função de linguagem predominante;
- reconhecer as características dos principais gêneros textuais do jornal;
- identificar possibilidades de utilização de jornais na sala de aula.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(o)!

Estamos convidando-o para uma nova aula. Nesta, teremos contato com diferentes sugestões de atividade que possibilitarão ampliar os conhecimentos no que se refere à análise de conteúdo dos textos presentes em jornais.

Você vai perceber que esta aula é bastante dinâmica, uma vez que diferentes atividades são apresentadas para desenvolver um trabalho pedagógico com o jornal em sala de aula.

O texto está organizado com uma linguagem clara, de forma que facilita a compreensão de seu conteúdo veiculado.

Além disso, você realizará algumas atividades reflexivas que contribuirão para aprofundar cada vez mais sua compreensão a respeito dos conteúdos propostos.

Abraços!



Assim é

Historiando o jornal

Os mais antigos jornais republicanos (1848)



A Alvorada É Tarde O Regenerador O Republicano A Fraternidade A República
Fig. 02

O surgimento do jornal é marcado pelo desenvolvimento da

escrita. Como uma das principais mídias impressas, no início, ele tinha como função principal veicular fatos que tivessem ligação com os reis e poderosos, com a contabilidade do comércio e dos orçamentos reais ou urbanos. (FARIA, 1997). Aos poucos, a escrita passou a contemplar as ciências, a filosofia e a literatura recreativa. Por essas e por outras razões, o texto escrito tornou-se instrumento de poder de ricos e poderosos.

Com o tempo, os jornais se modernizaram, ganharam cada vez mais popularidade, mas somente uma coisa não mudou: o poder da informação ainda está concentrado nas mãos dos poderosos. As informações são manipuladas e filtradas pelos donos de jornais de forma que cheguem aos leitores, aquilo que é do interesse desses poderosos e do jeito que lhes são mais convenientes.

Por isso, o trabalho com as formas de informação na sala de aula se fundamenta em dois aspectos: a) o aprofundamento do domínio da língua; e b) o desenvolvimento da leitura crítica.



Fig. 03

A utilização do jornal nas atividades pedagógicas

Uma das principais características do jornal é a instantaneidade da notícia, uma vez que sua relevância só se dá no dia de veiculação, ou seja, o jornal é o registro da história cotidiana.

Outro traço marcante do jornal é a sua linguagem, que é rica e diversificada. Para participarmos da avaliação e da elaboração de um texto jornalístico, é necessário ter amplo conhecimento da linguagem de uma forma geral, mas também de forma particular, das funções de linguagem que estão presentes no texto jornalístico: função referencial, expressiva ou emotiva e conativa.



Fig. 04

Tratamos, aqui, do jornal como mídia impressa, mas sabemos que os jornais hoje têm suas versões online. Para transmitir as informações, o jornal utiliza-se de texto escrito, imagens, bem como a disposição de cada informação por página e seções.

Para os professores, os jornais trazem inúmeras possibilidades de uso de seu conteúdo nas atividades pedagógicas, pois favorecerá o aluno a ter contato com a linguagem informativa, o que os aproxima dos

fatos ocorridos no próprio dia. A utilização dos textos jornalísticos nas atividades pedagógicas contribui para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo, crítico e diversificado. A riqueza de informações possibilita ao professor desenvolver atividades de leitura, de escrita e produção de textos.

Compreendemos que o desenvolvimento de uma proposta de construção de um jornal na sala de aula, favorece, ao mesmo tempo, a pesquisa, o trabalho em equipe e a dinamicidade de atividades desenvolvidas. Porém, o professor deve ter atenção para que as informações postas no jornal da sala de aula não sejam copiadas das fontes, mas pesquisadas e elaboradas pelos próprios alunos. Esse trabalho, por sinal, deve ser orientado pela pesquisa tanto nos meios convencionais, quanto na internet. Além da pesquisa, exige trabalho de edição de textos, ferramentas de editoração de jornal, manuseio de imagens, entre outros.

No entanto, não podemos deixar de dizer que o jornal impresso ainda é pouco utilizado nas atividades pedagógicas, mesmo apresentando uma variedade de gêneros textuais, bastante necessários de estarem incluídos nas referidas atividades. Os textos de jornal favorecem o planejamento de atividades que tenham como foco a formação do leitor crítico, o que, muitas vezes, pode não ser fácil para muitos professores. Para alguns, a não utilização pode estar relacionada à dificuldade de acesso ao jornal impresso; para outros, pode ser insegurança para realizar um trabalho crítico de tratamento da informação, que é um elemento essencial das mídias impressas.



Mãos à obra

Agora que você estudou, um pouco, a respeito da utilização do jornal nas atividades pedagógicas, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. Apresente três motivos que justifiquem a importância de os professores utilizarem os jornais na sala de aula.



A rectangular box with rounded corners and a double-line border, containing ten horizontal lines for writing.

A linguagem do jornal

A linguagem presente nos textos jornalísticos traz o caráter padrão da língua, porém sem se afastar do vocabulário do leitor. Exige o máximo de informação possível, com clareza e precisão. Uma das principais características da linguagem desses textos é a construção de períodos curtos, evitando frases na ordem inversa, ou seja, as frases devem ser escritas de forma direta. Os termos coloquiais ou as gírias devem ser usados somente em casos especiais. É importante, também, que os termos técnicos ou complexos sejam evitados, porém, se realmente for necessários redigi-los. coloque entre parênteses o seu significado.

A escolha da linguagem utilizada no jornal é a essência do jornalismo. Das funções da linguagem abordadas pela linguística, três delas são as mais utilizadas no jornal: a função referencial, a expressiva ou emotiva e a conativa. Essas três aparecem juntas no jornal, porém uma delas sempre se destaca em relação às outras. Por exemplo, há jornais que enfatizam o aspecto referencial das informações; já, outros, enfatizam a função emotiva, quando privilegiam o sensacionalismo nas notícias. (FARIA, 1999).

1. Função referencial

A função referencial no jornal tem como propósito apresentar a informação sem distorções e de forma bastante direta entre os fatos acontecidos e a notícia propriamente dita (embora não seja comum). Assim, através dessa função de linguagem, podemos observar se há

seriedade no jornal. Um dos traços marcantes dos jornais que têm a função referencial como predominante é trazer poucas fotos e ter manchetes pequenas.

Vejamos o seguinte exemplo:

Medidas barateiam produtos e crédito¹

O governo federal anunciou ontem um pacote de incentivos fiscais que promete baratear produtos como eletrodomésticos, massas alimentícias e empréstimos para o consumidor, numa ofensiva para minimizar os efeitos da crise global e reforçar o fôlego da economia, que vinha emitindo sinais de desaceleração este ano. As medidas dão novo ânimo ao comércio no melhor período de vendas para o setor e, no Rio Grande do Norte, não serão as únicas a representar alívio no bolso. Isso porque, também ontem, a Secretaria Estadual de Tributação anunciou que o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) terá redução média de 4,23% no estado. A queda no IPVA 2012 é prevista para os donos de veículos registrados até dezembro de 2011.

(Jornal Tribuna do Norte, 02/12/2011)

2. Função expressiva ou emotiva

Esta função da linguagem centra-se naquele que redige a notícia e tem como objetivo transmitir a emoção de quem redige a notícia, ou seja, o mais importante não é o conteúdo da notícia veiculada, mas a emoção com que isso é feito. Ela é muito presente, principalmente, nas seções do jornal em que permite a expressão de opinião como o editorial, artigos de opinião, enquetes, entrevistas, crônicas, notas, etc.

Veja o exemplo:

Editorial: O mal a evitar²

A acusação do presidente da República de que a Imprensa “se comporta como um partido político” é obviamente extensiva a este jornal. Lula, que tem o mau hábito de perder a compostura quando é contrariado, tem também todo o direito de não estar gostando

1 Disponível em: www.tribunadonorte.com.br

2 Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,editorial-o-mal-a-evitar,615255,0.htm>

da cobertura que o Estado, como quase todos os órgãos de imprensa, tem dado à escandalosa deterioração moral do governo que preside. E muito menos lhe serão agradáveis as opiniões sobre esse assunto diariamente manifestadas nesta página editorial. Mas ele está enganado. Há uma enorme diferença entre “se comportar como um partido político” e tomar partido numa disputa eleitoral em que estão em jogo valores essenciais ao aprimoramento se não à própria sobrevivência da democracia neste país.

(Texto publicado na seção “Notas e Informações” da edição de 26/09/2010).

3. Função conativa

Diferentemente da função expressiva ou emotiva, a função conativa é centrada no interlocutor e visa influenciar seu comportamento. No jornal impresso, podemos perceber o emprego dessa função nos textos publicitários, avisos, cartazes, textos políticos (pedir votos em campanhas eleitorais), etc. O uso dessa função na imprensa é muito grande, tanto de forma declarada como disfarçada, independente de ser em textos publicitários ou textos com a intenção de passar uma versão específica dos fatos.

Vejamos o seguinte exemplo:

Enquete

25/11/2011 - 23h59

Nos últimos 12 meses, você usou preservativo?

Nos últimos 12 meses, você usou preservativo?

- Não usei
- Sim, na maioria das vezes
- Claro, toda vez
- Só em algumas transas
- Não fiz sexo

Atenção: o resultado desta enquete não tem valor de amostragem científica e se refere apenas a um grupo de leitores do Agora São Paulo.

³(Agora São Paulo, 02/12/2011)

O professor deve chamar a atenção dos alunos para o fato de os jornais sensacionalistas utilizarem a combinação da função emotiva ou expressiva com a função conativa e fazerem pouco uso da função referencial.

³ Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/>



Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver uma atividade sobre as funções da linguagem predominantes no jornal. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Vejamos o seguinte trecho de uma notícia:

Polícia prende oito no Rio por lavagem de dinheiro

Oito pessoas foram presas ontem na Operação Scriptus da Polícia Civil do Rio para desarticular um dos esquemas de lavagem de dinheiro dos traficantes da facção criminosa Comando Vermelho, chefiado pelo traficante Luiz Fernando da Costa, o Fernandinho Beira-Mar, que movimentou R\$ 61,8 milhões em um ano. As investigações começaram há dez meses, após a descoberta de 14 manuscritos de Beira-Mar encontrados em favelas do Complexo do Alemão (zona norte da cidade), com instruções aos comparsas do Comando Vermelho, além de comprovantes de depósitos bancários e notas fiscais.

(Jornal Tribuna do Norte, 02/12/2011)

2. Especifique a função de linguagem predominante nesse trecho de notícia. Em seguida, comente a linguagem usada e a estrutura da notícia.

O tratamento do conteúdo da informação

A partir de agora, faremos uma explanação de atividades que o professor pode desenvolver com seus alunos sobre o texto jornalístico. Essas atividades demonstrarão diversas formas de tratar a informação sobre um mesmo fato, de acordo com a linha que o jornal segue. Elas, também, contribuem para o desenvolvimento do senso crítico do aluno diante da exploração de textos jornalísticos.

O professor pode realizar o seguinte trabalho:

Inicialmente, junto com os alunos, selecionar um fato que tenha tido grande repercussão ou outro que chame a atenção dos alunos, que pode ser um acontecimento político, um jogo ou campeonato esportivo, um acidente de grandes proporções, um crime, etc. Em seguida, podem escolher dois jornais para que verifiquem como a mesma notícia foi abordada nos dois jornais. Caso não circule jornal na cidade onde o aluno vive, o professor poderá sugerir que o aluno acesse jornais online, faça a impressão e traga para a sala de aula. Se isso não for possível, o professor deverá levar os jornais. Caso a escola tenha laboratório de informática com acesso à internet, a turma pode acessar os jornais, também, dessa forma.



Fig. 05

De posse dos jornais, o professor pode dividir a turma em grupos e solicitar que cada grupo identifique número de páginas reservadas ao assunto e o número de fotos sobre o assunto.

Em seguida, deve propor que os alunos façam **a análise do conteúdo da informação**, começando pelas manchetes e títulos, seguindo para fotos e legendas e, depois ir para os editoriais, slides, reportagens, artigos, etc. Vejamos, como exemplo, as manchetes e títulos:

- Os grupos devem analisar as informações veiculadas pelos jornais e, considerando as funções da linguagem estudadas (e que são inerentes ao texto jornalístico), identificar a linha de cada um dos jornais, ou seja, reconhecer se o jornal é mais informativo, mais sensacionalista, etc.
- Em seguida, verificar: a) se há precisão ou não na informação; b) em qual dos dois jornais, a informação é mais rica de detalhes.

- Ao analisar as informações, os alunos devem, também: a) identificar se o jornal estudado pretende informar o leitor (função referencial); b) se pretende influenciar o leitor (função conativa); ou c) se pretende emocionar o leitor (função expressiva ou emotiva).

Por último, cada grupo pode escrever um texto sintetizando toda a análise feita.

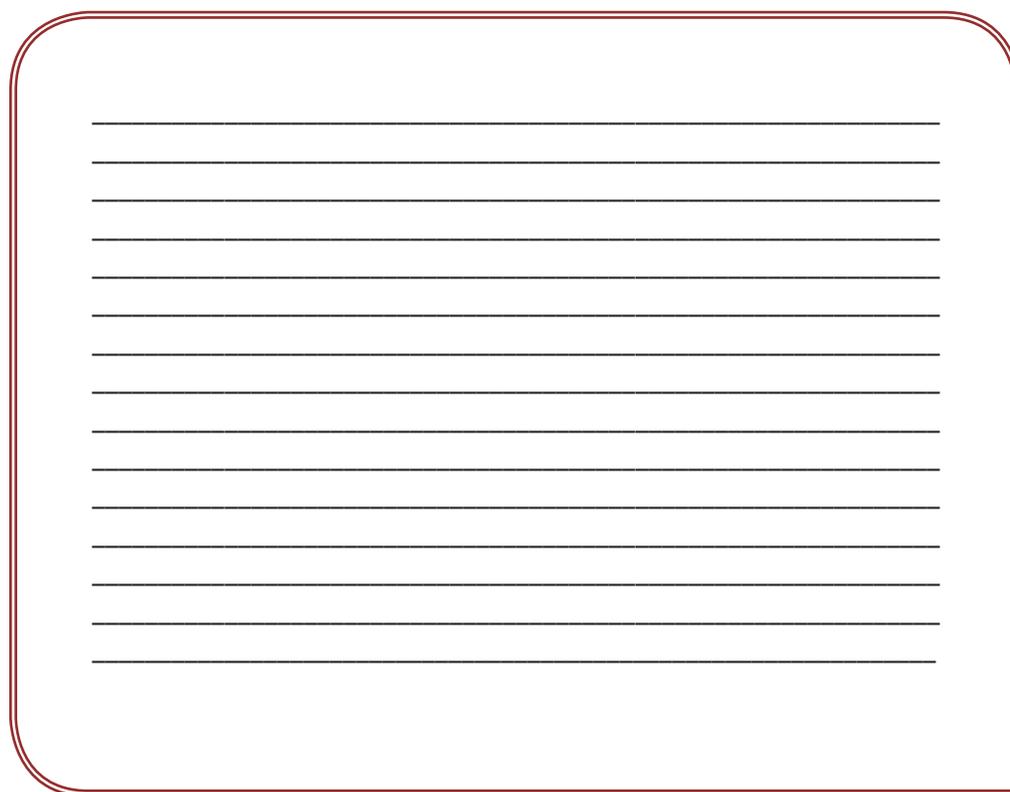
Enfim, para as demais partes do jornal, pode ser seguido o mesmo roteiro, porém chamamos a atenção para os editoriais, lides, reportagens, artigos, pois é um trabalho bem mais complexo, já que são textos mais longos. A profundidade desse trabalho de análise da informação vai depender da turma onde será aplicado. O professor, ainda, pode desenvolver esse trabalho de qualidade da informação utilizando um texto impresso e um telejornal.



Mãos à obra

Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

3. Há críticas em relação à utilização do jornal em sala de aula, apontando que, muitas vezes, o professor desenvolve a atividade com o jornal de forma mecânica, limitando-se a recorte e colagem de trechos, e/ou usando-o como pretexto para análise gramatical, sem ser feita uma **análise do conteúdo da informação**, parte essencial nesse trabalho. Portanto, considerando que a análise do conteúdo da informação é o fundamento da atividade com textos jornalísticos na sala de aula, aponte alguns cuidados que o professor deve ter ao fazer essa análise.



Gêneros jornalísticos nas atividades pedagógicas

O jornal comporta diferentes gêneros textuais, porém escolhemos alguns deles para serem explorados nesta aula: notícia, reportagem, fotos e legendas, enquetes e entrevistas e editorial.

Primeiramente, destacamos que as sugestões que serão propostas envolverão tanto jornal quanto revista e contemplarão dois tipos de atividades:

- a) atividades em que são selecionados os assuntos em jornais ou revistas;
- b) atividades em que os alunos produzam os textos a partir de dados levantados por eles mesmos em contato com a comunidade.

Salientamos que, em qualquer uma dessas atividades, o roteiro a seguir será o mesmo, conforme o proposto:

- Organização dos alunos em grupos.

- Escolha do tema a ser trabalhado.
- Definição da forma de levantamento dos dados.
- A busca de informações através de pesquisa em livros, jornais, revistas, pesquisas de campo como entrevistas, reportagens, fotos, etc.
- Avaliação e seleção de todos os dados levantados.



Fig. 06

- Redação do texto final.
- Apresentação final do trabalho (em forma de jornal; jornal mural; ou outro tipo que desejar).

O trabalho de levantamento dos dados é importante porque permite ao aluno ter informações necessárias para poder organizar seu texto com coerência. Além disso, sabemos que muitos alunos não conseguem escrever bem porque lhes falta a informação.

Agora nos deteremos em cada gênero textual presentes no jornal:

A **notícia** é um texto objetivo, direto. Ela deve expor fatos e não opiniões. É preciso investigar e apurar os fatos, selecionar os mais importantes e interpretá-los. A função de linguagem predominante na notícia deve ser a referencial. Sua principal característica é o predomínio da narração, sendo destacados os principais elementos do texto narrativo: fato, pessoas envolvidas, o lugar onde o fato ocorreu, o tempo em que ocorreu o fato, como e por que o fato ocorreu.

Há um elemento bastante importante referente a notícia (como, também, a reportagem) que é o *lead*. Este se encontra na primeira página do jornal e se constitui de um resumo da notícia (que constará nas páginas seguintes do jornal)

E como utilizar a notícia nas atividades pedagógicas? Uma atividade a ser proposta pode ser comentar uma notícia. O aluno pode trazer para a sala de aula, o recorte de uma notícia de seu interesse e o grupo deve discutir a notícia oralmente e/ou por escrito. A partir de cada apresentação dos grupos, a turma pode acrescentar outros comentários, concordando ou não com a opinião do grupo. Por último, o grupo redige o texto final com as sugestões do restante da turma.

Outra sugestão para se trabalhar com a notícia de jornal é trazer para a sala a primeira página de alguns jornais. Os grupos devem fazer comparações da qualidade da informação de lides de mesmo assunto em

jornais diferentes, destacando: a) abrangência da informação; b) riqueza de detalhes; c) seriedade da informação, etc. Por último, o grupo deve reescrever um dos textos, acrescentando todas as informações levantadas sobre o assunto, em todos os jornais.

A **reportagem** segue os mesmos critérios rigorosos da notícia, porém o que a faz ser diferente da notícia é o fato de sua apresentação ser mais livre, mais variada e só se esgotar no amplo relato dos fatos. Sair da notícia e ir para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação do fato. Ou seja, a ênfase será no detalhamento dos fatos, questionando suas causas e efeitos, na interpretação dos fatos e no impacto causado por eles. Apresenta variadas versões e opiniões de um mesmo fato. Outro traço marcante da reportagem é que, normalmente, estabelece relação entre um fato central e fatos paralelos, por meio de fotografias, trechos de entrevistas, etc.

Assim, quando o professor vai propor aos alunos o trabalho de produção de uma reportagem, logicamente, já tem feito o trabalho de **análise do tratamento da informação** (conforme já explanado em atividades anteriores). Em seguida, pode ser preparada a pauta (dirigida pelo professor) do assunto que será desenvolvida na reportagem e de como isso será feito. Nessa pauta, deve constar o enfoque a ser dado ao assunto, leituras prévias que os alunos devem fazer sobre o assunto e as atividades a serem desenvolvidas até a redação final da reportagem.

O trabalho de campo envolve as atividades que foram decididas e que estão na pauta, como: levantamento de dados, observação direta dos fatos, realização de entrevistas, etc. Depois desse trabalho, o próximo passo é a apuração dos fatos, sua análise, organização e, por último, a redação da reportagem. Os alunos serão orientados a escrever uma reportagem.



Fig. 07



Fig. 08

As **fotos e legendas** são gêneros textuais presentes em jornais e revistas.

As fotografias (mas também, os gráficos e as tabelas) servem para ilustrar as matérias jornalísticas. Uma boa foto jornalística é aquela em que o fotógrafo capta o fato no momento principal. O valor informativo e a nitidez da foto são considerados seus principais critérios de qualidade. Para se avaliar uma foto como boa, ou não, deve-se verificar se é inédita, se

causa muito impacto e se é expressiva (critérios também utilizados para se avaliar um bom texto). Uma boa fotografia jornalística deve sempre destacar o detalhe essencial da notícia. Como exemplo, podemos pensar que a ilustração de uma boa jogada (quando se trata de futebol) deve focalizar os pés dos jogadores.

Para trabalhar com fotos jornalísticas nas atividades pedagógicas, normalmente, o professor vai utilizar recortes de jornal e revistas, pois nem sempre os alunos terão condições de fazer as fotografias. É preciso orientar os alunos a fazerem a leitura das fotos. Uma forma de ensinar esse tipo de leitura é levar os alunos a observarem os cenários, os trajés, os gestos de personagens das telenovelas; essa atividade pode ser orientada no sentido de se fazer uma leitura crítica, mas ao mesmo tempo, poderá ser bastante prazerosa.

Qualquer ilustração deve vir sempre acompanhada de legenda. A legenda é um texto curto (frase) e sempre vem cumprindo duas funções: a) descreve a ilustração; b) apresenta uma informação sobre o fato destacado na notícia. A intenção principal da legenda é ajudar o leitor a entender a foto.

As legendas permitem ao professor desenvolver várias atividades na sala de aula envolvendo análise e/ou elaboração de legendas. O professor pode pedir que os alunos selecionem algumas fotos de jornal com suas legendas e tragam para a sala de aula. A partir daí pode ser feita a análise das fotos e das legendas, considerando as orientações apresentadas, aqui, anteriormente (quanto à análise do conteúdo da informação). O professor pode, também, solicitar que os alunos tragam as fotos de jornal sem as legendas para que seja feita a análise das fotos e a criação das legendas. E, por último, pode produzir o texto jornalístico.



Fig. 09

As **enquetes e entrevistas** são consideradas as principais formas de se buscar dados para as notícias e reportagens. Podemos distinguir enquete de entrevista da seguinte forma: a **enquete** é um tipo de entrevista feita com um grupo de pessoas sobre um determinado assunto para conhecer as diferentes opiniões a respeito do referido assunto; a entrevista é a matéria jornalística que envolve perguntas e respostas.

Os principais tipos de entrevistas são: a) a entrevista noticiosa (ênfase na busca de informações que se tornarão notícias); b) entrevista de opinião (levantar opinião do entrevistado sobre assunto pesquisado); c) entrevista coletiva (entrevistado responde perguntas de diversos

repórteres.

As entrevistas podem ser realizadas por meio de gravações ou de anotações. Para realizar uma entrevista, o entrevistador deve levantar informações sobre o entrevistado, bem como o tema da entrevista. Além disso, precisa marcar com antecedência a entrevista, informar ao entrevistador o assunto e a duração da entrevista.

As atividades pedagógicas, utilizando a entrevista, apresentam ricas possibilidades de trabalho, principalmente, com a oralidade (no momento das perguntas e respostas), a leitura (a prévia de textos sobre o assunto) e a escrita (a redação do texto para a reportagem). Enfatizamos que a redação final do texto contemplará todas as informações, ideias, etc, fornecidas pelo entrevistado.

O professor deve sempre organizar a turma por equipes, pois facilita aos alunos tanto a realização da entrevista, quanto a redação do trabalho final.

O **editorial** é considerado o texto mais difícil de um jornal, pois esse texto define a posição do jornal a respeito dos fatos que estão mais em evidência no momento. Desenvolver atividades com os alunos utilizando um editorial é um momento rico de possibilidades para os alunos explorarem a leitura crítica do jornal (nos outros gêneros textuais, também). É um texto opinativo sobre as principais notícias presentes no jornal. Ao mesmo tempo, esse texto oferece subsídios para os alunos compreenderem a construção do texto argumentativo.



Fig. 10

O professor pode levar para a sala de aula alguns editoriais e fazer um trabalho de **análise da informação**, seguindo as orientações que já tratamos anteriormente. Quando os alunos já estiverem mais familiarizados com esse tipo de texto, podem passar para a produção de textos dissertativo-argumentativos.

Tomamos, como exemplo, esses gêneros textuais, mas o professor pode explorar todos os outros gêneros presentes nos jornais (anúncio, classificados, notas, etc), uma vez que as orientações sobre como analisar o conteúdo da informação apresentadas, aqui, serve de parâmetro para qualquer outro texto jornalístico.

novas manchetes e novos títulos para as notícias, a partir do trabalho de análise já realizada, em espanhol.

- Com relação à **notícia**: após todo o trabalho de análise de notícias em sala de aula (seguindo orientações anteriores), o professor poderia propor a elaboração de pequenas notícias escritas em espanhol.
- Com relação à **reportagem**: como este é um texto mais longo, poderia ver a possibilidade de produzir uma reportagem coletiva (professor e alunos) em espanhol.
- Com relação às **fotos e legendas**: as mesmas sugestões de atividades desenvolvidas apresentadas, anteriormente, podem ser utilizadas nas atividades de língua espanhola. Não será um trabalho difícil, pois são utilizadas, apenas frases, nas legendas.
- Com relação às **enquetes e entrevistas**: o entrevistado poderia ser alguém que dominasse a língua espanhola, pois facilitaria a realização da entrevista por parte dos alunos. Nesse caso, as perguntas devem ser elaboradas pelos alunos, juntamente, com o professor. Esse é um ótimo exercício para os alunos aperfeiçoarem a língua espanhola.
- Com relação ao **editorial**: pode ser utilizado o mesmo procedimento da notícia ou da reportagem, por exemplo.

Evidentemente que outras propostas podem ser desenvolvidas com os textos jornalísticos, porém, reafirmamos que a primeira de qualquer atividade, envolvendo as mídias, deve ser o tratamento de análise do conteúdo da informação – e foi o que se propôs aqui.

Queremos, por último, destacar que, da mesma forma, os jornais e as revistas possuem uma variedade de gêneros textuais que podem ser explorados nas atividades pedagógicas. Todas as orientações apresentadas aqui, a serem desenvolvidas, utilizando o jornal, podem ser aplicadas para o trabalho pedagógico com as revistas.



Fig. 11



Já sei!

O jornal como uma mídia de grande alcance deve ocupar espaço nas atividades pedagógicas. A preocupação com a formação de leitores críticos de textos jornalísticos deve ser o fio condutor para que o professor possa explorar os respectivos textos nas atividades pedagógicas.

O conhecimento da linguagem que permeia o jornal é fundamental para a compreensão dos fatos mostrados nele, identificando aqueles que veiculam a informação de acordo como os fatos se deram, daqueles em que a ênfase está no exagero da notícia, que procura desviar do sentido real de como os fatos aconteceram.

O trabalho pedagógico com uma diversidade de gêneros textuais do jornal, na sala de aula, contribui para o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem, uma vez que possibilita o contato dos alunos com textos que contribuirão para ampliar os aspectos da língua, relacionados à oralidade, à leitura ou à escrita, de forma crítica e criativa.



Autoavaliação

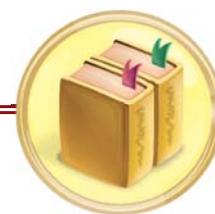
De acordo com o texto de nossa aula, há dois tipos de atividades relacionadas aos gêneros textuais presentes nos jornais (e revistas) que podem ser desenvolvidos em sala de aula: a) as atividades em que nos utilizamos de recortes em jornais (e revistas); e b) as atividades levem o aluno a construir textos a partir de dados levantados por ele mesmo. Nesta atividade, vamos utilizar a opção "a". Portanto:

- Escolha dois jornais de circulação em seu Estado.
- Com os jornais em mãos, escolha um gênero textual presente no jornal (título e manchete, notícia, reportagem, fotos e legendas, enquetes e entrevistas ou o editorial) para realizar sua atividade.
- Escolha o assunto a ser explorado nos dois jornais

Veja em cada um dos jornais:

1. Qual o tema veiculado? Indique a data de veiculação dos jornais.
2. Há precisão, ou não, na informação?
3. Em qual dos dois jornais, a informação é mais rica de detalhes?
4. Identifique se cada um dos jornais estudados pretende informar o leitor (função referencial); b) se pretende influenciar o leitor (função conativa); ou c) se pretende emocionar o leitor (função expressiva ou emotiva).
5. Informe se cada um dos jornais trata o assunto de forma direta ou se você percebe que algum deles (ou os dois) é tendencioso (por exemplo: demonstra privilegiar um grupo político, ou determinada empresa, ou uma pessoa com alto poder aquisitivo, etc.). Como você percebe isso?
6. Que atividades podem ser exploradas em aulas de língua espanhola, a partir do gênero textual escolhido e do assunto, nos dois jornais, considerando:
 - a) a oralidade;
 - b) a leitura;
 - c) a escrita.
7. Você considera que o que você propôs pode contribuir para desenvolver o senso crítico do aluno em relação à apreciação das informações contidas num jornal? Por quê?

Atenção! Organize sua atividade num único texto. Não se esqueça de dar um título ao seu texto.



Para aprofundar seus conhecimentos a respeito da utilização dos jornais em sala de aula, leia os seguintes textos:

Texto 1: Gêneros discursivos: objetos de estudo para a prática escolar de produção escrita de textos jornalísticos.

O texto completo está disponível no seguinte endereço: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem11pdf/sm11ss03_02.pdf

Texto 2: Uso do jornal impresso e digital em sala de aula: possibilidades de um ensino crítico. O texto completo está disponível no seguinte endereço: <http://www.conexaofaisafaciluz.com/revista/pedagogia5.pdf>

Livros:

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006)

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.



Referências

CITELLI, A. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

DINES, A. **O papel do jornal: uma releitura**. 4ª. ed. São Paulo: Summus, 1986.

FARIA, M. A. **O jornal na sala de aula**. Coleção Repensando a Língua Portuguesa. Ataliba T. de Castilho. São Paulo, SP: Contexto, 1997.

GHILARDI, M. I. **Mídia, educação e leitura**. IN: BAZOTTO, V. H.; GHILARDI M. I. (org.). Mídia, poder, educação e leitura. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, L. da; LIMA, C. M. de. **Jornal e revista em sala de aula: reflexões sobre seu potencial educativo**. In: GRANVILLE A. (org.). Sala de aula: ensino e aprendizagem. Campinas: Papyrus, 2008.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://1.bp.blogspot.com/-SB9vuKccNG4/TZ2mv-YOVSI/AAAAAAAAAEa0/GAWgWxjgIlo/s320/foto-dia-do-jornalista-2.jpg>

Fig. 02 - http://tek.sapo.pt/extras/sugestoes/sugestao_tek_acompanhe_o_centenario_da_republ_1095308.html

Fig. 03 - http://argemiroferreira.files.wordpress.com/2008/11/brazil_oglobo.jpg

Fig. 04 - <http://erikasalencar.blogspot.com/2010/05/projeto-jornal-escolar-jornal-dom-bosco.html>

Fig. 05 - http://4.bp.blogspot.com/_EBiEFDR18p0/TT3PHuDqkgI/AAAAAAAAAAk/-SGt6y2Vrk0/s1600/alunos+uca.jpg

Fig. 06 - http://www.jaguariaiva.pr.gov.br/pmj/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=50

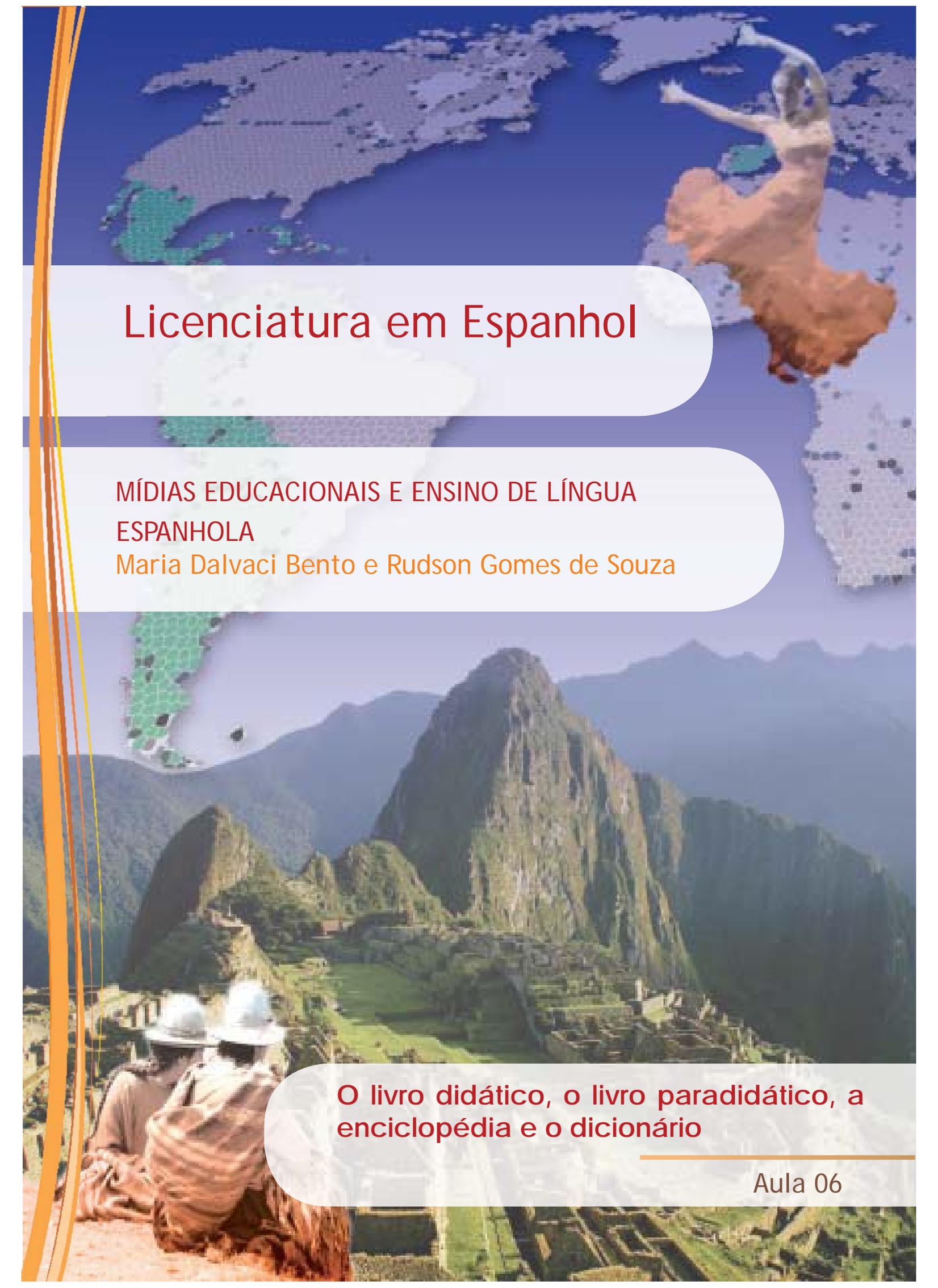
Fig. 07 - http://2.bp.blogspot.com/_QGLytaobtH0/TUnC7BvGkdI/AAAAAAAAAo0/BCvtD0DxGqo/s1600/jornalista.jpg

Fig. 08 - <http://jornale.com.br/zebet0/2011/02/21/duas-capas-e-uma-bola>

Fig. 09 - <http://www.joseataide.com.br/wp-content/uploads/2010/04/entrevista-jornal-taxi.jpg>

Fig. 10 - <http://thumb.mais.uol.com.br/4133933-large.jpg?ver=0>

Fig. 11 - http://www.cafecomf1.com/2008_11_30_archive.html



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

O livro didático, o livro paradidático, a
enciclopédia e o dicionário

Aula 06

Apresentação e objetivos

Na aula passada, verificamos possibilidades da utilização de jornais e revistas em sala de aula, como ferramenta de aprendizagem. Embora não sejam materiais impressos criados com finalidade didática, essa possibilidade existe e mostramos ser de muita utilidade abordar seus vários aspectos de comunicação, informação e entretenimento dentro da escola.

Contudo, o material impresso, como um todo, tem tudo a ver com ensino e aprendizagem, principalmente na área de humanas, especificamente quanto ao ensino de línguas estrangeiras modernas. E ainda há aqueles que “nasceram para a escola”, ou seja, foram concebidos com a função maior de servirem de ferramentas para um melhor desempenho no aprendizado escolar em geral.

Estamos falando do material impresso do cotidiano de sala de aula, como o nosso conhecido livro didático. Afinal, esta mesma aula se utilizará desse recurso midiático para conseguirmos fazer com que você chegue a um melhor entendimento do assunto, não é verdade?

Ao final desta aula, você deverá:

- relacionar as funções próprias de cada material impresso utilizado no contexto educacional, da maneira como foram concebidos;
- compreender não somente os benefícios, mas também algumas armadilhas do uso incorreto desses materiais;
- refletir sobre a melhor utilização de cada material didático a ser utilizado na aula de Língua Espanhola.



Fig. 01



Para Começar

Olá, caro (a) aluno (a)!

Esta aula promete algumas surpresas. Estamos entrando em um campo que parece conhecido, mas que carrega algumas especificidades bem interessantes. Comparando o que veremos nesta aula com a aula passada, por exemplo, nos parecerá fácil entender a utilização de materiais como o livro didático, o livro paradidático, os dicionários, etc., em sala de aula. Afinal, não foram esses mesmos artefatos midiáticos concebidos para tal função?

A verdade é que sim. É um campo que parece ser do conhecimento de todos nós, professores e alunos. Talvez até mesmo a função maior para a utilização dessas mídias seja óbvia. Contudo, não basta conhecer, mas saber onde, como e quando nos utilizarmos desse tipo de mídia impressa.

Iniciaremos com a especificação de cada um dos materiais utilizados em sala de aula para o aprendizado de Língua Espanhola, contemplados nesta unidade – o livro didático, o livro paradidático, a enciclopédia e o dicionário.

Será que esses materiais devem ser utilizados em todas as aulas? Há um limite? Depende de quais fatores? Embora provavelmente você conheça cada um desses tipos de mídia impressa, você sabe como utilizá-los de forma correta? Ou melhor, vamos iniciar aqui um desafio. Você saberia utilizar cada um desses materiais como professor de Língua Espanhola? Vamos descobrir juntos?

Bons estudos!

Abraços!



Materiais impressos que já nasceram na esfera educacional

Bem diferente do que geralmente acontece com outras mídias como a televisão e o rádio, que não nos obriga, ao menos num primeiro instante, a refletirmos sobre os conteúdos ali transmitidos, a mídia impressa educacional, se assim podemos denominá-la, faz parte da memória visual e, mais a fundo, da própria cultura ou das culturas de várias gerações, possuindo a função relevante de mediar o conhecimento por meio da compreensão da mensagem, o que exige não somente a reflexão, mas a pausa, a atenção, a intenção e a própria concentração na leitura e seus significados. Seus conteúdos, e até mesmo as várias formas expressas por diferentes projetos gráficos, têm como objetivo provocar a leitura.

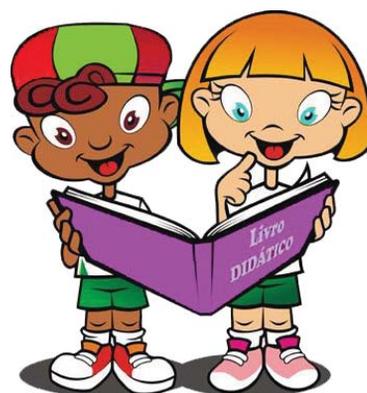


Fig. 02

Conforme Stray (1997), especificamente quanto à definição do livro didático, o carro chefe da turma, esse material é um produto da própria cultura de uma sociedade e não somente da sua pedagogia ou da sua produção editorial. Quando observamos, em aulas anteriores, quanto ao surgimento do livro, podemos deduzir que, na época em que os livros eram raros, os estudantes europeus produziam seus cadernos de textos, o que dava ao livro certa dimensão que ultrapassava a linha do “simples” conhecimento para uma esfera mais educacional.

No contexto mundial, somente após a invenção da imprensa, esse artefato foi sendo produzido em série e, então, solidificando-se, conforme Gatti Júnior (2004, p. 36), como “fiel depositário das verdades científicas universais”. No Brasil, apenas em 1929, com a criação do Instituto Nacional do Livro, as escolas começaram a receber livros didáticos, dicionários e obras literárias em livros.

Com o passar dos anos e, principalmente, na atualidade, essa mídia didática impressa coexiste com outros tipos de instrumentos como mapas, quadros, computador e seus artefatos, além da internet, mas, ainda assim, continua a ocupar um papel central.

1. O livro didático: mocinho ou vilão?



Fig. 03

Sem sombra de dúvidas, o livro didático é o carro-chefe e, muitas vezes, o único artefato utilizado como material didático em sala de aula, dentre todos os outros tipos de mídias, impressas ou não. Não por acaso, muitas pesquisas vêm sendo realizadas ao longo dos anos sobre os mais variados aspectos do livro, na esfera pedagógica, na política, na econômica, na social e na cultural. O fato mencionado de ser, às vezes, o único material disponível para o aluno pode ser o fator gerador de uma preocupação entre os profissionais em educação quanto à necessidade de se universalizar as fontes de informação disponibilizadas para a aprendizagem na escola.

Desde que entrou em cena, ele já carregava outro fator gerador de preocupação por ser um material quase de uso exclusivo do professor, com função puramente transcritiva ou ditatória. Sem muitas atenções para a sua forma e o material utilizados para a sua confecção, e por vezes de baixa qualidade, carregava o seu conteúdo como único aspecto relevante, até que passou a ser objeto de consumo dos alunos. Isso gerou uma sinalização de mudança do produto como um todo, tanto para os autores quanto para as editoras, inclusive com relação ao aperfeiçoamento de sua linguagem.



Fig. 04

Conforme aponta Bittencourt (2004), em artigo científico, para atender essas novas exigências, as ilustrações começaram a se tornar uma necessidade e o manual escolar iniciou uma transformação em livro didático adaptando-se às necessidades da nova realidade escolar. Surgiram novos gêneros didáticos como os livros de lições e os de leitura. As imagens passaram de papel secundário para fator ilustrativo, complementando o conteúdo textual por meio de uma relação de cores, formas e toda a comunicação visual do material impresso, valorizando a capacidade mediadora do conhecimento atribuída a esse tipo de livro.

1.1 A resposta pode estar nas necessidades de professores e alunos

Quando o livro didático é adotado na escola, pode não atender a todas as expectativas do professor. Quando não há livro para guiar as aulas, pode tornar-se um grande desafio para o professor que deve buscar saídas para essa situação. O que fazer então? Em ambos os casos,

a questão do material didático representa uma interrogação. Muitos que têm acesso aos livros não se sentem satisfeitos, às vezes porque o seu conteúdo pode exceder a carga horária disponível. Já para alunos que não podem adquirir material didático, como o livro, a sua ausência pode ser um problema para o professor, pois, sem vislumbrar alternativas para o ensino de línguas, com o uso desse recurso, pode não haver alternativa a não ser passar a matéria no quadro, transformando o caderno no único material utilizado.

Muitos estudiosos sobre procedimentos de ensino são unânimes em relação a um ponto: as escolas brasileiras, principalmente as públicas, além de problemas como carga horária reduzida para o ensino de línguas estrangeiras, elevado número de turmas e de alunos por turma para cada professor, etc., não oferecem recursos materiais didáticos necessários para que a língua espanhola, por exemplo, seja trabalhada de forma eficiente pelos professores, não importando qual a abordagem será utilizada pelos mesmos. Sobre essa situação, que não pode ser ignorada quando pensamos o ensino de qualidade e eficiência tão desejado, Miccoli (2007) relata experiências com professores de escolas públicas de Minas Gerais e constata que aquelas escolas não têm muitos recursos e nem fornecem material para o ensino de línguas como livros, fitas, Xerox, e ainda oferecem um número de impressões que se limita a apenas duas folhas para cada aluno, por bimestre.

Situações como essas confirmam o problema da escassez de material didático pedagógico nas escolas. Neste cenário, surgem as considerações sobre a adoção ou não de um livro didático. Em um extremo, há os que argumentam que o livro deveria ser abolido totalmente das salas de aula, como D'Ely & Mota (2004). Por outro lado, especificamente para o ensino de línguas estrangeiras, ele pode ser útil quando, segundo estudiosos como Johns (1997), nos referimos a uma maneira organizada de ver a disciplina, além de ser também um gênero mais familiar aos alunos, ou também pode funcionar, segundo Hyland (2000, p. 104) como "um facilitador do papel do professor no ensino". Há de se abrir um parêntese para uma reflexão pertinente sobre o uso do livro didático no ensino de línguas. Quem sabe, sem ele, o quadro negro e o caderno podem vir a funcionar, na maioria das nossas escolas, como os únicos ou principais materiais didáticos a serem utilizados diante de uma carga horária reduzida.



Fig. 05

Não podemos ignorar as dificuldades existentes na estrutura física das instituições de ensino, nem a falta de material didático ou a inexistência de laboratórios adequados nas escolas particulares e públicas,

evidentemente que, com uma ênfase maior para o sistema público o qual tem sido deixado de lado pelas autoridades estaduais e municipais há anos. Neste ponto, estamos nos remetendo às competências e habilidades. O aluno não pode ser visto apenas como um mero depositário de conteúdo. E, nesse caso, há realidades bem distintas quando se compara o aprendizado da língua no sistema público e no sistema particular que, embora também apresente os seus problemas, ainda se mostra eficiente para o ensino de algumas habilidades, como a compreensão da escrita.

O sistema público, no entanto, parece carecer de materiais didático-pedagógicos e profissionais melhores capacitados nessa área do conhecimento. Não existe cobrança administrativa efetiva e os alunos são quase sempre passivos.



Mãos à obra

Vamos fazer uma pequena reflexão neste ponto de largada. Afinal de contas, nosso carro-chefe, o livro didático, também é o centro da nossa aula. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

1. Como já iniciamos um ensaio sobre uma questão polêmica – o papel do livro didático em sala de aula, destaque quais os fatores geradores dessa polêmica quanto ao uso do livro didático.
2. Com essa polêmica, o livro foi perdendo espaço em sala de aula? Houve mudanças na sua concepção? Justifique.
3. Observando os pontos positivos e negativos da utilização do livro didático, identifique:
 - a) pontos positivos para a adoção de um livro didático;
 - b) pontos negativos para a adoção de um livro didático.

1.2 Os livros paradidáticos: protagonistas ou coadjuvantes?

Os livros paradidáticos são materiais complementares que podem resumir, intensificar ou aprofundar os conteúdos específicos do currículo de uma disciplina. A sua utilização em casa ou na escola, com orientação do professor, o que é mais comum no Brasil, pode ajudar no desenvolvimento das competências citadas. Nossos livros paraescolares geralmente trazem obras que buscam aprofundar ou enriquecer conteúdos específicos de uma disciplina ou se voltam para a formação de alunos leitores. Podemos citar livros que trazem relatos históricos para a fixação de um conteúdo específico e contos ou literatura infantil para desenvolver competências de leitura nos alunos.



Fig. 06

Voltamos ao ponto de partida para refletirmos sobre o papel dos livros paradidáticos. Como vimos em aulas passadas, esse é o tipo de material impresso que cumpre o aprofundamento em conteúdos específicos que não se consegue, apenas, com o uso do livro didático. Possivelmente, ele poderá cumprir ambos os papéis, ora coadjuvante, ora protagonista, dependendo dos objetivos da aula em questão, ou do próprio curso. É necessário que ele atenda a essas duas exigências. Uma negociação entre professores e alunos pode apontar os melhores caminhos, desde que esse material esteja presente em sala de aula.

Certamente que os procedimentos, conteúdos e crenças propostos nos livros didáticos devem estar ancorados às áreas do conhecimento a que se vinculam e tais informações devem ser apropriadas à situação didático- pedagógica a que servem. Nesse caso, os livros paradidáticos devem não só atender aos conteúdos mínimos a serem contemplados no livro didático adotado como também às estratégias legítimas para a apropriação dos conteúdos em cada área. Isso não significa uma diminuição no papel do livro paradidático em sala de aula, pelo contrário, é imprescindível que esse material considere essas recomendações comuns às diferentes propostas da aula ou do curso, o que o torna um agente necessário para o alcance da aprendizagem ideal.

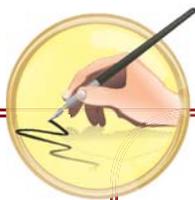
Observando por esse lado, o livro paradidático, se bem utilizado, pode até mesmo alcançar uma maior rede de informações que não consegue ser aprofundada pelo manual de instruções tradicional. Por meio dele, um trecho transforma-se em uma fábula, um conto, um romance, uma história inteira, o que aperfeiçoa a aprendizagem e, principalmente, a leitura.



Fig. 07

O aprofundamento na leitura ajuda o aluno a compreender o mundo, a vida e o seu lugar dentro desse contexto. Ele passa de um estado de passividade para o espaço crítico cuja compreensão consciente do saber não dependerá apenas dos recortes do livro didático.

Como esse tipo de material impresso não se resume a textos literários, mas também a conteúdos científicos, culturais, artísticos e históricos, torna-se relevante tanto para o aprofundamento dos conteúdos ministrados em sala de aula, pela pluralidade possível de ser atingida, como também pelo aprofundamento da proficiência da leitura e aquisição de vocabulário em língua estrangeira pela trama de acontecimentos e ações dentro de um contexto bem mais amplo e, ao mesmo tempo, específico do que as nuances didáticas contidas no livro de aprendizagem.



Mãos à obra

Precisamos de uma pequena pausa para não nos confundirmos com forma e uso. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 2:

1. Há uma distinção específica quanto à forma ao uso dos livros didáticos e paradidáticos? Justifique.
2. Em sua opinião, qual a maior vantagem da utilização do livro paradidático na aula de língua estrangeira?

2. Enciclopédias: introdução ao sistema linguístico ou ao léxico

Embora enciclopédias e dicionários dependam um do outro, a fim de serem determinados como tal, levaremos em consideração a

didática do léxico dentro do aprendizado ou aquisição de uma segunda língua pelo aluno, qualitativamente ou quantitativamente limitada. Isso significa dizer que esses dois tipos de mídia impressa trabalham em conjunto para o desenvolvimento do sistema linguístico de outra língua que não a materna, sistema esse que chamamos de léxico, mas que pode ser observado por meio de suas particularidades.

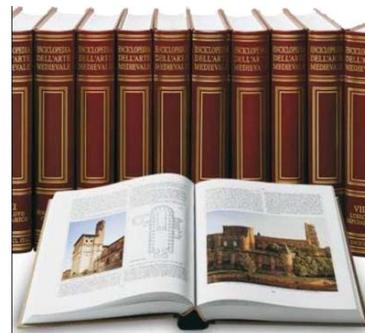


Fig. 08

Podemos caracterizar a obra enciclopédica como uma obra que apresenta informações sobre o passado para servir à compreensão do futuro. Surgiu na Grécia, em meados de 370 a.C., como uma série de manuscritos sobre temas variados como filosofia, matemática, história, dentre outros.

No início, foi organizada por temas, mas, aos poucos, foi sendo introduzida a organização por ordem alfabética. A mais famosa é a Enciclopédia Francesa, mas foi no século XX que surgiu a nova concepção de organização enciclopédica com a Encyclopaedia Britannica, dividida em volumes – Propaedia, Macropaedia e Micropaedia. Mesmo prevalecendo a ordem alfabética, como característica também do que pretendemos diferenciar como dicionários, passou a apresentar grandes temas, caracterizando-a como uma obra temática. Esse surgimento de temas específicos foi um grande avanço na história desse material impresso.

Outros grandes destaques no campo das obras enciclopédicas são os Dicionários Biográficos que, como as enciclopédias, também são subdivididos por áreas de conhecimento, ou por regiões e os Almanques, que podem ser considerados como obras enciclopédicas, possuindo até mesmo maior penetração educacional e social.

Como uma árvore de pequenos dicionários utilizados para desambiguar os vários significados de cada signo, a enciclopédia sofreu várias modificações durante os séculos, e atualmente está em processo de transferência para o espaço virtual da internet, o que não cabem maiores reflexões neste estágio do nosso curso sobre esse material, servindo mais para introduzirmos um assunto mais particular da aprendizagem de línguas, qual seja a utilização do dicionário impresso, assunto esse tão polêmico quanto à utilização do livro didático.

2.1 Dicionário: utilizar ou não utilizar, eis a questão!

Revisando nossa introdução ao estudo da mídia impressa, lembramos o conceito atual de dicionário e da controvérsia quanto ao

seu uso como suporte de aprendizagem de língua estrangeira. Como o objetivo principal da utilização de um dicionário é a compreensão de um determinado verbete, os dicionários bilíngues são os mais utilizados nas aulas de línguas, onde aparecem os verbetes e seus significados tanto em língua materna quanto na língua alvo.

niño {m.} (também: *chiquillo, chico, muchacho, pelado*:. **menino** {m.}

Entretanto, há o uso do dicionário monolíngue, ou seja, aquele que apresenta os verbetes e seus significados apenas na língua- alvo.

niño, ña.

(De la voz infantil *ninno*).

1. *adj. Que está en la niñez. U. t. c. s.*
2. *adj. Que tiene pocos años. U. t. c. s.*
3. *adj. Que tiene poca experiencia. U. t. c. s.*
4. *adj. despect. Que obra con poca reflexión y advertencia. U. t. c. s.*
5. *m. y f. afect. Persona que ha pasado de la niñez. U. m. en vocat.*
6. *m. y f. And., Can. y Hond. Persona soltera, aunque tenga muchos años.*
7. *m. y f. Am. Tratamiento que se da a personas de más consideración social. U. m. ante n. p.*

E agora, o que fazer? Utilizá-los ou não? A resposta também pode estar no contexto de sala de aula.

O hábito do uso de dicionários como uma fonte de informações e significados para palavras existe há muito tempo. Talvez também, por isso, discorrer acerca de dicionários não seja uma tarefa das mais fáceis, mas, hoje em dia, podemos quebrar barreiras enfrentando a soberania lexicográfica indo na direção de melhorias, mesmo de algo que parece intocável. Na realidade, temos a consciência de que os dicionários são muito usados, mas talvez relativamente pouco estudados, ou apenas utilizados de forma incorreta, ou em um momento desnecessário para uma atividade em especial. Seja bilíngue ou monolíngue, a questão é que se trata de uma ferramenta que está aí, disponível como suporte para a aprendizagem de uma língua estrangeira. Como já mencionado, há controvérsias, mas nos interessa a realidade, a prática.

Observando o dicionário como uma obra descritiva, algumas vezes

indispensável, e com papel, sobretudo, complementar no processo de aprendizagem de uma língua, a língua materna ou principalmente a língua-alvo, parece-nos imprescindível apresentar propostas que auxiliem o professor na tarefa de escolher o dicionário correto para cada ocasião, como também auxiliar o aluno no uso correto dessa mídia impressa. Há, de fato, uma preocupação por parte dos professores de línguas em relação à qualidade dos dicionários existentes no mercado, isso porque eles não dão conta de tratar os verbetes em todos os seus contextos de uso. Muitos apresentam, ainda, uma estrutura de difícil acesso, e até mesmo imprópria para o trabalho com uma língua estrangeira.



Fig. 09

O mais relevante é que a tarefa do dicionário no processo de compreensão, de um modo geral no texto escrito, deve ser relativamente simples quando o contexto está presente e influencia nas escolhas de quem o está consultando. É provável que os alunos tenham algumas dificuldades com a compreensão de palavras que não fazem parte dos seus registros linguísticos, com palavras enciclopédicas ou específicas de uma cultura diferente, gírias, nomes próprios, expressões idiomáticas e abreviações, pois lexemas mais correntes poderiam ser inferidos a partir do contexto, que já está pronto. Quanto aos verbos, as informações sobre formas gramaticais, principalmente as formas irregulares, seriam importantes para ajudar o aluno a identificar um verbe de várias maneiras.

Em um processo mais sofisticado e, portanto, menos mecânico que a compreensão, o dicionário também pode ser ferramenta essencial para a produção textual, em que as palavras estruturais mais comuns têm grande importância para o sucesso nesse processo. O estudo em Língua Estrangeira (LE) depende de várias habilidades consideráveis que envolvem escolhas lexicais apropriadas combinando-as com o texto, de forma que não haja nenhuma ruptura nas suas normas sintáticas. É um processo que parece ser mais sofisticado e, logo, menos mecânico que a compreensão em si. Para que isso aconteça, é necessário conhecimento sintático, restrições seletivas, registros (variedade regional), aspectos semânticos e os efeitos contextuais.

A escolha da utilização do dicionário pode até ser pontual, mas ocorrerá, em algum momento, dentro do processo de aprendizagem da língua estrangeira. Cabe saber o momento ideal, o dicionário apropriado para a tarefa e como utilizá-los de maneira correta. Essa decisão deve ser pensada dentro de um entendimento entre professor e aluno, mas nunca decidida apenas por uma das partes.



Mãos à obra

O dicionário está tão presente no imaginário da aula de línguas estrangeiras quanto o livro didático, embora esse último tenha papel central, como citado anteriormente. Vamos fazer a atividade a seguir. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 3:

1. Sabemos que o dicionário é bastante utilizado como aparato educacional para a compreensão ou produção textual, principalmente em língua estrangeira. Qual o problema na utilização do dicionário? Justifique.
2. Qual a justificativa apresentada em um dos textos para a utilização do dicionário por parte dos alunos?
3. Num estágio mais avançado de aprendizagem, a utilização do dicionário é essencial? Justifique.



Já sei!

Nesta aula, percorremos as mídias impressas mais importantes dentro do processo de aprendizagem de língua estrangeira. O livro didático entrou como carro-chefe desse tipo de mídia que já nasceu para ser trabalhado na esfera escolar. Sendo assim, é importante uma maior reflexão quanto a sua utilização em sala de aula para o aprendizado de línguas.

Destacamos, ainda, a compreensão e utilização do livro paradidático e sua contribuição mais ampla, principalmente no processo de proficiência da leitura. Descobrimos que ele pode ser mais bem utilizado quando está em conformidade com as necessidades dos alunos e os conteúdos do próprio livro didático, quando adotado.

Observamos particularidades mínimas, mas específicas entre enciclopédias e dicionários, não nos detendo muito a pouca utilização da enciclopédia como material educacional, mas pré-estabelecendo uma relação introdutória para o uso ou não do próprio dicionário. Esse último mereceu maior destaque, pois, embora cercado de polêmica, ele está presente nas atividades de compreensão e produção da língua estrangeira.

Tentamos observar os pontos positivos da utilização desse tipo de mídia impressa, pois sabemos que as dificuldades são minimizadas, quando podemos contar com materiais que já possuem uma roupagem tipicamente didática, embora necessariamente não sejam utilizados em todos os momentos e de qualquer maneira. O importante é descobrir, juntamente com a turma, como trabalhar melhor com esse tipo de mídia impressa, tão óbvia, mas, ao mesmo tempo, tão dependente de contextos, situações e necessidades.

Autoavaliação

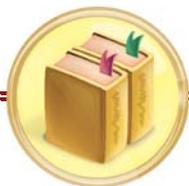


O que conceituamos aqui como principais mídias impressas didáticas está passando por um processo de transformação sem precedentes, o que merece muito a nossa atenção. A grande questão gira em torno do desaparecimento total ou parcial desse tipo de mídia pelo processo de digitalização. Mudanças radicais já estão ocorrendo, o que veremos mais adiante no curso, mas, nesta etapa, não podemos perder a oportunidade de avaliarmos o nosso conhecimento na utilização das mídias aqui apresentadas dentro desse processo de continuidade ou anulação.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

1. Pegue, na biblioteca da sua instituição, alguns livros didáticos e dicionários relacionados à sua área de estudos.
 - a) Avalie a qualidade dos livros de acordo com alguns critérios, tais como apresentação visual, conteúdos e contexto a serem aplicados. Escreva os pontos fortes e fracos de cada um deles e escolha aquele que mais se aproxima do livro ideal para a série ou necessidades a que se propõe.

- b) Escolha diferentes dicionários bilíngues e compare-os. Que dicionário você utilizaria como suporte à compreensão de textos e quais os motivos que o levaram a essa escolha?
2. Estude alguns verbetes em um dicionário monolíngue de língua espanhola. Verifique a sua capacidade de compreensão e justifique seus avanços ou dificuldades quanto à leitura desse material.



Leitura complementar

Para aprofundar seus conhecimentos a respeito do conteúdo estudado nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

CASSIANO, Célia C. F. **Mercado de livro didático no Brasil**. [on-line] I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/celiacristinacassiano.pdf>>

O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas, por Ignacio Vázquez - Universitat de Barcelona. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/docs/02/09%20-%20Ignacio%20Vasquez.pdf>>.



BÉJOINT H. 1981. **The foreign student's use of monolingual English dictionaries:** a study of language needs and reference skills. Applied Linguistics, Vol. II N° 3, Autumn 1981, 207-222.

BITTENCOURT, Circe M. F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). In: **Revista Educação e Pesquisa**, vol.30, n.3, São Paulo, p. 475-491, Set./Dez. 2004.

CASSIANO, Célia C. F. **Mercado de livro didático no Brasil.** [on-line] I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/celiacristinacassiano.pdf>>. Acesso em 05 out. 2011.

CHOPPIN, A. (1992). **Les manuels scolaires:** histoire et actualité. Paris : Hachette Éducation.

D'ELY, R. C. S. F. & MOTA, M. B. **A teoria, o livro didático e o professor:** uma análise da implementação de tarefas orais em LE. Linguagem & Ensino, Pelotas, Vol. 7, n° 2, 2004, pp. 65-98.

FURLAN, S. A. **A Geografia na sala de aula:** a importância dos materiais didáticos. Brasília: MEC/Seed, 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história:** livro didático e ensino no Brasil. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

HYLAND, K. Constructing an expert indent: interactions in textbooks. In: Disciplinary discourses – social interactions in academic writing. Essex, England: Longman / Pearson Education, 2000, pp.1-19.

JOHNS, A. M. **Genre and social forces – “homely” and academic texts.** In Text, role, and context – developing academic literacies. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 38-50.

MICCOLI, L. **Experiências de professores no ensino de língua inglesa:** uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa. Revista Linguagem & Ensino, vol. 10, n. 1, p.47-86, jan./jul.2007.

NOBRE, S. **Uma introdução à história das enciclopédias** – a enciclopédia de matemática de Christian Wolff de 1716. REVISTA DA SBHC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 34-46, jan | jul 2007. Disponível em: < http://www.sbhc.org.br/pdfs/revistas_anteriores/2007/1/artigos_2.pdf>.

PEIXOTO, R. S. **Um breve apanhado sobre a história da imprensa.** UFMG, 2007.

ROCHA, R.; ROTH, O. **A história do livro.** São Paulo, 2005.

RUNDELL, M. 1999. **Dictionary use in production.** International Journal of Lexicography 12. 1: 35-53.

SANTOS, A. L. P. **A realidade do ensino da língua inglesa nas escolas de ensino médio com base nos novos PCNs: uma visão crítica comparativa.** Trabalho de Graduação de Curso. Belém: Universidade da Amazônia, 2001.

SOUZA, R. E. G. **O papel da leitura nas aulas de inglês:** uma análise segundo a percepção dos professores do ensino médio de escolas públicas estaduais de Natal. Dissertação de Mestrado. UFRN: Natal, 2010.

STRAY, Chris. **Quia Nominor Leo:** Vers une sociologie historique du manuel. In: CHOPPIN, Alain (org.) Histoire de l'éducation. n° 58 (numéro spécial). Manuels scolaires, États et sociétés. XIXe-XXe siècles, Ed. INRP, 1993.

ZUCCHI, A. M. T. **O dicionário nos estudos de línguas estrangeiras:** os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano. Tese de Doutorado, 2010, FFLCH-USP.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://arquivos.tribunadonorte.com.br/fotos/62412.jpg>

Fig.2 – <http://equipeeducar.blogspot.com/2009/08/livro-didatico.html>

Fig.3 – <http://pixabay.com/pt/livros-leia-literatura-8557/>

Fig. 4 – <http://itamarfo.blogspot.com/2010/11/pesquisa-sobre-as-tematicas-indigenas.html>

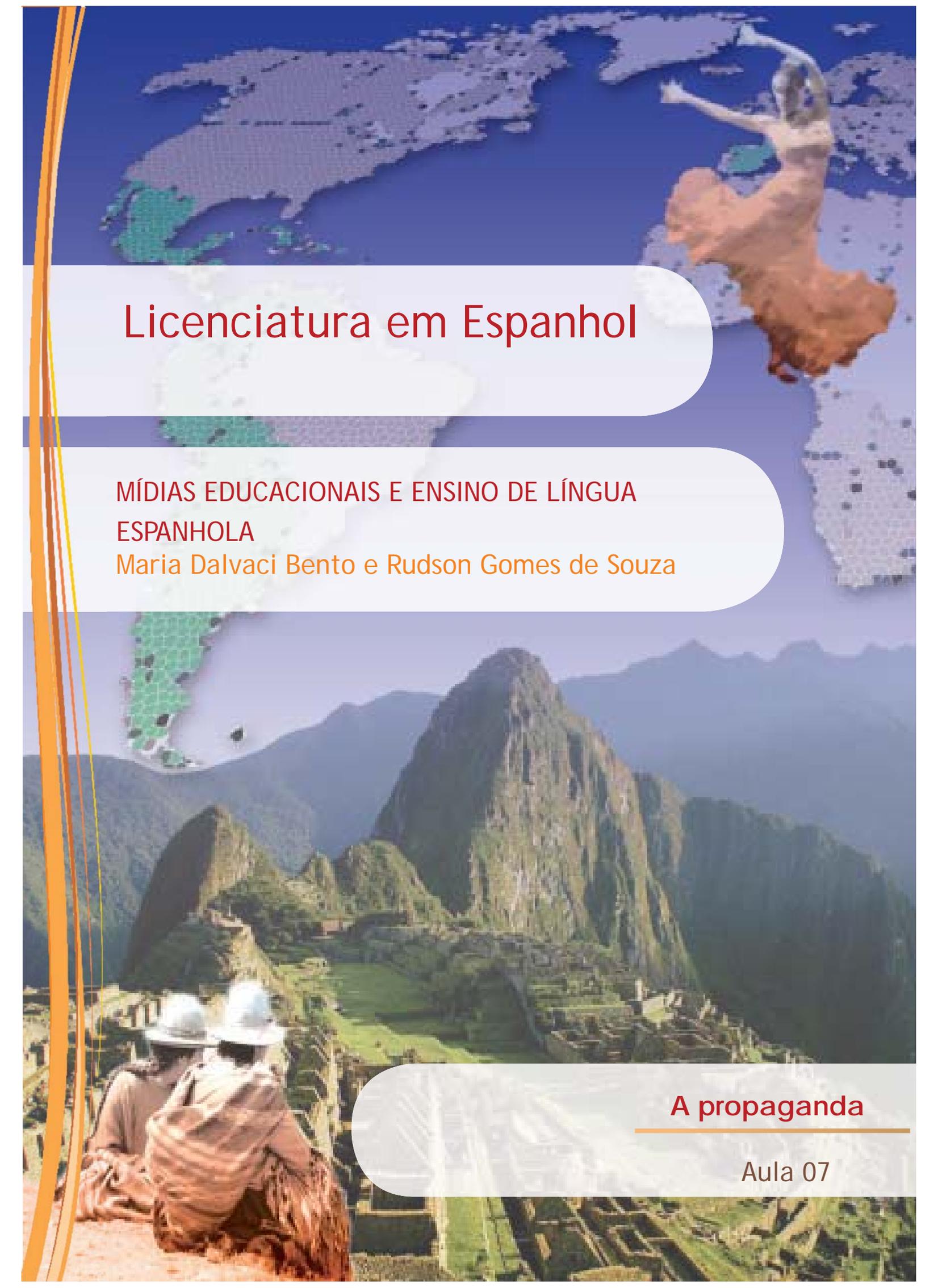
Fig. 5 – http://4.bp.blogspot.com/_s286gpGmtEY/SIRr0rbjovi/AAAAAAAAAEg/RDZ7HkMQ6O0/s400/joao5.JPG

Fig. 6 – http://4.bp.blogspot.com/_MqZOb-my8Go/TOO2KbIIWJI/AAAAAAAAAJU/on9fPDTfN88/s1600/Biblioteca.jpg

Fig. 7 – <http://biologiadio.files.wordpress.com/2010/03/estudando.jpg>

Fig. 8 – http://www.bachecaannunci.it/adpics/arte_medievale122.jpg

Fig. 9 – <http://www.americanas.com.br/especial/hotsite/volta-as-aulas-livros-didaticos/223486/256796/223466/?epar=googleggrupo600?WT.srch=?WT.mc=Clic?opn=YZMEZP>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

A propaganda

Aula 07

Apresentação e objetivos

Estamos rodeados, por todos os lados, das mais diferentes propagandas. É fácil identificá-las em variadas situações. Elas estão presentes em jornais, revistas, TV, outdoors, nos cartazes nas fachadas de prédios e muros, entre outros. Normalmente, estão organizadas de forma a prender a atenção de quem as vê. Na sala de aula, o professor pode desenvolver atividades utilizando as propagandas, de forma a motivar os alunos para a produção e a leitura de textos.

Por isso, nesta aula, começaremos fazendo uma breve discussão a respeito do conceito de “propaganda”, procurando distingui-la do texto publicitário. Em seguida, vamos mostrar diferentes tipos de propaganda com as quais temos contato diariamente para que você possa entender melhor que áreas a propaganda abrange.

Porém, o ponto principal da nossa aula será a discussão em torno das características da linguagem da propaganda, por meio da qual mostraremos algumas delas e como elas se apresentam. Por último, nos deteremos em alguns pontos que o professor deve levar em conta ao se propor utilizar as propagandas em atividades de língua. Enfim, nesta aula, haverá atividades reflexivas e práticas.

Chamamos sua atenção para o fato de que a nossa ênfase, aqui, é a propaganda enquanto mídia impressa.

Ao final desta aula, você deverá:

- reconhecer os diferentes tipos de propaganda;
- identificar as principais características da linguagem da propaganda;
- apontar alguns recursos ou artimanhas próprios da linguagem na propaganda e que devem ser explorados na sala de aula.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(o)!

Você está convidado a participar de mais uma aula, desta vez, abordando um tema bastante sedutor, que são as propagandas. Elas se encontram disponíveis de várias formas e estão nos mais diferentes lugares. No decorrer do texto, você terá contato com algumas delas e vai perceber o teor de sedução, mas também a manipulação presentes nelas com o propósito de convencer o leitor.

Você vai perceber, também, que as propagandas abusam da criatividade para seduzir e/ou manipular. Vamos propor algumas atividades em que, ao mesmo tempo, você não só poderá realizar uma leitura crítica, como produzirá textos neste gênero e, dessa forma, deixará a imaginação ir longe, tanto na escolha do texto escrito de sua propaganda quanto na escolha das imagens a serem utilizadas.

Consideramos importante o uso de uma mídia como a propaganda em atividades pedagógicas de ensino de línguas. Portanto, esta aula vai oferecer subsídios ao professor de qualquer língua (mais especificamente, aqui, o de língua espanhola) para que ele possa trabalhar diferentes atividades de leitura e produção de propagandas em suas aulas.

Agora, fazemos uma última recomendação: não deixe de realizar todas as atividades propostas.

Desejamos ótimos momentos de estudos.

Um abraço!



Para iniciarmos nossa discussão, consideramos importante fazer a distinção entre propaganda e publicidade, tendo como base os estudos de Gonzales (2003). O termo “propaganda” é mais utilizado no Brasil e em alguns países da América Latina e abarca tanto a questão da propagação de ideias quanto a venda de serviços ou produtos.

A palavra “publicidade” origina-se do latim “publicus” e, inicialmente, significava tornar público. Na língua moderna, foi usada com o sentido jurídico (leis, ordenações e julgamentos). Mas, foi no século XIX que a publicidade adquiriu o sentido “comercial” – qualquer forma de divulgar produtos e serviços com fim comercial. Já o termo “propaganda” é originado do latim “propagare” que significa “propagar, multiplicar, difundir). A intenção de se realizar propagandas é difundir ideias, crenças princípios e doutrinas.

O termo “propaganda” foi empregado pela primeira vez no século XVII pela Igreja Católica, com a intenção de divulgar a religião e imprimir livros religiosos e católicos. Assim, no início, a propaganda era restrita às organizações religiosas. Só bem mais tarde, a igreja perdeu o poder que tinha sobre a propaganda para as organizações sociais, políticas e econômicas na divulgação de ideias, crenças e doutrinas. Com o desenvolvimento da tecnologia, as propagandas se expandiram. Hoje, ela envolve técnicas e atividades variadas com o propósito de influenciar opiniões, valores e sentimentos das pessoas.

No Brasil, a história da propaganda tem início no século XIX, quando aparecem nos jornais os primeiros anúncios de venda de imóveis e escravos, oferta de serviços profissionais liberais e artesãos.

A mais antiga propaganda que se tem notícia no Brasil foi publicada em 1808, no Jornal Gazeta do Rio de Janeiro. Era uma oferta de venda de uma casa. Com o surgimento das revistas na década de 1920, as propagandas começam a mostrar os produtos que refletem os hábitos de consumo da época.

Assim, foi entre a década de 1920 e 1950 que surgiram as grandes empresas de propagandas, os painéis de estradas e os slides coloridos para serem exibidos nos cinemas. O surgimento da TV, em 1950, traz novo impulso de renovação da propaganda no Brasil.

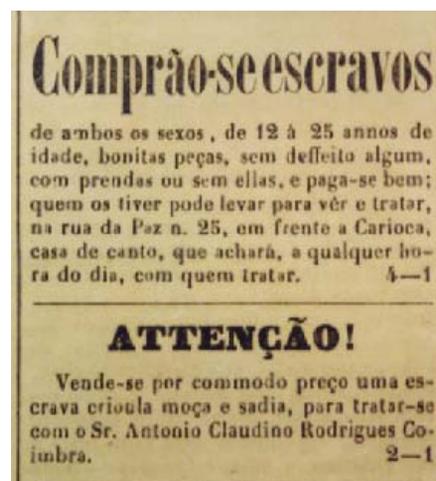


Fig. 01

1. Alguns tipos de propagandas

Toda propaganda busca atingir um público alvo. Vamos destacar a seguir alguns tipos de propagandas:

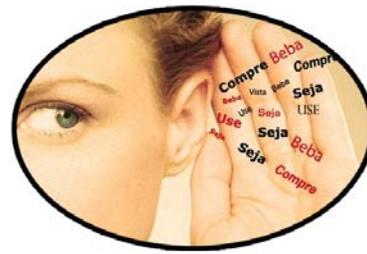


Fig. 02

1.1 Propaganda ideológica:

Procura fazer com que as pessoas acreditem em determinadas ideias para que a sociedade se mantenha como está.



Fig. 03

1.2 Propaganda política:

Difunde ideologias, programas e filosofias dos partidos políticos. Ela acontece permanentemente.



Fig. 04

1.3 Propaganda eleitoral:

Se propõe a conseguir votos dos eleitores. Ela ocorre na época de campanhas eleitorais. Seus principais instrumentos são: camisetas, bonés, crachás, faixas, pichação em muros, etc.



Fig. 05

1.4 Propaganda governamental:

Tem por principal função propagar ou modificar a imagem do governo.



Fig. 06

1.5 Propaganda institucional:

Procura favorecer a imagem da empresa mediante a opinião pública.



Fig. 07

1.6 Propaganda religiosa:

Pode se dar por meio de jornais, revistas, música, TV, etc. A propaganda religiosa mais conhecida é da Campanha da Fraternidade.



Fig. 08

1.7 Propaganda comercial:

Intenciona divulgar produtos com o objetivo final de vendê-los.



Fig. 09



Mãos à obra

Agora que você teve uma abordagem inicial a respeito da propaganda, destacando inclusive alguns tipos dela, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

1. Uma pesquisa "A imagem da Propaganda no Brasil", realizada em 2004 pelo Ibope, revelou que 92% dos brasileiros consideram as propagandas de utilidade pública (combate às drogas; combate ao trabalho infantil, etc) muito importantes. Com base nessa informação, responda: as propagandas são eficazes para mudar comportamentos?
2. Leia as duas campanhas publicitárias da linha de cosméticos AVON. Em seguida, responda as questões referentes a elas.



Fig. 10



Fig. 11

- a) As propagandas dispostas acima foram lançadas em diferentes períodos históricos. Analise-as e apresente as diferenças. Ainda, em sua resposta, discuta a que se devem essas diferenças.
 - b) Com base no material teórico desta aula, identifique o tipo de propaganda nas duas imagens. Argumente.
3. Observe o seguinte texto de uma propaganda: "Prometo construir casas". Identifique o tipo de propaganda e argumente a respeito.

2. As características da linguagem da propaganda

Um dos aspectos que chama a atenção na propaganda é a sua linguagem, permeada pela criatividade e pela ênfase nos recursos expressivos que chamem a atenção do leitor, levando-o a parar para ler a mensagem, esteja ela num outdoor, numa parede de muro, num panfleto, etc. Vejamos como a criatividade foi realçada na propaganda a seguir:

**peça baton
peça baton
peça baton
peça baton
peça baton**



Fig. 12

Nesta propaganda, foi realçado o jogo de palavras, a imagem do chocolate em forma de batom e o texto propriamente dito da propaganda, procurando aproximar o sentido do “batom chocolate” com o “batom maquiagem” e a relação com a boca.

Desta forma, reforçamos que o maior desafio da linguagem da propaganda é, sem dúvida, prender a atenção do leitor, em primeira mão e, para isso, são utilizadas estratégias de persuasão e estratégias de convencimento.

Vejamos, a seguir, algumas características dessa linguagem:

Linguagem verbal e não-verbal: a propaganda caracteriza-se pela associação entre a linguagem verbal e a não-verbal. As imagens têm grande importância fundamental em textos dessa natureza. Observamos que, em quase todas as propagandas, as imagens ocupam grande parte do espaço destinado ao anúncio, ou seja, a ênfase no apelo visual, normalmente, é maior do que o expresso por meio de palavras. Por isso, é preciso ficar atentos quando formos analisar uma propaganda disponível na mídia impressa, pois não devemos separar aquilo que está escrito, das imagens postas, uma vez que estes se relacionam entre si.

- Liberdade de criação: este é um tipo de texto em que há bastante ênfase na liberdade de criação, tanto no que se refere à linguagem verbal, quanto aos demais recursos visuais. Por isso, nessa espécie de texto, recorre-se a inúmeros recursos que dificilmente poderiam ser utilizados em outros tipos de texto. Além disso, o publicitário tem a possibilidade de escolher tipos e tamanhos de letras, cores, imagens e formas de enquadramento, entre outras possibilidades, para dinamizar o texto da propaganda. A criatividade é o principal artifício da propaganda.
- Apelação e persuasão: está relacionada à função apelativa e ao seu caráter persuasivo. E como compreender melhor essa característica? Vejamos:

a) As estratégias de persuasão são mais emocionais e subjetivas e visam a seduzir, comover ou predispor as pessoas positivamente em relação a um produto, serviço ou postura. É isso o que justifica a constante busca por meios estilísticos que prendam a atenção do leitor, muitas vezes, chegando até mesmo a chocar

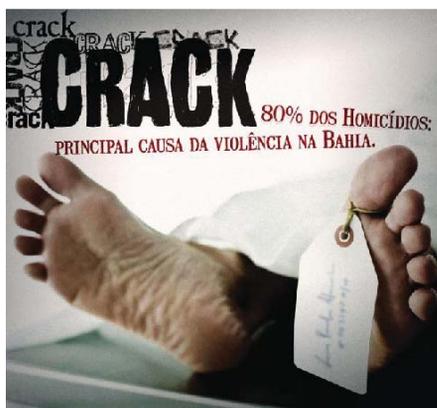
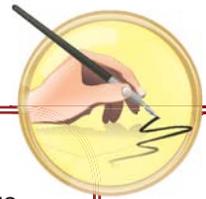


Fig. 13

b) As estratégias de convencimento são mais racionais e objetivas, e apelam à razão, ou à consciência do leitor, convencendo-o das vantagens do produto, comparando-os com os concorrentes ou mostrando a eficiência de um serviço. Se o argumento não for consistente, não vai conseguir convencer o público-alvo.

c) A argumentação num texto como a propaganda recorre, com frequência, aos apelos emocionais ou racionais tanto através de textos escritos (linguagem verbal), como de imagens (não-verbais). Assim, é importante não esquecer que, para analisar uma propaganda, não pode se limitar, apenas, a aspectos formais da linguagem e a critérios puramente racionais, devendo levar em conta, também, aspectos subjetivos (sentimentos e emoções).

Mãos à obra



Você está convidado a desenvolver uma atividade sobre as características da linguagem da propaganda, com ênfase na propaganda enquanto mídia impressa. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

Analise as propagandas a seguir e responda ao que se pede:

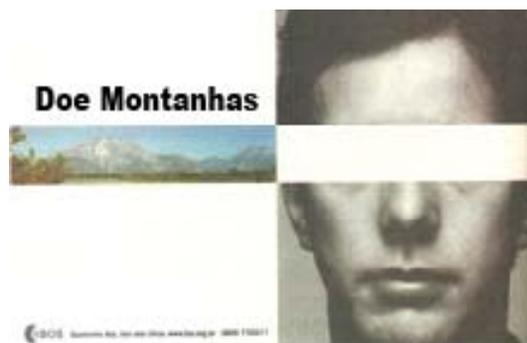


Fig. 14



Fig. 15

Atividade 2:

1. De que modo a propaganda "Doe montanhas" procura convencer o leitor a doar seus olhos?
2. Compare as propagandas "Doe montanhas" e "Por causa do desmatamento, muitas espécies não têm onde morar". Como cada uma delas trabalha razão e emoção?

Além dessas, outras características da linguagem da propaganda são apontadas por Brown (1971). Vejamos:

- O uso de estereótipos: costuma-se utilizar esquemas e fórmulas já consagradas. A característica principal do estereótipo é não permitir perguntas, uma vez que se apresenta como uma verdade conhecida. Podemos exemplificar da seguinte forma: uma pessoa bem vestida e de boa aparência, induz à ideia de pessoa bem sucedida e um modelo a ser seguido. Há, também, os estereótipos linguísticos utilizados para persuadir, chamar a atenção: "Povo unido, jamais será vencido"; "Mês de maio, mês das mães".



Fig. 16

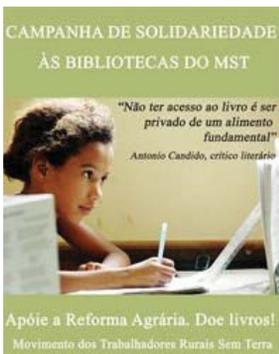


Fig. 17

- A substituição de nomes: utiliza-se a troca de termos para influenciar de forma positiva, ou não, determinadas situações. Por exemplo, em vez de dizer "os Sem-terra ocuparam as terras", diz-se que "os Sem-terra invadiram as terras".
- A criação de inimigos: utilizando um discurso autoritário, com caráter de persuadir o consumidor, a propaganda cria inimigos mais ou menos imagináveis. Vemos isso com clareza nos comerciais de produtos de limpeza ou germicidas, que mostram os germes ou fungos como inimigos. Outra situação dessas é vista nos comerciais de sabão em pó, em que a sujeira é o inimigo oculto. Pode, também, aparecer como inimigo, um produto concorrente: é o caso dos comerciais de produtos ou propagandas políticas que se referem a algo ou alguém como ruim ou desonesto.



Fig. 18

- O apelo à autoridade: utilizam-se, com frequência, termos que retratem o apelo à fala ou procedimentos de especialistas em determinados assuntos. Por exemplo, o dentista afirma que determinado creme dental é melhor do que outros, porque possui determinados componentes que combatem a cárie e o tártaro. Outro exemplo que podemos destacar é do atleta que usa determinado tênis, porque é mais resistente e possui amortecedores que protegem o tornozelo e o pé.



Fig. 19

- A afirmação ou repetição: aqui, a certeza não deve deixar margem para dúvidas, por isso é comum o uso de verbos no modo imperativo. Vejamos os seguintes exemplos: "Use bombril"; "Compre batom garoto".



Fig. 20

Acrescentamos, ainda, que a mídia impressa se utiliza, normalmente, de recursos da língua padrão, formal. No entanto, na propaganda, em grande parte das vezes, isso não ocorre, pois a linguagem coloquial (cotidiana) é mais usual. (SANDMANN, 2010).

OS CONGAS



Fig. 21

A presença de gírias é algo constante, conforme vemos na imagem acima. Porém, além das gírias, encontramos, também, a utilização do pronome de tratamento "você", entre outros. Esses são recursos linguísticos bastantes valiosos para chamar a atenção do leitor. Vejamos outros exemplos a seguir:

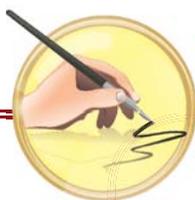
"Boa forma. A melhor forma de viver numa boa"
(*Superinteressante de 1989, capa: propaganda da Revista Boa Forma*).
(gíria: "numa boa");

"Chegou agora o consórcio Garavelo Habitacional. A melhor saída para você entrar na casa própria". (uso do pronome "você")

"Móveis Itu: a primeira somente no próximo mês e fim de papo".
(*Revista Cláudia, junho de 1990, p. 32*). (gíria: "fim de papo").

É comum, também, vemos propaganda utilizando-se de palavras estrangeiras: "No Shopping Santa Maria, temos as melhores griffes (usou "griffe" no lugar de "marca" de roupa).

Em consequência, talvez, do inglês, são bastante usadas letras ou combinação de letras em determinadas palavras: "Perfumes Chlorophylla! Todo mundo tem um!" "Sapataria Elle & Ella: a melhor da cidade".



Mãos à obra

Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

Atividade 3

A escola de idiomas CCAA lançou uma campanha publicitária a fim de divulgar e atrair alunos para o curso de espanhol oferecido pela instituição. Leia a campanha:

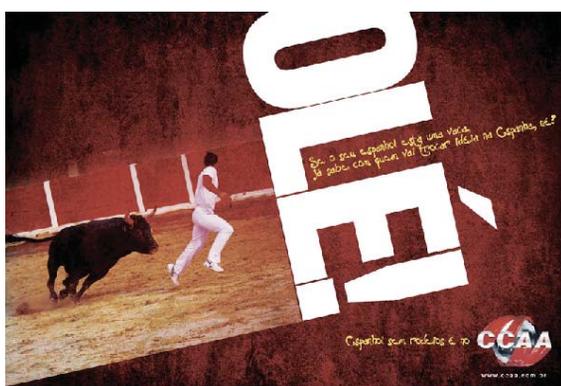


Fig. 22

Tomando como modelo a propaganda do CCAA, suponha que uma determinada instituição de ensino de línguas está lançando um novo curso de espanhol, com características inovadoras e você é um dos responsáveis para elaborar uma propaganda sobre esse curso. Para tanto, sua propaganda deve apresentar elementos no texto e na imagem da campanha publicitária respostas para as seguintes indagações:

- a) Qual o grande diferencial do curso?
- b) Quais os recursos de linguagem que utilizará?
- c) Qual o tipo de imagem?
- d) Qual será a frase de efeito?

Ao final, compartilhe sua propaganda, com seus colegas e seus professores, na plataforma moodle.

3. A propaganda na sala de aula

A educação para o uso das mídias na educação, mais precisamente a mídia impressa, traz a propaganda como um dos gêneros textuais que trará grandes contribuições para a formação de um leitor capaz de posicionar-se criticamente diante das mensagens postas, reconhecendo que a leitura crítica de textos desse tipo é fundamental, uma vez que eles vêm marcados por uma série de interesses, especialmente divulgar ideias, produtos e serviços.

Na maioria das vezes, o aluno não será capaz de analisar o conteúdo da propaganda, por isso é necessário que o professor não só desenvolva atividades de análise de propaganda, mas também atividades que possam estimular sua criatividade no sentido de produzir seus textos (propagandas). Essa atitude proporcionará ao aluno compreender melhor as informações recebidas. Assim, é responsabilidade da escola criar condições para que os alunos possam interpretar as informações, possibilitando a interação dele com essa linguagem dinâmica – das propagandas – e produzindo novos modos de construção crítica do pensamento.

Sabemos que as propagandas, em sua maioria, são motivadas pela



Fig. 23

concorrência e, por isso, elas se apresentam cada vez mais atraentes, cheias de recursos estilísticos, sempre com o propósito de seduzir o leitor que é, na verdade, o possível consumidor da ideia, do produto ou do serviço. Portanto, o uso de propagandas em sala de aula pode ser uma forma de despertar no aluno o interesse para a leitura e produção de textos. Nisso, um aspecto essencial contido na propaganda, e que o professor não pode deixar passar despercebido, é a informação que, muitas vezes, não está explícita, ou seja, encontra-se subtendida nos recursos visuais e estilísticos.

Salientamos, também, que as imagens são fundamentais nas propagandas. Na sala de aula, o professor pode explorar o trabalho com a imagem, levando os alunos a perceberem que elas estão postas com o propósito de prender a atenção de quem a vê e estimulá-los a se utilizar daquilo que está sendo “propagado”. Assim, ao analisar a propaganda com os alunos, o professor deve explorar tanto a leitura crítica do material escrito, como também as imagens ali presentes, pois esses dois recursos juntos é que compõem a propaganda.

É responsabilidade do professor a tarefa de motivar os alunos para a leitura e a produção de textos para propagandas, orientando-os de forma que, em muitas situações, seja importante não se deixar manipular pelo que está sendo divulgado como, por exemplo, a propaganda eleitoral, a propaganda política, determinado produto a ser vendido, etc. Para tanto, deve-se ensinar que a propaganda é um apelo, um vínculo, entre aquele que anuncia e o consumidor.

Outra atividade muito interessante é propor aos alunos a criação de uma propaganda que tente convencer o leitor de que um determinado produto é de ótima qualidade. O professor deve decidir com a turma qual será o produto à venda, como será o texto do anúncio, que imagem será colocada, etc.

Para essa e outras atividades, é fundamental que o professor faça uma seleção desses textos (das propagandas), principalmente, os que estão sendo veiculados nesse momento. Por exemplo, fazer uma seleção de propagandas veiculadas em outdoor, folhetos de vendas de imóveis, produtos de supermercados, etc. Assim, poderá aproveitar diferentes tipos de textos de propagandas, em diferentes conteúdos programáticos, adequando-os ao nível das turmas e aos objetivos que se pretende alcançar. O professor não pode esquecer jamais de conscientizar os alunos da importância do conhecimento dos recursos da linguagem da propaganda, com a intenção de que o mesmo possa defender-se de determinadas manipulações.

Enfim, queremos destacar que o professor que trabalha com línguas não deve deixar de desenvolver um trabalho em sala de aula, utilizando propagandas de outdoor.

Primeiramente, lembramos que o outdoor é qualquer publicidade ou propaganda ao ar livre. Aqui, no Brasil, isso é feito, normalmente, em grandes painéis de rua. O outdoor atinge a população com bastante rapidez, perdendo, apenas, para televisão. Sua utilização pode ser local, regional e até nacional. Um anúncio num outdoor tem duração inalterada de até 15 dias.

Mas, afinal, você sabe quais são os principais tipos de outdoor? Vejamos alguns deles:

- a) Painéis fixos, em estradas e zona urbana;
- b) Painéis luminosos colocados no alto e nas laterais de prédios;
- c) Painéis eletrônicos;
- d) Painéis que fazem animações e passam textos, com luzes que acendem e apagam;
- e) Painel com luz interna e cobertura feita de filme fotográfico, em forma de slide.

Com os outdoors, o professor pode começar, convidando os alunos para fazer uma seleção deles. Com o material em sala de aula, muitas possibilidades de atividade de leitura e de escrita podem ser realizadas. É só planejá-las!

Já sei!



A propaganda, apesar de ser um texto curto, normalmente causa impacto aos olhos de quem vê, devido as suas frases de efeito e das imagens que lhes são inerentes. Ela explora as emoções do ser humano e seu poder de convencimento, utilizando argumentos para atrair sua atenção.

A estrutura da propaganda comporta texto e imagem. Ao se propor seduzir o leitor ou convencê-lo, a propaganda se apresenta de



Fig. 24

forma bastante criativa, utilizando os mais variados recursos linguísticos, com imagens atraentes. A beleza desse texto está, exatamente, na associação entre texto escrito e imagem. Não podemos negar que, a maioria das imagens causa fascínio nos leitores. As palavras utilizadas são simples, o que proporciona a compreensão imediata.

A forma como se constrói a propaganda é o que motiva o leitor a ter credibilidade no produto anunciado, a aderir à causa proposta, a adotar determinada ideia, etc. Por isso, a exploração de propagandas em sala de aula, tanto no que se refere à leitura, quanto à produção escrita, pode, ao mesmo tempo, desenvolver a criatividade e a criticidade.

Enfim, a linguagem da propaganda é extremamente rica, cheia dos mais variados recursos, por isso sua exploração nas atividades pedagógicas é imprescindível.



Autoavaliação

Você vai criar uma campanha pela valorização da escola pública. Para isso, você precisa divulgar as qualidades dela. Essa campanha será divulgada em outdoor. Para isso, crie um texto que possa persuadir as pessoas a valorizarem a escola. Pense no texto e na imagem que você vai utilizar. Sua missão é atrair a atenção e seduzir as pessoas em defesa da escola pública. Para isso:

1. Defina qual aspecto da escola pública você pretende destacar: tradição, qualidade do ensino, características dos alunos e/ou dos professores, etc.
2. Pense em algumas ideias para a sua propaganda e liste-as.
3. Selecione a melhor ideia. A fim de oferecer melhores encaminhamentos, sugerimos que você faça a si mesmo algumas indagações:
 - a) Pense em como você quer atingir o leitor. Pretende emocioná-lo, chocá-lo, diverti-lo?

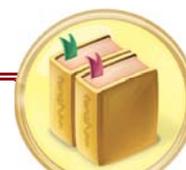
- b) Que tipo de imagem pretende usar: uma fotografia já existente, ou uma nova? Ou outra ilustração?
- c) Que tipo de texto verbal você vai associar a essa imagem: um texto que a complete ou que simplesmente a reforce? Um que privilegie a razão ou a emoção?
- d) Não esqueça de que a propaganda deve chamar a atenção do leitor, por isso é importante que tenha um bom tamanho e abordagem inovadora. Utilize um texto curto com verbos no imperativo.
- e) Procure utilizar o pronome de tratamento “você”.
- f) Use e abuse de sua criatividade ao utilizar os recursos da linguagem da propaganda e da escolha da imagem.
- g) A propaganda deve mobilizar o leitor para uma ação ou postura.

Monte “seu” outdoor e apresente sua propaganda à turma.

Só um último detalhe: que tal produzir o texto da sua propaganda em língua espanhola?

Por último, relate como foi o seu processo de criação.

Leitura complementar



Para aprofundar seus conhecimentos, a respeito da utilização da propaganda em sala de aula, leia os seguintes textos:

- A Propaganda em Sala de Aula: Uma Técnica Pedagógica para o Ensino de Recepção e Produção de Textos. O texto completo está disponível no seguinte endereço: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/7/73.pdf>.
- Capítulo 4 do livro A linguagem da propaganda: Propaganda e ideologia. As informações a respeito deste livro estão contidas nas referências desta aula, logo a seguir.



Referências

BROWN J. A. C. **Técnicas de persuasão: da propaganda à lavagem cerebral**. Trad. Octavio Alves. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1985.

GONZALES, L. **Linguagem publicitária: análise e produção**. São Paulo, SP: Artes & Ciências, 2003.

KOCK, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**, São Paulo: Cortez, 1996.

SANDMANN, A. **A linguagem da propaganda**. 9ª. Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://www.neidefiori.cfh.prof.ufsc.br/livro-imagem5.htm>

Fig.2 – <http://2.bp.blogspot.com/-oRuka7D7v4g/TkqqmditQVI/AAAAAAAAATs/1tqZeoxyzd0/s1600/PERSUA%257E1.JPG>

Fig.3 – http://4.bp.blogspot.com/_PN14sYDsCXo/RuVBXDoUK5I/AAAAAAAAAc0/guklGXAdsNs/s400/Semana+da+Pa%CC%81tria

Fig. 4 – <http://files.nazaria.webnode.com.br/200000013-5b9e95c97f/nazaria.jpg>

Fig. 5 – http://www.portalaz.com.br/noticia/grande_dirceu/122315

Fig. 6 – <http://wwwadalbertoday.blogspot.com/2009/07/rua-julio-h>

Fig. 7 – <http://historiadapublicidade.files.wordpress.com/2010/10/tam.jpg>

Fig. 8 – www.palavras.blog.br/2010/08/fraternidade-e-v

Fig. 9 – http://www.portaldapropaganda.com/imagens_portal/p1/comunicacao/2008/04/0012/imagens_editor_ext/CocaCorpo.jpg

Fig. 10 – http://4.bp.blogspot.com/_JfXhmygdsoU/TA5TfyGw5II/AAAAAAAAHWg/UaHICP0VVvE/s1600/avon.jpg

Fig. 11 – http://2.bp.blogspot.com/Mqzk0aNvaYQ/TdV_Tsz8VWI/AAAAAAAAAFw/7wqb4fS0rWk/s640/super+extend+avon.jpg

Fig. 12 – <http://blog.educacional.com.br/meiregsouza/files/2010/03/batom.png>

Fig. 13 – <http://www.engenhonovo.com.br/conteudo/port/004/por/arq/000307.jpg>

Fig. 14 – http://1.bp.blogspot.com/_7crUhSm4_34/TDdNly8ItFI/AAAAAAAAAZU/vJnTmAF15GA/s1600/ENGENHO4.jpg

Fig. 15 – <http://portfolioricardoferreira.blogspot.com/>

Fig. 16 – http://2.bp.blogspot.com/_GdZcPuxmMgI/TIPrvFCM87I/AAAAAAAAAmU/2HoTM4AU4oY/s1600/outdoor_aquecimento+global.jpg

Fig. 17 – http://1.bp.blogspot.com/_9OgLc4jRePs/SgndmXBkttI/AAAAAAAAABA/I2RcBo4uBp8/s400/jardel_nike.jpg

Fig. 18 – http://3.bp.blogspot.com/_e85TQblsE7o/SYkmAixbznI/AAAAAAAAAZI/XTXEc_r_feus/S668/campanhaMST.jpg

Fig. 19 – http://2.bp.blogspot.com/_PiYHzoBU8Ng/TCKQr6b2ZmI/AAAAAAAAAOQ/ZJesi4BFQXE/s320/OMO_Artilheiro.jpg

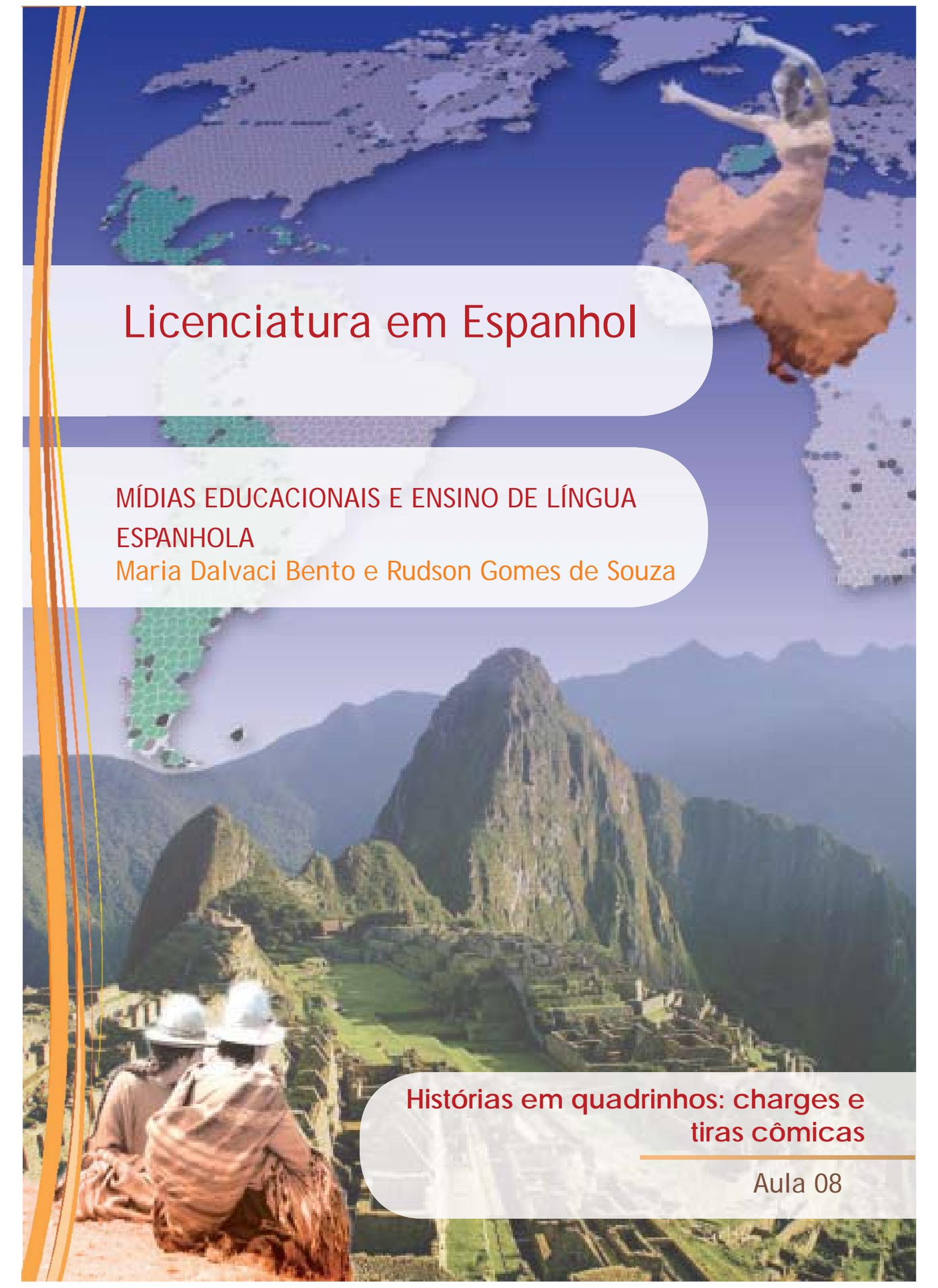
Fig. 20 – <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/topofmind/images/tm2910200764.jpg>

Fig. 21 – http://3.bp.blogspot.com/_rFkz39ANq4I/SRsKRCrtG2I/AAAAAAAAADs/YH0u_VNxrX8/s400/bombriI_OBAMA.jpg

Fig. 22 – http://3.bp.blogspot.com/_GmovPXOyU_g/R1fsmWwguPI/AAAAAAAAAO8/P5Pgl5Jpvhg/s400/os-congas.jpg

Fig. 23 – <http://portfolioricardoferreira.blogspot.com/>

Fig. 24 – <http://3.bp.blogspot.com/-kH1jIhPRFAM/TiZgwKHicXI/AAAAAAAAA4o/UaQLSDW5990/s1600/20-Anuncio-CBA-Ralo.jpg>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Histórias em quadrinhos: charges e
tiras cômicas

Aula 08

Aula 08

Histórias em quadrinhos: charges e tiras cômicas

Apresentação e objetivos

Na aula passada, observamos que uma das características da linguagem utilizada na propaganda consiste na associação entre a linguagem verbal e a linguagem não-verbal. Há uma ênfase nítida do uso da imagem e, certamente, o que está escrito relaciona-se a cores, formas, gravuras, fotos, etc. Essas características causam, portanto, um forte apelo para aquele que lê esse tipo de informação impressa.



Fig. 01

Diante disso, nesta aula, não só apresentaremos os gêneros das histórias em quadrinhos, como também nos ocuparemos de caracterizá-los, por meio de sua representação e apresentação, principalmente devido à associação de linguagens que é uma característica igualmente marcante na propaganda.

Por meio da leitura dos vários tipos de quadrinhos, verificaremos também como devemos utilizar esse tipo de histórias no espaço escolar, principalmente em aulas de línguas estrangeiras.

Ao final desta aula, você deverá:

- saber diferenciar as particularidades de cada tipo de gênero de histórias em quadrinhos;
- refletir sobre as diferentes formas de representação e apresentação desse tipo de mídia impressa;
- realizar aplicações práticas para uma correta utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de Língua Espanhola.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Acreditamos que você já conhece esse tipo de linguagem e, provavelmente, quando criança e/ou adolescente, consumiu bastante as histórias em quadrinhos como meio de entretenimento.

Nesta aula, fazemos um convite a você para refletirmos, juntos, a respeito de alguns elementos caracterizadores desses gêneros textuais impressos tão populares, mesmo nesta era da informação digital. Embora o computador traga cores mais vibrantes, além de animações, e a tecnologia de alta definição empregada nos novos aparelhos de TV deixe os desenhos animados cada vez mais próximos à realidade, os quadrinhos impressos ainda têm espaço garantido nas páginas de renomados jornais, em bancas de revistas e até mesmo nas prateleiras de grandes livrarias.

Sabemos o quanto a associação de linguagens textuais e iconográficas é significativa para prender o leitor ao texto e ajudá-lo na compreensão da mensagem que se deseja passar através desses tipos de gêneros. Contudo, não basta apenas “jogar para o aluno” um tipo de material bonito aos olhos de quem o lê, mas sim contextualizá-lo em algum tipo de atividade e, principalmente, diferenciando os vários tipos de quadrinhos e seus elementos de significação.

Quem nunca leu um gibi antes, independente da idade? E quem nunca sorriu, ficou indignado ou muitas vezes chocado com uma charge em um jornal? E se soubéssemos das intenções para a utilização de alguns elementos indispensáveis na construção deste tipo de história, não seria mais fácil de entendê-la, mesmo em outro idioma?

Sendo assim, faremos uma leitura sobre os principais tipos de quadrinhos e suas particularidades, além de observarmos como levar esses gêneros para dentro da sala de aula sem que os mesmos causem falta de aceitação por parte da gestão pedagógica da escola, o que é bastante comum em algumas instituições de ensino mais tradicionais.

Bons estudos!



Histórias em quadrinhos: charges e tiras cômicas

Particularidades, intenções e o uso na sala de aula

Você notou que, o tempo todo, nós utilizamos apenas o termo quadrinhos? E também percebeu que, invariavelmente, o que vem às nossas cabeças são os gibis vendidos em bancas e livrarias?

Na verdade, há certa confusão que envolve os gêneros ligados a essa palavra, pois existem diferentes nomes atribuídos a esse tipo de narrativa. É importante, então, entendermos essas narrativas e sabermos o que é uma história em quadrinhos e/ou o que ela não é. Tiras cômicas, charges, tirinha, etc., são alguns dos nomes atribuídos a todas as formas desse tipo de humor. Nesse sentido, podemos afirmar que existem elementos diferenciadores ou específicos para a linguagem dos quadrinhos e de seus gêneros.

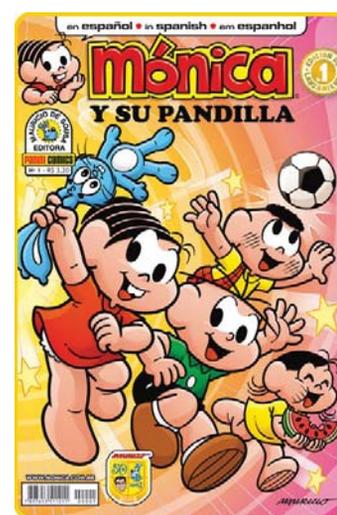


Fig. 02

No Brasil, por várias décadas, imaginar as histórias em quadrinhos dentro da sala de aula era algo inaceitável. Hoje, até mesmo pela transformação de alguns clássicos da literatura em quadrinhos, já existe uma harmonia maior entre a escola e o trabalho com quadrinhos, inclusive com apoio governamental, o que tem gerado inclusive uma curiosidade, embora ainda pequena, por parte de pesquisadores das universidades. Tanto na área de Comunicação, quanto nas áreas de Educação, Letras e Pedagogia, professores e alunos procuram se aprofundar melhor sobre o tema.

Com base em pesquisas de Ramos (2010) e Alexandre (2010), imaginamos o tratamento do tema quadrinhos por meio de uma aula bem fácil, para que vocês pudessem entender melhor os quadrinhos e seus gêneros, refletindo conosco sobre as maneiras de utilizar essas histórias na escola. Para tanto, escolhemos dois tipos de gêneros dos

quadrinhos, bastante utilizados para leitura ou em provas e, a partir desses, verificaremos suas particularidades e algumas formas de aproveitamento desses que são alguns dos grandes meios de comunicação mais populares.

Breve Leitura dos Gêneros das Histórias em Quadrinhos

Devido ao grande número de rótulos atribuídos a eles, iniciamos esta aula antecipando a grande dificuldade no entendimento dos quadrinhos no que concerne à sua divisão em diferentes gêneros textuais. Somente a partir de um conhecimento maior sobre características específicas dessas histórias e de seus diferentes gêneros, somos capazes de minimizar essa confusão. A charge e a tira cômica exemplificam muito bem essa problemática. Ambos são textos puramente humorísticos, mas com particularidades quanto às características de produção. Esse tipo de problema pode até atrapalhar o leitor, dependendo da sua motivação para a leitura, o que nos faz estudar noções mais detalhadas dos três gêneros aqui abordados, fato que pode tornar a leitura em um processo mais crítico e aprofundado, principalmente para práticas pedagógicas.

Para melhor refletirmos sobre o assunto, adotamos a concepção de gênero, conforme Bakhtin (2003), isto é, são tipos de enunciado relativamente estáveis usados para intermediar o processo de interação numa situação de comunicação.

Uma primeira observação a ser feita é que quadrinhos são quadrinhos, ou seja, possuem uma linguagem autônoma, embora muitos possam vê-los como forma de literatura, o que não é um argumento de todo falho, embora não justificado, por encontrarmos, também, pontos convergentes com o cinema, o teatro e outras linguagens. Na prática, todas essas formas de linguagem perpassam por ambientes próprios e autônomos, cada qual à sua maneira. É justamente através do diálogo do texto com ilustrações, caricaturas, pintura, fotografia, poesia, etc. que faz desses gêneros uma forma de linguagem com recursos e possibilidades próprios.



Histórias em quadrinhos podem avançar a partir da comparação entre dois ou mais quadrinhos, ou mesmo podem ser condensadas em uma única cena. Elas reúnem os principais elementos narrativos como o espaço, o tempo, as personagens, a ação, representando aspectos da oralidade, estratégia que também é aplicada em livros

infanto-juvenis, embora, na prática, por mais que habitem hoje as mesmas prateleiras em grandes livrarias, a diferença está projetada no tocante ao uso de recursos de linguagem em ambos os casos. Esses recursos validam a diferença entre quadrinhos e literatura e toda uma gama de gêneros diferentes que os cercam.

Quando entendemos o que os quadrinhos não são, podemos detalhar o que eles realmente são. Algumas tendências podem definir melhor o que são então, efetivamente, histórias em quadrinhos:

- A linguagem dos quadrinhos está presente em diferentes gêneros;
- A sequência de fatos predomina;
- Personagens fixos ou não são encontrados;
- A narrativa pode ocorrer em mais de um quadrinho;
- Fatores como o veículo de publicação, formato, rótulo ou suporte podem orientar a percepção de um gênero típico dos quadrinhos;
- Há uma maior tendência para o uso de desenhos, embora fotografias também possam compor as histórias.

Ao unirmos essas características em uma história, com maior ou menor grau de uso, obtemos uma diversidade de gêneros, também nomeados de diferentes maneiras, definindo-os como quadrinhos. O contexto interacional seria o ponto em comum no uso da linguagem de todos esses gêneros. Cabe, neste momento da nossa aula, observarmos que, por meio do entendimento da caracterização anteriormente apresentada, as caricaturas e as ilustrações, por não constituírem narrativas, não podem ser tomadas como pertencentes aos gêneros dos quadrinhos.



Fig. 03 - Caricatura de Messi.

Para classificarmos os quadrinhos por gêneros, é possível identificarmos três comportamentos teóricos que são uma tendência na literatura científica sobre esse tipo de narrativa:

- A visão dos quadrinhos como um grande rótulo de diferentes gêneros;
- O humor gráfico, que vincula os gêneros de cunho cômico

– charge, cartum e tiras;

- A aproximação com a linguagem jornalística, principalmente os gêneros charge e tiras cômicas.

São, portanto, três opções teóricas válidas, contudo a opção de escolha por uma ou por outra vai depender, mais uma vez, da motivação do leitor ou, em nosso caso, da intenção do professor para o uso em sala de aula. Seguiremos a linha teórica que caracteriza os quadrinhos como um grande rótulo que agrega vários gêneros, com linguagens compartilhadas e predominantemente narrativas, tais como as charges e as tiras cômicas.



Fig. 04



Mãos à obra

Agora que você já fez a sua própria leitura sobre os gêneros dos quadrinhos, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. Com base no conteúdo que você estudou até agora, responda as questões que seguem.
 - a) A maioria dos leitores faz certa confusão quanto à definição do que são histórias em quadrinhos. O texto estudado apresenta alguma definição ou representação do senso comum para o que representa a expressão **histórias em quadrinhos**? Caso identifique, apresente-a.

b) Há alguma diferença ou divergência de opiniões quanto à aceitação dos quadrinhos dentro da sala de aula? Justifique a sua resposta.

2. Exemplifique dois tipos de textos parecidos com rótulo de quadrinhos, mas que são gêneros distintos devido às características particulares em cada um deles.

3. O texto abaixo pode ser considerado uma charge? Argumente, reportando-se ao referencial teórico estudado.



Fig. 05

4. Quanto à linguagem dos quadrinhos, responda:

a) Por meio de que tipo de processo, a linguagem dos vários gêneros dos quadrinhos ganha uma roupagem própria?

b) Cite um exemplo de texto que é comumente considerado como um gênero dos quadrinhos, mas de maneira errônea. O que caracteriza esse erro?

c) Identifique alguns fatores que torna os gêneros, assunto da nossa aula, mais perceptíveis para os leitores.

A Charge

Esse texto de humor, a charge, que geralmente aborda um tema ligado ao noticiário é basicamente constituído pelo estabelecimento de algum fato com a notícia por meio de uma relação intertextual, sendo reportado de forma verbal, visual ou verbo-visual por desenhos.

Não por acaso, esse tipo de gênero costuma aparecer nos jornais nos cadernos de política ou de opinião. Geralmente, os políticos costumam ser a maior fonte de inspiração para a charge, através de um tipo de texto carregado de humor, crítica e/ou brincadeira. O tema do humor, portanto, vem atrelado às notícias políticas, e faz com que o leitor recupere dados históricos da época e possa, então, fazer inferências para entender a mensagem do texto.

O fato de essa ligação da charge com o noticiário ser bastante relevante, é o que faz com que ela se diferencie do *cartum*, tipo de gênero com características bem parecidas. Vejamos o exemplo a seguir para ilustrarmos melhor essa distinção:



Sem nos determos necessariamente à mensagem que se pretende passar com o quadrinho que você acabou de ler, devemos observar a descrição da cena. Ela nos mostra um homem segurando um balde na direção de um quadro que retrata a imagem de uma grande onda. A ação possivelmente acontece dentro de uma galeria de arte ou museu. O que nos interessa analisar é o fato de que o *cartum* consegue sintetizar uma possível sequência de imagens, através de elementos mínimos da estrutura narrativa, e o mais importante é que o humor do quadrinho advém de uma situação do cotidiano, qual seja a visita a uma galeria de arte ou museu, sem qualquer relação com o noticiário jornalístico – que é a principal diferença entre esses dois gêneros.



Fig. 06

A linguagem visual ou icônica é o que predomina na charge, e a técnica de desenho utilizada nesse quadrinho, assim como o texto, vai depender do objetivo de cada chargista. Na sala de aula, a intenção cairá quase que totalmente à escolha da charge pertinente à determinada aula ou disciplina, e não à técnica, pois dificilmente o professor será o chargista. Em uma aula de línguas, por exemplo, esse

gênero pode ser utilizado como proposta para diversos temas de aulas, em observância às características observadas no início do tópico atual. Vejamos a próxima charge, ao lado disposta, para, juntos, refletirmos sobre como podemos elaborar uma proposta de aula.

Uma boa proposta de aula com a utilização dessa charge seria a apreensão do sentido por meio do contexto político nela explicitado. O objetivo seria mostrar ao aluno que, muitas vezes, só podemos entender o sentido da charge (Sugestão: verifique a ênfase política caracterizando esse tipo de história em quadrinhos) através do contexto situacional. O texto, estando em espanhol ou não, poderia direcionar a aula para o entendimento do léxico por meio da caracterização do gênero.

Nesse caso, o contexto poderia ser suficientemente entendido por alunos que costumam acompanhar fatos políticos, mas para outro tipo de aluno, seria pertinente recuperar esses dados historicamente por meio de inferências. Mesmo assim, talvez o grupo não tivesse uma solução definitiva, caso não fosse estabelecida uma dinâmica para ampliar o assunto até mesmo para outros textos. De qualquer maneira, a ilustração e o entendimento político do gênero poderiam, por si só, apontar para

uma situação de embate entre o Brasil, representado pela caricatura da presidente Dilma como policial rodoviária, e a Argentina, representada pela presidente Cristina, dentro de um carro iconicamente representado pela bandeira desse último país.

Outros objetivos poderiam surgir com essa simples charge, tais como a caracterização dos personagens ou a reflexão de quão ricos de informações podem ser os elementos visuais, ainda que o vocabulário estivesse em língua espanhola.

Mãos à obra



Conhecemos particularidades e potencialidades do uso de nosso primeiro gênero dos quadrinhos abordado nesta aula. Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluí-la.

1. Observe os quadrinhos abaixo e responda:

Quadrinho 01

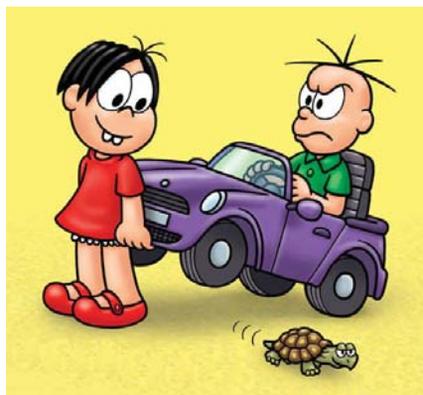


Fig. 07

Quadrinho 02

Qualquer semelhança é mera coincidência



Fig. 08

a) Comparando os gêneros charge e cartum, como você classificaria cada um dos quadrinhos acima?

b) Que quadrinho seria mais bem aproveitado em um jornal impresso. Em qual sessão ou caderno? Por quê?

c) De onde advém o humor do primeiro quadrinho? Explique a cena.

2. Qual a principal diferença entre os dois gêneros apresentados neste tópico? Elabore a sua resposta explicando os elementos que caracterizam cada um dos textos.

3. Considerando o contexto histórico-situacional do segundo quadrinho, o que ou quem o coelho representa?

As Tiras Cômicas



Fig. 09

Dentre vários elementos caracterizadores apresentados nos gêneros dos quadrinhos, o formato é fator tão presente na composição de alguns gêneros que foi incorporado a alguns dos seus nomes. É o caso da tira cômica, ou simplesmente tiras, que predominam nos jornais brasileiros e nos da maioria dos países. O humor é o tema característico desse gênero, assim como a restrição retangular de seu formato, que é fixo, o que também possibilita apenas um texto curto contruído em um ou mais quadrinhos e com personagens fixos ou não, que geralmente dão a esse tipo de narrativa um desfecho inesperado no final.

Semelhantes a uma piada, com texto cuja finalidade busca provocar efeito humorístico, é rotulada quase sempre como sendo efetivamente uma piada e não um quadrinho. A tira, no início desse tópico, serve muito bem de exemplo de tira cômica. Além da forma característica e fixa, há uma situação inesperada que leva ao humor. Por ser uma tira de personagem fixo, gera no leitor a inferência de que o tigre, no final da histórias sairá com uma resposta irônica ou simples para as falas sempre muito complicadas do Calvin. O leitor tem a tarefa de estar sempre construindo as ações marcantes das personagens para produzir o sentido pretendido por quem as escreveu. É outra semelhança com as piadas, como as de loira ou de portugueses, os quais também podem ser definidos como sendo personagens de características fixas.

Alguns autores, como aqueles citados no início da aula, apresentam dois tipos de gêneros dos quadrinhos bem parecidos com as tiras cômicas, mas que podem ser diferenciados apenas por um detalhe: as características da história apresentada. Caso um jornal apresente uma história narrada em sequências, divididas por dias da semana, por exemplo, observaremos um mecanismo parecido com o efeito das telenovelas onde cada tira traz um capítulo em dias diferentes atrelado a uma mesma trama.

Um exemplo desse gênero é a **tira cômica seriada**, que está na fronteira entre a tira cômica, com desfecho inesperado, e que leva ao efeito de humor, mas ao mesmo tempo é produzida em capítulos, assim como ocorre com a tira seriada. Esse tipo de gênero já foi bem mais comum no Brasil, com tiras como as do Ed Mort, do Garfield, da Mafalda e do próprio Calvin, publicadas diariamente, em partes, sobre um assunto maior.



Fig. 10

Na Argentina, até pouco tempo atrás, as tiras da personagem Mafalda eram publicadas em série, ou seja, durante dois ou três dias, o leitor acompanhava a ação iniciada em um primeiro dia e a continuidade e/ou desfecho em dia(s) posterior(es), como exemplificado nas tiras acima e abaixo.

A **tira seriada**, quando reproduzida em sequência em um livro, é o que caracterizamos como uma história em quadrinhos mais longa, como os gibis. Dessa forma, conseguimos entender que esse tipo de tira é o que chamamos vulgarmente de histórias em quadrinhos que, na verdade, é apenas mais um dos vários gêneros dos quadrinhos.



Fig. 11

2. Qual a semelhança entre as tiras cômicas e a piada?

3. Identifique e caracterize outros gêneros dos quadrinhos que fazem parte do universo das tiras cômicas.



Já sei!

Nesta aula, procuramos destacar os principais gêneros de histórias em quadrinhos, em especial, aqueles que mais aparecem no universo escolar em livros e provas. Sendo assim, destacamos suas características, formas e usos. Aprendemos um pouco como minimizar a confusão que os cerca, reconhecendo e identificando algumas de suas particularidades.

Como sabemos que se trata de gêneros bastante populares, aceitos principalmente pelos alunos de todas as idades, buscamos desmitificar prováveis efeitos nocivos ou não compensatórios quanto à utilização desse tipo de material em sala de aula. São narrativas importantes, pois estão presentes nos meios de comunicação e informação com grande destaque, o que é bastante significativo para a nossa sequência de aulas sobre a utilização das TIC na esfera escolar, objetivo geral da nossa disciplina.



Refletindo sobre o que aprendemos até o momento, é de grande importância estudarmos as narrativas do tipo gêneros de histórias em quadrinhos e seus efeitos positivos para a aprendizagem de línguas, principalmente de língua estrangeira, nosso objeto de estudo, compreendendo todos os elementos e características que tornam esse texto tão popular e multiplicador de ideias, informações, recheado com bastante humor. São narrativas já inseridas nos livros didáticos e, portanto, bem conhecidas pelos alunos como ferramenta de aprendizagem do sentido e das regras de uma língua. Fáceis de serem utilizadas nesse universo, verifica-se que funciona muito bem não apenas como aparato paradidático, o que é sempre outra opção como reforço para a habilidade de leitura, e o próprio prazer por esse tipo de atividade. O mais interessante é podermos identificar o que são e o que não são histórias em quadrinhos.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

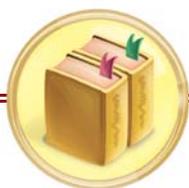
- a) Acesse a internet através da ferramenta *youtube*, e visualize o vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=WyE42q8ecdY> – O vídeo já é uma apresentação de trabalho com quadrinhos. Verifique o seu contexto e faça uma crítica ao trabalho.

- b) A partir das informações que você já leu sobre os gêneros de histórias em quadrinhos, apresente opções de tarefas com os quadrinhos abaixo:





Fig. 13



Leitura complementar

Vamos utilizar, mais uma vez, a ferramenta de internet *Google* e seus livros *online*? Para isso, indicamos a leitura dos seguintes livros para mais informações sobre as histórias em quadrinhos e para sua própria prática de leitura em Língua Espanhola:



O livro: **Escuelas que ríen**. Ron Burguess. Acesse em: http://books.google.com.br/books?id=I3Wt2955ZagC&pg=PA87&dq=el+uso+de+tiras+c%C3%B3micas+en+la+escuela&hl=pt-BR&ei=BSqaTtWzAoja0QH U4YCjBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC0Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false

O livro: **Diseño y desarrollo de unidades didácticas en la escuela primaria**. C. Sarah Tann. Acesse em: http://books.google.com.br/books?id=D5wmUwIJ-REC&pg=PA51&dq=el+uso+de+tiras+c%C3%B3micas+en+la+escuela&hl=pt-BR&ei=DCyaTtaBNMTg0QG18pnUBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCsQ6AEwADgK#v=onepage&q&f=false



Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. . 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://blog.opovo.com.br/educacao/files/2011/09/imagesCAM27XPH-150x120.jpg>

Fig. 02 - http://imageshack.us/photo/my-images/180/monicaespanholb.jpg/http://4.bp.blogspot.com/_VFLg-i3L7OE/TSGgShcnSJI/AAAAAAAAACGE/vV3A6876TqA/s1600/computador-megafone.jpg

Fig. 03 - http://http://www.pasionalbiceleste.com.ar/media/galeria/1186/0/3/9/2/n_seleccion_argentina_leo_messi-802930.jpg

Fig. 04 - : <http://imageshack.us/photo/my-images/406/carlitosysnoopy5tira2kl3.jpg/>

Fig. 05 - http://1.bp.blogspot.com/_hTwr2v9JTk/SzzaoGPyltI/AAAAAAAAAPA/CF9lu3hNDyc/s1600/53093_tirinha.png

Fig. 06 - http://www.dcomercio.com.br/especiais/humornet/2011/charge/charge_dilma_cristina.jpg

Fig. 07 - http://www.cartunista.com.br/monica_rett.jpg

Fig. 08 - <http://blogs.d24am.com/jrlima/files/2010/09/dilma-monica-blog.jpg>

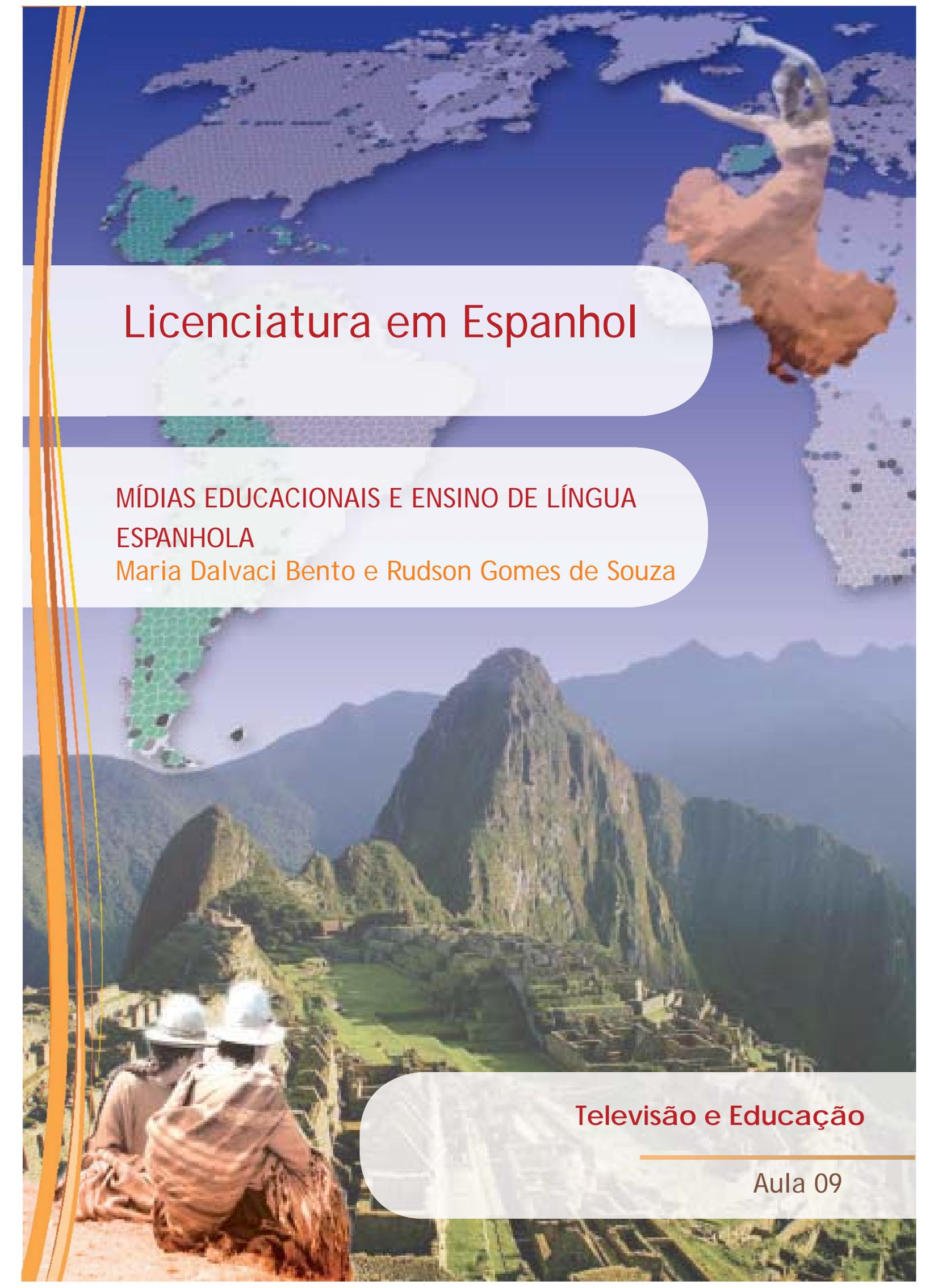
Fig. 09 - http://images.amuniversal.com/ups/productos/calvinandhobbes/samples/ch_esp040831.gif

Fig. 10 - http://www.puc-rio.br/vestibular/repositorio/provas/2006/imagens/img_espanhol_mafalda_quadro.gif

Fig. 11 - http://www.puc-rio.br/vestibular/repositorio/provas/2006/imagens/img_espanhol_mafalda_quadro.gif

Fig. 12 - http://1.bp.blogspot.com/_SCvy3eZ-pxA/TEDPvZDtt1I/AAAAAAAAABAQ/-bw4J9yrbFc/s640/monica+espanhol+1.bmp

Fig. 13 - http://apaixonadosporidiomas.com.br/wp-content/uploads/2011/04/76090_thumb.gif



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Televisão e Educação

Aula 09

Apresentação e objetivos

Caro (a) aluno (a)!

Estamos começando uma nova Unidade, desta vez, tratando dos audiovisuais. Nesta nossa primeira aula, discutiremos, de forma geral, sobre a televisão, observando como esta se relaciona com a educação. Como um meio de comunicação tão popular, a televisão não pode estar de fora das discussões educacionais, já que há bastante aproximação entre educação e televisão.

Para compreendermos melhor esse poderoso veículo de comunicação, inicialmente, discutiremos a respeito do advento da mídia televisiva, enfocando, principalmente, seu surgimento, a influência na vida cotidiana, sua produção e a linguagem televisiva.

Em seguida, destacaremos a necessidade de a televisão ser incorporada à educação. Para isso, citaremos algumas perspectivas, o espaço destinado para programas educativos na TV comercial e a televisão educativa, propriamente dita.

Por último, comentaremos algumas possibilidades de utilização da televisão na sala de aula, mas, por outro lado, destacaremos alguns equívocos a serem evitados quando se trata de utilizar a programação televisiva em sala de aula.

Ao final desta aula, você deverá:

- compreender a influência da televisão sobre o modo de ser e de comportar-se dos indivíduos;
- refletir a respeito da utilização da televisão na educação;
- identificar algumas possibilidades de utilização da televisão na sala de aula.



Para Começar

Olá, caro (a) aluno (a)!

Estamos começando mais uma aula. Fazemos um convite a você para discutirmos, juntos, sobre a televisão e sua relação com a educação. Esse é um tema muito interessante e necessário de ser discutido numa licenciatura, especialmente, pelo contato que temos diariamente com a televisão – hoje um eletrodoméstico indispensável nas residências – e pela sua influência em nossa vida cotidiana.

Partimos do pressuposto de que você é um telespectador e, como tal, tem expectativas sobre essa mídia televisiva e possui certo grau de exigência com relação aos diversos programas, inclusive os educativos. Sendo assim, acreditamos que vai gostar muito de fazer as leituras aqui propostas, pois elas irão contribuir para esclarecer dúvidas, ampliar conhecimentos e acrescentar outros saberes.

Você vai ter a oportunidade de refletir sobre algumas possibilidades mais adequadas para incorporar a linguagem da mídia televisiva na educação.

Por isso, sugerimos que realize as atividades reflexivas que contribuirão para ampliar sua compreensão a respeito da televisão na educação. É muito importante que realize todas essas atividades e pode contar conosco para eventuais esclarecimentos.

Desejamos um excelente estudo!

Abraços!



O advento da mídia televisiva

Desde o seu surgimento, o foco da televisão buscou enfatizar o lado comercial. Suas primeiras transmissões se voltavam para a venda de aparelhos de televisão, porém, a inclusão de programas voltados para o divertimento, a informação e a divulgação de culturas diversas, aconteceu logo depois. Até hoje, é a publicidade quem mantém a televisão comercial. Se observarmos atentamente, perceberemos que o conteúdo da programação televisiva está organizado de forma a incentivar o consumo.



A primeira transmissão de televisão via satélite aconteceu na Alemanha e teve como objetivo transmitir os jogos olímpicos – um acontecimento que valorizou a cultura e o esporte, conectando a Alemanha a outros países. O Brasil foi o quarto país do mundo a instalar a televisão, em 1950. Desde sua criação, a televisão tem sido um dos maiores veículos de comunicação de massa. Ela tem exercido influência na cultura local e mudado os comportamentos da população em todas as suas faixas, especialmente entre jovens.

Enquanto cultura de massa, a televisão tem influenciado na modificação e transformação dos modos de agir das famílias e no cotidiano das pessoas, destacando identidades diferentes, revelando práticas culturais que, sem o advento da televisão, jamais seria possível conhecê-las. Os brasileiros incorporaram esse eletrodoméstico a sua vida, embora os produtores dos programas, por ele veiculado, queiram apenas vender seus produtos.

Não podemos negar o fascínio que a televisão exerce sobre as pessoas, a forma como seduz e consegue a adesão dos diversos públicos. A televisão brasileira se espelha no cotidiano das pessoas e o revela em sua tela, servindo de modelo a ser seguido, principalmente, entre as crianças e os jovens. Os temas são abordados superficialmente, mesmo quando

estão tratando de questões sérias. A exploração comercial mobiliza e dá ênfase à comercialização, tornando-se uma vitrine de produtos que passam a ser desejados pelos telespectadores.

Por exemplo, quem nunca viu um jovem usando camisetas e acessórios relacionados ao seu ídolo preferido? Esse desejo de imitar um ídolo passa a ser visto como um padrão cultural de valor e um produto de consumo com forte chance de mudar comportamentos de pessoas que são facilmente influenciáveis. A televisão é, hoje, uma das formas mais dinâmicas e fáceis de vendas e de formação de padrões culturais e sociais, principalmente pelo seu poder comunicativo, conseguindo, desta forma, manipular as ideias. Temos consciência de que é preciso conhecê-la mais a fundo, de modo a desmistificá-la.

Outro ponto que se observa a respeito da televisão brasileira comercial é o fato dela ser pensada para atingir um público menos favorecido economicamente e intelectualmente. Nesse caso, sua programação, na maioria das vezes, é a fonte de informação e cultura mais importantes para esse público, uma vez que o acesso a outras culturas tais como cinema, teatro, eventos culturais ainda é restrito e limitado.

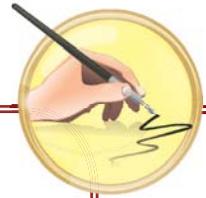
Neste sentido, a televisão que influencia e forma opinião, também manipula, banaliza, descaracteriza e desrespeita a cultura de um povo. Por outro lado, ela serve de instrumento para a divulgação da cultura popular e/ou de uma cultura letrada.



Fig. 01

No entanto, ela tem sido apontada como reforçadora da ideologia da classe dominante. Aquele que assiste, é considerado um sujeito passivo, diante do que está posto na tela. Indiscutivelmente, é necessário realizar discussões sobre a importância das mídias na vida dos cidadãos e, no caso da televisão, que ela esteja a serviço deles.

Como está disponível e é de fácil acesso, a televisão pode ser um instrumento de educação tanto na sala de aula como fora dela. Para tanto, ao fazer uso de sua programação, é necessário direcionar um olhar crítico e reflexivo acerca do que é veiculado e pensado para o público, buscando entender a dimensão do seu discurso a que se propõe, quais objetivos, interesses e necessidades,



a quem atende e o que está por trás.

Agora que você estudou um pouco, a respeito da mídia televisiva, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade a seguir. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

1. Considerando a vasta programação da televisão brasileira, reflita a respeito das questões seguintes:

a) Qual a natureza da maioria dos programas veiculados pela televisão?

b) Comente se o telespectador tem participação nessa programação.

c) Cite o que mais lhe chama a atenção nesses programas.

d) Você observa se eles reforçam a ideologia da classe dominante? Exemplifique.

A produção televisiva

Para se fazer televisão, é necessária a realização de muitas tarefas, que se traduzem como a produção televisiva. Toda a produção contempla três fases fundamentais: a pré-produção, a produção e a pós-produção.



Fig. 02

A pré-produção está relacionada à definição e preparação de todos os recursos e possibilidades necessárias para a realização de um determinado programa. A produção diz respeito à execução propriamente dita. A pós-produção se refere à montagem de tudo o que foi gravado até o produto final, que será colocado no ar. De acordo com o tipo de programa, essas fases apresentam diferentes graus de complexidade. Todo esse conjunto de operações é responsável por determinar o que chamamos de linguagem televisiva. Ela está diretamente

ligada à preparação da imagem ou de sua captação.

A linguagem da televisão é bastante dinâmica e é organizada para atingir o nosso lado emocional do que o racional. Como meros telespectadores, ao assistirmos a TV, não temos ideia de todo o trabalho que está por trás das mensagens que são veiculadas nos programas. A televisão (À semelhanças dos demais meios audiovisuais como cinema, vídeo, etc.) possui linguagem própria.

O padrão de qualidade técnica e de produção da TV brasileira se aproxima ou se iguala ao dos níveis internacionais, contendo uma programação vasta e instigante que consegue absorver cada vez mais público e audiência, isso se revelando, em especial, nas produções de telenovelas, minisséries e programas de reportagens.

Falar da produção da televisão brasileira é destacar uma relação de proximidade entre o produtor, o patrocinador e o seu fiel público. Essa relação pode ser identificada nos seriados e nas telenovelas que hoje ocupam uma faixa de tempo equivalente a um longa-metragem, diariamente. Os temas veiculados mostram cenas da realidade, levantam discussões a cerca do comportamento, por exemplo, dos adolescentes, da relação entre professor e alunos e entre os colegas; destaca a relação da escola com a família; aborda cenas de violência de todas as espécies

como, violência no trânsito, moral e discriminação, entre outras. Mas, também, enfatiza a qualidade da educação brasileira e as condições em que se encontram as escolas. Em geral, são questões vividas pelos jovens e, muitas vezes, despercebidas pela maioria da população, bem como pelos educadores de um modo geral.

As séries e telenovelas ditam a moda a ser seguida, incentivam o consumismo exacerbado, construindo uma cultura elitista e discriminatória. Por outro lado, também abordam temas polêmicos como relacionamentos entre pais e filhos, namoro, sexo, drogas, entre outros, desmistificando, quebrando barreiras e tabus.



Fig. 03

A grande preocupação da televisão é mesmo com o índice de audiência e, por causa disso, ela se utiliza de estratégias diversificadas para seduzir o telespectador, como o uso de imagens estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, transmissões instantâneas (na hora em que os fatos ocorrem), etc.

Não se pode negar que os conteúdos veiculados através dos programas influenciam o modo de ser, de agir e de se comportar das pessoas, independente da faixa etária e classe social. Isso acontece, principalmente, porque ela tenta se aproximar, o máximo possível, do seu cotidiano. É importante considerar que grande parte da população brasileira tem mais acesso a essa mídia, por isso, sua grande influência sobre os telespectadores.

Salientamos que os programas de televisão estão organizados em categorias, gêneros e formatos. Há cinco categorias de programas (ARONCHI, 2004) a) entretenimento; b) publicidade; c) informação; d) educação; e) os demais programas que não se encaixam nessas categorias. Assim, cada uma dessas categorias abrange vários gêneros, como: documentário, telejornalismo, programas de auditório, etc. E cada gênero pode ter apenas um formato, mas também pode ter vários formatos.

A grande discussão, hoje, sobre televisão está concentrada na TV digital interativa. A integração da TV com a internet é fato e já podemos acessar diversos canais de TV através do computador/internet. Mas também, no momento em que assiste a determinado programa, o telespectador pode, ao mesmo tempo, navegar pela internet em busca

de informações interessantes a respeito do programa, acessando sites relacionados. Podemos apresentar um exemplo claro: na programação da TV, ao ser veiculada a propaganda de um determinado produto, o telespectador pode, na mesma hora, comprá-lo por meio de acesso a algum *site*.



Mãos à obra

Desta forma, observamos que a TV Digital traz novas perspectivas para a programação televisiva e, com ela, a necessidade de que novos olhares sejam despertados.

Você está convidado a desenvolver mais uma atividade sobre a mídia televisiva. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.



Fig. 04

1. Muitas pessoas se comportam, ao assistirem televisão, como se ela dispensasse uma leitura interpretativa. Cite algumas situações em que isso ocorre e apresente algumas possibilidades para mudar essas situações.

2. A busca desenfreada pela audiência faz com que os produtores de TV busquem diferentes estratégias para seduzir o telespectador. Na sua opinião, o que pode ser prejudicial para o telespectador?

3. O que é necessário fazer para melhorar a qualidade dos programas de TV?

A televisão na educação

Muitas são as discussões a respeito do papel que a televisão desempenha na sociedade atual. Há os que enfatizam ser um poderoso instrumento de alienação e de reprodução dos interesses de uma minoria da sociedade; há os que afirmam que a produção televisiva é vazia de conteúdos e que não contribui em nada para a aprendizagem dos alunos. Porém, há os que consideram a televisão como um veículo de comunicação social indispensável ao ser humano e que, portanto, traz uma significativa contribuição à educação. E, então, o papel do professor será o de mediador entre seus alunos e o que é veiculado nos canais de TV. Assim, é importante ensinar os alunos a fazerem leitura crítica do conteúdo dos programas de TV, de forma que eles aprendam a analisar criticamente toda a produção televisiva.

A utilização da televisão na educação deve ser encarada a partir de três perspectivas: a) educação para uso seletivo da TV: aqui, a preocupação deve ser levar os alunos a analisarem de forma crítica e criativa os programas de TV; b) educação com a TV: os professores utilizam os programas de TV como estratégias pedagógicas com o intuito de motivar os alunos, por exemplo, para problematizar os conteúdos; c) educação pela TV: é exigido das emissoras oferecer melhores programas para o público (CARNEIRO, 2005).

Precisamos pensar sobre a televisão nos seus elementos básicos para o desenvolvimento de um trabalho educacional cujo foco seja a linguagem televisiva. Para compreender o que é veiculado nos programas, necessitamos analisar tanto a imagem quanto o som, uma vez que eles se complementam,



Fig. 05

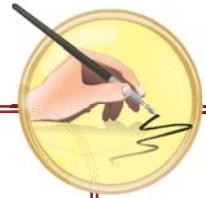
nesse processo. Portanto, é preciso pensar a TV, suas imagens e suas diferentes estratégias de linguagem, como a edição, o som, o texto escrito, o texto falado, a escolha dos cenários e dos atores, os cortes, a escolha dos apresentadores, etc. Tudo isso precisa ser pensado ao mesmo tempo, tanto do ponto de vista técnico e comunicacional, como social, cultural, educativo (FISCHER, 2003). É importante pensar essas questões, porque, quando o professor faz opção por estudar a TV, sua linguagem, suas estratégias de veiculação (para ter maior audiência), poderá levantar, junto com os alunos, alguns questionamentos sobre as posições assumidas e compreender melhor como se dá a elaboração dos diversos programas.

Reconhecemos que o espaço dedicado à educação, na TV brasileira, é reduzidíssimo. Se você observar os horários em que as pessoas, costumeiramente, acessam os programas televisivos, vai constatar que não há, praticamente, a veiculação de programas educativos. Isso ocorre, exatamente, porque esses programas têm pouca audiência, sendo inclusive, colocados na programação em um horário de pouco acesso como, por exemplo, às cinco ou às seis horas da manhã. Essa rejeição à veiculação de programas puramente educativos se deve ao fato de que os programas voltados para o entretenimento são os que dão mais audiência.

Mas, como introduzir programas de TV na educação, sem que eles tenham sido feitos para educar? Isso vai depender do planejamento que o professor fizer, como ele definirá o que será explorado, de acordo com as perspectivas pedagógicas citadas anteriormente. E o professor poderá começar discutindo com os alunos a respeito do que veem na televisão, de forma que estes tenham consciência do real, do ideal e do utópico na veiculação de seus programas. Essa não é uma tarefa fácil para o professor, mas é necessário que seja feito.

Porém, queremos destacar, que há canais exclusivos voltados para a educação, como o canal TV Escola, o canal Futura, entre outros. Vale ressaltar que esses canais são visualizados somente por antenas parabólicas ou por cabo, portanto, grande parte dos alunos da escola pública não tem acesso a esses canais, exatamente porque não dispõe de antenas parabólicas, nem de TV a cabo.

Desse modo, é importante refletir a respeito do papel da televisão enquanto via de comunicação tão presente nos lares e, assim, a escola poderia aproveitar essa vasta e instigante forma de expressão, de forma a subsidiar e enriquecer as discussões que permeiam no universo da



sociedade atual.

Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Considerando que a televisão na educação deve ser encarada a partir de três perspectivas: educação para uso seletivo da TV; educação com a TV; e educação pela TV, responda:

1. Que alterações deverão ser feitas no modo como os professores ensinam, de forma que a mídia televisiva possa ser incorporada na educação?

A utilização da televisão na sala de aula

A televisão, além de ser um meio de comunicação social, se configura como um espaço onde múltiplas aprendizagens acontecem. E esse é um motivo pelo qual a escola deve utilizá-la como objeto de estudo. Ao se envolver com a leitura do que é visto na televisão, professores e alunos têm a oportunidade de discutir temas bastante atuais, como, por exemplo, as guerras no Oriente Médio, a crise econômica dos países da Europa, as eleições, a violência, etc. Nesse aspecto, o professor deve,



também, levar os alunos a identificarem como diferentes grupos sociais se sentem em relação à forma como estão sendo representados na tela da TV (o caso dos negros, das domésticas, etc.).

A vasta programação da televisão faz parte da vida da maioria da população, independente da qualidade atribuída aos programas, dos padrões éticos adequados à formação de caráter ético e moral dos telespectadores. Os programas são vistos pelos alunos, sendo imprescindível à escola estar atenta a essa realidade, passando a incorporar no seu projeto político pedagógico a inclusão das mídias, no sentido de ser um recurso para a aprendizagem.

Para isso, é necessário repensar a escola, a forma como ela vem se apropriando (ou não), do que é veiculado pela TV. Para tanto, é preciso que os professores fiquem atentos para o que está sendo veiculado nos diferentes programas de TV e fazer (re) leituras destes, explorando-os nas áreas diferentes do conhecimento, partindo daquilo que os mesmos já sabem, ajudando-os a avançar neste processo e a identificar novos aspectos dos conteúdos veiculados nestes programas.

Nessa perspectiva, é imprescindível que o professor compreenda o processo de comunicação de um veículo como a televisão, que oferece uma gama de opções de leituras, uma vez que ela mescla textos (orais e escritos), imagens em movimento, som, trilha sonora, constituindo-se num poderoso instrumento de aprendizagem. Infelizmente, muitos professores ainda estão presos a sua rotina escolar ou são despreparados para a utilização pedagógica do audiovisual. Reafirmamos que não dá para educar, hoje, sem que não sejam utilizados os recursos das mídias, no caso aqui, destacamos a mídia televisiva. É preciso educar os alunos, de forma que eles compreendam as linguagens e as mensagens da TV, com o propósito maior de reconhecer como é seu funcionamento como mídia comercial (Fischer, 2003).

É importante que os professores conheçam a linguagem, a programação, as condições de produção e de recepção da TV e, assim, possam utilizá-las pedagogicamente. Para que isso seja feito, é necessário que o professor tenha, primeiramente, consciência de melhorar sua qualificação enquanto telespectador e, segundo, perceba que, dada a sua natureza, o próprio conteúdo da televisão sugere uma perspectiva interdisciplinar.

O professor deve levar seus alunos a perceberem que a realidade apresentada nas telenovelas e programas de seriados, por exemplo, não é a mesma realidade vivida pela maioria dos seus telespectadores. Dependendo do grupo social a que o aluno pertença, torna-se difícil conviver com as duas realidades. Os alunos precisam ser conduzidos a refletir sobre a forte influência das mídias, especialmente, a televisiva (já

que o acesso a esta é mais fácil) na vida das pessoas.

Num trabalho com a TV em sala de aula, o professor deve, também, estar atento para pensar nas diversas possibilidades de utilização, não priorizando nenhuma particularidade. Assim, ele pode utilizar-se de sua programação – já que existem programas para diferentes faixas etárias – para introduzir conteúdos, aprofundá-los ou ilustrá-los. Embora o papel da escola e da televisão seja distinto na sociedade, há uma grande aproximação entre elas. A escola precisa ver a TV com outro olhar.

Também, não dá mais para negar o quanto a TV nos afeta e o quanto nos seduz ao ficarmos diante dela. Por isso, na escola, alguns equívocos precisam ser desfeitos como, por exemplo, o fato do professor não querer discutir com os alunos o conteúdo dos programas veiculados na TV comercial. Nessa perspectiva, o professor deve, também, evitar dar conselhos para os alunos, no sentido de não ficarem muitas horas diante da TV, até porque conselhos dessa natureza não funcionam. O caminho a ser seguido é o da leitura crítica e criativa.



Fig. 06

Ao optar por utilizar a programação televisiva na sala de aula, o professor pode discutir com os alunos as escolhas que foram feitas ao elaborar, por exemplo, a propaganda de um produto, como o sabão Omo, a Coca-cola, a margarina Primor, etc. Enfim, ver as escolhas que foram pensadas e adotadas para cada programa que é veiculado e, no caso, aqui, pensar naqueles programas a que as crianças e adolescentes costumam mais assistir. Nessa perspectiva, uma opção é ter um olhar mais atento para os diferentes programas de TV, vendo quais suas possibilidades de uso na sala de aula, de forma que os alunos se tornem telespectadores mais críticos, o que contribuirá para fazer suas escolhas, ao assistir à TV.

Enfim, é fato que a TV incorpora, em sua programação, jornalismo, publicidade e propaganda, filmes, programas de auditório, etc. Para que o professor possa levar para sala de aula e discutir aspectos da vasta programação televisiva, ele precisa rever suas práticas pedagógicas para fazer uso pedagogicamente de imagens que incitam ao consumo, outras ao prazer e ao lazer e outras à busca da informação.

O professor de língua espanhola, por exemplo, tem na programação televisiva um excelente recurso a ser explorado nas aulas. As atividades podem se concentrar, primeiramente, na leitura crítica dos programas de TV (como se faz com qualquer outra língua) e, posteriormente, trabalhar com produções de textos, realização de pesquisa, etc, e todas as orientações postas neste texto.



Mãos à obra

Agora que você refletiu a respeito da utilização da televisão na sala de aula, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Muitos professores ainda não exploram, em sala de aula, aspectos relacionados à programação da televisão. Portanto:

1. Apresente alguns motivos que levam os professores a não explorarem o conteúdo dos programas televisivos em sala de aula.

2. Que dificuldades o professor de língua espanhola poderá ter para usar a mídia televisiva em sala de aula?

3. Posicione-se a respeito do desenvolvimento de atividades pedagógicas, cujo foco seja uma leitura crítica da televisão.



A TV, enquanto instrumento de comunicação de massa, tem se tornado um dos principais objetos de consumo, não apenas como eletrodoméstico, mas, principalmente, como um transmissor de informações, banalização de temas e questões que se tornam vieses de manipulação de mentes humanas. Através de sua programação, a TV dita comportamentos, modifica a cultura, influencia o jeito das pessoas falarem, cria outras linguagens, serve de diversão, além de ser um meio de comercialização.

A escola deve estar atenta a essas questões, para utilizar os conhecimentos que surgem e se revelam nas mais diversas formas de produção. É aí que se incluem as tecnologias da informação e comunicação, muitas vezes, consideradas pelos educadores como difícil de serem usadas, ou quase inacessíveis. Na escola, essas tecnologias precisam ser utilizadas de forma crítica, criativa e reflexiva, enquanto instrumentos necessários para a aprendizagem da leitura, acesso à informação e fio condutor para produções nas suas mais variadas formas. Por isso, é necessário explorar esse poderoso instrumento de comunicação - que é a TV comercial - que faz parte do convívio diário de praticamente todas as camadas sociais e faixas etárias da população. É função da escola pensar na utilização do fenômeno da TV em toda sua amplitude, não apenas como um veículo de informações e conhecimentos, mas como um instrumento tecnológico com rica programação que, se bem utilizada, contribuirá para a construção de conhecimento dos alunos.

A influência que a TV exerce sobre os alunos precisa ser melhor trabalhada no espaço de sala de aula, buscando e construindo estratégias de ensino na perspectiva de desmistificação das ideologias veiculadas. Assim sendo, o professor pode tirar proveito para construir junto com os alunos uma consciência crítica e reflexiva acerca do que é veiculado e selecionar o que irá contribuir para a formação e o desenvolvimento da aprendizagem. Agindo assim, o professor levará o aluno a se tornar capaz de opinar sobre a programação, além de identificar as ideologias veiculadas nos diversos programas veiculados.



Autoavaliação

Refleta sobre o texto a seguir e, somente, depois faça a atividade final proposta:

Para o educador espanhol Joan Ferrés, toda escola deve ensinar seus alunos a assistirem televisão, caso não o faça, ela não está educando.

A televisão provoca muitos males ao telespectador, tantos físicos, quanto psíquicos, começando com problemas de visão, passividade, alienação e consumismo. Porém, ela, também, pode ser vista como uma possibilidade para democratização da cultura, do conhecimento para ampliar nossos sentidos e, não, como "ladra do tempo", que provoca debates em virtude do conteúdo veiculado e que provoca impacto negativo, especialmente nas crianças e nos jovens. É responsabilidade, portanto, da escola, formar telespectadores conscientes, de forma a verem a televisão sob a perspectiva da ética e da cidadania, ensinando os alunos a ver televisão com olhar crítico.

A partir dessa reflexão, escolha um programa de TV de sua preferência para desenvolver as seguintes atividades:

1. Nome do programa e canal de veiculação.

2. Informe, em linhas gerais, do que trata o programa.

3. Quais artifícios, você identifica, que são utilizados para seduzir o telespectador? Informe de que forma esses pontos podem ser explorados pelo professor na sala de aula.

4. Que influência esse programa traz para às crianças e aos jovens? Comente como abordar essa questão na sala de aula.

5. Ele reforça a ideologia da classe dominante? Como você percebe isso? Exponha como fazer os alunos enxergarem essa questão.

6. Tem apelo comercial?

7. Que temas podem ser explorados em sala de aula, a partir deste programa?

8. Em sala de aula, informe qual perspectiva ele pode ser utilizado: a) educação para o uso seletivo da TV? Ou, b) Educação com a TV? Ou com as duas perspectivas? Justifique sua resposta.

Atenção! Organize sua atividade em um único texto. Não se esqueça de dar um título a sua produção escrita.



Leitura complementar

Para aprofundar seus conhecimentos a respeito das mídias na educação, recomendamos a leitura dos seguintes textos:

Texto 1: **Algumas reflexões sobre a linguagem televisiva.**

O texto completo está disponível no seguinte endereço: <http://www.louiselage.com.br/artigos/>

Texto 2: **A TV digital interativa.**

O texto completo está disponível no seguinte endereço: http://www.ctpim.org.br/tv_digital.pdf

Texto 3: **Como a televisão e as mídias se comunicam.**

Este texto está disponível no seguinte endereço: http://www.nead.ufes.br/subsite/midiaseducacao/pdf/etapa3_TV_e_midias.pdf

Sugerimos, ainda, a visita ao site da TV Escola para conhecer sua programação: <http://tvescola.mec.gov.br/>



ARONCHI de Souza, J. C. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

CARNEIRO, V. L. Q. **Televisão e educação**: aproximações. In: ALMEIDA, M. E. B.;

MORAN, J. M. **Integração de tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

FERRES, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998

_____. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORAN, J. M. **Como ver televisão**: leitura crítica dos meios de comunicação. São Paulo: Paulinas, 1991.

PENTEADO, H. D. **Televisão e escola**: conflito ou cooperação? São Paulo: Cortez, 1991.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://laboratoriodeestruturacaohumana.blogspot.com/2010/02/verdadeira-felicidade-esta-na-propria.html>

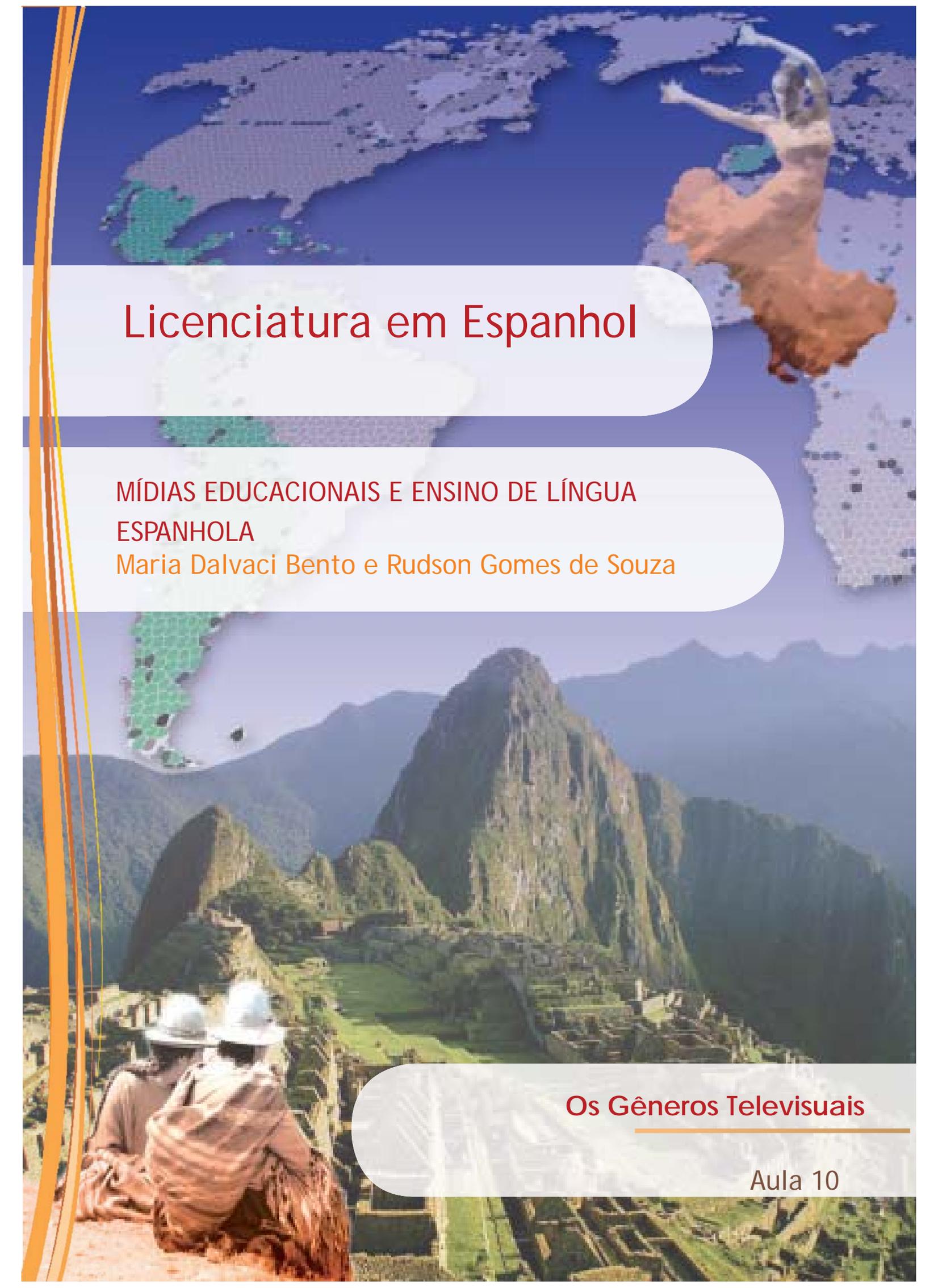
Fig. 02 - <http://howzit-hongkong.com/blog/2010/11/07/hk-sixes-pictures-from-day-2/>

Fig. 03 - <http://memoriatvcinema.net46.net/index.html>

Fig. 04 - <http://interatividade7.blogspot.com/2011/05/tv-interativa-chegou-mas-para-que-ela.html>

Fig. 05 - <http://blogdoisraelbatista.blogspot.com/2010/02/tele-curso-2000-partilha-e-expectativas.html>

Fig. 06 - <http://multicienciaonline.blogspot.com/2010/11/professores-tem-dificuldades-para-usar.html>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Os Gêneros Televisuais

Aula 10

Apresentação e objetivos

A televisão, por sua própria natureza, é um instrumento de socialização e de disseminação da cultura, mas, principalmente, procura atender aos interesses do mercado competitivo.

Nesta aula, vamos continuar refletindo sobre a televisão e sua relação com a educação, porém, desta vez, direcionando nosso olhar para a programação televisiva com foco nos seus principais gêneros.

Apresentaremos uma classificação dos gêneros televisuais, destacando algumas especificidades de cada um deles e algumas possibilidades de utilização na sala de aula. Começaremos nossa abordagem pelas narrativas seriadas que são as telenovelas, as minisséries e os seriados.

Em seguida, voltaremos nosso olhar para os telejornais, os filmes de propaganda e publicidade, os documentários, os videoclips, os programas de variedades, de entrevistas, os realitys-shows, os programas de auditório e as transmissões ao vivo.

No decorrer do texto, haverá algumas atividades reflexivas a serem realizadas para facilitar a compreensão do conteúdo.

Ao final desta aula, você deverá:

- identificar os principais gêneros televisuais e suas especificidades;
- reconhecer e criar algumas possibilidades de uso dos gêneros televisuais no ensino de língua espanhola.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Estamos, aqui, fazendo um convite a você para participar de mais uma aula que contempla o tema Educação e Televisão. Você vai continuar refletindo sobre a televisão, sua programação, a escola e as possibilidades de utilização nas atividades pedagógicas.

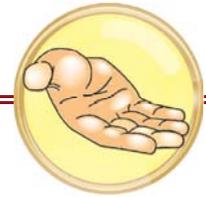
A forma como o texto da aula se organiza permitirá a você fazer uma leitura tranquila, pois é de fácil compreensão. O fato de já termos contato com os gêneros televisuais abordados, também, contribui para a assimilação do conteúdo.

Sendo assim, distribuimos as atividades, a partir de alguns blocos do texto, o que contribuirá para facilitar sua compreensão. A realização destas atividades permitirá que você possa desenvolver um posicionamento crítico quanto aos diferentes programas veiculados pelas emissoras de televisão.

Sugerimos que você realize as atividades no momento em que são recomendadas.

Desejamos um excelente estudo!

Abraços!



Os programas de televisão estão organizados em gêneros. Mas, afinal, o que são gêneros televisuais?

Os gêneros televisuais correspondem a um conjunto de programas de TV, os quais possuem características comuns tanto no conteúdo quanto na forma.

Eles representam o ponto de contato entre o público e os produtores de programas. Há uma diversidade de gêneros na TV brasileira, porém, não há uma classificação única para eles. Alguns programas de TV misturam os gêneros.



Fig. 01

1. Classificação dos gêneros televisuais

Vamos abordar, aqui, os seguintes gêneros televisuais: narrativas seriadas (telenovelas, minisséries e seriado); telejornais; publicidade e propaganda; documentários; videocliques musicais; programa de variedades e de entrevistas (talk-shows); reality-shows; programas de auditório; as transmissões ao vivo. Destacamos que essa não é uma classificação fechada, mas é a que utilizaremos em nossa aula.



Fig. 02

1.1 Narrativas seriadas

Nessas narrativas, o enredo está organizado em capítulos (ou episódios), estruturados em blocos. Entre um bloco e outro, há uma pausa para a veiculação das propagandas.

Vejamos as diferentes narrativas seriadas:

1.1.1 A telenovela

A telenovela é um gênero da teledramaturgia brasileira que se tornou o produto cultural mais popular do país. O aspecto principal de uma telenovela é o seu enredo, que enfoca o cotidiano das pessoas, independentes da classe social a que pertença, tratando dos modos de vida, das misérias humanas, das incertezas do homem, de suas ilusões, mas também dos seus sonhos, enfim, da vida do brasileiro, independente desse homem ser ilustre ou comum.

Ultimamente temos visto que, em algumas telenovelas, os autores têm tido uma preocupação em denunciar causas sociais reais, apesar de ser uma obra de ficção. Em outras palavras, há telenovelas cujo enredo não é mais pura ficção, uma vez que situações concretas, com personagens reais passaram a ser incorporadas.

As telenovelas brasileiras são muito sedutoras, pois seus telespectadores se vêem nas histórias narradas ou num determinado personagem e acabam sendo influenciados por um dialeto utilizado, por um estilo de roupa ou corte de cabelo (principalmente, as mulheres!). Uma cena de telenovela pode ser motivo para rodas de conversa em um grupo de amigos, numa família (na hora do jantar, por exemplo), numa sala de aula entre os alunos etc.

Normalmente, as telenovelas começam a ser gravadas, quando há de 20 a 30 capítulos escritos.

Para a realização de um trabalho em sala de aula, a partir das telenovelas, o professor, juntamente com os alunos, pode explorar alguns de seus aspectos, uma vez que a telenovela é vista por milhões de pessoas e, nestas, estão os alunos. O professor deve considerar alguns elementos das telenovelas que permitirão a ele selecionar temas que possam exercitar o olhar crítico do aluno. Vejamos esses elementos apresentados por Napolitano (2003):

1.1.2 Trama original e tramas derivadas:

O professor deve levar os alunos a fazer a distinção entre a trama original e as tramas derivadas. Na primeira semana de exibição da novela, a trama principal é apresentada, enquanto as demais vão se desenrolando em torno desta. Após a exibição das primeiras semanas, algumas alterações vão surgindo, em consequência de pesquisas de audiência. Assim, em função da pesquisa de opinião pública, personagens podem desaparecer, ou mesmo mudar de caráter, etc. Essas e outras questões devem ser analisadas, pois podem interferir em algum segmento da sociedade.

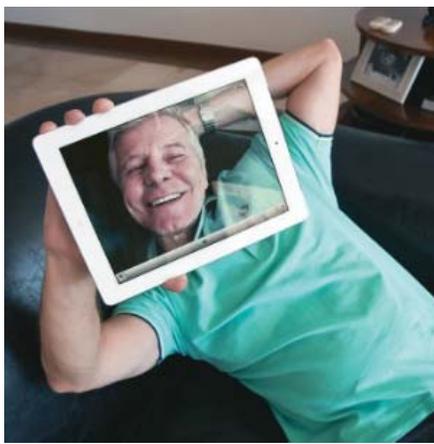


Fig. 03

As opiniões dos telespectadores podem, então, contribuir para alterações na trama.

O professor pode trabalhar com seus alunos, a partir dessas mudanças ocorridas durante a execução dos capítulos, levando-os a debater porque foram necessárias, além de relacionar os pontos do debate com situações cotidianas vividas pelos alunos ou mesmo presenciadas na sociedade.

1.1.3 Personagens e núcleos dramáticos:

No que diz respeito aos personagens e núcleo dramático, os alunos devem identificar características psicológicas e comportamentais tanto dos personagens principais quanto dos secundários, bem como o papel de cada um deles na trama. A análise dos personagens é importante porque os alunos podem observar a forma como os indivíduos e grupos sociais são representados na "telinha" e o professor pode levantar questionamentos sobre essa representação.



Fig. 04

O professor tem, nas telenovelas, excelentes subsídios para discutir com seus alunos os valores e comportamentos da sociedade. A discussão pode girar em torno de como a telenovela apresenta um tipo específico de pessoa, como por exemplo: o negro ou o pobre versus o rico, entre outros. A linguagem também tem uma forte influência, principalmente entre os adolescentes. O professor pode se utilizar dela em suas aulas para explorar os dialetos presentes na trama, já que, muitas vezes, os alunos só têm contato com determinados dialetos, por meio da TV.

1.1.4 Diálogos e ambiências:

O diálogo é elemento principal da telenovela. Normalmente, ele é permeado de muitas expressões próprias de determinados personagens para que o telespectador compreenda o desenvolvimento da trama com seus temas abordados. A ambiência, por sua vez, se refere aos lugares constituídos pelos cenários. O professor deve levar os alunos



Fig. 05

a observarem os diversos elementos que compõem os ambientes das telenovelas (casas, decoração, paisagens, etc.).

Aos professores de História e Geografia especificamente, muito material pode ser extraído para suas aulas, a partir do ambiente em que a trama da telenovela se desenrola. É possível que os alunos possam conhecer lugares e costumes destes através da ficção mostrada na tela da TV. Compreender os espaços mostrados se torna bem mais fácil, quando essa exploração está, também, associada a situações vividas por personagens que se tornaram comuns no dia-a-dia do telespectador-aluno.

1.1.5 Referências de contexto sócio-histórico:



Fig. 06

Muitas telenovelas fazem referência a acontecimentos sociais e históricos que são destaques no momento de sua exibição. (Ex: o natal). Se for uma novela de época, acontecimentos que fazem parte da época retratada na trama funcionam como elementos identificadores de um período da História da humanidade.

É importante destacar que, às vezes, o mais importante recurso que o professor pode obter de uma telenovela para ser utilizado em sala de aula, é alguma causa social que a telenovela encabeça. Podemos citar, por exemplo, a doação de órgãos, a clonagem, a busca por crianças desaparecidas, entre outras. Esses são temas reais, que chamam a atenção de qualquer telespectador, mexendo com o emocional e o racional, suscitando na sala de aula discussões por parte dos alunos. Nesse momento, percebemos quão grande é a necessidade de organizar um trabalho pedagógico sistematizado, nas diferentes áreas do conhecimento, em que sejam contempladas essas temáticas exploradas nas telenovelas.

1.1.6 A minissérie

Costuma-se dizer que a minissérie é uma telenovela em miniatura. Normalmente, ela é uma adaptação de uma obra literária. Sua gravação começa quando o roteiro já está fechado, diferente das telenovelas. Não há como mudar o roteiro, conforme se faz nas telenovelas. Durante muitos anos, as minisséries eram estruturadas entre cinco e vinte capítulos (às vezes, um pouco mais), porém, hoje isso tem se modificado, chegando a ter até mais de 30 episódios.

A minissérie é uma narrativa fechada, pois toda a equipe envolvida (autor, diretor e elenco) tem conhecimento de toda a história.

Algumas minisséries fizeram grande sucesso no Brasil, como: A Casa das Sete Mulheres, Hilda Furacão, A Muralha, Amazônia, Maysa – Quando fala o Coração, etc.

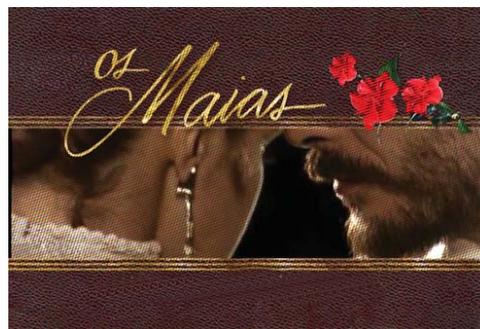


Fig. 07

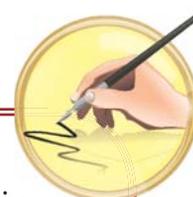
1.1.7 O seriado

A narrativa completa se desenvolve no mesmo episódio. Essa narrativa está estruturada da seguinte forma: ao desestabilizar a situação, há o surgimento de um conflito, do desenvolvimento de uma ação reparadora e, por último, a solução do conflito. Embora a estrutura narrativa e os personagens sejam sempre os mesmos, um episódio apresentado não depende de outro. Desta forma, não é obrigatória a exibição dos episódios numa mesma sequência. Podemos apresentar como exemplo o seriado "A Grande Família", exibido às quintas-feiras, pela Rede Globo de televisão. Para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico em sala de aula, as sugestões apresentadas para explorar as telenovelas também podem ser aplicadas às minisséries e aos seriados.



Fig. 08

Mãos à obra



Agora que você estudou a respeito das narrativas televisivas, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

Há educadores¹ que defendem que as telenovelas educam,

¹ BACCEGA, M. A. A novela é coisa séria? Ao Mestre com Carinho, n. 23, ano 3, 2000

pois elas tratam de temas que possibilitam discussões relacionadas à saúde, ao comportamento, à cultura, etc.

- a) Afinal, quais as contribuições que as telenovelas podem trazer para o processo de ensino-aprendizagem? Cite, pelo menos, dois exemplos e discuta quais as repercussões socioeducativas e culturais causadas por elas na sociedade.
- b) Apresente e comente algumas dificuldades com as quais o professor poderá se deparar ao propor explorar as telenovelas na sala de aula.
- c) Cite uma minissérie a que você já assistiu e que considera importante para ser abordada em sala de aula. Teça uma justificativa que esclareça essa importância.

2. O telejornal



Fig. 09

Responsáveis pela transmissão de informações sobre assuntos diversos, como economia, política, educação, negócios, etc., os telejornais são veiculados, de modo geral, diariamente, e são organizados através de uma pauta, na qual o apresentador, repórteres e comentaristas podem intervir.

Para os telejornais serem veiculados, há muitas pessoas envolvidas, como: jornalistas (produtores, editores, repórteres), repórteres cinematográficos, personagens (aqueles que fazem parte do acontecimento).

Para transformar um acontecimento em notícia, é preciso levar em conta alguns aspectos, segundo Wolf (1992):

O acontecimento: a importância e o interesse do acontecimento;

A preparação: os processos de produção e a realização da matéria;

O público-alvo: a imagem que a emissora e os jornalistas têm dele;

A concorrência: velocidade e ineditismo da notícia (o furo jornalístico).

Ainda, segundo Wolf, a notícia pode ser definida pela sua importância e pelo seu interesse.

A importância da notícia se dá, de acordo com alguns critérios:

- O nível de hierarquia das pessoas envolvidas no acontecimento, considerando pertencerem a instituições governamentais ou entre organismos de grande relevância da sociedade;
- O impacto que o acontecimento pode causar ao país e os interesses nacionais, isto é, quanto mais impactante o fato, mais é noticiado;
- A quantidade de pessoas envolvidas, pois, quanto mais pessoas estiverem envolvidas em uma tragédia, maior será a visibilidade da notícia;
- A evolução futura de determinado acontecimento, tais como as novas descobertas sobre a cura da AIDS.

Já o interesse da notícia está relacionado à imagem que os próprios jornalistas têm, principalmente, do público-alvo.

Os telejornais estão organizados em alguns subgêneros: noticiários nacionais; noticiários internacionais; noticiários locais e de serviços; crônicas cotidianas; reportagens especiais.

Para utilizar os telejornais na sala de aula, o professor deve fazer uma análise com os alunos, ou seja, um trabalho de reconhecimento de como são articulados o tema, o texto e as imagens, a partir da pauta de notícias. (NAPOLITANO, 2003).

Vejamos dois exemplos práticos de utilização do telejornal na sala de aula:

Primeiro exemplo: O professor pode selecionar dois telejornais diferentes, gravá-los e, num primeiro momento, exibir um deles para os alunos. Considerando-se as tecnologias às quais temos acesso, existe ainda a possibilidade de baixá-los do youtube. No momento da exibição, deve fazer pausas sempre mostrando quando um assunto termina e outro começa. Ele deve mostrar, aos alunos, a diferença entre notícia e matéria.

Num segundo momento, deve exibir o segundo telejornal e solicitar que os alunos façam uma análise, considerando os seguintes pontos: a) relacionar a importância da notícia e a sua duração no telejornal; b) diferenciar a notícia principal da matéria; c) estabelecer relação entre o texto e as imagens no telejornal; d) mostrar a diferença entre “opinião” e “informação”, por meio do texto e da edição das imagens. Ao final, o professor deverá fazer uma discussão com a turma sobre as análises feitas.

Segundo exemplo: O professor pode começar a discussão a partir de um texto motivador que tenha relação com as notícias que, normalmente, são veiculadas em telejornais. Após essa discussão inicial, o professor poderá mostrar trechos de alguns telejornais de emissoras diferentes, porém exibidos na mesma faixa de horário. Em seguida, dividir a turma em equipes, solicitando que cada equipe analise um telejornal, considerando os seguintes pontos: a) verificar o tempo destinado a cada notícia; b) verificar como a notícia é apresentada: se é somente lida pelo apresentador ou se ela vem acompanhada de imagens e/ou entrevista; c) identificar a ideia principal no texto ou nas falas que estão acompanhando a notícia.

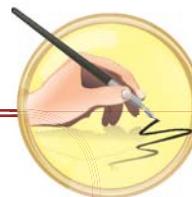
Após a realização da análise dos telejornais, o professor deverá solicitar que as equipes comparem os telejornais entre si. Outra sugestão a ser acrescentada é pedir que as equipes comparem a pauta do telejornal analisado com a pauta de jornais impressos.

Como atividade complementar, o professor pode solicitar, ainda, que as equipes tragam para a aula seguinte, algum assunto que julguem importante e que deveria ter sido contemplado no jornal. Essa atividade pode ser finalizada com a produção de uma notícia com o assunto trazido pelas equipes de alunos.

2.1 O fato sócio-histórico

Os telejornais têm uma participação muito grande na definição dos fatos que se tornarão memória da sociedade, ou seja, os fatos sócio-históricos. (NAPOLITANO, 2003). Fatos que tiveram grande repercussão em algum momento podem ser lembrados em programas específicos, como, por exemplo, as retrospectivas de ano, apresentadas, normalmente, na última semana do ano. Outro exemplo são os programas dedicados a um acontecimento, como ocorreu com os dez anos do “onze de setembro”.

É importante que o professor desenvolva um olhar crítico com os alunos a respeito daquilo que é passado como fato social e histórico. A discussão em sala de aula pode, também, envolver fatos importantes e que foram esquecidos. Geralmente, uma notícia sobre uma personalidade importante (Ex: a morte de Osama Bin Laden) ou sobre uma tragédia que tenha abalado o mundo a qual tenha sido explorada por muito tempo pelos telejornais, tal como a tragédia do Tsunami.



Você está convidado a desenvolver uma atividade sobre os telejornais na sala de aula. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Atividade 2:

1. Assista a um telejornal de sua preferência e responda as seguintes questões:

O telejornal apresentou alguma notícia capaz de atrair grande audiência?

Sobre que temas você gostaria de obter mais informações nesse telejornal?

2. Para os professores, é mais fácil explorar em sala de aula os telejornais locais ou os nacionais? Ou não há diferença? Justifique sua resposta.

3. Filmes de publicidade e propaganda

A maior parte da programação da televisão brasileira é destinada a propagandas. Numa aula anterior, nós vimos que são a publicidade e a propaganda que mantêm a TV comercial. Além de estimular a compra de um produto ou serviço, ela, também, agrega valores abstratos àquilo

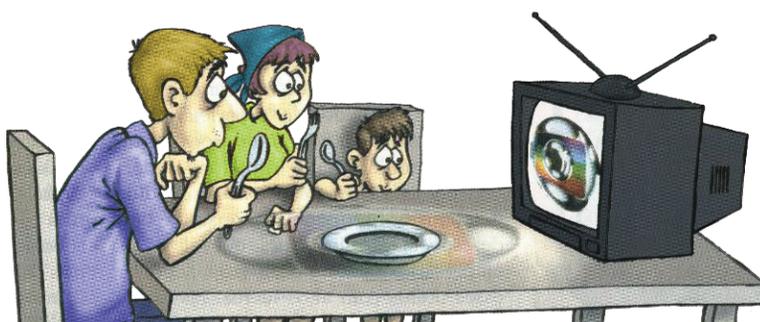


Fig. 10

que anuncia. As propagandas são elaboradas para públicos específicos, recorrendo aos seus interesses materiais e espirituais. Nesse caso, para um trabalho de sala de aula, o professor pode propor que os alunos identifiquem os valores morais, culturais, etc, subtendidos nos produtos ou serviços anunciados e, a partir daí, problematizar por que a propaganda mostra que esses valores são naturais ao produto como, por exemplo, um

carro, uma casa, uma roupa, entre outros. Isso sugere que, ao comprar o produto, o consumidor irá adquirir tais valores. (Retome a aula cujo tema é: "A propaganda".)

O professor deve sempre chamar a atenção dos alunos para que observem, também, outros elementos da propaganda, como: os personagens, os figurinos, os ambientes e o próprio texto do filme da propaganda. É importante, ainda, verificar o público-alvo que quer atingir, considerando, a faixa etária, a classe social, etc.



Fig. 11

4. Documentários

Nesse gênero, englobaremos os documentários originais e montagem, os temáticos e reportagem. Todos os documentários veiculados na TV estão disponíveis em videotecas, emissoras e institutos culturais. Os documentários são materiais de referência para serem explorados em sala de aula. Ao pensar em utilizar um documentário nas atividades pedagógicas, o professor deve preparar os alunos, fazendo uma introdução ao tema do documentário e, também, ter cuidado de observar a que faixa etária e faixa sociocultural o documentário é mais apropriado.

5. Videoclip musical



Fig. 12

Este gênero televisual expressa imagens bastante criativas. Com o videoclip, é possível reinventar o audiovisual. Estes são responsáveis pela movimentação fonográfica desde os anos 1980. A maioria dos vídeos é direcionada à faixa etária entre 15 e 25 anos. Eles procuram atender aos interesses dos diferentes grupos de

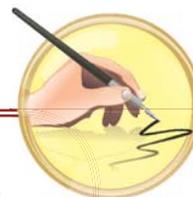
jovens (que, muitas vezes, se autodenominam de "tribos"). O professor deve utilizar os vídeos na sala de aula, principalmente, por eles representarem, muitas vezes, o universo dos jovens, explorando as diversas imagens (como de ambientes, personagens, figurinos, etc.) e o som (letras de canções, melodias, ritmos, etc).

6. Programas de variedades

Na forma de “variedades”, podemos exemplificar o programa “Mais Você”, da Rede Globo; o Programa “Hoje em Dia”, da Rede Record, entre outros. Eles trazem entrevistas, notícias, reportagens, shows musicais, etc. Este gênero, também, pode ser mais longo do que outros, normalmente entre uma e quatro horas de duração, ser diário (ou não) e trabalhar para um público em geral. Por esses motivos, é o gênero que mais pode se tornar cansativo e trivial.

Num programa dessa natureza, o professor tem várias opções de atividades: pode discutir a questão do “público” e “privado”, já que muitas vezes, explora a intimidade dos convidados. Com as notícias e reportagens, pode desenvolver atividades, conforme foi abordado no gênero “telejornal”. Nos shows musicais, pode seguir as sugestões apresentadas no videoclip.

Mãos à obra



Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Atividade 3

Indique o motivo que você considera mais importante para o professor optar por explorar cada um dos seguintes gêneros televisivos:

- a) Filmes de publicidade e propaganda.
- b) Documentários.
- c) Videoclip musical.
- d) Programas de variedades.

7. Programas de entrevistas (talk-show)



Fig. 13

O sucesso desses programas depende da inteligência das pessoas envolvidas e das questões que são abordadas. Quem participa de programas desta natureza deve apresentar bastante segurança quanto aos questionamentos levantados. Normalmente, os apresentadores seguem um roteiro de perguntas com tempo determinado, o que, muitas vezes, pode ser prejudicial ao debate. O tempo estipulado para cada bloco está relacionado ao intervalo para a veiculação das propagandas comerciais,

principalmente. O exemplo deste tipo de programa é o "De frente com Gabi", do SBT.

Alguns critérios podem ser estabelecidos para se analisar programas desta natureza, como: verificar se as perguntas e respostas são inteligentes; o domínio do tema em pauta; originalidade e criatividade no programa; se os envolvidos demonstram credibilidade.

Na sala de aula, o professor deve destacar trechos dos programas e explorá-los com os alunos, considerando o tipo de pergunta e a qualidade das respostas; se o entrevistado domina bem o tema; se o entrevistador é dinâmico, criativo; conforme critérios destacados acima.

8. Reality-shows



Fig. 14

Atualmente, é um programa televisivo baseado na vida real. Portanto, quem participa são pessoas reais e não personagens de uma ficção. São exemplos desses programas: o Big Brother, A fazenda, A casa dos artistas.

Uma característica básica desses programas é que não há roteiros estabelecidos e os participantes têm que resolver problemas, cuidar de animais, da alimentação e da limpeza da casa onde estão confinados, ou apenas conviver com outros participantes. Esse programa chama a atenção dos telespectadores por ver a reação dos participantes ao enfrentarem situações cotidianas e/ou realizarem alguma prova.

Uma das atividades que o professor pode desenvolver com os alunos é discutir valores e preconceitos sociais que são muito explorados nesses programas. Igualmente, a falta de privacidade ou o consumo de bebidas alcoólicas podem ser temas importantes para serem discutidos na sala de aula, entre outros.

9. Programas de auditório

Os dois estilos de programas de auditórios mais conhecidos são: a) aqueles cujo foco seja o entretenimento musical, tanto utilizando calouros e/ou cantores consagrados, quanto sorteios e/ou gincanas (o mais antigo da TV brasileiro é o Programa Sílvio Santos); b) aqueles que exploram dramas pessoais, como a miséria, a pobreza, a doença, e os conflitos interpessoais, tais como brigas de casais, amigos, etc. Um exemplo bem conhecido é o antigo Programa do Ratinho. Esses dois estilos de programas estão direcionados para as classes sociais menos favorecidas da sociedade. Há dois elementos bastante evidentes nesses programas:



Fig. 15

favorecer a participação das pessoas mais humildes e ser fonte de preconceitos sociais. Tais elementos podem contribuir para a realização de um trabalho de análise e crítica na sala de aula, destacando o caráter sensacionalista.

10. A transmissão ao vivo

A transmissão ao vivo é um dos gêneros mais marcantes da TV. A primeira transmissão ao vivo aconteceu em 1936, em Berlim, por ocasião dos Jogos Olímpicos. Esse tipo de transmissão exige, normalmente, o improviso.

É comum, hoje, vermos transmissões ao vivo e não nos referimos somente aos esportes, com ênfase no futebol. Muitos fatos são objetos de transmissões ao vivo, como as tragédias sociais e naturais, as guerras, os sequestros, etc.



Fig. 16

Assim, não é possível fazer uma cobertura precisa e de forma imparcial, já que a notícia está sendo

veiculada no mesmo instante em que o fato está ocorrendo. Não há possibilidade de checar a informação para poder apresentá-la. E, neste caso, muitas vezes, alguns telejornais se utilizam do sensacionalismo para prender a atenção dos telespectadores.

Embora a maioria dos programas televisivos não sejam exibidos ao vivo, muitos deles incorporam elementos da programação “ao vivo”, como por exemplo, a participação dos repórteres direto de algum local onde está ocorrendo algum fato ou que já tenha ocorrido.

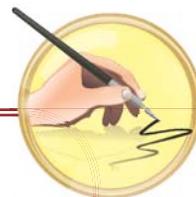
Diante disso, o professor deve explorar com os alunos alguns aspectos da transmissão ao vivo, como a repetição de informações, a ênfase, muitas vezes, no sensacionalismo, o improviso, etc.

Uma última consideração sobre os gêneros televisuais na sala de aula

Em todos esses gêneros apresentados, o principal papel do professor é contribuir para que os alunos aprendam a ter um olhar crítico diante da programação televisiva, de forma que possam estabelecer critérios que identifiquem os programas de melhor qualidade. Na sala de aula, o professor se torna o mediador entre as mensagens veiculadas pelos diferentes programas de TV e a interpretação dada pelos alunos. Para que ele possa desenvolver esse processo de mediação, é necessário se informar a respeito da relação entre os alunos e a TV, identificando quais programas eles costumam assistir, com qual interesse, qual sua visão sobre esses programas, etc.

Além disso, o professor precisa não só conhecer a programação televisiva em diferentes canais, mas também refletir a respeito dessa programação. A partir daí, ele pode realizar diferentes atividades com os alunos, partindo da grade de programação, como por exemplo: solicitar que os alunos vejam em jornais impressos ou na internet a grade de programação de diferentes emissoras. Em seguida, os alunos devem comparar os gêneros entre si, como: os telejornais, as telenovelas, as propagandas, os programas de variedades, etc., em emissoras diferentes. Essa comparação deve se estender aos subgêneros entre si, como os telejornais nacionais em emissoras diferentes; os telejornais locais, os programas de reportagens, etc. Depois, a comparação pode se dar num mesmo gênero, porém em diferentes emissoras. Por exemplo, o estilo de cada telenovela em emissoras diferentes. Assim, o professor pode ter várias possibilidades de atividades.

Mãos à obra



Agora que você refletiu a respeito de outros programas televisivos, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 4

Partindo dos seguintes gêneros televisivos: programas de entrevistas, reality-shows, programas de auditório e as transmissões ao vivo, responda as questões que seguem.

- a) Informe qual desses programas é mais fácil para o professor de língua espanhola utilizar nas atividades pedagógicas. Justifique.
- b) Informe qual desses programas é mais difícil para o professor de língua espanhola utilizá-lo nas atividades pedagógicas. Apresente justificativa(s) para tal motivo.

Já sei!



A discussão em torno da programação televisiva é fundamentalmente necessária para ser feita na escola, uma vez que os alunos (e, também, os professores) são telespectadores de um ou de outro programa.

A ênfase no entretenimento, na informação ou na comercialização (os comerciais) leva os telespectadores a optarem por programas específicos, muitas vezes, sem fazer uma leitura crítica do que é visto na TV.

Na sala de aula, os gêneros devem ser explorados a partir de suas características, mas considerando, também, aspectos ideológicos que

lhes são inerentes. Sendo assim, é necessário que os alunos conheçam as especificidades da programação televisiva para, a partir daí, aprenderem a fazer uma leitura crítica dos programas a que assistem. Diante disso, a escola tem a responsabilidade de conduzi-los nesse processo.



Autoavaliação

Após fazermos um estudo dos gêneros televisivos, vamos escolher três deles para você fazer sua autoavaliação. Na verdade, você vai exercitar o olhar crítico sobre a linguagem da televisão e extrair conteúdos que possam ser objeto de estudo.

Vejamos:

Em telejornais:

Escolha uma notícia veiculada em algum telejornal que trate de algum tema social (Direitos humanos, ética, comportamento sexual, participação política, etc). Feito isso, responda:

- a) Qual o tema escolhido, o telejornal veiculado e data de veiculação?
- b) De acordo com a abordagem, o telejornal mostra privilegiar algum grupo social?
- c) É uma notícia que causa impacto? Por quê? Há muitas pessoas envolvidas no fato/acontecimento?
- d) Que estratégias o telejornal usou para formar a opinião dos telespectadores quanto ao tema?

Em telenovelas:

Assista a um capítulo (ou mais de um) de uma telenovela e identifique algum tema social que seja tratado (direitos humanos, ética, comportamento sexual, participação política, etc).

- a) Cite o tema escolhido, a telenovela e data que assistiu.
- b) De acordo com a abordagem feita em relação ao tema social que você escolheu, dá para perceber se privilegia algum grupo social?

- c) Algum personagem sofre consequências em relação a esse tema?
- d) Que outras questões o autor da telenovela deveria abordar dentro desse tema?

Em propagandas:

Escolha uma propaganda veiculada em alguma emissora de TV que aborde um tema social (Direitos humanos, ética, comportamento sexual, participação política, etc).

- a) Cite o tema escolhido, a propaganda e data que assistiu.
- b) De acordo com a abordagem feita em relação ao tema social que você identificou, dá para perceber se ela privilegia algum grupo social?
- c) Há valores implícitos nessa propaganda? Quais?
- d) Reflita sobre o sentido que a mensagem publicitária imprime em você, em termos de atitudes e comportamentos de consumo.

Por último, compare a forma como os três gêneros abordam as questões sociais e comente qual deles faz melhor esse trabalho.

Atenção! Organize sua atividade num único texto. Não se esqueça de dar um título ao seu texto.

Leitura complementar



Para aprofundar seus conhecimentos a respeito dos gêneros televisivos, recomendamos a leitura dos seguintes textos:

Texto 1: Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos, de Yvana Fachine.

O texto completo está disponível no seguinte endereço: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3195/3195.PDF>

Texto 2: A dinâmica dos novos formatos na televisão aberta brasileira, de Cláudio Ferreira e Lavina Madeira Ribeiro.

O texto completo está disponível no seguinte endereço: http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/ulepicc2008/anais/2008_Ulepicc_0426-0444.pdf



Referências

GUIMARÃES, G. **TV e escola: discursos em confronto**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

NAPOLITATO, M. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://novojournal.jor.br/blog/wp-content/uploads/2011/08/Charge2011-novelas.jpg>

Fig.2 – http://2.bp.blogspot.com/-DhlavY69t6E/Ta-YV55K_AI/AAAAAAAAABl0/5ZUW1jp8Zsc/s1600/imagem.jpg

Fig.3 – http://m.i.uol.com.br/celebridades/2011/11/08/miguel-falabella-posa-para-a-revista-contigo-novembro2011-1320754958397_300x300.jpg

Fig. 4– <http://www.melhoramiga.com.br/wp-content/uploads/2011/09/fina-estampa-tereza-cristina.jpg>

Fig. 5– <http://fi.uol.com.br/folha/ilustrada/images/0817043.jpg>

Fig. 6– <http://www.dicasemoda.com.br/wp-content/uploads/2011/01/o-clone.jpg>

Fig. 7– http://farm1.static.flickr.com/106/299077533_d5269ab182.jpg

Fig. 8– <http://blog.jovempan.uol.com.br/parabolica/files/2011/04/agrandefamilia-600x399.jpg>

Fig. 9– <http://www.cabecadecuia.com/drops/search/?q=jornal%20nacional>

Fig. 10 – <http://www.culturabrasil.pro.br/imagens/tvглоboaliena.jpg>

Fig. 11– http://s.glbimg.com/es/ge/f/original/2010/10/07/cartaz_senna_div_30.jpg

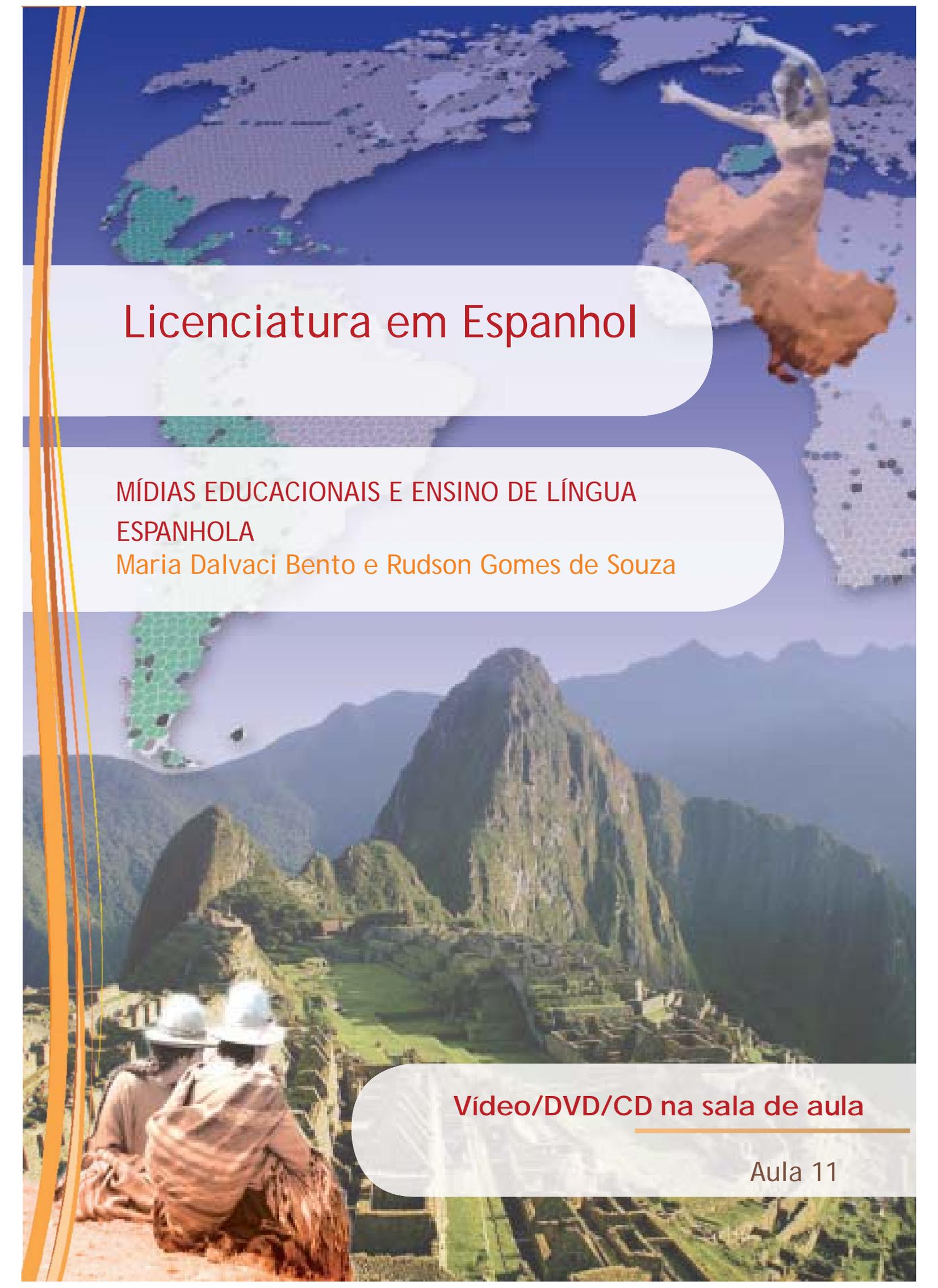
Fig. 12– : <http://play.portalcab.com/lady-gaga/beautiful-dirty-rich/>

Fig. 13– <http://api.ning.com/files/>

Fig. 14– : <http://aqueladica.com.br/wp-content/uploads/2010/11/participantes-big-brother-brasil-11.jpeg>

Fig. 15– : http://www.noticiaki.com/wp-content/uploads/2011/04/programa_silvio_santos_7.jpg

Fig. 16– <http://p2.trrsf.com.br/image/fget/cf/619/464/img.terra.com.br/i/2011/09/11/2019011-5560-rec.jpg>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Vídeo/DVD/CD na sala de aula

Aula 11

Apresentação e objetivos

Olá, caro(a) aluno(a)!

A utilização do vídeo/CD/DVD nas atividades pedagógicas depende de planejamento cuidadoso.

Nesta aula, trataremos de alguns critérios fundamentais a serem considerados pelo professor na escolha de vídeos para as atividades pedagógicas. Enfocaremos, também, o estudo das principais funções do vídeo na comunicação educativa, como: sensibilização, ilustração, simulação, de conteúdo de ensino, de produção, "vídeo-espelho", integração.

Discutiremos algumas situações conflituosas relacionadas ao uso inadequado do vídeo e que geram problemas ao processo ensino-aprendizagem.

Não pretendemos oferecer receitas prontas, mas discutiremos algumas possibilidades de utilização do vídeo nas atividades pedagógicas. Consideramos as sugestões de atividades apenas subsídios para que possamos experimentar algumas potencialidades deste audiovisual na sala de aula.

Ao final desta aula, você deverá:

- identificar critérios para a utilização do vídeo/DVD/CD nas atividades pedagógicas;
- compreender as principais funções do vídeo/DVD/CD nas atividades pedagógicas;
- reconhecer possibilidades e limites do vídeo/DVD/CD na sala de aula.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Estamos aqui, mais uma vez, fazendo um convite a você para mais uma aula sobre o audiovisual na sala de aula. Desta vez, sua atenção se voltará para a utilização do vídeo/CD/DVD nas atividades pedagógicas.

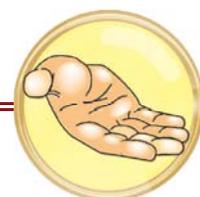
Como você já está familiarizado (a) com a linguagem de alguns audiovisuais, pois estudou parte deles em aulas anteriores, não será difícil compreender a linguagem do vídeo.

No decorrer do texto, você tomará conhecimento de algumas práticas de utilização do vídeo nas atividades pedagógicas. Encontrará, também, algumas atividades reflexivas a serem desenvolvidas, à proporção que for realizando a leitura, o que facilitará o entendimento do respectivo texto.

Sugerimos que você realize as atividades no momento em que são recomendadas.

Desejamos um excelente estudo!

Abraços!



Vídeo/DVD/CD e sua ligação com a televisão

O vídeo (DVD/CD) tem estreita ligação com a TV, principalmente, porque as imagens e os textos que se gravam em vídeo, normalmente, são veiculados na TV.

Mas os alunos gostam de aulas em que os professores utilizam vídeos? É importante fazermos uma reflexão a respeito dessa questão, porém uma coisa é certa: para que o trabalho com vídeo na sala de aula seja dinâmico, vai depender do tema do vídeo escolhido, da qualidade da imagem e da forma como o professor o explora.



A linguagem audiovisual é sedutora e contribui para o desenvolvimento da imaginação e da percepção, principalmente, por causa das diversas imagens que são veiculados. No caso específico do vídeo, é necessário que o professor entenda sua linguagem para que identifique suas peculiaridades e potencialidades. Tudo isso é necessário para que ele possa desenvolver o senso crítico dos alunos, a partir do conteúdo e das imagens que constituem um vídeo.

Mesmo havendo forte ligação entre o vídeo e a TV, há uma característica que os distingue: a produção da TV é feita, normalmente, para ser consumida no instante de sua difusão, já a produção em vídeo poderá ser explorada por muitos anos. O vídeo surgiu com a intenção de divulgar o cinema, mas hoje é o elemento principal da divulgação da linguagem audiovisual, possibilitando o registro e a documentação histórica de qualquer produção audiovisual. O vídeo trouxe, também, a possibilidade de ver, rever e analisar a produção audiovisual.

1. O vídeo/CD/DVD na sala de aula: alguns critérios para sua utilização

O vídeo tem sido o principal instrumento de trabalho na sala de aula com a linguagem audiovisual. Porém, esse trabalho precisa ser mediado pelo professor e não somente ser usado por ele mesmo. Além disso, é necessário que o professor faça uma análise dos vídeos em suas aulas. O vídeo só deve ser utilizado como estratégia para o ensino e a aprendizagem se puder contribuir para o desenvolvimento das atividades



Fig. 01

pedagógicas. Nem sempre determinados conteúdos podem ser explorados a partir de algum vídeo.

No trabalho de análise de um vídeo, o olhar do professor deve estar atento e enxergar todas as potencialidades de uso para o processo ensino-aprendizagem. A partir daí, é que deve ser feito o planejamento de aula utilizando vídeo.

Apresentamos, a seguir, alguns critérios para a utilização do vídeo nas atividades pedagógicas, propostos por Ferrés (1996):



Fig. 02

1. Uma adequada utilização didática do vídeo exige uma mudança nas estruturas pedagógicas. Assim, é necessário compreendermos que quando os professores fazem opção por utilizar um vídeo nas atividades pedagógicas, eles tanto podem continuar priorizando o ensino tradicional cujo foco é a transmissão de conhecimento, quanto seguir por um novo caminho que tem como objetivo principal transformar a comunicação pedagógica. Esse é um desafio que deve ser assumido por todos os professores: reconhecer as vantagens de se utilizar um audiovisual nas atividades pedagógicas e fazê-lo da melhor forma possível.

2. O vídeo não substitui o professor, porém impõe mudanças em sua função pedagógica. O vídeo deve ser visto como recurso que o professor pode utilizar de forma a inovar a sua prática pedagógica. Ou seja, o professor não precisa exercer mais a função de transmissor de informações, pois isso pode ser feito através do vídeo. A função do professor passa a ser, então, o de orientador do trabalho pedagógico, o mediador do conhecimento, levando em conta as diferenças individuais dos alunos.

3. Uma adequada utilização didática do vídeo exige dos professores uma formação específica. Não dá para usar o vídeo pelo vídeo, nem tampouco fazê-lo sem uma orientação adequada. É recomendável que o professor tenha formação técnica e tecnológica, mas também pedagógica para utilizar de forma adequada os audiovisuais na sala de aula.

4. O uso didático do vídeo não substitui os demais meios audiovisuais, porém modifica sua função. O professor deve ter clareza de que o fato de surgir uma nova tecnologia, não anula as já existentes. Por exemplo, o surgimento da fotografia não anulou a pintura; o aparecimento da TV, não anulou o rádio. Da mesma forma, ocorreu com o vídeo: se observarmos tecnicamente o vídeo vemos que ele oferece vantagens em relação à fotografia e ao cinema. Ou seja, a fotografia faz uma reprodução mecânica da realidade e o cinema lhe acrescentou o movimento. O vídeo, por sua

vez, acrescenta a instantaneidade.

5. O uso didático do vídeo não deve anular a experiência direta dos alunos. Em nenhum momento, o vídeo deve desvincular a escola do cotidiano. As informações que os alunos adquirem, ao assistir vídeos, devem sempre ser contextualizadas pelo professor de forma a estabelecer relação com a vida dos alunos e/ou o contexto em que eles vivem. Ou seja, o professor deve fazer uma aproximação da realidade apresentada no vídeo com a realidade da vida cotidiana dos alunos.

6. A tecnologia do vídeo é ambivalente. Sua eficácia educativa dependerá da forma que se fizer uso dela. Sendo assim, o vídeo pode ser utilizado tanto para: a) a disseminação das estruturas do poder; ou b) com a intenção de criar estruturas de participação dos indivíduos. Nesse caso, o que fará a diferença é o planejamento que o professor faz, priorizando a segunda opção.

7. Com frequência, no uso didático do vídeo, o mais importante deve ser o processo em si. Ou seja, é preciso evitar limitar o uso do vídeo, em sala de aula, apenas para fazer uma exposição de um tema, sem uma exploração pedagógica. Assim, o mais importante não é a qualidade do vídeo, mas o trabalho que o professor realiza com os alunos a partir do que foi visto no vídeo.

8. O vídeo deve ser entendido como uma forma de expressão específica, autônoma e independente. Por exemplo, vídeo não é televisão, embora haja uma aproximação da linguagem do vídeo com a da TV e, também, veicule o que é mostrado nela. Porém, há diferenças entre a televisão e o vídeo, por exemplo, em relação ao tempo em que os fatos são veiculados: na TV, em grande parte das vezes, são no momento em que ocorrem; no vídeo, isso não acontece. Ou seja, o vídeo é produzido para ser veiculado somente depois de pronto.

9. A eficiência do uso didático do vídeo será maior quanto mais tecnologia for posta na mão dos alunos. Tanto o vídeo como qualquer outra tecnologia deve ser colocada à disposição dos alunos de forma que possam utilizar para pesquisar, experimentar, avaliar, etc. Quanto mais contato os alunos têm com diferentes tecnologias, mais fácil será deles se apropriarem de seu uso. É papel da escola democratizar o acesso dos alunos às tecnologias lá existentes.



Mãos à obra

Agora que você estudou, um pouco, a respeito dos critérios de utilização do vídeo/CD/DVD na sala de aula, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

Considerando os critérios adotados para utilização do vídeo na sala de aula, estudados aqui, faça o seguinte:

- a) Aponte aquele critério que, em sua opinião, os professores mais adotam, quando vão selecionar um vídeo para utilizar nas aulas. Justifique a sua escolha.
- b) Selecione aquele critério que você considera que os professores menos adotam quando vão selecionar um vídeo para utilizar nas aulas e justifique a sua escolha.

2. Funções do vídeo/DVD/CD na sala de aula

Antes de utilizar qualquer vídeo na sala de aula, o professor deve se fazer alguns questionamentos: Por que vou usar esse vídeo? Qual a relação dele com o conteúdo que eu estou discutindo com os alunos? Qual a melhor forma de abordá-lo? Em que momento devo apresentá-lo aos alunos? Quando for começar a discussão do conteúdo; durante a discussão ou como fechamento da discussão? Essas e outras questões devem ser pensadas pelo professor para que ele não faça uso inadequado do vídeo na sala de aula.



Fig. 03

Vejamos, a seguir, algumas funções do vídeo/CD/DVD na sala de aula, defendidas por Moran (2001), porém acrescentamos que, quando usamos um vídeo, podemos observar mais de uma função.

1. Função de sensibilização: esta é considerada como uma das principais funções do vídeo, principalmente, porque procura motivar os alunos a compreender o tema da aula a ser

explorado, como também possibilita o interesse para novos temas. É bastante útil para despertar a curiosidade do aluno quanto ao aprofundamento da discussão propiciada pelo vídeo, instigando-o à pesquisa

2. Função de ilustração: o vídeo ajuda os alunos a compreenderem cenários desconhecidos, por meio das imagens veiculadas. Por exemplo, para que os alunos compreendam um fato histórico, o vídeo é bastante útil, como: o professor de história quer que seus alunos compreendam como eram os romanos na época de Júlio Cesar, mesmo que não seja um retrato fiel da realidade. Outro exemplo é conhecer lugares sem ir até eles, ou seja, ir à Europa sem sair de sua própria cidade.

3. Função de simulação: o vídeo pode ser bastante útil, por exemplo, em aulas de Química, Física, Biologia. Uma experiência que poderia ser perigosa para ser realizada no laboratório de química, bem como necessitaria de tempo e recursos, o professor pode fazer a simulação em vídeo. Outro exemplo da Biologia é que o professor pode mostrar para os alunos o crescimento acelerado de uma planta em poucos segundos.

4. Função de conteúdo de ensino: há vídeos que mostram o conteúdo de uma aula seja de forma direta ou indireta. Essas duas formas são identificadas do seguinte modo: quando o vídeo trata um tema específico, para uma determinada aula/disciplina, dizemos que é direta; quando o vídeo trata um tema possibilitando diferentes abordagens, dizemos que é uma forma indireta.

5. Função de produção: vejamos três formas de produção:

a) Como documentação: sua principal função é o registro de atividades como: eventos, registro de aulas, de experiências, aula-passeio, etc. Produzir vídeos dessa natureza é muito importante, pois o professor pode gravar em vídeo o que é mais adequado para o seu trabalho, pode ter a sua disposição material em vídeo, para as suas aulas com tem em livros e apostilas.

b) Como intervenção: o professor pode, junto com os alunos, produzir vídeo com a intenção de interferir em determinado recurso audiovisual como, por exemplo, acrescentando uma nova trilha sonora. O professor deve compreender que ele pode interferir num audiovisual, acrescentando novas interpretações, novas informações de forma que o vídeo possa se aproximar da realidade dos alunos.

c) Vídeo como expressão: tanto crianças quanto adolescentes gostam da atividade de produção de vídeo, por isso, o professor deve mobilizar os alunos a produzirem vídeos a partir da temática que está sendo discutida nas aulas. A atividade de produzir vídeo, mesmo sem usar técnicas sofisticadas, é algo que envolve os alunos. Assim, os alunos podem produzir vídeos numa determinada disciplina ou mesmo na realização de um trabalho interdisciplinar. Outra atividade bastante interessante são os alunos, orientados pelo professor, produzirem pequenos programas informativos e disponibilizá-los em lugares estratégicos para que os alunos de outras turmas possam apreciar.

6. Função de vídeo-espelho: o professor pode utilizar um vídeo de algum trabalho que tenha sido realizado com os alunos e, juntos, analisarem a participação de cada um. O professor pode analisar sua comunicação com os alunos, entre outros aspectos que julgar necessários. É uma possibilidade de cada aluno analisar seu comportamento no vídeo, do ponto de vista de sua participação e o momento do professor incentivar aqueles alunos mais tímidos a se mostrarem mais.

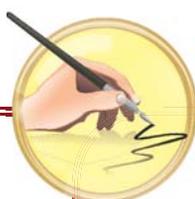


Fig. 04

7. Função de integração/suporte para outras mídias:

a) Vídeo como suporte da televisão e do cinema: aqui, o professor pode desenvolver duas estratégias: gravar programas de TV ou parte deles para serem utilizados nas aulas e utilizar filmes de curta e longa metragem para discutir, com os alunos, aspectos da linguagem audiovisual, ou mesmo aspectos relacionados com algum tema que esteja sendo explorado na sala de aula.

b) Vídeo interagindo com outras mídias, tais como a internet, os videogames, o telefone.



Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver mais uma atividade sobre as funções do vídeo na sala de aula. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

Atividade 2:

A partir das funções do vídeo, apresentadas aqui, reflita sobre o seguinte:

- a) Qual função você considera que os professores menos levam em consideração ao se propor utilizar vídeos nas aulas?
- b) Se você fosse utilizar um vídeo, em uma aula de língua espanhola, qual função ou quais funções você utilizaria? Para responder a essa questão, indique um conteúdo que você iria explorar o vídeo.

3. Situações conflituosas de uso do vídeo/CD/DVD na sala de aula

Não podemos negar que, muitas vezes, o vídeo é usado, na sala de aula, de forma indiscriminada e que, portanto, não vai contribuir para a aprendizagem dos alunos – o que é preocupante. O uso do recurso audiovisual, na sala de aula, deve ter uma intencionalidade pedagógica, de forma planejada.

Tem sido comum utilizar o vídeo na escola com o propósito de compensar a ausência do professor, sem uma discussão dentro de uma disciplina ou mesmo numa atividade relacionada aos temas transversais, o que se constitui em um erro grave. Na verdade, ao ser utilizado dessa forma, o vídeo serve somente para ocupar o tempo do aluno. Essa é uma prática que ocorre com bastante frequência, contribuindo para a banalização do audiovisual na sala de aula. Portanto, deve ser evitada.

Outra situação conflituosa está relacionada ao uso de um vídeo que não tenha muita relação com o conteúdo da disciplina. Nesse caso, fica evidente para o aluno que o professor não assistiu ao vídeo antes de levá-lo para a sala de aula, conseqüentemente, não fez o planejamento desta aula.

Há, também, professores que são adeptos dos audiovisuais, têm amplo conhecimento dos mais variados vídeos e com diferentes temáticas e, por isso, na maioria de suas aulas, ele está sempre veiculando um deles. Nesse caso, o professor deve ter cuidado, pois utilizar



Fig. 05

de forma exagerada os vídeos nas aulas poderá contribuir para que os alunos percam o interesse em vê-los. Da mesma forma, que somente aula expositiva é cansativa, usar o vídeo constantemente pelo mesmo professor pode ser, também, bastante cansativo.

Por outro lado, há professores que se esquivam de utilizar vídeos nas aulas, porque, segundo eles, sempre encontram algum defeito estético ou de informação, por isso consideram necessário evitá-los. O que eles deveriam fazer seria, justamente, o contrário: questionar com os alunos possíveis conceitos problemáticos apresentados e pesquisá-los, em seguida.

A utilização do vídeo exige planejamento do professor, discussão, integrando-o ao tema da aula. Assim, somente exibir o vídeo, sem um tratamento pedagógico é desaconselhável. Muitas vezes, o vídeo é utilizado apenas como pretexto para justificar o uso da audiovisual na sala de aula.

4. Analisando o vídeo/CD/DVD na sala de aula

Para se fazer a análise de um vídeo, é importante que o professor não se prenda a questões do tipo “é de boa qualidade” ou “má qualidade”. O mais importante, nesse processo, é com que finalidade o professor vai utilizar o vídeo. Por exemplo, se for bastante antigo pode não ser útil para discutir questões do contexto, mas pode ser excelente para discutir questões relacionadas aos fatos históricos e culturais da época em que foi produzido. O professor deve se preocupar com qual objetivo vai utilizar determinado vídeo em sua aula e ter clareza do que pretende. Por isso, reforçamos que é fundamental que o vídeo seja visto antes de sua veiculação para os alunos. Além disso, o professor deve verificar quais vídeos existem na escola e conhecê-los para somente depois decidir quais os que devem ser explorados em sua disciplina.

Moran (2001) aponta algumas dinâmicas de utilização do vídeo em sala de aula. Por exemplo, **antes da exibição**, o professor deve informar apenas aspectos gerais, como autor, duração, prêmios, entre outros. É muito importante que o professor conheça os vídeos antes de exibi-los, relacionando as cenas mais importantes. Nesse momento, não deve ser emitida opinião a respeito do vídeo.

Durante a exibição, o professor deve ficar atento para as reações dos alunos, observando o interesse ou não deles em assistir ao vídeo. Caso seja longo, o professor pode fazer uma pausa, ou algumas pausas,



Fig. 06

discutindo alguns aspectos que foram apresentados nesse primeiro momento do vídeo.

Após a exibição, o professor ainda pode rever as cenas mais importantes ou aquelas que os alunos consideram difíceis. Caso seja necessário, o professor pode exibir o vídeo novamente chamando atenção para cenas específicas, diálogos, situações, trilhas sonoras. Por último, fazer uma discussão geral sobre o tema abordado. O professor precisa ser cuidadoso para deixar primeiro os alunos emitirem as suas opiniões e, somente depois, apresentar a sua. Ele, também, deve explorar o vídeo a partir de um dos dois ângulos: o ideal e o real, ou seja, aquilo que deveria ser e o que costuma ser.

O professor pode, também, fazer uma **análise globalizante** do vídeo. Nessa análise, devem ser abordadas questões do tipo: a) aspectos positivos; b) aspectos negativos; c) ideias principais; d) o que os alunos mudariam no vídeo (ou acrescentariam). O ideal é que essas atividades possam ser feitas em pequenos grupos e depois os grupos apresentarem para toda a classe. A discussão deve girar em torno, principalmente, das coincidências e divergências. Por último, o professor faz o fechamento da discussão.

Outra estratégia que o professor pode utilizar é realizar uma **leitura concentrada** que se desdobra da seguinte forma: selecionar uma ou mais cenas marcantes no vídeo e rever com os alunos, destacando o que chama mais a atenção deles, se seria a imagem ou se seria o som ou a palavra (as falas dos personagens). Outro questionamento se refere ao que dizem as cenas. Por último, solicitar que os alunos façam uma ponte entre a realidade mostrada na cena destacada e o cotidiano dos alunos.

O professor, ainda, pode utilizar a **análise “funcional”** do vídeo, que normalmente é realizada antes da exibição. O professor orienta os alunos a desenvolverem algumas atividades, como: o primeiro grupo será responsável pela narração das cenas; o segundo anotará as palavras-chaves; o terceiro apontará as imagens mais significativas; o quarto destacará a caracterização dos personagens; o quinto ficará responsável para observar a trilha sonora e os efeitos especiais e o último grupo servirá para identificar mudanças ocorridas no vídeo. Após a exibição, cada grupo apresenta o resultado da sua observação e o professor completa (com os alunos) as informações, levantando outros questionamentos.

A análise da linguagem é fundamental nesse processo e deve ser realizada considerando algumas questões: como a história é contada; de que forma a história é contada; o que conta e expressa cada personagem; qual é o modelo de sociedade apresentado; quais são as mensagens não questionadas; quais são os valores afirmados e negados, tais como

a justiça, o trabalho, o amor, o mundo; como os alunos concordam e discordam desses valores apresentados no vídeo?

O professor pode realizar uma **atividade de complementação** do vídeo, em que ele exibe parte do vídeo e solicita que os alunos apresentem um final diferente para o vídeo, justificando a escolha. E somente depois dessa tarefa é que o professor pode exibir o final do vídeo para que os alunos comparem com o final que deram. Por último, o professor discute com os alunos os finais propostos para o vídeo.

Mas, se o professor quer aprofundar um determinado tema em sua aula, ele pode orientar os alunos a procurarem vídeos dentro desse tema e selecionarem um deles para fazerem sua atividade. Os alunos podem modificar o roteiro do vídeo e adaptar o conteúdo a outros conhecimentos que os alunos já dispõem, acrescentando mais textos, novas imagens, uma trilha sonora diferente e, assim, criar um novo vídeo adaptado a sua realidade.

Com a intenção de que os alunos possam, também, ser produtores de vídeo, o professor os orienta a construírem uma narração em vídeo sobre um determinado assunto. Em seguida, solicita que os alunos pesquisem em jornais, revistas, entrevistem pessoas sobre esse assunto. Em seguida, eles devem elaborar o roteiro do vídeo, fazer a gravação, editar as cenas gravadas, acrescentar a trilha sonora e os efeitos especiais. Ao finalizá-lo, deve ser exibido na sala de aula. Os demais alunos devem fazer comentários positivos e negativos e apreciarem o resultado obtido (o detalhamento da produção de um vídeo será abordado em nossa próxima aula).

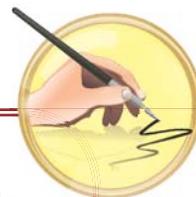


Fig. 07

Por fim, a última sugestão é que o professor possa utilizar o teatro como aliado do trabalho com o vídeo. De que forma podemos pensar isso? Após a discussão de um vídeo, o professor pode definir, junto com os alunos, algumas cenas relevantes do vídeo assistido para que eles possam encená-las. É importante fazer uma discussão entre a cena dramatizada pelos alunos e a vista em vídeo. O teatro pode ser um excelente meio de expressão do que o vídeo mostrou e sua adaptação à realidade dos alunos. O mais importante

nessa atividade é que os alunos representem as cenas, adaptando-as a sua realidade.

Mãos à obra



Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

Atividade 3

Com base na leitura feita neste bloco de conteúdo, reflita a respeito do seguinte:

- a) Com exceção de questões técnicas, aponte duas dificuldades enfrentadas pelo professor para utilizar vídeo nas aulas? Comente-as.
- b) Mesmo com a variedade de atividades que podem ser desenvolvidas com vídeos, muitos professores ainda não utilizam esse audiovisual em suas aulas. Comente a respeito dessa questão.
- c) O vídeo explora a imagem, as palavras, o som. Digamos que um professor de língua espanhola vai discutir com os alunos um vídeo que trata dos hábitos e costumes do povo espanhol. Como pode ser explorado, a partir desse vídeo, algum conteúdo do ensino de língua espanhola?

Já sei!



A utilização de recurso audiovisual na sala de aula, como o vídeo/ CD/DVD, pode contribuir para termos aulas mais dinâmicas. No entanto, para que isso aconteça, é necessário planejamento. Nisso, a primeira atitude a ser tomada é a escolha do vídeo, pois este deve ter estreita relação com o tema da aula.

É importante que o professor estabeleça objetivos coerentes, de forma que o uso do vídeo faça sentido para o aluno. Porém, é preciso

certo cuidado para que essa utilização seja feita na “dose” certa, ou seja, nem tão pouco, nem demais.

Nesse processo, o professor deve se familiarizar com a linguagem audiovisual conhecendo as diferentes funções do vídeo para utilizá-lo de forma adequada com os alunos. Caso contrário, essa tecnologia pode ser encarada pelos alunos com certa banalidade.

O mais importante no desenvolvimento de atividades com o vídeo em sala de aula é no sentido de que ele possa contribuir para que os alunos possam aprender mais. Ao utilizá-lo, o professor não pode perder de vista seu grande potencial para a formação do senso crítico do aluno.



Autoavaliação

Agora que você já está bastante familiarizado com o trabalho de exploração do vídeo em sala de aula, escolha um vídeo de sua preferência para fazer uma atividade de análise. Você pode baixar um vídeo no Portal Domínio Público (www.dominiopublico.mec.gov.br) ou vá até uma escola e veja um vídeo que os professores usam em suas aulas.

Inicialmente, informe o nome do vídeo, sua duração, produção, etc. (veja os dados técnicos).

Vamos à análise:

Analisando os aspectos gerais do vídeo:

1. O vídeo faz com que você crie expectativas, desperta interesse?
2. Em que se baseia o interesse do vídeo? No tema tratado? Ou na forma como é tratado?
3. O vídeo foi produzido com finalidade educativa?

Analisando a mensagem que o vídeo traz:

1. O tema é apropriado à linguagem audiovisual? É de fácil compreensão?
2. Quais conteúdos curriculares das diferentes disciplinas escolares são abordados? Ou direciona para, apenas, uma disciplina?

3. O tema tratado é atual ou já existem novos enfoques ou tendências?
4. O vídeo possibilita um trabalho interdisciplinar? Quais disciplinas podem ser contempladas?
5. A quantidade de informação é suficiente para um tema que você queira abordar (citar o tema)? As informações são complexas ou de fácil compreensão?

Analisando a linguagem do vídeo:

1. O vídeo enfatiza mais as imagens ou a linguagem verbal?
2. A ênfase está na dimensão emotiva, na imaginação e na sensibilidade?
3. O vídeo comunica ideias por meio das emoções? Quais? Como?
4. O vídeo utiliza efeitos visuais como gráficos, animações, legendas, etc. para reforçar a mensagem?
5. As imagens atraem e são compreendidas com facilidade ou são de difícil interpretação?
6. A linguagem verbal do vídeo enfatiza mais a coloquial, regional, formal ou científica?
7. Há algum termo de linguagem muito complexo que mereça uma explicação antes do vídeo ser veiculado? Ou não?
8. A trilha sonora se destaca no vídeo?

Analisando as concepções e os ambientes:

1. Você percebeu alguma preocupação com questões sociais?
2. Se há alguma questão social, é do conhecimento dos alunos ou devem ser exploradas? De que forma?
3. O vídeo tem relação com o cotidiano?
4. Em relação aos ambientes e lugares apresentados no vídeo, são do conhecimento dos alunos? Ou devem ser explorados? Como?
5. São abordadas questões acerca de atitudes e valores sociais?

Questões pedagógicas:

1. Este vídeo pode ser utilizado com qual função: Informar? Motivar? Ilustrar? Sensibilizar? Explorar conteúdos em situações diversas? Ou reforçar conteúdos?
2. Pode-se explorar mais de uma função? Quais?
3. Você identificou algum erro conceitual? Qual?
4. O vídeo estimula a curiosidade e a pesquisa?
5. O vídeo valoriza o conhecimento prévio dos alunos?
6. Se o vídeo que você selecionou é direcionado ao público em geral, como poderá ser utilizado nas atividades pedagógicas?



Leitura complementar

Texto 1: **Organizando o trabalho com o vídeo em sala de aula** (Mônica Cerbella Freire Mandarinino).

Disponível em: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&source=hp&q=Organizando+o+trabalho+com+o+v%C3%ADdeo+em+sala+de+aula+&btnG=Pesquisa+Google&meta=&oq=Organizando+o+trabalho+com+o+v%C3%ADdeo+em+sala+de+aula+&aq=f&aqi=&aql=&gs_sm=s&gs_upl=5546155461017140111101010101625162515-11110.

Texto 2: **Educação/comunicação: o uso do audiovisual em sala de aula** (Ronaldo Nunes Linhares).

Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Educa%C3%A7%C3%A3o/Comunica%C3%A7%C3%A3o:_o_uso_de_audiovisual_em_sala_de_aula.



FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. 2ª. ed. Tradução: Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MACHADO, A. (Org.) **Made in Brasil**: três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2007.

MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

Fonte das figuras

Fig. 1 – http://blogtvpelo espectador.blogspot.com/2011_02_03_archive.html

Fig.2 – http://lucimameucantinho.blogspot.com/2010_10_01_archive.html

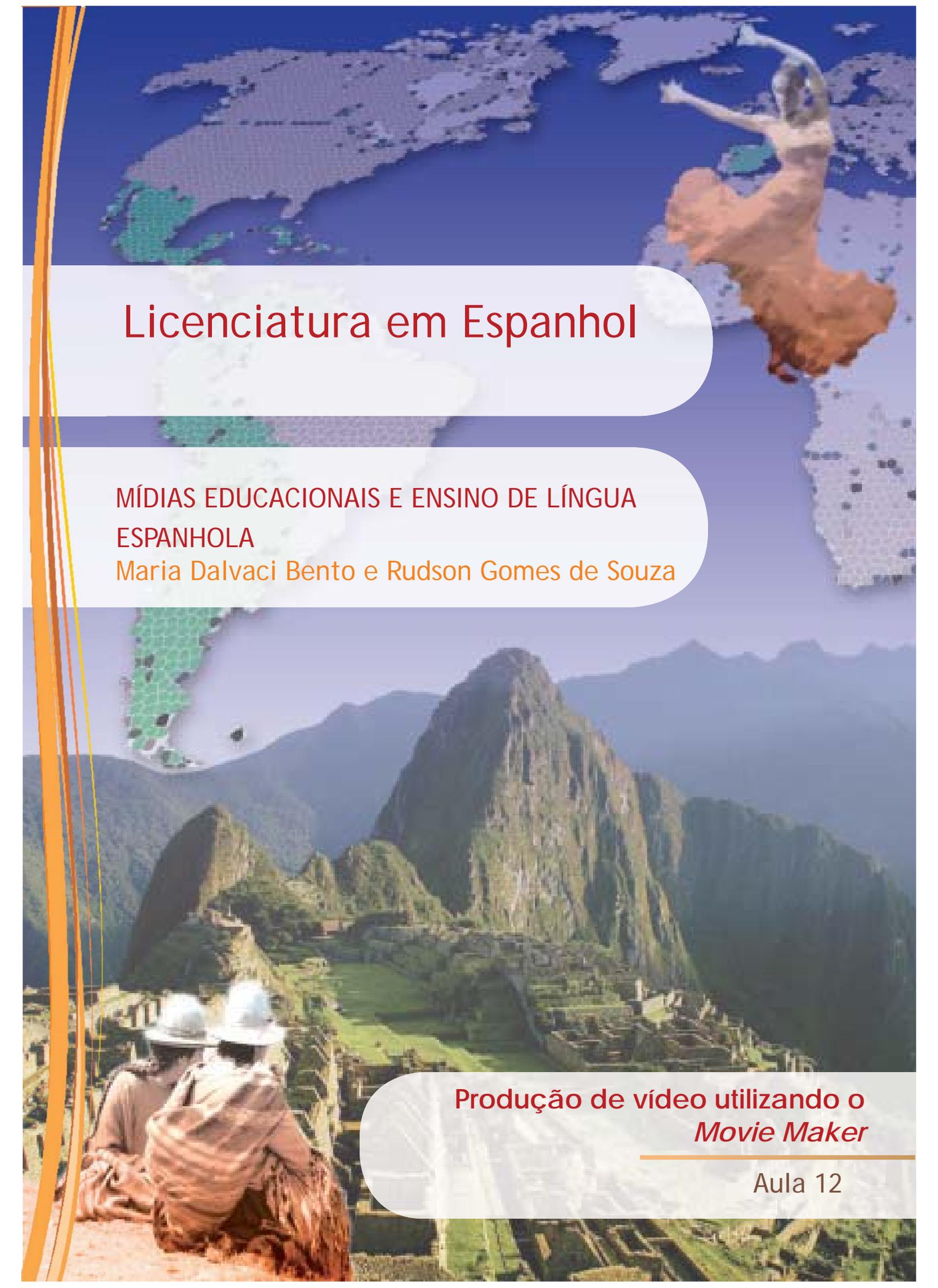
Fig.3 – <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=87>

Fig. 4– http://www.institutopromemoria.com.br/historia_preservada_andamento.html

Fig. 5–<http://tecnologias-aula.blogspot.com/>

Fig. 6– http://diegopasti.blogspot.com/2009_08_01_archive.html

Fig. 7– <http://www.culturamix.com/cultura/arte/belezas-de-uma-peca-teatral>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Produção de vídeo utilizando o
Movie Maker

Aula 12

Apresentação e objetivos

A reflexão em torno da produção de um audiovisual na escola deve estar pautada na discussão dos professores, pois, para que os alunos compreendam a linguagem dos audiovisuais e aprendam a fazer leituras críticas desses meios, é necessário que eles sejam autores de audiovisuais.

Nesta aula, abordaremos, principalmente, os elementos que constituem a linguagem audiovisual, no caso aqueles relacionados à produção de um vídeo.

Sendo assim, para começar a discussão em torno dos componentes estruturais da linguagem audiovisual, partiremos do estudo dos diferentes tipos de planos de gravação. Em seguida, mostraremos as diversas posições de uso da câmera e os seus diferentes movimentos. Além disso, veremos como se definem os diálogos, a trilha sonora e os efeitos especiais.

Destacaremos, também, o roteiro, o processo de gravação do vídeo propriamente dito, a edição do vídeo e sua montagem. Por último, abriremos um parêntese para a integração da produção de vídeo nas atividades pedagógicas.

No decorrer do texto, há algumas atividades reflexivas, necessárias para melhorar a compreensão do conteúdo. Ao final da aula, você vai realizar uma autoavaliação.

Vamos lá?

Ao final desta aula, você deverá:

- identificar os elementos estruturais da linguagem audiovisual;
- compreender o processo de produção de um audiovisual e sua contribuição para a aprendizagem de conteúdos de



Fig. 01

língua espanhola;

- compreender como se produz um roteiro para a produção de vídeo;
- entender o processo de edição de um vídeo no programa Movie Maker.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Estamos fazendo um convite a você para uma nova aula que tratará da discussão em torno do processo de produção de vídeo. Por meio dela, você conhecerá os elementos fundamentais necessários para se produzir um vídeo nas atividades pedagógicas.

Embora a atividade de produção de vídeo exija certo rigor, você vai compreender como esta é um processo que se constitui em momentos prazerosos, como nos momentos de gravação e edição de um vídeo.

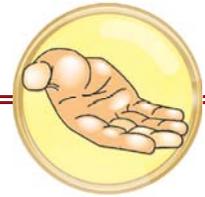
Você perceberá, ainda, que, quando escolhermos produzir um vídeo, estamos nos propondo a realizar um trabalho pautado em parceria. Essa atividade vai conduzir você para isso.

Sugerimos que você realize todas as atividades propostas, uma vez que elas contribuirão para compreender melhor o tema da aula.

Então, é hora de começar! Vamos lá?

Bons estudos!

Abraços!



Elementos da linguagem audiovisual

A produção de vídeo precede a atividade de análise de vídeos. O processo de produção de vídeo exige organização de elementos e expressa visão estética documental ou subjetiva do mundo. Ao escolher desenvolver uma atividade dessa natureza, é necessário definir o tema, o cenário, as personagens, a duração, as cenas com câmera fixa ou móvel com a definição do ângulo que será feita a gravação. Uma coisa é certa: mesmo sendo uma reprodução próxima da realidade, no vídeo se acrescentam detalhes estéticos, visão pessoal do roteirista e/ou dos produtores. Com uma câmera na mão, é possível pensar assim: O que gravar? Como enquadrar? O que mostrar? Como mostrar?



Fig. 02

Para fazer a gravação de um vídeo, faz-se um recorte do espaço e de determinado ângulo através de imagens. Vejamos, agora, os elementos principais da linguagem de produção de um audiovisual: os planos, a angulação, o movimento, o som.

1. Planos

Os vídeos são constituídos de planos, que são aspectos fundamentais da linguagem audiovisual. Os planos indicam os enquadramentos de câmera. Podemos, também, dizer que pode ser cada fragmento gravado.

Vejamos os planos mais comuns, porém adiantamos que é possível encontrá-los com outros nomes.



Fig. 03

O **plano geral** (PG) é utilizado para situar o espectador no contexto

do filme, mas também se recorre a ele para se ter uma ideia mais geral do cenário. Qualquer programa de televisão ou filme sempre se inicia com um plano geral. Normalmente, destaca personagens em ação. Embora o cinema utilize mais o grande plano geral, ele permite a utilização de planos médios e primeiros planos.

O **plano médio** (PM) mostra a pessoa da cintura para cima. Já o **plano americano** se constitui numa variante do plano médio e mostra a pessoa do joelho para cima. Esses dois planos têm função mais de narrativa, à medida que destacam a ação.



Fig. 04

O **primeiro plano** ou **close-up** é o tipo de plano que enquadra o rosto, enfatizando a intensidade de uma cena dramática. Mostra a expressão do ator, desempenhando função mais emocional.



Fig. 05

Já o **plano de detalhe** (PD) mostra a imagem de impacto tanto visual quanto emocional, uma parte essencial do assunto. Não pode ser usada em excesso para não perder o impacto, uma vez que o excesso torna a imagem cansativa.

2. Angulação

A angulação significa as posições ou os ângulos da câmera em relação a um objeto ou personagem. A câmera pode estar numa posição mais alta, mais baixa ou à altura dos personagens com a intenção de que sejam produzidos alguns efeitos específicos. O ângulo de visão pode ser definido como o ponto de partida para observar o personagem.

A **câmera alta** (visão superior) mostra a cena de cima para baixo, fazendo com que a imagem do personagem seja minimizada, diminuindo sua força ou importância, conforme percebemos na imagem do filme Avatar, ao lado disposta. Observe que os militares entram na Terra de Eywa, que, para estes, era um território completamente exótico que esconde perigos por não ser um espaço explorado pelo homem.



Fig. 06



Fig. 07

A **câmera baixa** (visão inferior) é quando se utiliza a câmera de baixo para cima, o que permite aumentar a estatura e a importância do personagem, como se ele estivesse em uma posição dominante. Na imagem ao lado, embora Rapunzel, personagem do filme Enrolados, apareça enquadrada no centro da cena, o castelo é mostrado por meio do recurso câmera baixa, aparentando ser uma construção maior que a

personagem, já que, à distância, ele ainda é maior que a jovem. Nesse sentido, a câmera baixa cumpre sua função: oferecer ao espectador a noção de escala.

A **câmera normal** (visão média) é aquela que contém uma imagem mais comum e mais natural, pois a ação mostrada encontra-se à altura dos olhos: nem representa inferioridade, nem superioridade do personagem. Vejamos o exemplo ao lado, extraído do filme Piratas do Caribe – O baú da morte, quando Jack Sparrow (Johnny Depp) foge apavorado das garras de canibais.



Fig. 08



Mãos à obra

Agora que você estudou, um pouco, a respeito das posições ou ângulos da câmera, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. De que forma o professor pode solicitar que os alunos identifiquem os planos, utilizando figuras de jornais e revistas?

2. Na produção de um determinado vídeo, há uma cena em que o personagem principal exerce uma função de poder, de domínio, superioridade. Qual ângulo da câmera é o mais adequado? Justifique.

3. Numa cena em que o personagem vive uma situação de humilhação, qual o melhor ângulo para a câmera? Argumente.

3. Movimentos

Quando surgiu o cinema, todas as câmeras eram fixas e isso representava uma grande dificuldade para as tomadas de cena. Com o surgimento de novas lentes e novos tripés, as câmeras passaram a ser móveis. Vejamos os diferentes movimentos de câmera:

- a) **Panorâmica (PAN):** é o movimento de câmera que gira sem sair do lugar. Por exemplo, mostra um determinado cenário, uma determinada paisagem. Isso significa um giro geral da câmera.
- b) **Panorâmica horizontal:** descreve a cena da esquerda para direita.
- c) **Panorâmica vertical:** descreve a pessoa ou objeto de cima para baixo ou de baixo para cima.
- d) **Travelling:** é o movimento por meio do qual a câmera se desloca. Normalmente acontece da seguinte forma: um cinegrafista com uma câmera na mão, ou faz a filmagem de dentro de um veículo em movimento, ou seja, possibilita o acompanhamento do personagem, ou de um objeto em movimento. O cinegrafista, também, pode se mover usando patins, cadeira de rodas, etc.
- e) **Dolly:** significa o movimento físico da câmera, ou seja, o objeto ou a pessoa fica parado, enquanto a câmera se desloca rumo a um deles.
- f) **Zoom:** significa a aproximação até o *close*. Aqui o movimento é ótico, não físico como o *Dolly*. A lente *zoom* é responsável pela aproximação ou pelo afastamento. Temos a lente "*zoom in*" que significa aproximação e traz a imagem distante para bem perto; e a lente "*zoom out*" que significa afastamento: o cinegrafista foca a imagem próxima, levando-a para longe.

4. Som

Você já imaginou o que seria de um vídeo sem algum tipo de som? Tente assistir a um vídeo sem som algum. Depois, assista ao mesmo vídeo com som. Deu para sentir a diferença? Claramente, percebemos a importância do som na construção das emoções despertadas no espectador, não é mesmo?

Isso acontece porque o som é um elemento fundamental na produção de um vídeo, visto que está relacionado aos diálogos, à trilha sonora e aos ruídos de sala. Os diálogos podem ser tanto os gravados na cena – chamados de som direto – quanto os de narração – que são gravados depois. Já a trilha sonora se refere à parte musical do vídeo. Ela contribui para aumentar a carga dramática de uma cena. Ao definir a trilha sonora, definem-se, também, os ruídos de sala que são os efeitos sonoros. O barulho de um carro, o barulho de sapato, batida de porta, barulho de chuva, etc., são todos exemplos de ruídos de sala que são feitos depois que o vídeo está pronto. Esses sons são gravados em outro momento e, não, na mesma hora da cena.

O som contribui para o entendimento, o impacto e a expressão da mensagem audiovisual. Sua função principal é criar ambientes, situações, clima.



Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver mais uma atividade sobre os movimentos de câmera. Para isso, realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

1. De que forma o professor pode desenvolver uma atividade com os alunos para explorar os movimentos de câmera, a partir de um determinado programa de TV?

2. Na produção de um vídeo em sala de aula, o que seria mais fácil: escolher a trilha sonora ou definir os ruídos? Por quê?

Produzindo um vídeo

A produção de um vídeo parte sempre de uma ideia inicial que, também, chamamos de *brainstorm*, uma vez que é transformada num texto.

No texto, deve ser colocado tudo o que se pode imaginar a respeito do tema. Esse é o momento de se escrever cada cena detalhadamente, descrevendo cenários, diálogos, ações, etc.

Com o texto finalizado, pode-se partir para a elaboração do roteiro. Assim, quando o roteiro estiver pronto, dá-se o processo de gravação de cada cena. Todo o material gravado é salvo num computador para que seja feita a edição do vídeo.

Por último, veicula-se o vídeo na televisão ou na internet.

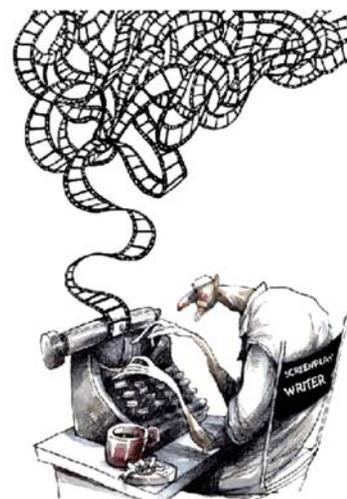


Fig. 09

1. Roteiro (ou roteiro literário)

O roteiro é o principal elemento de qualquer produção audiovisual. Podemos dizer que é uma espécie de mapa que deve estar o tempo inteiro na mão de quem está produzindo um vídeo. Todas as outras fases do vídeo se desenrolam a partir dele. Esse processo é chamado de roteiro literário.

Na prática, o roteiro é a descrição do que será mostrado na tela. Podemos dizer que é um texto provisório, porque ele pode sofrer alterações durante a produção do audiovisual. Mesmo que um determinado vídeo trate de um conteúdo escolar específico, o roteirista pode escrever um roteiro bastante criativo. Preferencialmente, deve ser simples, descritivo e objetivo.

No momento da elaboração do roteiro de um vídeo, é preciso levar em consideração os seguintes aspectos: ter uma ideia em mente; ter clareza do objetivo da produção do vídeo; saber para qual público se destina; pesquisar sobre o tema do vídeo, para que se possa fazer escolhas daquilo que se quer contemplar no roteiro.

O roteiro pode ser feito, também, utilizando somente desenhos, que é denominado **Storyboard** (ou roteiro desenhado). É um recurso alternativo ao roteiro descritivo. Assim, preferencialmente, toda gravação seja para um documentário, seja para um registro de um evento da escola, ou mesmo comercial de TV, uma novela, um curta ou longa-metragem, antes de ser finalizado, é primeiramente visto por uma sequência de quadrinhos – que é o *storyboard*.

Existem várias formas de se elaborar um roteiro. Faremos demonstração de uma forma simples de roteiro (ou modelo simplificado). Neste roteiro, a página é dividida em duas colunas. A primeira é dedicada a todos os elementos visuais, tais como as ações dos personagens, os caracteres que surgem na tela, a descrição do cenário, etc. Na segunda coluna, são descritos todos os elementos sonoros do filme ou vídeo, como diálogos, efeitos sonoros, sons ambientes, narração, etc.

Apresentaremos, a seguir, o início do roteiro de um vídeo para que você tenha uma compreensão de como é bastante simples.

Roteiro do Vídeo: Lembranças de uma estudante

IMAGEM	ÁUDIO/SOM
Faculdade de Comunicação e Arte. Alunos entram e saem da faculdade, muitos deles numa correria; outros conversam descontraidamente.	<p><u>Narrador</u></p> <p><i>Estamos diante da Faculdade de Comunicação e Arte. O vai- e- vem de alunos é impressionante. Isso é compreensível, uma vez que os alunos do turno da manhã estão saindo e os da tarde estão chegando.</i></p>
Gabriela está em pé, conversando com alguns colegas de faculdade, quando o telefone toca. Gabriela levanta a mão, interrompendo a conversa e se afasta do grupo.	<p><u>GABRIELA</u></p> <p>-Um instante. Deve ser meu marido.</p>

Gabriela coloca a mão no bolso do casaco e puxa o telefone celular.	<p>GABRIELA</p> <p>-Alô? Oi, Sérgio. Onde você está?</p> <p><u>SÉRGIO</u></p> <p>- Oi, Gabriela, estou no Museu Nacional. Está havendo uma exposição aqui e seria interessante você vê-la, pois acho que pode ser bastante útil para o seminário sobre Arte Moderna que você vai apresentar.</p> <p><u>GABRIELA</u></p> <p>- Ok, Sérgio, estou indo pra aí, agora.</p>
Gabriela desliga o telefone, guarda e volta para o grupo.	<p>GABRIELA</p> <p>Bem, pessoal, vou ter que ir ao Museu Nacional agora, pois está havendo uma exposição sobre Arte Moderna, que é o tema do meu seminário da próxima semana. Que ir comigo, Manuela?</p>
Manuela confirma com um leve balançar de cabeça. As duas se despendem do grupo.	<p><u>GABRIELA</u></p> <p>- Até amanhã, pessoal.</p> <p><u>MANUELA</u></p> <p>- Boa tarde a todos!</p>
As duas seguem para o estacionamento.	<p><i>Música de fundo</i></p>
O trânsito está congestionado. Carros buzina.	<p><u>Narrador</u></p> <p><i>As duas amigas ficam muito tempo no trânsito e a fome aperta.</i></p>
Rua bastante movimentada onde está localizado o Museu Nacional	<p><u>Narrador</u></p> <p><i>Ao fim de duas horas, as duas avistam o Museu Nacional, mas também, uma pequena lanchonete.</i></p>
CONTINUA....	CONTINUA....

Esta foi uma pequena parte do ROTEIRO, que ainda deve destacar toda a visita ao Museu.

Existem outras formas de organizar o roteiro literário, inclusive destacando se as cenas serão dentro de determinado ambiente fechado – interno (INT), ou fora deste ambiente – externos (EXT). Além disso, define-se em que horário do dia acontece a cena (manhã; tarde; noite;

amanhecer, etc.). Veja o exemplo, a seguir, considerando o título de uma cena. Não se esqueça de que deve, preferencialmente, escrever o roteiro como o que foi feito acima: do lado esquerdo, as imagens; do lado direito, o áudio/som.

Cena 4:

Praça da alimentação do shopping / int / dia

(Abaixo desse título, deve ser feita a descrição do que acontece na cena).

2. Roteiro técnico



Fig. 10

Após o roteiro literário pronto, é importante fazer o roteiro técnico que auxiliará na hora da gravação. Nesta fase, é feita uma divisão das cenas do roteiro em diversos planos de filmagem. Essa divisão é também chamada de decupagem.

O plano de filmagem significa a proporção do que a câmera vai colocar na tela, tendo como referência a figura humana: imagem completa da personagem (ou plano geral); imagem do joelho para cima (ou plano americano); imagem da cintura para cima (ou plano médio); imagem de uma parte específica do corpo da pessoa (ou primeiro plano), etc.

Assim, com o roteiro literário e o roteiro técnico em mãos, faz-se um levantamento dos materiais necessários em cada cena. Nesse momento, são verificadas todas as necessidades de produção para se iniciar a filmagem propriamente dita.

Para realizar a filmagem, além da câmera, é necessário considerar a iluminação e o som. E, para que se possa garantir a qualidade da imagem, é necessário ter uma boa iluminação.

estabelecido, no primeiro dia de gravação, serão gravadas as cenas 10, 11, 19 e 26. Essas cenas são gravadas no mesmo dia porque elas se passam dentro do mesmo cenário. O diretor pode, também, decidir que, numa dessas cenas, vai utilizar quatro planos diferentes (imagem de corpo inteiro, imagem dos olhos do personagem, imagem da cintura para cima e um close). Uma coisa é certa: a gravação de cada plano deve ser feita várias vezes para que, no momento da edição, o editor possa escolher aquela que ficou melhor. Cada plano repetido recebe o nome de *take* ou tomada.

4. Edição e montagem

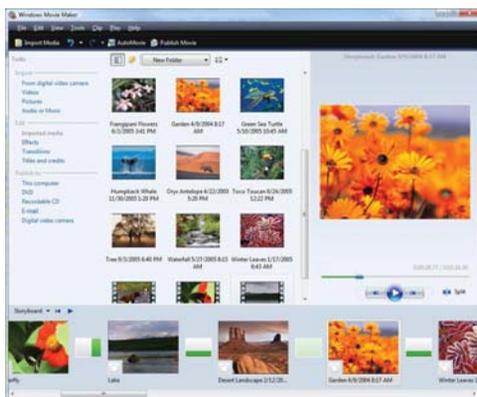


Fig. 12

A edição se constitui na atividade posterior à gravação das cenas. O editor seleciona as melhores cenas e vai organizá-las, conforme a sequência determinada no roteiro. A escolha das cenas é muito importante não só para que não haja repetições, mas também para que sejam cortadas aquelas cenas mal-focadas, mal-expostas e as imagens distorcidas. Ou seja, são editadas as melhores imagens, os melhores trechos, mesmo que o produto final seja um vídeo curto. O mais importante é ter um vídeo de qualidade.

A montagem do vídeo reúne todas as sequências de planos (plano geral, plano médio, plano americano), com a intenção de desenvolver a ação dramática para contar a história. É no momento da edição em que são selecionados os planos a partir do roteiro.

Para editar um vídeo, o editor usa um programa de edição para colocar as cenas na ordem do roteiro, uma depois da outra. A passagem de uma tomada de cena para outra é chamada de corte. Os programas de edição de vídeo possuem uma lista grande de opções de corte, inclusive bastante parecidas com aquelas animações de transição de *slides* de programas do tipo *Power Point*.

Para a edição de vídeos, existem ferramentas computacionais. Sugerimos a utilização do *Windows Movie Maker*, que dá para fazer uma boa edição de vídeo. Ele possui recursos de cortes, inserção de trilha sonora, legenda e alguns efeitos visuais. O tutorial do *Movie Maker* está disponível na Plataforma *Moodle* para que vocês possam consultá-lo.

Preferencialmente, o computador deve ter um processador de 2 GHz (ou superior), memória de 2 GB (ou superior), HD de 80 GB (ou superior) e gravador de DVD.

Na escola, para a produção de vídeos bem curtos, pode-se utilizar uma câmera fotográfica ou uma câmera de celular. Para vídeos mais sofisticados, o ideal é ter uma câmera de vídeo, com recursos de armazenamento, tais como fita VHS, disco ou memória flash e microfone externo para captação de áudio.

Integração do vídeo às atividades pedagógicas

Reconhecemos que o conhecimento técnico para poder fazer uso de vídeos (CD/DVD) é importante, mas isso não garante sua integração nas atividades pedagógicas. Mais do que tudo isso, é necessário que o professor conheça a linguagem do vídeo, suas potencialidades, suas limitações para poder se tornar autor e coautor (Quando orienta os alunos) na produção audiovisual. Somente, a partir daí, a integração do vídeo à sala de aula é possível.

Assim, os alunos têm grandes ganhos, quando o professor trabalha na sala de aula com a produção de vídeo. Entre outras coisas, essa atividade:

- favorece a produção de texto;
- contribui para o desenvolvimento de um trabalho coletivo;
- possibilita que os alunos aprofundem temas diversos;
- exige pesquisa;
- propicia uma atividade interdisciplinar;
- apresenta-se como uma forma diferente de contar histórias;
- constitui-se num processo altamente criativo;
- gera bastante motivação.

Portanto, é recomendável que o professor conheça a linguagem audiovisual para, também, levar os alunos a utilizarem-na efetivamente.

em roteiro – até o momento em que o vídeo é concluído, são desenvolvidas atividades que envolvem percepção, concentração, processo criativo e crítico. Isso exige um trabalho coletivo, participativo e dinâmico.

Ao fazer opção por trabalhar com a produção de um audiovisual em sala de aula – como é o caso do vídeo –, o professor está possibilitando que os alunos sejam autores nesse trabalho. Essa é a melhor forma de os alunos compreenderem a linguagem audiovisual e empregá-la em contextos diversos.

Autoavaliação



Agora que você tomou conhecimento do processo de produção de um audiovisual, faça o seguinte:

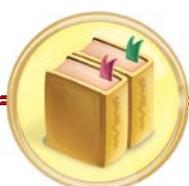
- Pense num determinado tema sobre o qual você queira produzir um vídeo.
- Escreva um pequeno texto a respeito.
- Agora, pense nas imagens para o seu texto.
- Divida uma folha de papel ao meio para elaborar o roteiro para a produção de vídeo. Não se esqueça de que do lado esquerdo, você descreverá as imagens e, do lado direito, escreverá as falas definindo-se os sons.
- Quando você terminar seu roteiro, comente as dificuldades que sentiu para desenvolver essa atividade.

Vejamos algumas considerações sobre essa atividade.

1. Se quiser, ao terminar o roteiro, convide três ou quatro colegas da turma para fazerem a gravação do vídeo. Você pode, inclusive, utilizar a câmera do celular. Em seguida, procurem fazer a edição do vídeo no Movie Maker (Siga o passo- a- passo no tutorial desse programa, disponível na Plataforma Moodle). Caso faça essa produção,

disponibilize para que seus colegas tenham conhecimento.

2. Você, também, pode elaborar o roteiro a partir de algum texto que já tenha elaborado e guardado. Procure, no entanto, utilizar um texto pequeno, caso contrário, você terá que fazer um longo roteiro.



Leitura complementar

Para que você possa aprofundar seus conhecimentos a respeito da produção de vídeo, leia os seguintes textos:

Texto 1: **Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional**, de Ariel Vargas; Heloísa Vieira da Rocha; Fernanda Maria Pereira Freire. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/1bAriel.pdf>.

Texto 2: **Guia básico para produção de um filme digital**, escrito por Peter Broderick, Mark Stolaroff e Tara Veneruso. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/tv/tv_basico/pdf/guia_prod_filme_digital.pdf.



FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. 2. ed. Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOSCIOLA, V. **Roteiro para as novas mídias: do cinema às mídias interativas**. 2. ed. São Paulo: Editora São Paulo, 2003.

MELLO, P. G. C. **Audiovisual: linguagem e técnica**. Rio de Janeiro: Sono-Viso, 1980.

SERRA, F. **A arte e a técnica do vídeo: do roteiro à produção**. São Paulo: Summus, 1986.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://blog.opovo.com.br/educacao/files/2011/09/imagesCAM27XPH-150x120.jpg>

Fig. 02 - <http://businessknowledgesource.com/technology/images/cameraman14546513.jpg>

Fig. 03 - <http://www.ufscar.br/rua/site/wp-content/uploads/central.jpg>

Fig. 04 - http://4.bp.blogspot.com/-tAQxU9zifzo/TZuSTdPz6XI/AAAAAAAAAB2A/U2JSZ_Paqyg/s1600/rodrigo-santoro-em-300-de-spartans-11e37.jpg

Fig. 05 - <http://www.omaluquinho.com.br/omaluquinho/images/stories/seven.jpgf>

Fig. 06 - <http://www.gamesguru.rs/files/screenshot/avatar-the-game-20090821023654807.jpg>

Fig. 07 - <http://images.wikia.com/disneyclassicosshow/pt-br/images/6/61/Enrolados-WALL-rapunzel-800x600.jpg>

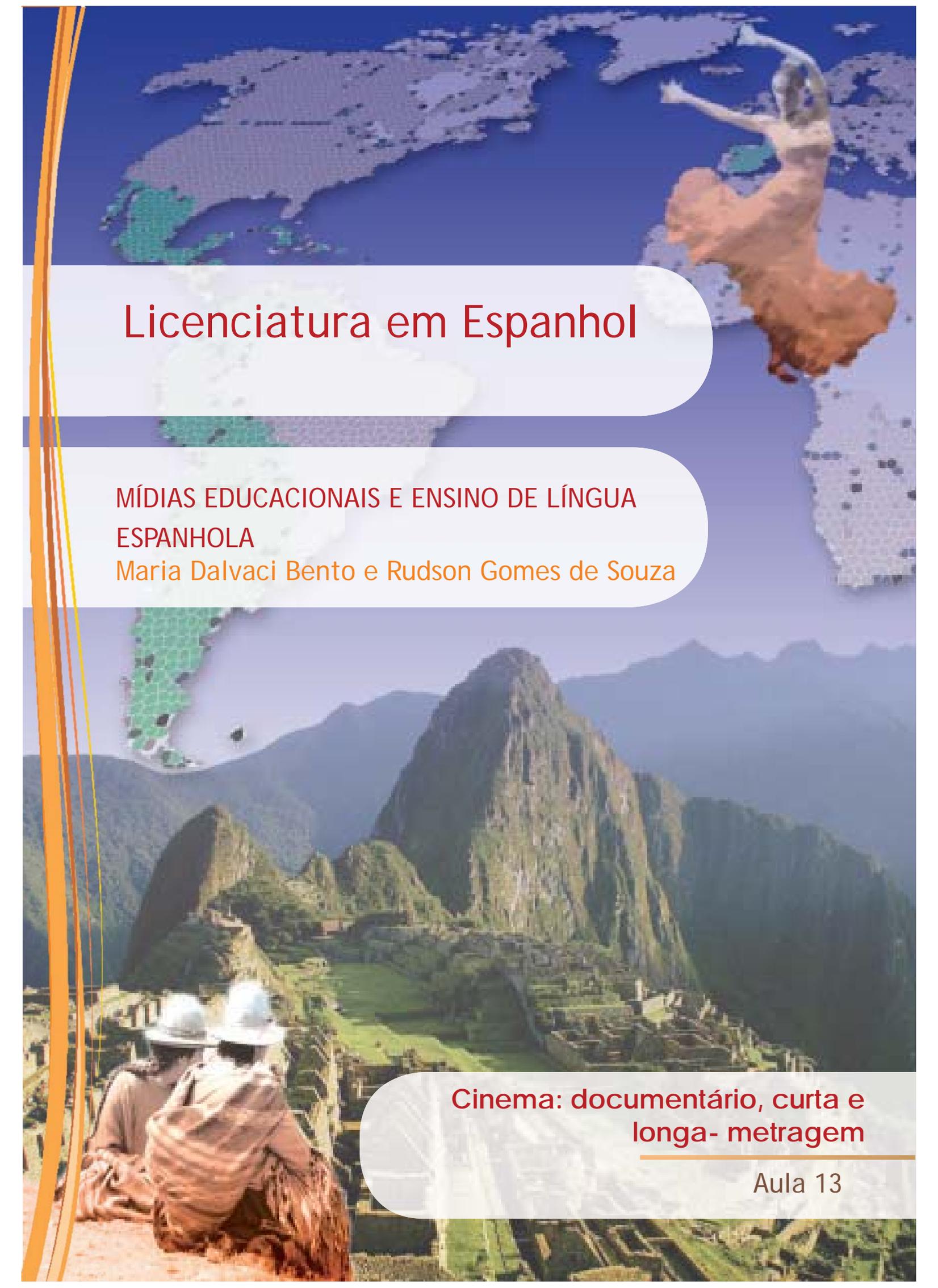
Fig. 08 - http://2.bp.blogspot.com/_wg3BmAj-bsI/SpINk5XKJI/AAAAAAAAAK5I/R-qdmj2dduo/s1600/piratas-do-caribe-o-ba-da-morte-1.jpg

Fig. 09 - http://2.bp.blogspot.com/_rcG6PQ5BJo4/Sfi2pYauHhI/AAAAAAAAAHo/GNeC37DIpDI/s1600/100305_boligan.gif

Fig. 10 - http://4.bp.blogspot.com/_zAteFzGQNA/TNRfWLu84I/AAAAAAAAA7s/IpuN6UrWLLk/s1600/2100879351_80d5b95556.jpg

Fig. 11 - <http://merlin.com.br/blog/2010/07/workshop-introducao-a-producao-de-video-em-vitorias>

Fig. 12 - http://4.bp.blogspot.com/-3atTJIZBCFY/TbtaXW7xKJI/AAAAAAAAAM0/qBdbawY9WXE/s1600/Windows-Movie-Maker_2_1.jpg



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Cinema: documentário, curta e
longa- metragem

Aula 13



Aula 13

Cinema: documentário, curta e longa-metragem

Apresentação e objetivos

O cinema é um audiovisual que, além de ter a função de entreter, de ser fonte de lazer, também dissemina a cultura quer seja nacional ou estrangeira. Sua linguagem é rica, por isso precisa ser mais utilizada nas atividades pedagógicas, principalmente, o filme de ficção.

Nesta aula, iniciaremos com uma breve introdução à história do cinema. Em seguida, trataremos de algumas possibilidades e implicações do cinema na escola, destacando os três elementos essenciais na análise de um filme: o uso pelo conteúdo, o filme como texto-gerador e o uso pela linguagem.

No momento seguinte, discutiremos alguns elementos da linguagem cinematográfica como o argumento, o roteiro, a produção e a edição. Além disso, abriremos um parêntese para fazer referência ao curta e ao longa-metragem. Conheceremos, também, alguns tipos de documentários e alguns gêneros ficcionais do cinema. Por último, daremos ênfase à utilização do cinema nas atividades pedagógicas.

Intercaladas entre blocos do conteúdo, haverá algumas atividades reflexivas que irão contribuir para o entendimento do conteúdo. Ao final da aula, você vai realizar uma autoavaliação.

Ao final desta aula, você deverá:

- reconhecer os fatores que influem no desenvolvimento e na adequação das atividades pedagógicas utilizando filmes;
- identificar os principais elementos que constituem a linguagem do cinema;
- diferenciar os vários tipos de filmes e apresentar possibilidades de uso de acordo com a relação tempo/espaço/contéudo em sala de aula.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(o)!

Você está convidado a participar de mais uma aula sobre o audiovisual, desta vez, tratando, essencialmente, do cinema e a importância dele estar presente na sala de aula.

Você vai ter a oportunidade de conhecer os elementos que constituem a linguagem cinematográfica, o que vai lhe proporcionar ter contato com algumas possibilidades de análise de um filme, independente do gênero.

O texto é muito agradável de ler, especialmente pelo tema que é tratado. É sempre muito prazeroso falar sobre cinema. Por isso mesmo, você terá a oportunidade de refletir sobre a importância do cinema estar mais presente nas escolas, de modo especial, nas atividades pedagógicas.

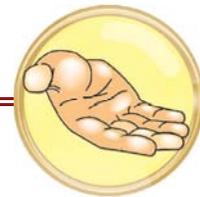
O texto vai lhe mostrar que para a escola formar espectadores mais críticos, os professores devem conhecer as especificidades da linguagem cinematográfica. Por isso, nesta aula, além de adquirir conhecimentos, você vai fazer a análise de um filme a sua escolha.

Sugerimos que você realize todas as atividades propostas, uma vez que elas irão contribuir para compreender melhor o texto.

É hora de começar! Vamos lá!

Bons estudos!

Abraços



O cinema

Os irmãos franceses Louis e Augusto *Lumière* são considerados os fundadores do cinema, no ano de 1895, com os pequenos filmes *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière* ("A saída dos operários da fábrica Lumière") e *L'Arrivée d'un train em gare* ("A chegada de um trem à estação"), que eram dois registros da vida cotidiana.

O criador do cinema como espetáculo foi também francês: *Georges Méliès*. Seu filme mais famoso é "Viagem à Lua", de 1902. Embora os franceses tenham sido os pioneiros do cinema industrial e artístico, os Estados Unidos se destacaram mundialmente pela sua produção cinematográfica, alcançando seu apogeu após 1945. Até hoje, é lá onde estão concentrados as maiores empresas e estúdios cinematográficos do mundo. Hollywood, na cidade de Los Angeles, na Califórnia é um exemplo disso.



Fig. 01

O cinema inglês, o italiano e o escandinavo alcançaram sua glória após a Segunda Guerra Mundial.

A América Latina, o México e a Argentina, entre 1930 e 1950, se destacaram no cinema mundial. O Brasil passou a ter grande destaque no cinema nos anos 60 gerando a escola cinematográfica, conhecida como Cinema Novo. O cinema brasileiro enfrentou muitas dificuldades e somente a partir da metade dos anos 90 passou a se destacar mais.

O lugar do cinema na escola: algumas possibilidades e implicações

Quando o professor se propõe a utilizar filmes nas atividades pedagógicas deve levar em consideração o problema da adequação e da abordagem do filme, através de uma reflexão prévia sobre os objetivos

que se pretende alcançar. Vejamos alguns fatores que normalmente exercem influência no desenvolvimento e na adequação das atividades, propostos por Napolitano (2011):



Fig. 02

- **Possibilidades técnicas e organizativas:** o professor deve assistir ao filme com antecedência para verificar a qualidade da imagem e do som; testar os equipamentos e verificar a disponibilidade de sala e sua adequação (não ter luminosidade intensa; não ser em local que tenha muito barulho).
- **Articulação de três categorias fundamentais do processo ensino-aprendizagem que são o currículo/conteúdo, habilidades e conceito,** ou seja, ao escolher o filme, o professor deve ver qual a relação dele com o conteúdo que está sendo explorado em sala de aula; quais atividades a serem desenvolvidas (por exemplo, que a discussão a partir do filme contribua para desenvolver habilidades de leitura e produção de textos); previamente, identificar alguns conceitos presentes no filme que precisam ser aprofundados e inseri-los nas atividades, podendo até ser através de pesquisas.
- **Abordagem conforme a faixa etária e etapa de aprendizagem,** ou seja, é preciso pensar sobre o público-alvo da atividade. Essa é uma questão bastante séria, pois evita que o professor utilize um filme inadequado a uma determinada faixa etária. Por exemplo, um filme próprio para adolescentes não deve ser utilizado com crianças nas séries iniciais do ensino fundamental.

Para compreendermos melhor a utilização do cinema na sala de aula, vamos conhecer três elementos fundamentais que constituem a análise de um filme: o conteúdo, a linguagem e a técnica. Na sala de aula, o professor pode explorar esses três elementos.

Vamos começar abordando o **uso pelo conteúdo** que se desdobra em duas abordagens: fonte e texto-gerador. O professor utiliza o filme como fonte, quando ele pretende que os alunos analisem problemas surgidos a partir do argumento, do roteiro, dos personagens, dos valores morais e ideológicos que permeiam a história narrada no filme. Esse procedimento pode ser utilizado mesmo que esteja articulado a um determinado conteúdo curricular de um tema específico. Esse é um tipo

de exercício que permite o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Com relação à utilização do filme como **texto-gerador**, ele obedece aos mesmos critérios de orientação do filme como **fonte** (citado acima), porém não tem o compromisso com o filme propriamente (linguagem e escrita), pois a preocupação está direcionada para os temas políticos, existenciais, morais, etc. Assim, ao utilizar os filmes nas atividades pedagógicas, o professor deve ter o cuidado de não os utilizar apenas para ilustrar um tema, mas, principalmente, para fazer uma análise crítica.

Uma segunda abordagem do filme na sala de aula é o **uso pela linguagem**. Aqui a ênfase será dada ao filme enquanto pretexto para exercitar o olhar “cinematográfico”, a formação do espectador, a elaboração e o aprimoramento de outras linguagens. Nessa perspectiva, há duas formas de fazer isso: a primeira diz respeito à **educação do olhar** do espectador. Independente do conteúdo do filme, o professor pode explorá-lo em sala de aula, em qualquer área de conhecimento, com a intenção de desenvolver competências e habilidades relacionadas às formas de se contar a história do filme e os recursos expressivos próprios do filme. A segunda se refere à **interação com outras linguagens**, como a linguagem verbal, gestual, visual. Por exemplo, em disciplinas, como Línguas, Literatura, Educação Física, a partir do roteiro original do filme, o professor desenvolve atividades como: diferentes produções de textos, dramatização de algumas passagens do texto, reprodução de figurinos e cenários, coreografia das músicas do filme, etc. Atividades dessa natureza podem ser complementares às atividades voltadas para educar o olhar do espectador (citados anteriormente).



Fig. 03

Com relação ao **uso pela técnica**, o professor deve explorar basicamente as técnicas relacionadas ao cinema, começando pela filmagem até a exibição, em diferentes mídias. Essa é uma abordagem alternativa ao conteúdo, ou seja, além de todas as outras sugestões de atividades aqui apresentadas, o professor, também, pode desenvolver esta, uma vez que se relaciona com os elementos que constituem o filme.

Portanto, a análise deve voltar-se para os aspectos relacionados à filmagem; à revelação e conservação da película de celulóide; à edição e pós-produção e ao marketing, à distribuição e exibição do filme.



Mãos à obra

Agora que você estudou, um pouco, a respeito do cinema, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

a) Um dos grandes problemas quanto ao emprego do cinema, nas atividades pedagógicas, é o uso de filmes que não condizem com a faixa etária dos alunos. Essa situação deixa claro que não houve planejamento da aula por parte do professor e, mais: o professor não assistiu ao filme. Sendo assim, aponte as consequências para os alunos quando o professor adota essa prática.

b) Ao desenvolver o trabalho de análise de um determinado filme, preferencialmente, o professor deve fazer uma análise do **conteúdo** e da **linguagem** ao mesmo tempo? Ou é mais adequado escolher entre uma dessas duas abordagens? Comente.

A linguagem do cinema

Para o professor trabalhar com filmes na sala de aula, é importante que ele tenha conhecimento de alguns elementos da linguagem cinematográfica. Para entendermos melhor essa linguagem e a produção de um filme, analisaremos três momentos desse processo. Você vai perceber, no entanto, que, na aula anterior, quando tratamos da produção de vídeo, já comentamos alguns aspectos dessa linguagem.

O primeiro momento vai **do argumento ao roteiro**. O filme nasce de uma ideia, que se transforma em sinopse, contendo a trama básica da história e os personagens, a que denominamos de **argumento**. Em seguida, o argumento é direcionado para um roteirista que escreve as cenas (na sequência) e os diálogos. Quando o roteiro está pronto, é entregue ao diretor. Um dos elementos fundamentais para o sucesso de um filme é ter um bom roteiro. Às vezes, em alguns filmes, uma mesma pessoa pode exercer a função de argumentista, roteirista e diretor.

O segundo momento vai **do roteiro à produção**. Com o roteiro pronto, é chegado o momento de definir os profissionais, a equipe de filmagem e os atores. É visto, também, o recurso a ser gasto na compra de materiais básicos, como é o caso da quantidade de rolo de filmes, aluguel de estúdios, figurino, cenário e viagens para gravação das cenas externas e salários de todos os envolvidos. Para começar a gravar, o diretor parte do orçamento para as despesas iniciais.

Ao começar a gravar o filme, o diretor vai selecionando os planos e sequências das cenas a serem gravadas a partir do roteiro pronto. No Brasil, há diretores que seguem totalmente o roteiro original, principalmente, o cinema comercial, porém existem outros que não seguem o roteiro, privilegiando o improviso.

A sequência como as cenas são gravadas não, necessariamente, é a sequência em que são editadas no filme. É comum que as cenas finais sejam gravadas antes das cenas iniciais. Na verdade, a sequência na filmagem está relacionada ao espaço onde acontece: no estúdio ou em local externo, já que necessita de deslocamento. Nem tudo que é gravado, é editado.

O terceiro momento vai **da edição à exibição**. A edição é um trabalho



Fig. 04

de parceria entre o diretor e o editor, selecionando as cenas que serão editadas obedecendo à sequência do roteiro. Nesse momento, também são colocados a trilha sonora e os efeitos especiais. Após a finalização, o filme é entregue a uma distribuidora que fará as negociações para a exibição. Ao mesmo tempo, uma agência de publicidade começa a fazer a divulgação para o lançamento do filme em jornais, revistas, sites, televisão, etc. Normalmente, quanto mais caro a produção do filme, maior deve ser sua divulgação, uma vez que precisa pagar os custos e a obtenção do lucro para os produtores.

Só produzir um bom filme não é suficiente; é necessário fazer com que chegue às salas de cinema e, posteriormente, às locadoras. Um dos principais problemas de distribuição de filmes no Brasil é o fato de que em muitas cidades brasileiras, não há sala de cinema. Uma grande contribuição que os professores podem dar ao cinema e, em especial, ao cinema brasileiro, é utilizar esses filmes na sala de aula, como divulgação da cultura nacional, mas também, para exploração da linguagem desse rico audiovisual.



Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver mais uma atividade sobre a linguagem do cinema. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

Atividade 2:

Considerando a riqueza da linguagem cinematográfica e do quanto os alunos gostam de assistir a filmes, apresente dois argumentos que justifiquem a necessidade do professor explorar a linguagem do cinema nas atividades pedagógicas.

Curta e longa-metragem¹

O **curta-metragem** é um filme de duração de até trinta minutos. Quem iniciou o uso desse termo foram os Estados Unidos, em 1910.

O gênero filmico que mais utilizou esse formato foram as animações. Inclusive, no Brasil, esse gênero tem se expandido desde os anos 70. Ele é adotado em documentários, filmes de estudantes e filmes de pesquisa experimental.

Já o **longa-metragem** é um filme a partir de aproximadamente sessenta minutos ou com duração superior a esta. Algumas instituições internacionais como a Academy of Motion Picture Arts and Sciences, o American Film Institute, e o British Film Institute defendem um filme é considerado de longa-metragem quando tem duração de 40 minutos ou mais.

Documentário

O documentário é considerado um dos gêneros do filme. Pela ênfase no conteúdo, mostrado como algo verdadeiro, o documentário é mais utilizado em sala de aula do que os filmes de ficção. No entanto, o professor deve informar aos alunos que a abordagem da temática apresentada em determinado documentário, não é a única possível, bem como o conteúdo apresentado não representa uma verdade científica, mesmo sendo fruto de pesquisas, de trabalhos sérios – é uma representação parcial da realidade.

A produção de um documentário envolve um conjunto de atividades como qualquer outro filme (elaboração de roteiro, filmagens, montagem e edição). O professor deve fazer uma apreciação cuidadosa do documentário para, quando for apresentar aos alunos, já ter em mente questões que não foram aprofundadas, interpretações diferentes dadas, quaisquer outras questões que mereçam ser abordadas (além, do conteúdo), pois isso faz parte do processo de mediação que é o professor quem faz.



Fig. 05

¹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Longa-metragem>.

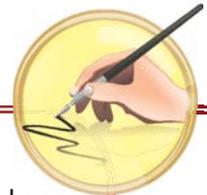
Vejamos a seguir alguns tipos de documentários propostos por Napolitano (2011):

- **Documentários de divulgação científica:** são documentários que tratam das teorias, invenções, dos paradigmas científicos, mas utilizando uma linguagem simples de forma que facilite a compreensão dos alunos. Se for possível, após a discussão desse tipo de documentário, o professor pode levar os alunos a uma visita num museu, por exemplo.
- **Documentários sobre fenômenos naturais:** são aqueles documentários feitos com a intenção de explicar os motivos de ocorrer grandes tragédias como os furacões, as inundações e os terremotos e suas consequências para a humanidade. A veiculação desse tipo de documentário é comum em canais a cabo que, em alguns deles, ocupa parte da programação.
- **Documentários sobre processos vitais, ecossistemas e ciclos da natureza:** há canais a cabo exclusivos para esse tipo de documentário, como o *National Geographic* e o *Animal Planet*. Nesses documentários, há uma vasta produção. O professor deve estar atento para a qualidade das informações que estão postas nos referidos documentários, pois muitos deles não apresentam uma informação consistente quanto às questões voltadas para a ecologia, ou para os problemas sociais do planeta, entre outros.
- **Documentários sobre temas e problemas atuais:** esses são os chamados documentários jornalísticos e, muitas vezes, são produzidos pela televisão. O professor deve ter muito cuidado com esse tipo de documentário, pois, às vezes, no tratamento de temas como política, violência, cultura, etc., há interesse de terceiros envolvidos, como é o caso da própria empresa que o produziu. Assim, ao escolher esse tipo de documentário, para ser utilizado nas atividades pedagógicas, é importante colher informações a respeito da produtora, do diretor, do roteirista. Além disso, outras informações são necessárias quanto à sua produção: se foi um grupo de comunicação, um produtor independente ou uma emissora pública. Essas informações são colhidas rapidamente através da *internet*.
- **Documentários sobre temas históricos:** esses documentários são feitos a partir de pesquisas realizadas

em acervos; depoimento de pessoas que vivenciaram o fato histórico ou um especialista no assunto, e podem ser gravados no próprio local onde o fato aconteceu. Há documentários que utilizam material antigo gravado e fazem uma reedição, como, por exemplo, um documentário sobre Getúlio Vargas. Já, o documentário intitulado “A Guerra do Brasil” foi feito com colagem de fotografias e depoimentos de historiadores.

- **Documentários antropológicos:** esses documentários tratam de temas como relações familiares; cultura indígena; preferências sexuais; migrantes; grupos profissionais; entre outros. Esse tipo de documentário pode servir como complemento ao documentário jornalístico ou histórico e pode contribuir para que o aluno possa perceber a diferença entre eles. Queremos destacar, também, que esses documentários podem ser produzidos tanto por produtoras de vídeo independentes, como por emissoras de televisão, ou por pesquisadores acadêmicos.

Mãos à obra



Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos depois de concluí-la.

Atividade 3

Nas atividades pedagógicas, o documentário é mais utilizado do que filmes de ficção, principalmente, porque trata de conteúdos reais.

- a) Cite dois motivos que você considera que o uso de documentário nas atividades pedagógicas é mais viável do que os filmes de ficção.

b) Agora, faça o contrário: cite dois motivos que você considera que o uso de filmes de ficção nas atividades pedagógicas é mais viável do que os documentários.

Classificação dos gêneros ficcionais no cinema

A classificação em gêneros contribui para que o espectador identifique como deve ser visto o filme, de que forma a história do filme é narrada, como os personagens se comportam e quais cenas dramáticas são enfocadas. O cinema comercial é classificado em quatro grandes gêneros: drama, comédia, aventura e suspense (NAPOLITANO, 2011).



Fig. 06

No gênero **Drama** (ou dramático), a história contada traz como foco principal os conflitos individuais, decorrentes de algum problema, social, existencial ou psicológico, com ênfase em desfecho amoroso. Normalmente, são filmes com final feliz, principalmente, porque são comerciais.

No gênero **Comédia**, a intenção é provocar risadas. Assim, são enfatizadas situações engraçadas, patéticas, situações que levam a mal-entendidos e envolvem um ou mais personagens.



Fig. 07

Em relação ao gênero **Aventura**, o aspecto predominante é a ação, com ênfase em conflitos físicos que geram situações-limites de risco ou morte. Apresenta sempre uma luta entre o bem e o mal.



Fig. 08



Fig. 09

Já o gênero Suspense, a ênfase é mais na narrativa em si do que mesmo na ação dos personagens; no mistério que necessita ser desvendado, nas situações inesperadas para o espectador. São filmes que provocam tensão e/ou susto durante o desenrolar da história .

Muitas vezes, esses gêneros tanto podem se apresentar mesclados, como serem subdivididos em gêneros mais específicos, que é a tendência do mercado cinematográfico atual – atingir públicos específicos. Vejamos alguns exemplos dessa subdivisão e alguns filmes (você pode consultar a ficha técnica desses filmes na *internet*):

- **Western (banguê-banguê):** No tempo das diligências; Matar ou morrer; Os imperdoáveis.
- **Ficção científica:** O dia em que a terra parou; Uma odisséia no espaço; Alien.
- **Aventura policial:** O falcão maltês; O silêncio dos inocentes; Operação França.
- **Drama romântico:** *Titanic*; *Intersecction*; O paciente inglês.
- **Drama existencial:** *Fargo*; *Shorts cuts* – Cenas da vida; Hannah e suas irmãs.
- **Drama psicológico:** O príncipe das marés; Gêmeos – Móbida semelhança.
- **Drama de guerra:** *Apocalipse now*; *Platoon*; Além da linha vermelha.
- **Aventura de guerra:** *Rambo*; O resgate do soldado Ryan.
- **Comédia de costumes:** *Quatro casamentos e um funeral*; o grande *Lebowski*.

- **Comédia paródica:** Apertem os cintos que o piloto sumiu; Corra que a polícia vem aí.
- **Comédia romântica:** Uma linda mulher; Feitiço do tempo; Surpresas do coração.

Para que os alunos possam se tornar espectadores críticos, é fundamental que o professor incentive-os a conhecer os gêneros fílmicos, sua linguagem, a estrutura da história narrada, discutir os conflitos apresentados na história, os finais dos filmes, os valores presentes no filme, etc.

Utilizando o cinema nas atividades pedagógicas

O trabalho com o cinema nas atividades pedagógicas passa por duas fases: o planejamento e análise.

Na primeira fase – do **planejamento** das atividades – o professor pode seguir alguns critérios:

- Pensar no emprego de um filme dentro de um planejamento geral.
- Selecionar uma sequência de filmes a serem trabalhados a longo do ano.
- Antes de trabalhar um filme em sala de aula, procurar algumas informações básicas a respeito.
- Procurar conhecer a cultura cinematográfica dos alunos.

Numa segunda fase, que é de **análise** do filme propriamente dita, o professor deve levar em conta os seguintes pontos:

- Preferencialmente, não iniciar um trabalho de análise exibindo filmes na sala de aula. Ele deve sugerir que os alunos assistam em casa. Caso não seja possível, sugerir que eles se reúnam em um horário extra na escola. Essa sugestão é feita, considerando que uma aula possui 50 minutos, o que inviabiliza assistir a todo o filme.
- O professor deve fornecer, sempre, um roteiro de análise do filme para os alunos. O roteiro deve estar organizado em duas partes: a) informativa, para que os alunos procurem informações sobre o filme: b) interpretativa, destacando

questões básicas do enredo a serem observados no filme; estabelecer relação do tema do filme com o conteúdo da disciplina, etc.

- Selecionar, se for preciso, textos de apoio, como por exemplo, entrevista com diretor e atores, críticas sobre o filme, publicadas em jornais, etc.
- Formar grupos de discussão com base nas análises apresentadas pelos alunos a partir dos filmes assistidos.
- Organizar uma síntese da discussão do grupo, relacionando-a com o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Ao se propor trabalhar com o cinema na sala de aula, é muito importante que o professor oriente os alunos a analisarem um filme. Então, vejamos, a seguir, algumas informações que poderão ajudar na ampliação da análise e da crítica de um filme, propostas por Napolitano (2011):

- Informações sobre o tratamento temático do filme: o roteiro original, adaptado de fatos reais ou neles inspirados, etc.
- Biografia e currículo do diretor.
- Observações sobre a equipe técnica.
- Observações sobre os atores e sua interpretação.
- Impacto da obra no seu tempo: bilheteria, crítica, prêmios, polêmicas, etc.
- Reconstituição sumária da história; elaboração da sinopse; reconstituição oral; reconstituição por imagens; reconstituição gestual; reconstituição através de coreografias.
- Observação dos personagens principais e suas principais funções dramáticas dentro da história. Esse é um ótimo exercício para filmes baseados em fatos reais, pois os alunos podem compreender as diferenças entre os personagens reais e os personagens representados.
- Mensagem principal da obra, ou seja, desenvolvimento do roteiro, conceitos, valores culturais ideológicos. O professor deve sempre estimular os alunos a identificarem mensagem principal que o filme apresenta.



Mãos à obra

Agora que você refletiu a respeito dos gêneros fílmicos e sua utilização na sala de aula, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo. Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluir a atividade.

Atividade 4

A partir dos gêneros fílmicos estudados, diga qual deles você considera mais complexo para se utilizar nas atividades pedagógicas. Por quê?



Já sei!

A utilização do cinema nas atividades pedagógicas tem se constituído numa oportunidade para os alunos aprenderem a analisar criticamente os filmes, quer sejam nacionais ou estrangeiros, longa ou curta-metragem; quer sejam documentários ou filmes de ficção.

Entender como se constitui a linguagem do cinema deve ser o objetivo principal que justifica o cinema na escola.

Para a realização desse trabalho, é necessário que o professor conheça os principais elementos que constituem a linguagem do cinema para melhor explorá-los nas atividades pedagógicas. A compreensão dos principais gêneros fílmicos possibilita a escolha do filme de acordo com

a temática a ser explorada e, no caso da faixa etária, esse conhecimento é fundamental, visto que, por exemplo, um filme de ficção científica é desaconselhável para crianças nas séries iniciais.

A escola tem negligenciado o uso de filmes nas atividades pedagógicas, o que merece um novo olhar quanto a essa questão.

Autoavaliação

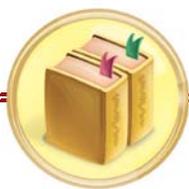


Assista a um filme de sua preferência para responder às questões seguintes:

1. Título do filme.
2. Apresente algumas informações a respeito do diretor do filme.
3. Informe a ficha técnica do filme.
4. Procure pesquisar na internet alguma informação sobre a bilheteria do filme; algumas críticas; se recebeu algum prêmio; se causou alguma polêmica.
5. Informe qual o tema do filme. A mensagem passada é de fácil compreensão? Justifique a sua resposta.
6. Você aprendeu alguma lição com este filme? O quê?
7. Há algum elemento do filme que você não compreendeu?
8. Do que você mais gostou nesse filme? Por quê?
9. Escolha uma sequência protagonizada por um dos personagens do filme e explique qual a sua motivação dramática.
10. Qual seu personagem favorito do filme? Por quê?
11. Qual é o personagem de que você menos gostou? Por quê?
12. Analise a música no filme. Ela conseguiu criar um clima para a história narrada? Como você usaria a música neste filme?

13. Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros ou são fictícios? Destaque as cenas que você achou bem coerentes com a realidade ou que são totalmente fictícias. Quais as sequências que parecem menos realistas? Por quê?
14. Sintetize a história contada pelo filme.
15. Como a montagem do filme interfere na história contada pelo filme?

Atenção: Organize suas respostas num único texto.



Leitura complementar

Texto 1:

A educação pelo cinema (Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda; Prof^a. Ms. Gabriela Domingues Coppola; Prof^a. Ms. Gabriela Fiorin Rigotti). Disponível em: <http://cineducaefmg.files.wordpress.com/2010/11/miranda-cea-educ-cinema.pdf>

Texto 2:

Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula (Suely Amorim De Araújo). Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/079/79araujo.htm>



ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SETTON, M. G. J. (Org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e escola**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://tinguellofilms.blogspot.com/2009/03/cinema-antigo.html>

Fig. 02 - <http://tecnologias-aula.blogspot.com/2011/05/cinema-na-escola-para-eja.html>

Fig. 03 - <http://tribunadonorte.com.br/noticia/recursos-visuais-enriquecem-aula-do-ensino-superior/104908>

Fig. 04 - <http://guiadoocio.com/special/curso-de-producao-cinematografica-em-salvador>

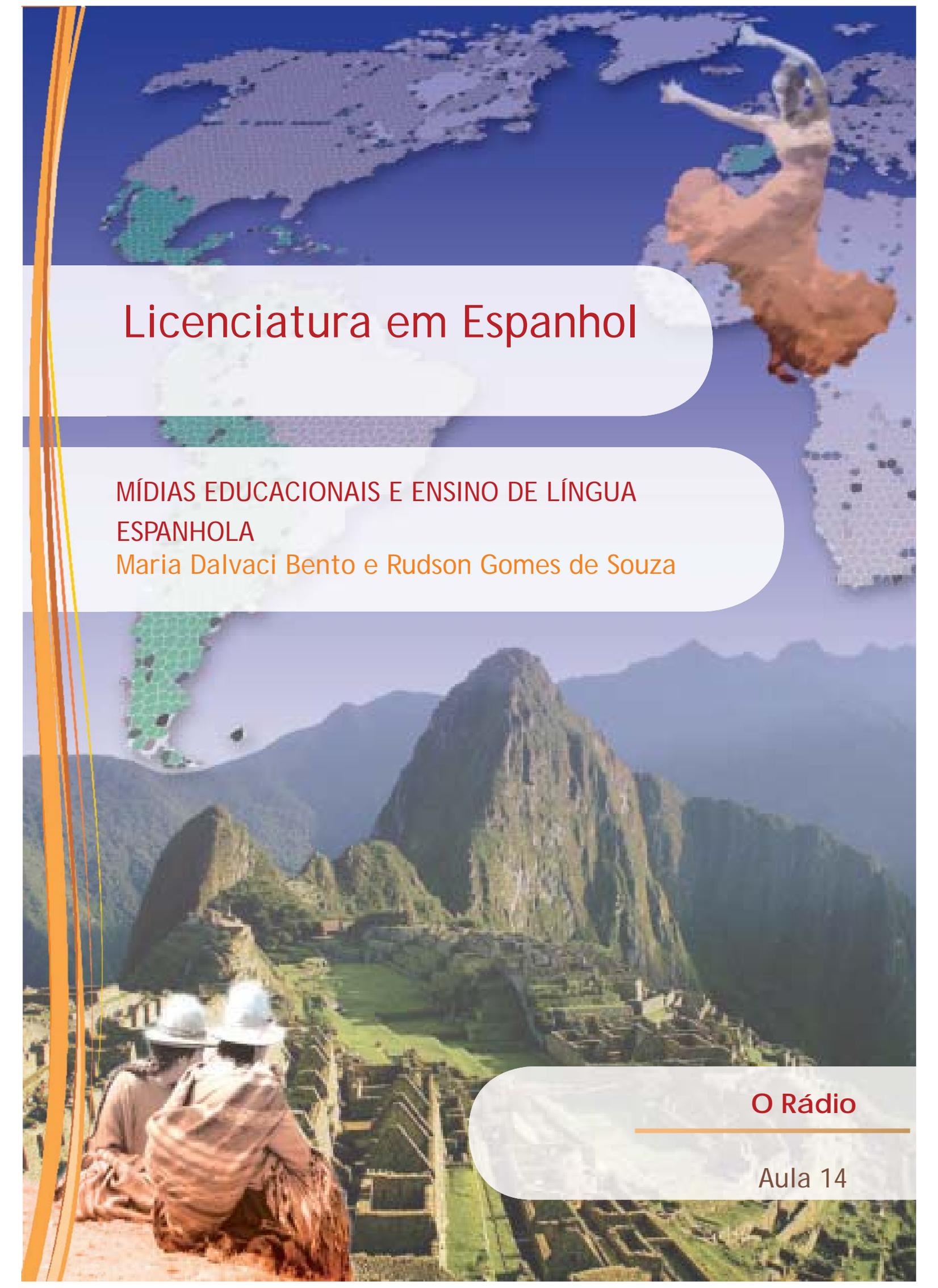
Fig. 05 - <http://efacocaispiaui.blogspot.com/2010/05/agencia-de-sao-paulo-faz-documentario.html>

Fig. 06 - <http://static.cinemagia.ro/img/db/movie/46/73/58/tambien-la-lluvia-749591l.jpg>

Fig. 07 - http://www3.cinemaemcena.com.br/forum/forum_posts.asp?TID=18221&PID=1783763

Fig. 08 - http://muralnanet.blogspot.com/2008_06_01_archive.html

Fig. 09 - <http://o-sobrenatural.spaceblog.com.br/1276891/novo-filme-de-terror-espanhol-tem-data-de-lancamento-divulgada-nos-eua/>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

O Rádio

Aula 14

Apresentação e objetivos

O rádio é um meio de comunicação e de disseminação da cultura, lazer e prestação de serviço. Considerada uma mídia de grande alcance, atinge as diferentes camadas da população. Ele se constitui em um instrumento rico de possibilidades pedagógicas, muito embora tenha sido pouco utilizado pelas escolas.

Nesta aula, faremos uma introdução que esclarece o surgimento da mídia rádio, destacando o rádio brasileiro que surgiu com propósito educativo. Além disso, abordaremos alguns aspectos da linguagem radiofônica, enfatizando, primeiramente, alguns termos usados por radialistas e, em seguida, suas principais características.

Buscaremos conhecer as principais categorias de rádio. Também, discutiremos sobre o que é necessário para implantar uma rádio na escola. Por último, iremos mostrar algumas possibilidades de utilização das produções radiofônicas na sala de aula.

O texto da aula está organizado de forma que, a partir de blocos de conteúdos, há sempre uma atividade a realizar. Ao final da aula, você poderá realizar uma autoavaliação.

Ao final desta aula, você deverá:

- identificar as principais características da linguagem radiofônica;
- diferenciar as categorias de rádio;
- compreender o processo de implantação de uma rádio na escola;
- reconhecer algumas possibilidades de utilização de uma rádio escolar nas atividades pedagógicas.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!



Fig. 01

É com grande satisfação que fazemos um convite a você para participar desta aula que trata de um meio de comunicação tão popular: o rádio.

O texto da aula está escrito em linguagem clara, por isso é de fácil compreensão. Além do mais, o tema da aula é bastante instigante, trazendo para nós informações muito importantes a respeito da linguagem radiofônica, levando-nos a refletir sobre o seu potencial e algumas possibilidades de utilização na sala de aula.

A ênfase do conteúdo da aula será na produção radiofônica e, não, necessariamente, na análise de programas de rádio, por isso a leitura vai direcionar você à compreensão da importância da implantação de uma rádio na escola.

Sugerimos, finalmente, que você realize as atividades distribuídas por blocos de conteúdos, à proporção que realizar a leitura, uma vez que elas irão contribuir para compreender melhor o texto.

Então, é hora de começar! Vamos lá?

Bons estudos!

Abraços.



1. Breve histórico do rádio

O surgimento do rádio está estreitamente ligado à Primeira Guerra Mundial. O fato de o rádio ser móvel apresentou uma grande vantagem em relação ao telégrafo, o telefone e os serviços de correio. Por isso inúmeros aparelhos de rádio foram utilizados nas linhas de batalhas da guerra, orientando o deslocamento das tropas e, em outras vezes, para solicitar o apoio tático. A rapidez no desenvolvimento dessa tecnologia possibilitou a garantia de sua popularidade militar. Em 1919, a primeira guerra mundial terminou e a empresa americana Westinghouse se encontrava diante de um sério problema: grande quantidade de aparelhos de rádio que haviam perdido a função com o término da guerra. (CONSANI, 2007).



Fig. 02

A solução encontrada pela empresa foi não só colocar à venda tais aparelhos para o cidadão comum, mas também disponibilizar uma programação, com ênfase na radionovela. Essa ideia atraiu patrocinadores, com destaque para aqueles de marca de sabão. Como podemos perceber, dois gêneros do rádio surgiram ao mesmo tempo: a ficção e o spot comercial.

O rádio, da forma que conhecemos hoje, é simples, eficiente e um meio barato para nos comunicarmos.



Fig. 03

Enquanto linguagem audiovisual, o desenvolvimento do rádio pode ser evidenciado a partir de alguns fatores, conforme Consani (2007):

- a ênfase no resgate da modalidade oral de comunicação;
- a possibilidade de atender a uma grande demanda que necessitava de notícias;

- a aproximação das formas escritas e o texto radiofônico;
- a contribuição para o aprimoramento do teatro e da música, com a disseminação da radionovela e de programas musicais;
- a contribuição para o sistema produtivo capitalista, tanto através da propaganda e do boca a boca, como também empregando muitos profissionais como técnicos em radiofonia, redatores, diretores, e várias outras funções.



Fig. 04

O rádio se tornou popular, principalmente, pelas transmissões musicais e noticiosas.



Fig. 05

2. O rádio na educação

O surgimento do rádio no Brasil, de acordo com Consani (2007), se deu por ocasião no Centenário da Independência em 1922. Diferente do caso americano – que objetivava o entretenimento e a habilidade comercial – aqui, no Brasil, o rádio surgiu com o propósito educativo.

O grande mentor dessa ideia foi Edgad Roquette-Pinto (1884-1954) que patenteou o rádio antes dos americanos e contou com a grande colaboração do padre gaúcho Roberto Landell de Moura.

Roquette Pinto, sem dúvida, teve grande influência na relação do rádio com a educação no Brasil. Ele percebeu o grande alcance do rádio e o quanto seria importante utilizá-lo na educação.

Na época, o grande problema foi o fato de que poucas pessoas possuíam um aparelho de rádio, o que dificultou sua utilização na educação. Os anos 50 foram considerados como “Era de Ouro” do rádio brasileiro e tinha o apoio do presidente Getúlio Vargas. Os programas que marcaram essa época foram “Repórter Esso” e a radionovela.

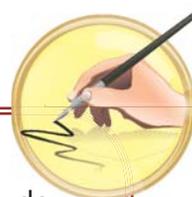
Dois grandes programas educativos deram destaque ao rádio: o Movimento de Educação de Base (MEB) entre 1950 e 1960 e o Projeto Minerva. Assim, o MEB tinha o objetivo principal de alfabetizar jovens e adultos, desenvolvendo atividades educacionais por meio do rádio. Esse programa teve sua origem na Diocese de Natal/RN, com a criação das escolas radiofônicas pertencentes às comunidades e, não, ao MEB –, que se expandiram por toda a região Nordeste e a região Norte do Brasil.

Mesmo tendo sido uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o programa contou com o apoio da presidência da República.

O Projeto Minerva foi uma estratégia utilizada pelo governo militar para promover mudanças na educação e ganhar notoriedade. O rádio foi a tecnologia escolhida pelo fato de atingir um contingente maior da população, além de apresentar baixo custo quanto da aquisição de aparelhos receptores e de sua manutenção e, ainda, ser um veículo de comunicação bastante popular.

Com a convergência de mídias, hoje o rádio apresenta novas

Mãos à obra



Agora que você estudou, um pouco, a respeito da história do rádio, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade a seguir. Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

Mesmo havendo muitos investimentos na educação do Brasil nos últimos anos, ainda há muitos analfabetos, talvez até em decorrência de sua extensão territorial. Muitas pessoas que moram em comunidades de difícil acesso estão incluídas nesse quadro.

Sendo assim, você considera importante desenvolver programas educativos através do rádio como foi com o MEB e o Projeto Minerva?

Se sua resposta for afirmativa, diga-nos como isso poderia ser feito. Se sua resposta for negativa, explique os motivos.



Fig. 06

possibilidades, sendo acesso também por meio da internet.

3. A linguagem do rádio

Para compreender a linguagem radiofônica, é necessário verificar alguns termos utilizados pelos radialistas, algumas características e os elementos fundamentais dessa linguagem.

A respeito disso, Cesar (2005) nos oferece alguns esclarecimentos. Vamos conhecê-los?

3.1 Alguns termos

Com relação a alguns **termos** utilizados pelos radialistas, um dos mais conhecidos é a **lauda**, que é a folha de papel onde se organiza o roteiro do programa, na qual vai constar texto, notícias, informações do tempo, do trânsito, roteiros culturais, entre outros. Na lauda, além das informações, devem estar registradas, por exemplo, a data e o horário que a notícia vai ao ar. Nela, podem-se colocar ainda os nomes do redator e do apresentador.

Outro termo bem utilizado pelos radialistas é o **roteiro**. Nele está todo o planejamento do programa, contendo momentos de músicas, textos, efeitos sonoros e falas dos comunicadores. A intenção de se elaborar um roteiro é para se ter clareza do passo a passo do desenvolvimento de um programa.

Por sua vez, o termo **layout** diz respeito à ordem cronológica do que consta em todo o programa; já o **relógio de programação**, também um termo dos radialistas, mostra a ordem cronológica do layout. Há, ainda, a **playlist** musical em que consta a relação de músicas que serão executadas dentro de um programa.

3.2 Características

É bem verdade que a linguagem do rádio possui características específicas que o diferencia de outras mídias. A primeira dessas características é o fato de possuir uma linguagem única, que é a sonora, explorando um único sentido que é a audição. Desta forma, o rádio é o único meio de comunicação que não exige que o público saiba ler para trocar mensagens.

Uma segunda característica diz respeito a sua mobilidade, sendo

esta considerada uma das principais características, especialmente, por causa do tamanho do aparelho, o que facilita levá-lo de um lugar a outro, proporcionando rapidez na informação da notícia. Em geral, o alcance do rádio pode ser regional, nacional ou internacional.

Uma terceira característica é a vantagem de o rádio ter um baixo custo, uma vez que é um aparelho bem mais barato, se compararmos com a televisão, por isso é de fácil acesso ao grande público. Além dessas características, o rádio possui aspecto sensorial, por isso envolve o ouvinte com muita facilidade, mexendo com a emoção através das palavras e da sonoplastia.

3.3 Elementos fundamentais

Para que uma programação radiofônica seja de boa qualidade tanto no que se refere ao aspecto informativo, de entretenimento como de prestação de serviços, necessariamente a mensagem passada aos ouvintes deve ser clara para que eles possam entender com facilidade. Desta forma, a linguagem do rádio possui quatro elementos fundamentais, que, juntos, faz com que a mensagem radiofônica seja compreendida facilmente pelos ouvintes: a palavra, a música, os efeitos sonoros e os silêncios.

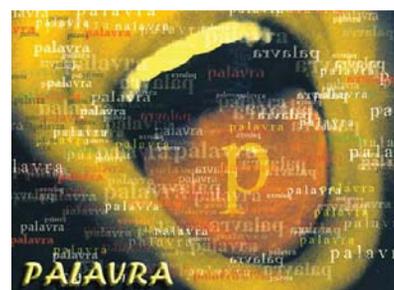


Fig. 07

A **palavra** é considerada o elemento mais importante na elaboração do roteiro de um programa, por isso exige-se que seja utilizada uma linguagem objetiva e clara para que os ouvintes entendam a mensagem imediatamente.

A **música** é outro elemento que tem muita importância na programação radiofônica. Os textos apresentados nos programas devem sempre vir acompanhados de música. Independente disso, há programas exclusivamente musicais.



Fig. 08

Os **efeitos sonoros**, também, trazem grande contribuição para o rádio, uma vez que eles são responsáveis por criar um ambiente/imagem na mente do ouvinte, pois, no rádio, os cenários não são vistos, mas sentidos/ouvidos. Normalmente, são acompanhados de falas e músicas.



Mãos à obra

Você está convidado a desenvolver mais uma atividade sobre a linguagem do rádio. Realize a atividade a seguir. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Atividade 2:

Ao considerarmos os termos utilizados na linguagem radiofônica, suas características e os elementos que constituem essa linguagem, elabore um comentário, partindo da seguinte indagação:

O rádio é pouco utilizado nas escolas e, na maioria das vezes, quando é, seu trabalho está direcionado apenas para a prestação de serviço ou à veiculação de músicas no intervalo das aulas. Se a linguagem do rádio é tão rica e o rádio é uma mídia de fácil acesso, por que essa mídia é tão pouco utilizada nas escolas?

Finalmente, numa mídia, como é o caso do rádio cuja ênfase da linguagem está na oralidade, o **silêncio** se constitui em um elemento fundamental da linguagem radiofônica, pois, no diálogo radiofônico, o silêncio sugere ao ouvinte a criação da “imagem auditiva”.

4. Categorias de rádio

Para compreendermos melhor como é organizado o sistema de radiodifusão no Brasil, vejamos uma classificação – que não é definitiva – das principais categorias de rádio existentes no Brasil.

4.1 Rádio Educativa



Fig. 09

Essas rádios funcionam na faixa das rádios comerciais, porém apresentam conteúdos completamente diferentes destas, uma vez que seus conteúdos são necessariamente educativos e culturais, distribuídos em informações jornalísticas, produções culturais e produções do conhecimento científico. Normalmente, essas rádios

pertencem ao governo ou a universidades públicas.

4.2 Rádio Pública

Essas rádios são mantidas exclusivamente pelo poder público e, sendo assim, são controladas pelo Governo. Por exemplo, a Radiobrás, responsável pela produção do programa "A Voz do Brasil". A BBC de Londres é a rádio internacional pública mais conhecida.



Fig. 10

4.3 Rádios Livres

Essas rádios ocupam faixas das rádios comerciais e funcionam sem autorização do governo. A implantação desse tipo de rádio no Brasil se deu em Sorocaba, no interior de São Paulo, por grupos de jovens. Elas se constituem em pequenas estações móveis de rádio. Surgiram na Itália e, depois, se espalharam pelo mundo.

4.4 Rádios Piratas

São rádios financiadas por empresas multinacionais e funcionam sem autorização das telecomunicações. Essas rádios surgiram na Inglaterra e eram instaladas em navios ancorados fora das águas da Inglaterra. Elas sempre estiveram ligadas a interesses comerciais – o que a diferencia das rádios livres e das comunitárias.



Fig. 11

4.5 Rádios Comunitárias

Com a intenção de servir a comunidade, essas rádios têm a programação direcionada para a comunidade local e não depende de patrocinadores. Em outras palavras, sua função não é comercial, mas busca oferecer espaço para o exercício da cidadania. O espaço de alcance dessas rádios é de, no máximo, mil metros, operando na faixa de 87,9Mhz FM.

4.6 Rádios Restritas

Essas rádios não são captadas nos aparelhos de rádios convencionais, mas somente em caixas receptoras especiais. Podemos citar, como exemplo, as rádios montadas nas escolas, pois seu alcance é de aproximadamente 100 metros, o que corresponde ao espaço da escola. Ainda nesta aula, abordaremos a implantação de uma rádio na escola.



Fig. 12

4.7 Rádios Virtuais ou Web rádios

Estas rádios são as que podem ser ouvidas pela internet. Seu custo é muito baixo e têm crescido muito nos últimos tempos. Nas web rádios, podemos misturar fotos, textos com músicas e disponibilizar os arquivos na internet. O fato de serem ouvidas em qualquer parte do mundo se constitui na principal vantagem das web rádios. Elas podem se utilizar de um recurso chamado podcasting , que possibilita a criação de seu próprio programa de rádio.

Para montar uma web rádio, há vários sites que disponibilizam tutoriais. Daremos exemplos de dois desses sites que você pode utilizar para criar uma web rádio com seus alunos:

- Sugestão 1: <http://www.suaradionet.net/tutoriais.htm>
- Sugestão 2: <http://www.maquinadotempo.net/Tutorial.htm>

4.8 Rádio Comercial



Mãos à obra

Vamos avaliar o que você aprendeu? Realize a atividade abaixo. Só prossiga nos estudos, depois de concluí-la.

Atividade 3

Das categorias de rádio apresentadas aqui, destaque três delas que você considera mais adequadas para serem utilizadas na educação.

Apresente um motivo para cada escolha que você fez.

Por último, aponte qual delas poderia ser utilizada no ensino de língua espanhola? Argumente.

A maioria das rádios no Brasil é comercial. Sua função principal é a publicidade. Elas são administradas por empresas com fins lucrativos. Essas rádios se concentram mais em regiões específicas. As rádios FM enfatizam mais o entretenimento; já as rádios AM, o jornalismo.

5. Implantando uma rádio na escola

Quando pensamos na implementação de uma rádio na escola, não estamos nos referindo à existência de um estúdio com transmissor juntamente com a concessão das telecomunicações. Não é esse tipo de rádio a que nos referimos: é algo bem mais simples. Porém, primeiramente, é preciso ter a adesão de, pelos menos, alguns professores (O ideal seria que todos fizessem adesão) para esse trabalho.



Fig. 13

Em seguida, é necessário verificar se esses professores têm conhecimento da linguagem do rádio, pois, do contrário, precisam participar de alguma capacitação. Além disso, é necessário, também, que seja construído um projeto para a rádio, vinculado ao Projeto Político-pedagógico da escola. Esse projeto deve ter, basicamente, a justificativa da necessidade de uma rádio na escola; os objetivos a que se destinam; as metas que esperam atingir; a definição do tipo de programação que será veiculada; além de explicitar as responsabilidades de cada grupo de pessoas envolvidas (gestão da escola, professores, alunos).

A montagem da grade de programação deve ser feita por um grupo de professores e de alunos, pois, neste momento, serão definidos quais os programas que serão veiculados: noticiários, musicais, educativos, variedades, entre outros.

A definição do formato de cada programa é outro ponto que precisa ser providenciado. Vamos levar em consideração um programa de variedades com duração de uma hora. Esse tempo, por exemplo, deve ser distribuído em 25 minutos para as notícias, 25 minutos para as músicas, 25 minutos para o intervalo comercial, 10 minutos para uma entrevista e 15 para a prestação de serviços tais como avisos, recados, divulgação de eventos, achados e perdidos, etc.

A montagem de uma rádio na escola depende de alguns equipamentos básicos e que normalmente, já existem na escola. Um desses equipamentos é um **microsystem** que deve conter CD player, rádio, toca-fitas e entrada para microfone – que será utilizado para reproduzir sons e gravar aquilo que não entrará ao vivo, como as vinhetas e os comerciais. É necessário, também, um **radiogravador** que pode ter seu uso alternado com o microsystem. Desta forma, enquanto um está sendo

utilizado, o outro pode preparar a próxima execução. O **fone de ouvido** é indispensável, pois ele tem a função de prover o retorno do som em execução para a pessoa que está no comando do som.

Em meio a tudo isso, é preciso que haja uma **caixa acústica** para que os programas sejam ouvidos. As “caixas de som” ou acústicas representam o sistema de alto-falantes instalado em locais estratégicos da escola para reproduzir o que está sendo veiculado no estúdio. São necessárias quatro caixas de cem watts, por exemplo, para atender um espaço para aproximadamente cem pessoas. Além desses equipamentos, há outro equipamento essencial para uma rádio que é o microfone, uma vez que ele é utilizado para captar a voz do responsável pela locução.

Por fim, a **mesa de som** onde são conectados o microsystem, o microfone, os fones de ouvido e o radiogravador. É da mesa que sai a fiação para as caixas de som.

6. As produções de rádio

O maior ganho na realização de atividades voltadas para a produção de programas de rádio é o trabalho com a língua, tanto no que se refere à escrita quanto à oralidade.

Agora, veremos como explorar alguns gêneros e formatos radiofônicos, considerados mais importantes, destacando algumas possibilidades de utilização dentro de um projeto de rádio na escola. (CONSANI, 2007).

Começaremos pelas notícias. Nesse gênero, o professor pode explorar a produção de notícias a serem veiculadas na rádio da escola. Com esse gênero, os alunos podem desenvolver tanto a capacidade de escrever (Ao redigir as notícias), quanto à capacidade de se expressar oralmente (Ao participar do programa de notícias da rádio). Além disso, para escrever a **notícia**, exigem-se dos alunos pesquisas prévias diversas.

Outra atividade bastante interessante que pode ser desenvolvida numa determinada disciplina a partir das notícias consiste em explorar aspectos relacionados à notícia em disciplinas que tratam de fatos históricos e científicos. Por exemplo, criar um “Jornal da História”, em que são noticiados alguns fatos como: a Independência do Brasil, a Guerra do Vietnã, etc.



Fig. 14

Outro gênero radiofônico bastante interessante de ser explorado em sala de aula são as **entrevistas**. O professor junto com os alunos deve selecionar o entrevistado e elaborar as perguntas a serem feitas. No dia e hora marcados da entrevista, os alunos devem ter em mãos além da pauta com as perguntas, algum

equipamento que possa gravar a entrevista. Mas, na rádio, a entrevista quase sempre é feita na hora da exibição do programa. Aqui, também, há um trabalho de produção escrita (Elaboração de perguntas da entrevista) e de oralidade (A realização propriamente dita da entrevista).

Ainda, nesta linha de radiojornalismo, temos as reportagens. Para orientar a produção de reportagens que serão veiculadas na rádio da escola, o professor começa chamando a atenção das equipes no que se refere à autoria do texto, ou seja, evitar o copiar e colar da internet. Diante disso, o professor deve acompanhar cuidadosamente a pesquisa e discuti-las com os grupos antes de serem veiculadas. O professor deve sempre chamar a atenção dos alunos para a qualidade da produção das informações, a partir da pesquisa. Para a produção coletiva das reportagens, é importante que os grupos não sejam grandes, para evitar que alguns não participem do trabalho.

Por sua vez, os **comentários** são outro gênero radiofônico fundamental no radiojornalismo. Eles trazem uma contribuição para a notícia ou reportagem e expressam o posicionamento da emissora, possibilitando uma leitura crítica da informação. Esta atividade é feita no momento em que se veicula a notícia. Os comentários têm as seguintes funções: a) ajudar a esclarecer a notícia; e b) acrescentar fatos importantes à notícia. O professor precisa orientar essa atividade cuidadosamente para que os alunos não apresentem comentários incoerentes.

A seguir, o gênero **debate**, no rádio, costuma ter de dois a cinco participantes, além do mediador. Essa é uma excelente atividade para ser desenvolvida na rádio da escola. A escolha do tema para o debate pode ser feita pelo professor com os alunos ou o professor pode deixar os alunos escolherem. Os alunos são organizados em grupos e se aprofundam num tema e, a partir daí, realizam o debate. Sendo assim, alguns alunos farão o papel de debatedores, enquanto um deles será o mediador.



Fig. 15



Fig. 16

Saindo do radiojornalismo e entrando no entretenimento, temos a programação musical. Normalmente, as músicas são programadas previamente. É fundamental que os nomes das músicas sejam pronunciados corretamente, por isso exige a colaboração dos professores para verificar essa questão, especialmente, os nomes estrangeiros. O professor deve orientar os alunos a criarem uma programação musical de acordo com o público ouvinte. Esse trabalho também exige pesquisa. Todas as disciplinas do currículo podem ser contempladas com uma programação musical temática. Na hora da veiculação da música, é necessário que o apresentador

evite cantarolá-la junto com a gravação, por mais que goste da música. Em programas musicais, podem ser colocadas algumas informações breves.

Continuando no entretenimento, temos os programas de variedades, que, normalmente, atingem muita audiência, principalmente, pela variedade de quadros (Informativos, de humor, entretenimento, etc). Esses programas podem ser bastante úteis numa programação de rádio na escola, pois podem envolver diferentes disciplinas e conteúdos diversos, por meio de dinâmicas, como por exemplo, a gincana. Pode envolver conhecimento e, ao mesmo tempo, ludicidade.

Continuando no entretenimento, temos os programas de variedades, que, normalmente, atingem muita audiência, principalmente, pela variedade de quadros (Informativos, de humor, entretenimento, etc). Esses programas podem ser bastante úteis numa programação de rádio na escola, pois podem envolver diferentes disciplinas e conteúdos diversos, por meio de dinâmicas, como por exemplo, a gincana. Pode envolver conhecimento e, ao mesmo tempo, ludicidade.

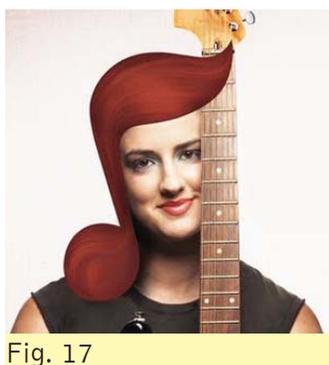


Fig. 17

Outro gênero que pode ser explorado de uma forma bastante dinâmica é o programa esportivo, principalmente, porque as escolas vêm investindo muito no aspecto esportivo. Desta forma, podem ser programas esportivos que abordem notícias, entrevistas, comentários, envolvendo, também, questões ligadas diretamente ao esporte como saúde, ética, etc. Além disso, a locução dos jogos escolares é imprescindível de ser feita. Como o tema "esportes" abrange várias disciplinas do currículo, muitas atividades podem ser pensadas pelos professores em suas respectivas áreas.

No gênero publicitário, podemos destacar o principal deles, os spots que são, na verdade, anúncios de comerciais que as rádios veiculam. Eles podem ser feitos pela voz do locutor ou por outra pessoa que dramatiza uma situação, envolvendo um produto, com a intenção de vendê-lo. O spot utiliza voz, música, efeitos sonoros e ruídos.

Uma atividade interessante com esse gênero é criar anúncios para produtos que não existem. Os comerciais no rádio não devem ultrapassar 30 segundos. Explorar os comerciais na sala de aula permite uma leitura crítica da mídia, ou mesmo, propicia a criação de propagandas para produtos locais, tornando-se uma atividade bastante rica na experiência de sala de aula, tanto para os alunos quanto para o professor.

Há, também, o **jingle** que explora a mensagem pela música para facilitar a memorização de quem escuta, por isso é importante que a letra da música seja muito simples. A letra é criada especialmente para aquela publicidade.

O jingle incorpora o gênero publicitário, porém é institucional, portanto não tem a intenção de vender um produto, mas sim uma ideia. Ele normalmente faz parte de uma campanha como, por exemplo, a campanha contra a paralisia infantil.

Na sala de aula, o professor pode desenvolver uma atividade para criação de jingles dos programas da rádio da escola, podendo até ser em forma de concurso: "o melhor jingle".

Temos, ainda, a **vinheta** cuja função num programa de rádio consiste em identificar um programa, uma emissora ou um locutor. Normalmente, a vinheta tem a duração de 10 a 30 segundos. É composta por uma música fácil de decorar para que as pessoas a repitam facilmente. Assim, a vinheta de programa vem no início, no encerramento de cada bloco do programa e ao final deste. Já a vinheta de uma emissora aparece durante toda a programação e tem a função de identificar em qual emissora o ouvinte está sintonizado. Se observarmos, ainda, temos a vinheta pessoal que funciona como "marca" de um locutor, identificando-o quando estamos sintonizados numa rádio.

Da mesma forma que o jingle, realizar atividade que envolva a criação de vinheta pode ser um momento lúdico, envolvendo criatividade e muita descontração.

Mãos à obra



Agora que você refletiu a respeito da implantação de uma rádio na escola e sua utilização na sala de aula, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade a seguir? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 4

- a) Como podemos perceber, a implantação de uma rádio na escola e sua utilização de forma efetiva e planejada pode trazer grandes contribuições para o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, quais as principais dificuldades de se implantar uma rádio na escola?
- b) Das atividades que podem ser realizadas a partir de uma programação radiofônica, qual delas você considera mais complexa? Argumente.



Já sei!

O surgimento do rádio trouxe grandes contribuições para a comunicação da sociedade. Com ele, distâncias foram encurtadas, apareceram novas atividades de lazer, mas também foi usado para fins comerciais.

Conhecemos aspectos históricos de criação e desenvolvimento do rádio, destacando o rádio brasileiro e sua relação com a educação. Apresentadas as devidas reflexões sobre esses aspectos, percebemos que o contato com a linguagem radiofônica e o entendimento do seu potencial contribui para que seja implantada uma rádio na escola. Das categorias de rádio, a restrita é aquela possível de ser implantada em ambiente educativo.

Nesse processo, é fundamental o conhecimento da produção de alguns gêneros e formatos de programas radiofônicos e as possibilidades de utilização na sala de aula. Enfim, para utilizar o rádio nas atividades pedagógicas, é preciso compreender seu universo e suas potencialidades a serem desenvolvidas em prol da educação.



Autoavaliação

Faça uma pesquisa na internet a respeito de experiências bem sucedidas com o rádio na escola. Das experiências encontradas, selecione cinco delas, tendo como parâmetro a qualidade do trabalho que é desenvolvido com a rádio na escola. Em seguida, sintetize sua pesquisa no quadro a seguir:

Projetos de Rádio na escola	Nome do Projeto e endereço eletrônico	B r e v e descrição do Projeto	Motivo que o levou a selecionar este projeto	S e u s comentários sobre o projeto
Projeto 1				
Projeto 2				

Projeto 3				
Projeto 4				
Projeto 5				

Leitura complementar



Para montagem de uma rádio restrita na escola, leia:

Texto 1: Guia de Implementação de Projeto Rádio Escolar, de Carlos Alberto Mendes de Lima. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/manual/paginas/manual1.pdf> >

Texto 2: A rádio na escola: uma prática educativa eficaz, de Zeneida Alves de Assumpção. Disponível em:

<<http://www.bemtv.org.br/portal/educomunicar/pdf/radionaescola.pdf>>



Referências

BRAGA, J. L. & CALAZANS, M. R. **Comunicação e Educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

CESAR, C. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Módulo Básico de Rádio**. In: Curso Mídias na Educação. Disponível em: <http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/inicio.htm>. Acesso em: 20 out. 2011.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://revistaescola.abril.com.br/img/ciencias/na-duvida-radio.jpg>

Fig. 2 – http://cdn.mundodastribos.com/314020-Radialista-Tatiana-Sobreira_ACRIMA20110722_0020_15.jpg

Fig. 3 – <http://3.bp.blogspot.com/-CIUkPB6Smxw/TffHdsRvxnl/AAAAAAAAASjM/VVwRi09Zh0E/s400/radiokijken.jpg>

Fig. 4 – <http://midia.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/001277.jpg>

Fig. 5 – http://www.al.sp.gov.br/StaticFile/noticia/agencia/foto_grande/09-2010/reporteresso3.jpg

Fig. 6 – http://b3.ac-images.myspacecdn.com/02089/31/57/2089067513_l.gif

Fig. 7 – http://cratonoticias.files.wordpress.com/2010/07/radio_comunitaria_avante_lencois_ba1.jpg

Fig. 8 – http://4.bp.blogspot.com/-VmbmyzD_Cnc/TaDrFTiXM7I/AAAAAAAAAAYA/ejk96MV9GwI/s1600/200810_radio.jpg

Fig. 9 – <http://www.pdt.org.br/uploads/noticias/a-voz-do-brasil.600.jpg>

Fig. 10 – <http://desabafocoletivo.files.wordpress.com/2011/10/20070402220531-radio-livre1.jpg>

Fig. 11 – <http://romualdoespirita.zip.net/images/radio03.JPG>

Fig. 12 – <http://www.band-intransition.com/resources/siteimages/globe%20with%20cans.jpg>

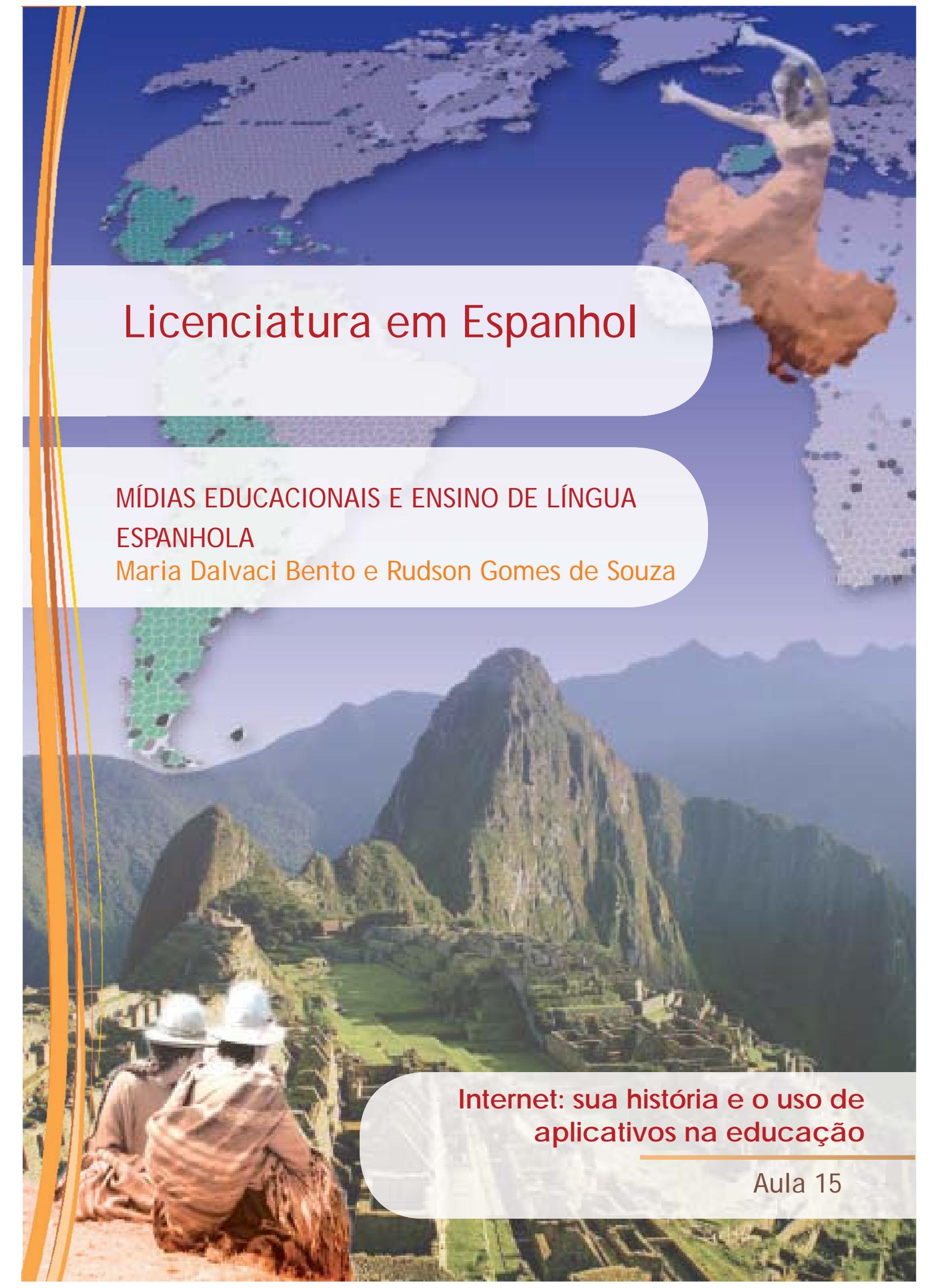
Fig. 13 – http://www.extrafm.com.br/novo/uploads/galeria_de_fotos/181020101538591039.jpg

Fig. 14 – http://2.bp.blogspot.com/--_jIVtOJBLk/Tv3uyTY1yPI/AAAAAAA

Fig. 15 – http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR5gN4ocSMUE7iT_A4jhh32tF0DA0i-

Fig. 16 – <http://perlbal.hi-pi.com/blog-images/414236/gd/13159367758/ESPORTE-NOTICIAS>

Fig. 17 – <http://perlbal.hi-pi.com/blog-images/573576/gd/1269563870/VIII-Concurso-Nacional>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

**Internet: sua história e o uso de
aplicativos na educação**

Aula 15

Aula 15

Internet: sua história e o uso de aplicativos na educação

Apresentação e objetivos

Estamos iniciando uma nova fase em nosso curso. O computador e outras tecnologias eletrônicas cada vez mais se fazem presentes em nossas atividades diárias. Seja enviando e recebendo e-mails, checando nossas contas bancárias, seja permeando por sites e redes sociais em busca de informações ou mesmo da comunicação instantânea. Não importa! A verdade é que, mesmo utilizando o aparelho celular não apenas para mensagens de voz, a internet desempenha um papel de destaque em nossas vidas de uma forma tão presente que ainda não conseguimos mensurar todos os seus efeitos em nosso cotidiano.



Fig. 01

Contudo, na esfera escolar, a internet já se faz presente com força total, disponibilizando aplicativos e ferramentas que estão transformando literalmente as relações interpessoais nesse ambiente, antes apenas presencial, agora universal. Nesta aula, apresentaremos uma breve perspectiva da inserção de aplicativos na educação, introduzindo, de forma bem simples, a chegada da internet e algumas possibilidades que se apresentam, ora como problema ora como vantagens, para professores e aprendizes de uma segunda língua.

Você conhecerá algumas particularidades sobre a internet e as suas possibilidades como agente colaborador na abordagem de língua estrangeira em salas de aula. Vamos nos conectar?

Ao final desta aula, você deverá:

- entender como a internet pode vir a ser utilizada na esfera escolar e a importância da cibercultura para o aprendizado de línguas estrangeiras modernas;
- refletir sobre a aprendizagem dentro de uma perspectiva atual de uma nova era tecnológica de informação e comunicação;
- conhecer aspectos introdutórios quanto ao uso da comunicação colaborativa em sala de aula.



Para Começar

Olá, caro (a) aluno(a)!

Estamos começando mais uma etapa importante na nossa jornada em busca de conhecer melhor as várias mídias e tecnologias que nos cercam.

Nesta aula, estaremos conectados ao universo da internet e algumas possibilidades da utilização da comunicação colaborativa como aliada no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras modernas.



Fig. 02

Como pessoas “antenas”, plugados nesse novo universo de comunicação instantânea e informações mútuas, navegaremos pela internet, e por algumas de suas facetas, desde que adentrou no ambiente escolar através de ferramentas colaborativas e que estão presentes de forma marcante em nossas vidas nos dias de hoje. Antes de nos aprofundarmos nas possibilidades da utilização da internet como ferramenta educativa, é interessante procurarmos compreender historicamente quando as necessidades de ensino-aprendizagem de uma LE proporcionaram a sua inserção na esfera escolar.

Neste caso, a busca de algumas experiências sobre o assunto pode ser uma boa maneira de percebermos, gradativamente, essa inserção e, mais adiante, detalharmos esse uso não mais do ponto de vista histórico, mas do ponto de vista funcional/operacional.

E agora? Nossos alunos saberiam utilizar a internet como ferramenta de aprendizagem? E você, como futuro professor, saberia aplicar alguma dessas ferramentas que porventura utiliza, até mesmo com certa frequência, mas com outra finalidade? E se você descobrisse que há várias possibilidades para que a internet e seus maravilhosos aplicativos participem como auxiliares no processo educacional? Bem, o nosso próximo passo é justamente procurar apresentá-lo a um mundo que, provavelmente, já conhece bastante, mas com um olhar diferente por meio de outro ponto de vista.



Fig. 03

Sendo assim, convido-o a continuar conectado às nossas ideias, não se esquecendo de salvar o conteúdo a seguir adquirido, e

reenviá-lo para a sua futura lista de contatos – seus alunos de língua espanhola.

Bons estudos!

Assim é



E tudo começou com o nosso “velho” amigo PC!

Pensar uma linha do tempo bem detalhada como em aulas anteriores, para a inserção das novas tecnologias em nossas vidas, pareceria talvez até mesmo contraditório quando o assunto é a internet. Não seria demasiadamente preocupante afirmar que, com o seu advento avassalador em nossas vidas, tal qual a sua maneira dinâmica de se reinventar quase que tão instantaneamente como o seu modo de funcionar, a internet virou sinônimo de futuro para a atual geração. O termo “presente”, nesse campo do conhecimento, realmente não consegue acompanhar o seu próprio significado uma vez que sempre estamos à espera de novas possibilidades; sempre de olho no futuro.

Contudo, mesmo não sendo objetivo nosso nos ocuparmos em identificar tais aspectos históricos com maior profundidade, haja vista o nosso maior interesse estar nas possibilidades funcionais ou operacionais dessa tecnologia, será interessante observarmos alguns aspectos desde a entrada dos *personal computers* (PC) em nossas vidas, antes de maneira bem mais estática, até a chegada desses artefatos na forma de aparelhos móveis, dinâmicos e cada vez mais compactos. Onde pretendemos chegar com isso? Talvez, uma boa resposta a essa pergunta seja: a revolução tecnológica chegou e não percebemos quando e como abrimos as portas para o futuro, dando um salto no próprio presente que parece estar perdido em nossas lembranças.



Fig. 04

Nesse sentido, essa reflexão se faz necessária, pois estamos diante de uma geração que já nasceu inserida num ambiente real e virtual de forma simultânea. E com todas essas mudanças, anteriormente citadas, acontecendo de forma instantânea, faz sentido delimitarmos, pelo menos, o papel inicial compreendido para a utilização de computadores e de uma rede mundial de informação e comunicação, embora seja um processo mutável, sem volta, a fim de destacarmos melhor os problemas e as potencialidades para a utilização dessa tecnologia para, por exemplo, o aprendizado de línguas estrangeiras.



Fig. 05

A indústria dos computadores pessoais começou com a chegada do primeiro microprocessador em 1971, o Intel 4004, mas veio ganhar força com o surgimento do *Altair*, que foi o primeiro computador pessoal vendido em grande escala no mercado americano a partir de 1975. Em seguida, vieram Steve Jobs com a *Apple* e Bill Gates com a *Microsoft*, no mesmo período e quase que de maneira simultânea. Até o início dos anos 1980, várias companhias brigavam para lançar no mercado o melhor kit que combinasse potência, desempenho, recursos

e preço, entre outros aspectos. Nesse curto espaço de tempo, houve grande desenvolvimento na área de *hardware*, que podemos simplificar como a parte física dos equipamentos. Toda essa criatividade, exposta por pequenas companhias não passou despercebida pela gigante IBM, que até então se preocupava em atender o mercado comercial, principalmente através das suas máquinas de escrever. Embora tenha lançado o primeiro computador com aspecto de desktop moderno, em meados de 1975, mas não com o objetivo inicial de comercialização para um público de vendas final, a IBM foi, de fato, precursora dos computadores pessoais com o lançamento, em 1981, do *IBM Personal Computer*, acompanhado de impressora e bem mais próximo do que podemos imaginar como uma ferramenta realmente funcional.

Desde então, estamos vivenciamos uma verdadeira revolução em desenvolvimento dos mais diversos tipos de computadores pessoais, com alterações sucessivas de forma, tamanho, processadores, custos, aplicações e inovações. Embora com *layout* cada vez mais futurista, o "velho" PC, assim como foi concebido, continua presente na vida de quase todos os cidadãos,



Fig. 06

principalmente aqueles das cidades mais próximas aos grandes centros de consumo, dividindo espaço com “outros tipos de computadores” mais desejados pelos consumidores – Televisores em HD, e aparelhos cada vez mais portáteis como *netbooks*, aparelhos móveis do tipo *smarts* e *tablets*.

O advento da Internet

Apesar de disponíveis para poucos, na época, pelos altos custos de compra e manutenção, a chegada dos computadores foi revolucionária. Seus recursos sinalizaram mudanças na estrutura de quase todos os tipos de instituições organizacionais, públicas, privadas, pessoais ou coletivas, devido às facilidades de criação, organização e armazenamento de dados. Ferramentas multimídias, jogos, documentos, todo o tipo de arquivo poderia ser manipulado de diversas formas e com maior facilidade. Outros periféricos foram sendo incrementados aos computadores como *scanners* e impressoras, modificando hábitos principalmente relacionados à escrita. O papel pautado caía em desuso, as máquinas de datilografia viravam peças de museu e o mundo digitalizado começava a se instalar por meio de uma busca frenética quanto às novidades em sistemas operacionais, *Microsoft* e *Linux* lideravam, e *chips* da Intel cada vez mais rápidos e eficientes. Todos aguardavam, por exemplo, o lançamento da versão posterior do *Windows* com seus novos aplicativos, e o *Linux* era introduzido, gradativamente, ao mercado de trabalho e, posteriormente, ao espaço educativo.

Quem vivia em 1993, não imaginava que, na Universidade de *Illinois* estava sendo trabalhada uma ferramenta que seria utilizada, em pouco tempo, para pagnar a *World Wide Web* (*www*), gerada a partir da linguagem de marcação do hipertexto (*HTML*), desenvolvida até aquele momento como uma melhor maneira de ligar informações que já eram estabelecidas por conexões entre computadores de universidades americanas com o Pentágono, no início dos anos 1960 – a Internet. E ela surgiu repentinamente, ainda no ano de 1993, com a possibilidade de ser acessada por qualquer pessoa em particular ou por uma companhia que quisesse inaugurar o seu site na *Web*.



Fig. 07

Contudo, apenas em 1995, com a chegada do *Windows 95* – paginador ou sistema operacional desenvolvido pela *Microsoft*, o mundo conheceria e experimentaria o funcionamento dessa nova tecnologia que

iria modificar diretamente as relações interpessoais e definiria, de maneira explícita, o que entendemos como globalização. Podemos imaginar que, para algumas pessoas, o advento da internet não parece algo familiar e bem delimitado devido a sua larga utilização há pouco mais de uma década e meia. Mas para a nova geração, que já nasceu inserida nesta nova realidade, pode parecer impossível viver a vida sem esses recursos.

Como vivemos em época de forte transição (assim como foi a transição da fala para a escrita), é difícil dizer quantos ou quais programas e recursos terão sucesso, mas é certo afirmar que a Internet e a Web ainda serão processos em evidência nos próximos anos, embora as capacidades de *hardware* e *software*, que estão por trás do funcionamento da rede, continuem a evoluir nos bastidores para dar lugar a uma experiência cada vez melhor aos internautas. Assim, devemos acompanhar e estudar os melhores aproveitamentos que esses recursos “coadjuvantes” podem nos oferecer, especificamente, no campo educacional.



Mãos à obra

Agora que você conheceu um pouco do surgimento dos computadores pessoais, que possibilitou a chegada da internet ao público em geral, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. Com relação aos conteúdos estudados até o momento, a partir de uma perspectiva histórica, realize uma análise comparativa quanto às particularidades que você vivencia ou vivenciou com a internet. Não é necessário apresentar datas específicas.

2. Você consegue visualizar atividades práticas para a utilização do computador pessoal como suporte educacional mesmo antes da chegada da internet, a partir do conhecimento de aplicativos e periféricos dessa ferramenta? Caso identifique, apresente-as, partindo de citações do texto.

Comunicação e Informação

O acesso à internet pode ser feito a qualquer horário e em qualquer lugar. Essa tecnologia nos permite o acesso a diversos tipos de informações das mais variadas áreas e comunicação com pessoas próximas ou distantes até mesmo de maneira instantânea. É de conhecimento de todos que a internet hoje permite a convergência das demais mídias dentro de um único universo – universo virtual. O que é mais fascinante, nesse cenário tão diversificado, é especialmente o acesso a esta ferramenta através de várias tecnologias: telefones móveis, *laptops*, *ipods*, *tablets*, além dos computadores pessoais, portáteis ou não.

O uso da linguagem da informática nos permite trabalhar com vários recursos que podem ser utilizados como ferramentas para desenvolvermos tarefas do dia a dia, como também recursos educacionais dentro da esfera escolar. Páginas da *web*, *blogs*, rede sociais, enciclopédias eletrônicas e outros aplicativos do gênero facilitam não apenas na comunicação entre as pessoas diminuindo barreiras geográficas, sociais, culturais e econômicas, mas também proporcionam vasto campo de pesquisas científicas e informações gerais. Esses recursos, quando inseridos em um ambiente escolar, podem repaginar a ideia inicial, porém dinâmica, que temos da internet e sua finalidade.

Muitos países como a Turquia, a África do Sul e, evidentemente, Os Estados Unidos, estão construindo infraestruturas eletrônicas para a



Fig. 08

conexão de todos os estudantes e, eventualmente, todos os cidadãos, com o objetivo da criação de uma rede educacional. Embora saibamos que a maioria dos alunos tem acesso à internet, seja em casa ou em *lan houses*, existe uma diferença entre alunos da rede pública e alunos da rede privada. Escolas particulares têm laboratórios de informática e quase todos os alunos possuem computadores em casa, já, nas escolas públicas, a realidade é outra. Apenas uma minoria possui computadores em casa. Por isso, o governo promove programas de criação de laboratórios de informática e de distribuição de computadores portáteis, aos alunos das escolas públicas, para que tenham a oportunidade de lidar com as novas tecnologias tanto fora quanto dentro da escola.

A utilização apropriada de variadas tecnologias e ferramentas de interação comunicativa, através de voz e vídeo na internet, têm contribuído de forma positiva para que este tipo de linguagem se posicione como uma questão importante dentro de procedimentos de fácil uso tanto para os educadores quanto para os seus aprendizes. Isso ajuda no desenvolvimento de estratégias de comunicações que descrevem um tipo de abordagem colaborativa em que os autores dessas atividades contribuem na descrição de ferramentas e tecnologias que podem prover a expansão de múltiplos caminhos para o desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula.

A Internet e a aprendizagem das línguas

Abriremos espaço, agora, para uma estreita ponte entre a internet e o uso de seus recursos no aprendizado de línguas. Entretanto, não nos deteremos, nesta aula, no aprofundamento de um estudo sistemático das principais ferramentas e todos os seus recursos. Deixaremos a caracterização dos principais recursos utilizados pelos usuários na atualidade para aulas específicas que serão desenvolvidas mais adiante em nosso curso.

Segundo Hanson-Smith & Rilling (2006), há, ao menos, três práticas que podem tipificar atualmente o uso da tecnologia para professores de ensino de línguas:

- Administrativas – nesse caso, o professor, possivelmente, usa o computador para organizar ou administrar as atividades.

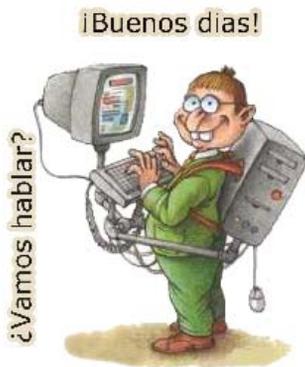


Fig. 10

As palavras são processadas para produzirem textos, na criação de lições, planos e materiais para os alunos; a comunicação é desenvolvida através de e-mail ou procedimentos para o desenvolvimento profissional da instituição.

- Presenciais – agora, o professor faz uso dos computadores com os alunos em um ambiente informatizado, como em um laboratório e por meio de contato face a face. Podemos identificar algumas práticas restritas a este tipo de ambiente como: o uso de um computador no canto de uma sala para que o grupo acesse informações ou digite projetos; aulas em laboratórios de informática, como anteriormente citado, em dias agendados, com a utilização de um computador por estudante ou a utilização de um único computador para o desenvolvimento e apresentação da aula e, por último, o uso de computador público ou pessoal na busca de informações específicas em sites para a discussão dentro ou fora da sala de aula.



Fig. 09

- A Distância – parecido com o tipo de aula com a qual estamos acostumados em nosso curso de graduação em língua espanhola, o professor pode usar o computador como suporte para o aprendizado a distância, onde os alunos se encontram apenas virtualmente ou de forma semipresencial. Podemos perceber, com esse tipo de prática do bom uso da tecnologia ao ensino de línguas, que os cursos a distância podem maximizar o uso da internet como uma ferramenta de comunicação e informação, uma vez que aumenta o acesso do aluno ao conhecimento de forma otimizada.



O desenvolvimento *online* das línguas pode ser facilmente construído através de tecnologias como a internet. Vários aspectos interessantes podem ser considerados para o trabalho das quatro habilidades linguísticas geralmente desenvolvidas neste tipo de aula: o

desenvolvimento da expressão e compreensão oral e o desenvolvimento da expressão e compreensão escrita (falar, ouvir, escrever e ler).



Fig. 11

Enquanto exercícios e jogos para a aprendizagem de gramática e vocabulário têm seu espaço garantido nas várias interfaces da *web*, as redes sociais, aplicativos como *youtube*, plataformas de aprendizagem e plataformas colaborativas têm se apresentado como estruturas de suporte tanto global quanto individualizado na aprendizagem de línguas estrangeiras. As pesquisas e a comunicação entre culturas diferentes, proporcionadas pela internet, surgem como boa opção para a solução de dilemas como o problema da autonomia

de aprendizagem. Essa questão entra na discussão do papel do professor enquanto mediador do conhecimento, apresentando-se numa linha tênue quando nos interrogamos quanto à medida certa entre o acompanhamento mais próximo do aluno ou a uma maior independência dos aprendizes na busca dessa autonomia.



Mãos à obra

Conhecemos várias particularidades do uso da internet na escola, em paralelo à intensificação do uso das novas tecnologias pela nova geração que se encontra plugada entre o mundo real e o ciberespaço. Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluí-la.

1. É possível transferir a ideia que temos de que a internet é mais útil na comunicação e captação de informações para um ambiente escolar mais próximo ao modelo tradicional, com suas tarefas e atividades específicas, sem que essa ferramenta perca suas características fundamentais? Argumente.

2. Como você simplificaria a questão da atuação entre comunicação e informação para o ensino de línguas, através da internet? Justifique a sua resposta.

3. Destaque a prática de ensino-aprendizagem com a utilização de recursos da internet com a qual você mais se identifica, justificando a sua resposta.

Comunicação colaborativa

A internet tem apresentado rápido crescimento em popularidade principalmente pela facilidade em aplicações como as conversas de voz, telefonia via web, mensagens instantâneas e pela otimização do vídeo, do rádio e imagens. A aprendizagem é um fenômeno social e cognitivo que integra, além de elementos estruturados em processos cognitivos internos e individuais, as suas interações com o contexto. Nesse fenômeno, é possível argumentar que os textos ou discursos são espaços sociais onde ocorrem dois processos fundamentais: cognição e interação social,

ambos com a mesma importância para a aprendizagem da língua como meio de comunicação. (VYGOTSKY, 1985).

Se os estudantes são capazes de desenvolverem certa competência comunicativa na língua alvo, interação e negociação de significados, podem carregar a motivação necessária ao melhor desempenho de atividades ou tarefas otimizadas por competências também adquiridas, selecionadas, adaptadas, desenhadas ou facilitadas por mídias eletrônicas que se utilizam da internet.

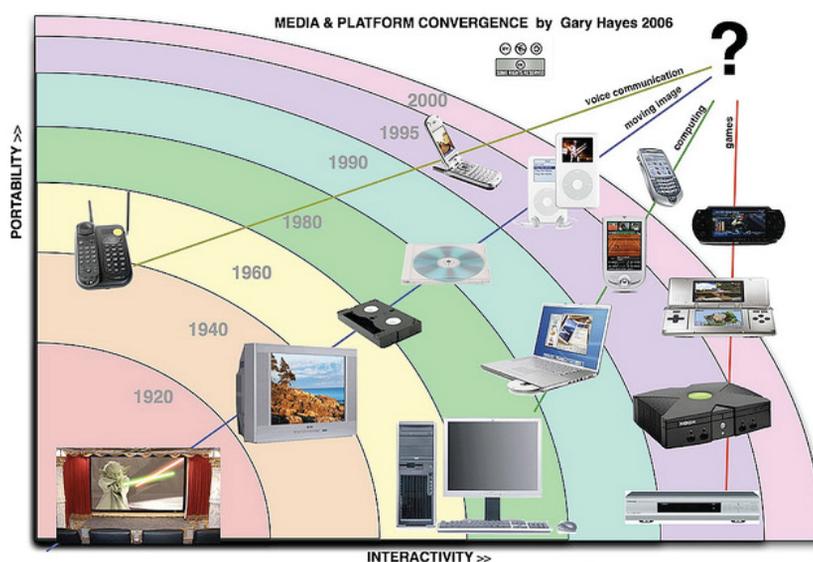
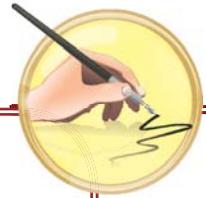


Fig. 12

Os princípios da comunicação colaborativa se apresentam de maneira mais explícita como, por exemplo, nas redes sociais ou nas plataformas de aprendizagem quando os alunos participam do processo educacional através de interação social, negociação de significados, variedade de criatividade linguística, autonomia na aprendizagem, reflexão e feedbacks. Esse exemplo representa muito bem as condições ideais para motivação e aquisição de aprendizagem de línguas por meio da aplicação de princípios da comunicação online.

A abordagem colaborativa aponta para mudanças e direções futuras no processo do ensino-aprendizagem de línguas, mudanças na composição das aulas e das turmas por meio da flexibilização da aprendizagem, proporcionada pela utilização da internet e seus recursos como agentes auxiliares pela nova geração de aprendizes – a geração da internet.



O trabalho colaborativo parece surgir como uma forte resposta à utilização da internet e de seus recursos interacionistas, como as redes sociais. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

1. Explique qual é a essência de uma comunicação colaborativa.

2. Qual a relação entre os processos internos que utilizamos para a aprendizagem como a memória e o espaço onde vivemos? Justifique.

3. Com a sua experiência do dia a dia em sala de aula e após a leitura desta aula como você se posicionaria diante da utilização de recursos da internet para o aprendizado de línguas? Resposta pessoal.



Já sei!

Nesta aula, procuramos realizar um breve levantamento quanto à chegada da internet ao acesso das pessoas em geral, após o surgimento dos computadores pessoais. Verificamos que a sua utilização tornou-se parte da vida de todos de tal maneira que a entrada na esfera escolar faz-se necessária com mais aprofundamento quanto à utilização de vários de seus recursos. Nossa ideia não consistiu em simplificarmos este estudo a fatos históricos bem marcados ou delimitados em detalhes, ou mesmo à sistematização de cada possibilidade de trabalho com alguns de seus recursos, até porque se haverá aulas mais aprofundadas mais adiante.

Fazemos, aqui, um respaldo maior à utilização da internet para a aprendizagem de língua estrangeira, procurando identificar processos possíveis e bem definidos, mas sem cairmos na avaliação quanto à utilização de ferramentas de maneira aleatória. Procuramos buscar respaldo, na literatura vigente, em projetos e abordagens claras quanto ao uso de ferramentas online e suas possibilidades para um aproveitamento também no âmbito da escola, uma vez que grande parte dos alunos domina essa tecnologia em seu ambiente social.

Além do mais, com a facilidade de acesso a essas novas tecnologias, por parte dos alunos na sua vida cotidiana, necessitamos trabalhar de maneira colaborativa por meio da utilização de todos os recursos que possam facilitar a aprendizagem também fora da escola, através de um verdadeiro letramento digital. Não se trata de tarefa das mais fáceis, haja vista que podemos verificar a dinâmica e avanços dessas novas mídias que dependem de grande desprendimento de tempo, custos e negociação entre o indivíduo e a própria tecnologia.

Conseguir reconhecer que a pluralidade cultural e linguística trazidas com a internet podem e devem ser observadas, como ferramentas aliadas na construção do saber em outras línguas, é o primeiro passo para adentrarmos nesse novo espaço que foge, muitas vezes, do que é palpável para o que ainda não é possível, devido a sua rede de tramas e com todas as suas especificidades em constante movimentação.

Buscamos um entendimento mais aberto de possibilidades da internet para as nossas vidas como um todo, tentando verificar mecanismos de como agregarmos seus recursos comunicativos de uso pessoal para o uso institucional e em conformidade com os objetivos gerais do curso de Licenciatura em Língua Espanhola. A partir dessa noção mais pedagógica que funcional (já conhecida pela maioria dos usuários), abordaremos

algumas estratégias reais de utilização da internet e sua ferramentas para a aprendizagem de línguas.

Autoavaliação



Refletindo sobre o que aprendemos até o momento, em todas as aulas, sobre a utilização de várias mídias no campo educacional, podemos verificar que tudo o que já foi estudado começa a convergir para uma única e poderosa ferramenta, que é a internet. Como utilizadores dessa tecnologia em nosso cotidiano, sabemos de seus benefícios, perigos, utilidades e funcionalidades específicas para diferentes aspectos da nossa vida privada, e/ou pública enquanto cidadãos participantes dentro uma sociedade universal. Esse conhecimento prático, no entanto, não nos capacita a levarmos toda e qualquer ação para o nosso campo de trabalho. Começamos a aprender que a cientificidade se faz necessária para que os recursos sejam utilizados de maneira correta, atrelados a objetivos específicos.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos:

1. Acesse a internet e com a ajuda da ferramenta **Google** ([HTTP://www.google.com.br](http://www.google.com.br)) realize uma busca sobre pesquisas científicas, artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos, livros, monografias, dissertações, teses, etc. sobre o estudo de línguas sob uma perspectiva colaborativa.
 - a) Dê preferência às pesquisas sobre a aprendizagem específica da língua espanhola dentro dessa perspectiva, por meio da utilização de recursos da internet.
 - b) Procure relacionar essa perspectiva com o que as redes sociais, sites, plataformas de aprendizagem podem vir a facilitar na sua compreensão de expressão e comunicação escrita.
 - c) Antes de abordamos algumas atividades ou recursos colaborativos para a aprendizagem de língua estrangeira, em nossas próximas aulas, procure desenvolver o objetivo de uma

aula com a presença de algum desses recursos.

2. Por fim, pensando como futuro professor de Língua Espanhola, tente explicitar possíveis empecilhos para uma abordagem colaborativa com o auxílio de recursos da internet. Justifique.

Atenção! Organize a segunda atividade em um único texto. Não se esqueça de dar um título a ele.



Leitura complementar

1. Para aprofundar seus conhecimentos a respeito do assunto, leia os seguintes textos:

Tecnologias digitais na educação: desafios para a pesquisa na pós-graduação em educação, disponível em: http://www.google.com.br/#sclient=psy-ab&hl=pt-BR&source=hp&q=A+internet+chegou+%C3%A0+escola&pbx=1&oq=A+internet+chegou+%C3%A0+escola&aq=f&aqi=q-w1&aql=&gs_sm=e&gs_upl=1373211909410119358126120101414114511689512-3.12.412310&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.,cf.osb&fp=e24a4ff7a4243b13&biw=1920&bih=989

Una propuesta para trabajar en las escuelas con internet: gestion del conocimiento y comunidades de aprendizaje, disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-07052004000100007&script=sci_arttext

2. Com a utilização do *youtube*, reflita sobre o seguinte vídeo:

BOOK - Versión completa, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iwPj0qgvfIs>.



HANSON-SMITH, E. Ed.; RILLING, S. Ed. **Learning Languages through Technology**. Virginia, USA: TESOL, 2006.

OXFORD, R & J. **Second Language Teaching and Learning in the Net Generation**. Honolulu, USA: University of Hawai'i, 2009.

Vygotsky, L. S. **Thought and Language**. Cambridge, MA: The M.I.T. Press, 1985.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://blog.opovo.com.br/educacao/files/2011/09/imagesCAM27XPH-150x120.jpg>

Fig. 02 - <http://www.luizpicolo.com.br/2011/07/01/estou-seguira-ao-navegar-na-internet/>

Fig. 03 - <http://rirseepensar.blogspot.com/2010/01/evolucao-do-homem-e-do-computador.html>

Fig. 04 - <http://teteraconsultoria.com.br/blog/cronologia-microsoft-x-apple/>

Fig. 05 - http://seokult.ru/uploads/posts/2011-10/1318962972_seo8.jpg

Fig. 06 - <http://www.tecmundo.com.br/celular/15794-por-que-celulares-e-tablets-nao-precisam-de-cooler-.htm>

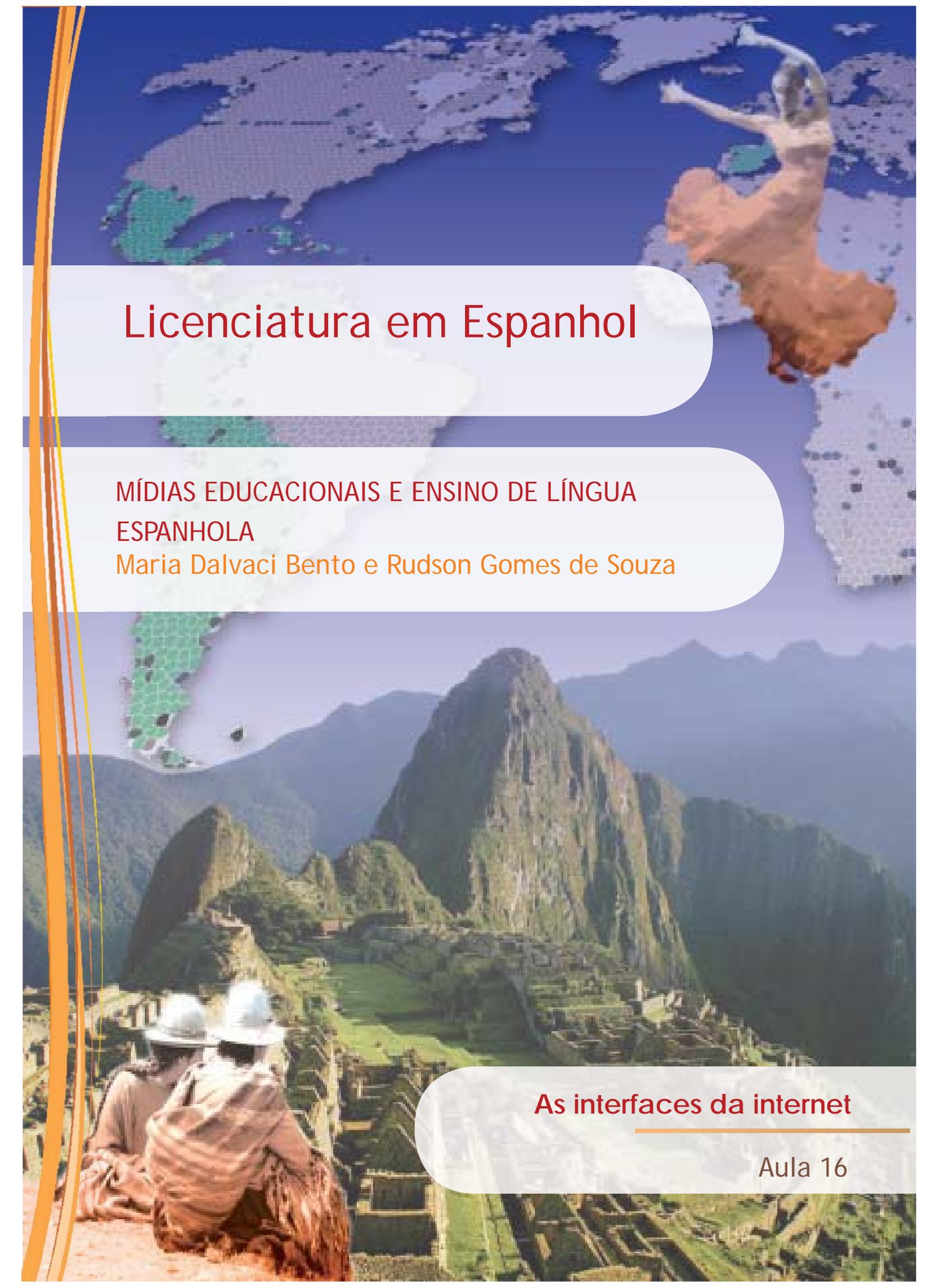
Fig. 07 - <http://www.proinfoparnamirim.blogspot.com/>

Fig. 08 - <http://matilderodvas.blogspot.com/2009/05/aula-de-matematica-laboratorio-de.html>

Fig. 09 - <http://maeimaculada.files.wordpress.com/2011/06/redes-sociais-virtuais.jpg>

Fig. 10 - <http://colegiofhc.blogspot.com/2008/08/o-computador-portatil-do-professor.html>

Fig. 11 - http://farm4.staticflickr.com/3298/3252497296_e1f6353347_z.jpg



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

As interfaces da internet

Aula 16

Apresentação e objetivos

Iniciamos a nossa navegação pelas interfaces da internet. Não é inapropriado falar em ferramentas online ou ferramentas da internet. Contudo, a utilização desse recurso como prática educacional exige do professor um aprendizado prévio entre a lógica dos termos *ferramenta* e **o termo interface**. Apenas para que fique bem definido cada conceito, a ferramenta está relacionada a um utensílio o qual realiza a extensão muscular da habilidade humana na fabricação de algo; ou no fazer arte; já a interface é um termo que, na Cibercultura, ganha o sentido de dispositivo, significando o encontro entre duas ou mais faces. Este último tem relação com o dialogismo, com a polifonia proposta por Johnson (2001). Utilizaremos ambos os termos para não nos distanciarmos do referencial teórico consultado para o desenvolvimento da nossa aula.

A internet comporta diversas interfaces, cada qual com um conjunto de *softwares e hardwares*, integrando várias linguagens, a partir de ícones e botões, mediante combinações de teclas, que permitem abrir janelas, possibilitando interação entre os usuários e a máquina, manipulação, trocas, alterações e intervenções, associações, comunicação.

Conheceremos algumas particularidades sobre as mais populares interfaces de informação e comunicação na internet, embora algumas de suas particularidades mais abrangentes tenham sido deixadas para aulas específicas. Portanto, não delete esta mensagem! Continue conectado!

Ao final desta aula, você deverá:

- compreender a funcionalidade das várias faces de comunicação e interação da internet que propiciam a criação de comunidades virtuais de aprendizagem;
- refletir sobre a aprendizagem por meio de interfaces de informação e comunicação;
- conhecer aspectos mais específicos quanto ao uso da comunicação colaborativa dentro da internet.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Já estamos todos conectados à grande rede mundial de computadores.

Nesta aula, encontraremos informações preciosas quanto a algumas particularidades a respeito das interfaces da internet. Esse ambiente virtual pode nos fazer navegar por um universo de possibilidades alcançadas com um simples clicar do mouse. Somente a partir das possibilidades geradas por algumas dessas interfaces, é possível melhorarmos nosso aprendizado e o aprendizado dos nossos futuros alunos com o uso da internet.

O mundo real está cada vez mais conectado ao ciberespaço. Isso só é possível através da utilização de algumas interfaces da internet, ambientes especialmente trabalhados para cada tipo de tarefa, mas que pode ser aplicado de maneira colaborativa com várias outras faces desse mesmo mundo que parece ilimitado.

O que você está esperando? Afinal de contas, a velocidade e o tempo são fatores característicos dessa poderosa ferramenta. Será possível utilizarmos algumas dessas interfaces para um uso mais pedagógico? É mesmo possível uma colaboração entre espaços aparentemente tão específicos? E como trazer o que é virtual para o mundo real da sala de aula? Bem, o nosso próximo passo é verificar se existem caminhos interessantes que podem responder muito bem a essas questões.

Convido-o(a), com apenas um clique do mouse, para navegarmos por algumas das primeiras interfaces da internet e descobirmos se é possível transportá-las para o nosso ambiente de trabalho, transformando-as em aliadas no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Bons estudos!



1. Portais e *sites*: a informação em suas mãos!

Voltando um pouco à aula passada, verificamos que a internet nasceu nas instituições públicas americanas, percorreu as companhias comerciais e industriais, até que chegou aos nossos lares através do computador pessoal. Faz sentido, portanto, que suas três interfaces desbravadoras tenham suas particularidades, antes sem muita distinção entre si para leigos navegadores, mas com especificidades que, agora, passam a fazer sentido.



Fig. 01

Antes de falarmos de portais e sites, observe a imagem abaixo:

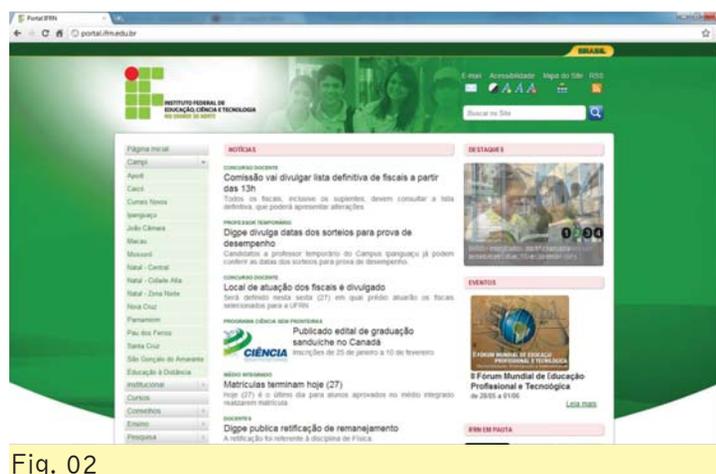


Fig. 02

Trata-se de um **PortalWeb**, um site que funciona como uma espécie de arquivo virtual que distribui conteúdos para uma série de outros *sites*, ou *websites*, dentro ou fora do domínio do portal. O domínio é o endereço que cada *website* recebe na rede. Esse endereço é único. Mais utilizado por grandes corporações públicas ou privadas, até mesmo pela grande quantidade de dados armazenados e compartilhados, o portal tem características estruturais que o identificam, tais como esse conglomerado de informações. Ao pensarmos em um portal educativo, observamos: aplicativos de busca interna; um conjunto considerado de websites ou canais; blogs (na forma de colunas, por exemplo); grande

volume de conteúdos próprios; área de notícias, fórum, chats e outros serviços de geração de comunidades. Geralmente, é ponto de partida para as outras interfaces da internet.



Fig. 03

Os portais tem principalmente a função comunicativa e também a de propagação de informações. Embora seja porta de entrada para websites com características mais interativas, é o tipo de interface menos dinâmica para os alunos, num contexto de significação macroestrutural. Mas como oferecem bastante conteúdo, podem

possibilitar oportunidades interessantes de trabalhos educacionais.

Os websites ou simplesmente sites, que formam o portal, por exemplo, são interfaces geralmente organizadas de forma menos estruturada. Trata-se de um conjunto de páginas web, organizado dentro de um URL básico, acessado por uma página de entrada ou homepage, seguindo uma hierarquia entre outras subpáginas. Como são utilizados principalmente por empresas para a demonstração dos seus produtos, também possuem uma organização centrada na empresa detentora do site, o que não possibilita muitas alterações ou atualizações, principalmente pelos seus usuários.



Fig. 04

É o tipo de interface bem utilizada por cursos de idiomas e escolas. Atualmente, disponibiliza alguns canais de colaboração entre a instituição e seus usuários. Através de cadastro, eles podem acessar conteúdos exclusivos, manter páginas pessoais, acessar notas e até mesmo realizar atividades, que normalmente já foram publicadas pelos professores. Não há, portanto, muitas atividades colaborativas nesse ambiente virtual.

2. A cultura dos blogs na aula de língua estrangeira

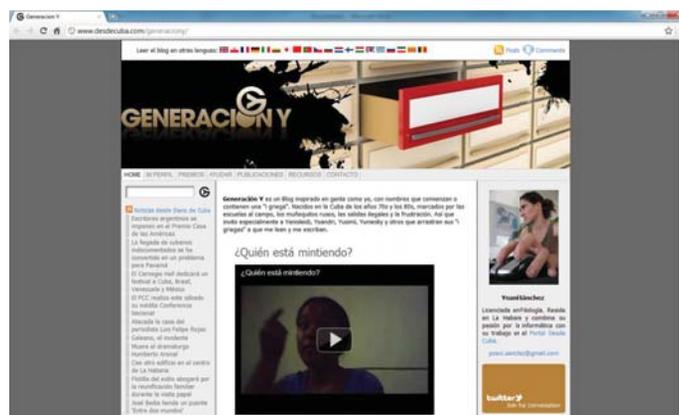


Fig. 05

A linguagem está sempre em movimento. Ela está em constante estado de transformação, enquanto interlocutores continuarem a interagir uns com os outros, negociando significados, descobrindo a representatividade de ideias, por meio de um entendimento através de diferentes modos de produção. Nesse simples espaço de negociação de significado, estão os blogs, os quais podemos definir, de maneira simplória, como a menor representação de um website. É, geralmente, de uso pessoal e gratuito, permitindo uma fácil atualização de dados, fato que o torna mais dinâmico e interativo que portais e websites convencionais.

Por causa dessas suas características, essa interface é a mais popular dentro do seu gênero para o uso no ambiente educacional. Autores como Lazo-Wilson & Espejo (2009) têm apresentado diferentes níveis de ensino de língua espanhola oferecidos, inicialmente, em espaço destinado tradicionalmente à sala de aula e estendido para blogs que funcionam como salas de aula online. Esse tipo de ambiente criou novos modos de comunicação, quando da oferta de novos caminhos, experiências de comunicação e informação comuns ao entendimento tanto da língua quanto de uma cultura.

Há uma visível facilidade e gratuidade na postagem de diversos materiais do dia a dia, tais como vídeos falados em espanhol por nativos castelhanos, e textos escritos com informações que exploram o significado da língua, imersos dentro das culturas de mais de vinte países que representam a cultura hispânica através de músicas, vocabulário e

gramática específicos. Embora os blogs existam há mais de dez anos, a sua popularidade como uso na sala de aula de língua estrangeira aumentou somente nos últimos anos. Por mais que os jovens dominem esse tipo de interface, agrupando, inclusive, membros de diferentes línguas e culturas, o que desenvolve de certa forma um tipo de fluência digital, os educadores proporcionam maior impacto com a utilização desse ambiente como ambiente virtual educacional.



Fig. 06

Finalmente, podemos considerar o blog como a ferramenta mais propícia para aulas no campo virtual porque ele oferece a possibilidade para que os alunos percebam muitos aspectos da língua-alvo, através de elementos persuasivos, pesquisa, argumentos sobre algum ponto de vista e experiências não apenas da palavra escrita na sua forma, mas também de sua função e significado. Seja através de textos, vídeos ou músicas, ele é um perfeito exemplo de como os alunos podem desenvolver e transformar o discurso comunicativo, fazendo com que a interação seja possível da mesma maneira como ocorre nas salas tradicionais de língua estrangeira.



Mãos à obra

1. De acordo com a leitura do texto inicial, apresente os três tipos de interfaces estudadas nesta aula, em seguida, especificando as diferenças existentes entre elas. Como sugestão, você pode elaborar sua resposta em um quadro-síntese.

2. É possível condicionar as interfaces a tipos específicos de empresas, instituições ou grupos? Como se explica tal correspondência?
3. Quais as principais características que colaboram para que o blog seja a interface aparentemente mais colaborativa dentre as ferramentas apresentadas? Que relação você pode fazer entre o papel do professor no blog e na sala de aula convencional?

3. Promovendo a interação: discussões em fóruns e textos em chats e e-mails

Após a invenção da escrita, a correspondência convencional dominou o campo das comunicações, mesmo após a invenção de tecnologias mais modernas como o telégrafo e o telefone. Para passar qualquer informação adiante, seja para lugares mais remotos, seja para alguém a poucos metros de distância, cartas, bilhetes, telegramas sempre fizeram e, mesmo em pleno século XXI, ainda fazem parte do nosso cotidiano. Assim como o livro, mesmo com menos força, as cartas sempre estiveram presentes na esfera educacional e com lugar de destaque.



Fig. 07



Fig. 08

Principalmente no campo da literatura ou mesmo da semântica, esse tipo de gênero, ora textual, ora literário, é tão admirado por alunos e professores que, dificilmente, será substituído por qualquer outro tipo de tecnologia a ser inventada pelo homem para esse fim.

Com o advento da internet, a carta tornou-se digitalizada e foi o primeiro aplicativo de interação e comunicação, o qual representou uma real ameaça ao correio convencional. É inegável que a velocidade com que a informação chega ao seu destinatário representa um avanço jamais conseguido por qualquer tipo de correspondência antes existente, mas a sua limitação em transportar arquivos, o que seria correspondente a um produto de grande porte que vai junto a uma carta convencional, faz com que o e-mail no campo educacional, por exemplo, limite-se até então ao envio de conteúdos educativos em forma de texto, áudio e imagens, ou vídeos relativamente pequenos.



Fig. 09

Como professores, nos movemos sempre entre teoria e prática em aulas a distância, presenciais ou semipresenciais. O ensino pode predominantemente estar dividido em dois caminhos, um modelo verdadeiramente interativo ou um modelo estático. Quando utilizamos as novas mídias na educação, avaliamos sempre o progresso que os estudantes atravessarão entre as atividades realizadas e os objetivos a serem alcançados. Normalmente, os professores simplesmente exportam sua base de materiais de ensino para um ambiente online. De fato, quando nos portamos a ferramentas online para a aprendizagem tradicional, os estudantes ficam condicionados basicamente à aprendizagem da leitura. Com a internet, a interação em tempo real é possível, o conhecimento pode ser transferido entre professor e aluno e não apenas do professor para o aluno.

Ferramentas da internet como o fórum e o chat são modelos de interatividade com características construtivistas, o que significa apontar uma comunicação multidimensional entre professores e alunos. Neste modelo de ensino com mídias de comunicação e interação, professores podem postar tarefas típicas de sala de aula, os alunos podem ter aulas presenciais com os professores durante semanas, desenvolvendo a aprendizagem de leitura baseada em textos de chats entre o grupo. Os próprios alunos podem formar pequenos grupos de discussão por meio de questões, leituras e avaliações baseadas em chats.



Fig. 10

Algumas vezes, esse tipo de atividade possibilita aos professores o estímulo à conversação guiada pelas leituras feitas nos chats; outras vezes, os estudantes discutem as atividades passadas pelo professor, podendo mudar ou acrescentar novos materiais à aula. Nesse contexto, com o uso de ferramentas da internet, aspectos de uma aula tradicional podem propiciar uma atmosfera de aproximação entre professor e aluno, através de horas de conversação para realização de trabalhos virtuais, por meio de elaboração de respostas a questões ou resolução de problemas em tempo real, desenvolvendo processos de leitura e escrita e, às vezes, compreensão e expressão oral, oferecidas por recursos antes utilizados apenas para comunicação e debates sem fins educativos.

Podemos perceber que, quando utilizados na esfera educacional, o chat e o fórum promovem um tipo de interação diferente daquelas propostas inicialmente, quando da sua concepção. Os chats entraram na rede mundial, inicialmente, com a finalidade de proporcionar comunicação

entre pessoas próximas ou distantes, íntimas ou estranhas, com objetivos específicos ou em busca, simplesmente, de novas aventuras. De início, essa ferramenta foi bastante utilizada pelos internautas, dando forma às primeiras características do que, recentemente, conhecemos como programas privados de comunicação instantânea e/ou redes sociais. Os fóruns, por sua vez, entraram na rede mais como ferramenta de debate e suporte a questões específicas, diferenciando-se do aspecto essencialmente comunicativo do chat.

4. Atividades em tempo real através de chats

Um dos maiores problemas para a aprendizagem de línguas estrangeiras é a falta de tempo ou ferramentas que proporcionem o uso da língua-alvo no cotidiano dos aprendizes. Diante disso, a comunicação através de chat em tempo real pode promover novas oportunidades para professores e alunos conectarem-se uns com os outros e/ou terem também acesso ao discurso da língua a ser aprendida e ensinada em diversas comunidades online ou espaços virtuais de comunicação.

Outro aspecto relevante é que esse tipo de tecnologia, por ter sido sempre utilizada no contexto familiar pelos estudantes, pode proporcionar aos educadores um tipo de necessidade motivadora para o aluno. A partir do momento em que o aprendiz apresenta esse tipo de aplicativo ao professor, torna-se, também, protagonista no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que a sua incorporação no currículo escolar colabore para o desenvolvimento de vários tipos de atividades criadas em torno do uso dessa ferramenta, e explorando resultados mais criativos. Devido à interação ocasionada por esse tipo de aprendizagem, a negociação de significado aparece como consequência das necessidades específicas dos alunos para o aprendizado de uma segunda língua, como é o caso da língua espanhola.

A participação nos chats, no contexto da cultura de outro idioma, o que possivelmente aumentará a dificuldade da realização da tarefa, pode especialmente fazer com que os alunos se apropriem de melhor competência sociolinguística e comunicativa. Em outras palavras, essa ferramenta permite maior apropriação de conhecimento gramatical,



com reconhecimento vocabular aumentado em virtude da socialização, fruto do contato com o Espanhol, dentro de uma cultura autêntica. Além disso, o desenvolvimento colaborativo da comunicação entre diferentes discursos em tempo real é proporcionado pela mediação do chat com a internet.



Fig. 11

Paralelamente ao surgimento do chat, aplicativos de comunicação instantânea foram aparecendo na internet, como o ICQ, tipo de ferramenta que, diferentemente do chat, deve estar instalada no computador do usuário. Posteriormente, foi criado o MSN que, de certa forma, particularizou esse tipo de comunicação. Com a popularização do MSN e de aplicativos semelhantes desenvolvidos para a mesma finalidade, ligados a portais como Google e Yahoo, a comunicação instantânea ganhou voz e imagem, o que proporcionou a entrada de atividades de expressão e compreensão oral por meio da utilização da internet.



Mãos à obra

Entramos em ambientes bem mais colaborativos da internet. A velocidade e a comunicação instantâneas fazem dessas ferramentas espaços decididamente muito mais interativos que os seus precursores. Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois que concluir esta atividade.

Atividade 2:

1. Caracterize o papel do e-mail com o advento da internet, a partir do conteúdo estudado. Em sua resposta, apresente sua opinião quanto à relação entre e-mail e carta convencional. Justifique a sua resposta.
2. Quais as diferenças mais evidentes entre as discussões realizadas em fórum e em chats? Há pontos de convergência entre eles?

- Cite dois tipos de atividades que podem ser desenvolvidas por interfaces de comunicação instantânea dentro da área de aprendizagem de línguas.

5. Fórum: debate virtual

A troca de informações através da internet vai muito além de pesquisas em portais e sites especializados. Com a internet ganhando cada vez mais em tempo e velocidade, desenvolveu-se uma ferramenta capaz de unir informações específicas, de maneira bem mais sucinta do que portais, sites e blogs, em busca de respostas que, a princípio, estavam diretamente relacionadas ao uso do computador e de suas ferramentas. Com o sucesso desse tipo de trocas de informações, logo esse aplicativo ganhou funcionalidade fora do seu contexto, inicialmente, técnico e passou ao campo dos debates virtuais, dos mais variados tipos.

The screenshot shows the forum interface for 'www.brasil-suica.ch'. It features a header with a logo and navigation links. Below the header, there are two tables listing forum topics. The first table, titled 'Geral', lists topics like 'Quem somos?', 'Como usar o fórum', and 'Endereços importantes'. The second table, titled 'Vida na Suíça', lists topics like 'Questões legais', 'Moradia', and 'Vida na Suíça'. Each table has columns for 'Fórum', 'Tópicos', 'Mensagens', and 'Última mensagem'.

Fórum	Tópicos	Mensagens	Última mensagem
Quem somos?	1	1	Ter Ago 05, 2008 9:05 am admin
Como usar o fórum	1	1	Seg Ago 04, 2008 12:46 pm admin
Endereços importantes	2	2	Qua Set 24, 2008 8:19 pm admin

Fórum	Tópicos	Mensagens	Última mensagem
Questões legais	17	64	Dom Set 21, 2008 4:52 am Deborah Biermann
Moradia	5	11	Sex Set 19, 2008 10:27 pm Valquiria_BB
Vida na Suíça	9	20	Ter Set 23, 2008 1:46 pm Forum_ativo

Fig. 12

Em poucas palavras, o fórum se caracteriza por um tópico discutido entre um grupo de pessoas na busca de informações, respostas às soluções de problemas, ou mesmo sugestões e opiniões quanto ao tema proposto. Essas características fazem com que as mensagens postadas nos fóruns necessitem de uma pesquisa prévia, antes de serem publicadas, o que distancia um pouco essa ferramenta de informação e também comunicação dos chats. Isso acontece porque o diálogo dificilmente é desenvolvido de maneira instantânea.

Por essa característica, o fórum tem sido bastante utilizado em cursos a distância, em atividades complementares e em salas de informática, pois os alunos que se encontram neste tipo de processo de interação necessitam observar algumas particularidades. A maior diferença metodológica entre a utilização do chat e a do fórum é que, além de o

grupo ter a possibilidade de trocar informações por meio do chat, faz-se necessário que esse contato resulte no desenvolvimento de objetivos e atividades específicos, o que força a participação do grupo também fora desse tipo de ambiente, incluindo a leitura de alguns textos requeridos para o desenvolvimento da tarefa; observações realizadas na sala de aula; postagens de questões e sugestões no fórum; pesquisas em livros ou outras interfaces da internet para o desenvolvimento e conclusão do plano de trabalho.

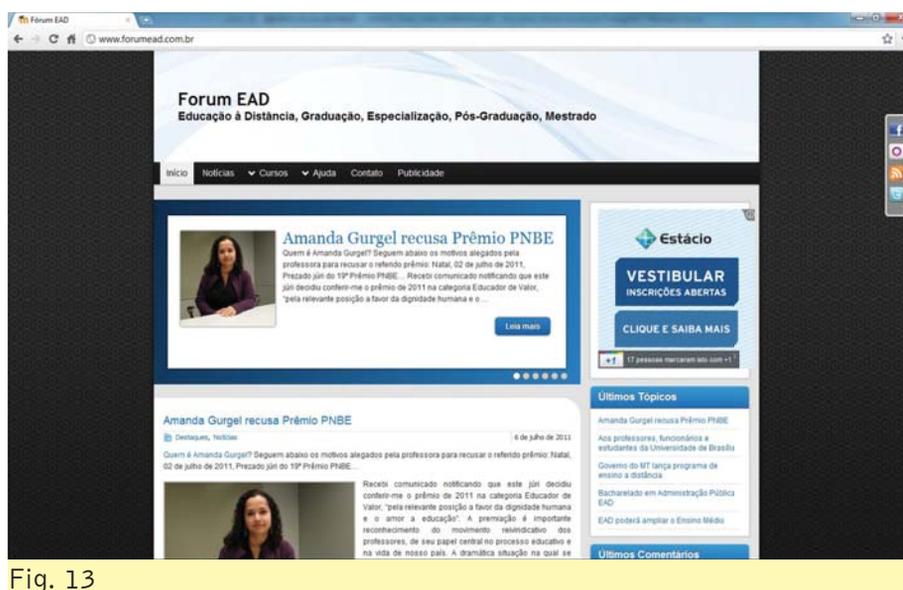


Fig. 13

Finalmente, o resultado de todo detalhamento de informações, dentro desse processo de interação, estará registrado nesse ambiente da internet o qual chamamos de fórum. É evidente que esse tipo de interação tem alguns componentes-chaves para a aprendizagem, principalmente, na aquisição de uma segunda língua. Diferentemente de mensagens instantâneas, o desenvolvimento de algumas instruções para a realização desse tipo de aula pode ser exemplificado através de algumas tarefas como:

- inicialmente, questões para discussão pelo grupo são postadas no fórum;
- semanalmente, o professor deve solicitar a leitura de conteúdos a serem debatidos no fórum;
- posteriormente, o grupo torna-se responsável pelo desenvolvimento constante dessas questões;
- naturalmente, à medida que os alunos vão realizando as pesquisas referentes ao tema em debate, respostas às questões vão surgindo durante uma primeira etapa, enquanto professores e alunos apresentam outras respostas que, provavelmente, serão citações às primeiras respostas postadas.

As atividades realizadas por meio de fóruns, possivelmente, irão requerer dos alunos mais tempo gasto na busca de respostas do que em questões levantadas numa aula tradicional. Essa possibilidade ocorre devido à realização de múltiplas tarefas como a comunicação em chats, troca de e-mails e constante releitura do produto de discussão que só pode ser disponibilizado nesse tipo de ambiente virtual.



Mãos à obra



O trabalho colaborativo surge novamente como uma forte resposta à utilização da internet e de seus recursos interacionistas, mesmo pelas primeiras interfaces desenvolvidas nesse ambiente virtual. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

Atividade 3:

1. Defina, com suas próprias palavras, a interface "fórum".
2. Que características mais explícitas dessa interface podemos retirar do texto?
3. A partir de algumas tarefas aplicáveis a esse gênero virtual, que tipo de atividade você poderia desenvolver para alunos de um curso de língua espanhola? Você envolveria apenas tarefas no ambiente virtual?



Já sei!

Nessa aula, apresentamos as interfaces da internet mais conhecidas e utilizadas pelos primeiros desbravadores dessa mídia. Evidentemente que todas essas interfaces ainda têm grande importância dentro do ciberespaço, embora, assim como há grande movimentação na área de hardwares dos computadores, a internet não pare de se reinventar.

Iniciamos nossa trajetória pelas interfaces que são portas de entrada para o ciberespaço: os websites em todas as suas formas. É através desses ambientes que obtemos acesso às outras interfaces existentes na rede. Sem eles, provavelmente não conseguiríamos nos movimentar nesse mundo quase ilimitado de informações, ou provavelmente não teríamos tanto interesse na busca do conhecimento de outras línguas e culturas. A comunicação instantânea seria restrita, ou mesmo inexistente, e a colaboração não aconteceria, talvez provocando sensação semelhante àquela encontrada nas salas de aulas convencionais.

Além do mais, esse papel colaborativo desempenhado por meio de interação instantânea, debates e comunicação ativa melhora o processo de construção de significados, ao passo que abre um leque mais abrangente de possibilidades e caminhos para o desenvolvimento e/ou solução de problemas. Aprendemos que todas essas interfaces apresentam algum grau colaborativo para que professores e alunos desenvolvam um processo mais eficiente no ensino-aprendizagem de línguas; uma abordagem verdadeiramente comunicativa, estreitada por laços concretos e reais num ambiente virtual que separa mundos e culturas distintas e até mesmo distantes umas das outras.

Como futuros professores e usuários assíduos do ciberespaço, fica evidente que, a cada passo dado em busca do conhecimento dessas interfaces e suas funções comunicativas e informativas, vai ficando cada vez mais fácil delimitarmos caminhos que podem ser percorridos na esfera educacional, vindo facilitar a aprendizagem de línguas estrangeiras, assim como conseguimos subtrair dessas mesmas interfaces possibilidades de otimização de tarefas do nosso cotidiano fora do plano escolar.

Atualmente, novas interfaces surgem para colaborar com esse processo, o qual parece interminável, de estreitamento das relações interpessoais entre povos de uma mesma cultura ou de culturas distantes. Nada mais propício para desenvolvermos atividades que tenham a comunicação linguística como ponto de partida para o deslocamento entre essas interfaces, de maneira segura e proveitosa. Nas próximas aulas, veremos as novas revoluções no campo das redes de comunicação e aprendizagem, sempre dentro de um perfil colaborativo de desenvolvimento do conhecimento.



A linguagem só existe a partir das relações humanas. Tudo o que somos ou o que fazemos reflete, de alguma forma, nos discursos dos outros, ao nosso redor. O contexto não se limita apenas a um campo periférico do ser humano, mas também parte dele próprio. O ciberespaço aponta claramente para essa característica dialógica. Não há contexto apenas ao nosso redor. Somos e fazemos parte de um grande e novo contexto que se movimenta de maneira incrivelmente veloz em todas as áreas do conhecimento. Todas elas dependem do uso da linguagem e da interação entre indivíduos que se valem dela. Sem colaboração não há interação e, conseqüentemente, a informação se perderia em algum lugar remoto, sem conectividade com o mundo real. Precisamos entender que as relações humanas estão cada vez mais próximas e, embora pareça tarefa das mais fáceis saber como navegar por esse universo fascinante, é imprescindível conhecermos facetas bem particulares desse ambiente paralelo para tirarmos dele o melhor proveito possível.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

1. Acesse a internet e navegue entre portais, sites e blogs.
 - a) Dê preferência a sites de língua espanhola para facilitar a fluência virtual apresentada nesta aula. A seguir, identifique as interfaces navegadas.
 - b) Procure listar outras características que você acredita serem diferenciadoras de cada uma dessas interfaces controladoras de informações.
 - c) Acesse um chat internacional em castelhano e verifique possibilidades quanto à melhoria em alguns aspectos da aprendizagem da língua – Ex.: vocabulário, compreensão escrita, etc.
2. Destaque, dentre as interfaces apresentadas nesta aula, quais estão mais presentes no seu cotidiano. Que funções cada uma delas representa para você?

Atenção! Organize as respostas dessa atividade em um texto descritivo. Não é necessário dar um título ao texto.



Leitura complementar

1. Navegue pelas seguintes interfaces de informações em espanhol:

Curso de Espanhol Grátis, disponível em: <http://cursodeespanholonline.blogspot.com/>

Ole – Diario Deportivo de Argentina, disponível em: <http://www.ole.com.ar/>

2. Para aprofundar seus conhecimentos a respeito do assunto, leia os seguintes textos:

Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela, disponível em: http://books.google.com.br/books?id=UksDs0jcBXwC&pg=PA210&dq=uso+dos+chats+em+aulas+de+espanhol&hl=pt-BR&ei=v5bVTprNMcXf0QGs_uChAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CFcQ6AEwAw#v=onepage&q=uso%20dos%20chats%20em%20aulas%20de%20espanhol&f=false



HANSON-SMITH, E. Ed.; RILLING, S. Ed. **Learning Languages through Technology**. Virginia, USA: TESOL, 2006.

JOHNSON, Steven. **A cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e de comunicar. Trad. Maria L. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LAZO-WILSON, V., & LOZANO ESPEJO, C. I. **The Coalescence os Spanish language and cultura through blogs and films**. In OXFORD, R & J. *Second Language Teaching and Learning in the Net Generation*. Honolulu, USA: University of Hawai'i, p. 127-139, 2009.

OXFORD, R & J. **Second Language Teaching and Learning in the Net Generation**. Honolulu, USA: University of Hawai'i, 2009.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://3.bp.blogspot.com/-MiFUBgnHNI4/TfuCGv-ku-I/AAAAAAACXM/xDS6CckZBnk/s1600/Internet-marketing.jpg>

Fig. 2 - <http://portal.ifrn.edu.br/>

Fig.3 – http://www.gp2b.com/http://gp2b.com/wp-content/uploads/2009/06/redirect_url_big.jpg

Fig.4 - <http://www.periodistadigital.com/inmigrantes/>

Fig. 5 – <http://www.desdecuba.com/generaciony/>

Fig. 6 - <http://www.blog.com.mx/>

Fig. 7 – http://blog.tiagopassos.com/wp-content/uploads/2011/02/e_mail.jpg

Fig. 8– <http://www.midiatismo.com.br/wp-content/uploads/2012/01/dicas-email-marketing-5.jpg>

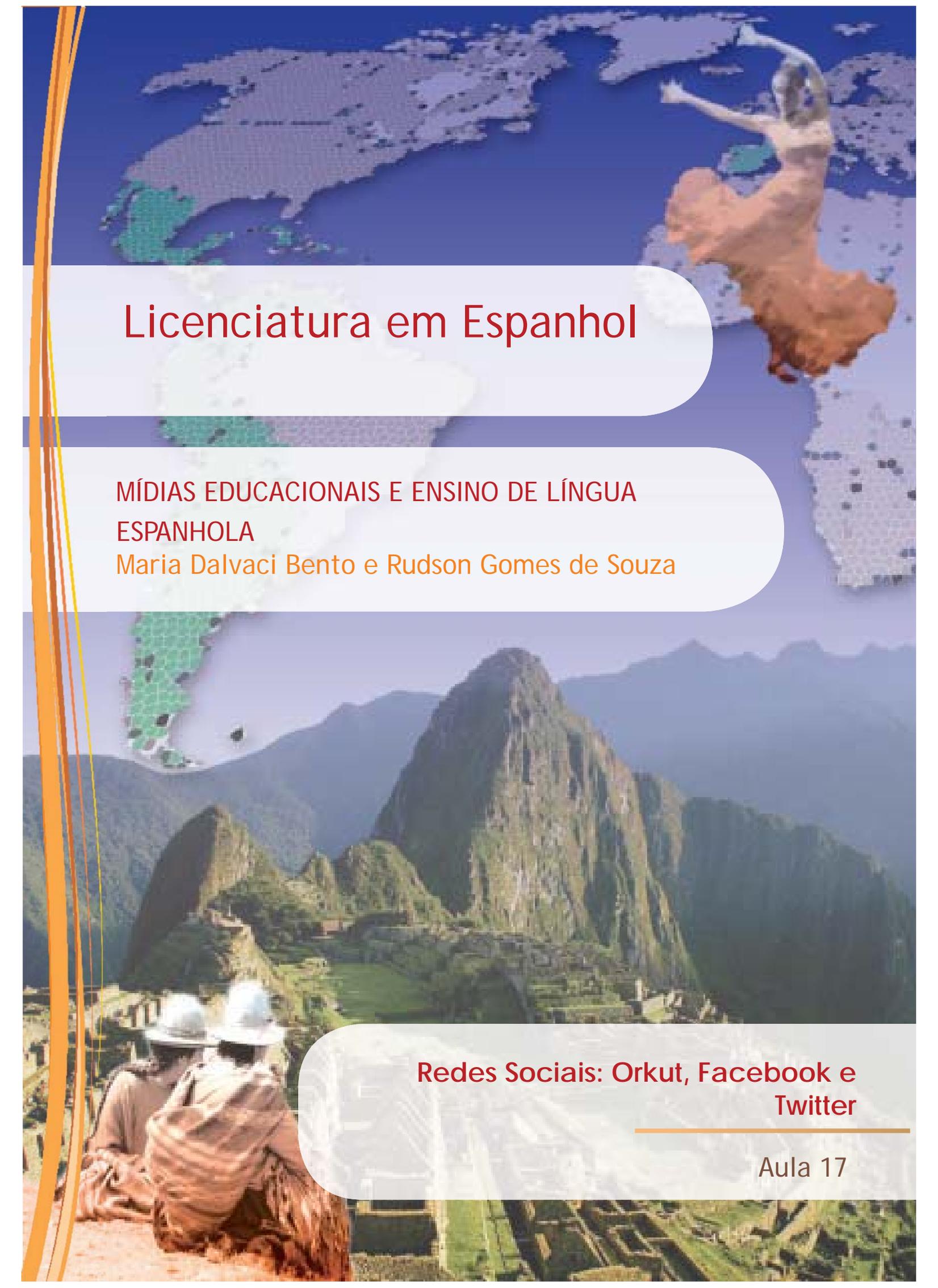
Fig. 9 – <http://i.anderssauro.com/2010/10/baixar-msn-2010.jpg>

Fig. 10 – http://imgsapp.em.com.br/app/noticia_127983242361/2010/10/10/184941/20101010071729844557e.jpg

Fig. 11 – http://hackearmsn.com.br/wp-content/uploads/2009/11/download_msn_2010_live_messenger.jpg

Fig. 12 – <http://www.brasil-suica.ch/>

Fig. 13 – <http://braziliansabroad.com/wp-content/2008/09/forumbrasilsuica.jpg>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Redes Sociais: Orkut, Facebook e
Twitter

Aula 17

Apresentação e objetivos

Quando tudo parecia inacreditavelmente perfeito e as pessoas começavam a trocar as suas pesquisas em livros manuscritos por livros eletrônicos, websites, etc; e o telefone convencional, perdia força frente aos aplicativos de comunicação instantânea como o MSN, SKYPE, acessados inclusive por novos modelos de aparelhos móveis chamados de *smarts*, eis que entram em cenas as interfaces das redes sociais provocando uma revolução que sairia do mundo virtual e atingiria em cheio a vida das pessoas nos seus relacionamentos interpessoais face a face.

A partir dessa revolução causada pelas redes sociais, a internet incorpora-se definitivamente na vida de milhões de pessoas. Inicialmente, as redes foram utilizadas por adolescentes e jovens e, mais tarde, em instituições comerciais/industriais/educacionais/religiosas públicas ou privadas. Seu perfil comunicativo incorpora a troca de informações pessoais com acesso direto a todos, revolucionando as relações interpessoais, colocando em cheque o que compreendemos como público e privado.

O Orkut, o Facebook e o Twitter tomam a ponta dos relacionamentos humanos em todas as esferas. E é nesse campo colaborativo e dinâmico, quase que sem delimitações marcadas entre o que é meu e o que pertence ao outro, que iremos adentrar, tentando observar particularidades e informações que possam nos levar a trazê-lo para a área de educação como aliado no aprendizado de línguas estrangeiras.

Ao final desta aula, você deverá:

- identificar possibilidades de inserção das comunidades virtuais para a aprendizagem de língua espanhola;
- conhecer as principais comunidades e suas funcionalidades;
- desenvolver um pensamento crítico quanto à moderação entre o que é público e o que é privado, a fim de deixar prevalecer a ética quando da passagem do campo comunicativo para o espaço de atuação profissional – a escola.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Falar em comunidades virtuais, remete-nos imediatamente às redes sociais da internet, principalmente orkut, facebook e twitter.

Nesta aula, veremos que elas coexistem, que têm papéis similares, mas os públicos que as frequentam nem sempre são os mesmos. Cada rede tem funções diferentes para públicos também diferentes.

Há uma certa confusão sobre o que é de domínio público e o que é de domínio privado. Essa relação um tanto ambígua, na verdade, coloca o ciberespaço como extensão do mundo real, da nossa vida cotidiana. Os grupos do espaço físico se apresentam em comunidades quase que infinitas pela alta capacidade de inovação, volume de acessos e comunicação instantânea, além de participação simultânea que rompe com as barreiras físicas antes limitadas.

Será que há espaço para subcomunidades virtuais educativas dentro desse universo que ao mesmo tempo é individualista e multicultural? Com tanta mistura, é possível filtrarmos aspectos relevantes ao processo de aprendizagem em línguas? Ou será que essa pluralidade é o maior suporte teórico/prático que essas interfaces podem oferecer a professores e alunos? Nosso próximo passo é simples: dentro de todo esse complexo universo virtual, verificaremos caminhos facilitadores à compreensão dos mais variados temas, com a ajuda do acesso multicultural direto e da comunicação colaborativa.

Convido-o a fazer parte da nossa rede social de pesquisa sobre o assunto, quem sabe também futura rede virtual, mas que por hora está ainda no campo da escrita.

Bons estudos!



1. Orkut: o desbravador.

O Orkut surgiu em meados de 2004 como um tipo de fórum marcado fortemente pela discussão sobre temas bem delimitados, como assuntos filosóficos ou discussões sobre uma banda de rock. Não tardou e as comunidades passaram a marcar gostos ("eu amo 'x'"), tornar amigos como celebridades (sou amiga de "z"), declarações comportamentais (sou um pegador) e até mesmo a profusão de elementos da própria rede (viciados em MSN).

Sua popularização tornou-se mesmo febre entre os jovens quando novas ferramentas foram sendo incorporadas à interface. Além do compartilhamento de fotos, mensagens, depoimentos, o que mais impulsionou o seu uso foi a possibilidade de se colecionar amigos oferecendo o seu próprio perfil como atalho através de links por meio da adesão de uma série de comunidades, listas e com a aparente segurança de manter-se acessível apenas àqueles amigos adicionados às listas privadas dessa interface.

Mais uma vez, os jovens usuários parecem recorrer a uma ferramenta participante de um movimento de ampliação das suas superfícies sociais de contato com o mundo, onde se tem, muitas vezes, mais presentificação estendendo-se no tempo e carregando a marca inconfundível da instantaneidade.

Um fenômeno interessante foi a presença marcante, em 2005, dos brasileiros no Orkut, o que, na época, correspondia a quase 80% do número de perfis registrados. Isso se deve ao fato desse site, originalmente criado em inglês, ter escolhido o português como primeira língua a ser traduzida, atendendo a uma demanda dos próprios usuários.

Podemos observar que, embora exista o surgimento de perfis falsos na rede, no geral, não existe um acionamento do disfarce, mas

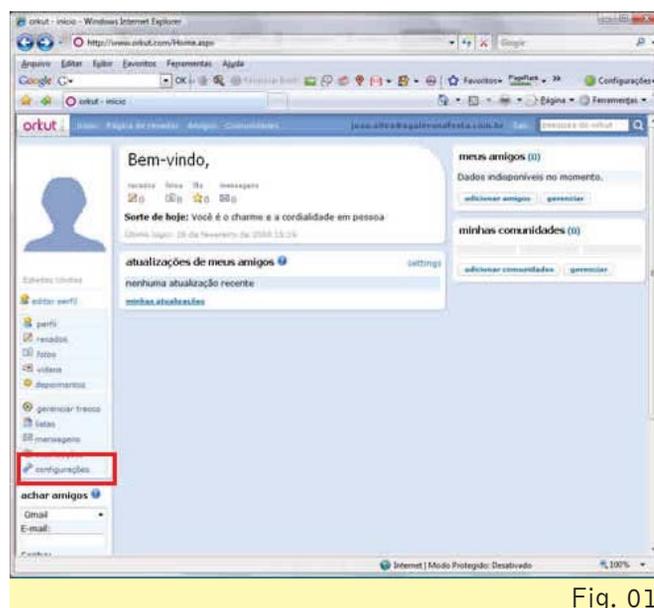


Fig. 01

a exposição do “eu”. A possibilidade de se brincar com esse virtual sem corpo, com identidades imaginárias, é claramente sobreposta pela presença constante da privacidade de si mesmo. Assim como em toda a rede, o Orkut reflete o que há de bom e de mau, como um verdadeiro espelho do mundo real, exatamente como é aqui fora.

1.1 Possibilidades da boa utilização do Orkut

O cotidiano do Orkut, quando bem utilizado, pode se transformar na melhor ferramenta para se conhecer uma pessoa. A partir das listas de amigos e comunidades dos usuários, podemos chegar a um retrato relativamente fiel das companhias e gostos pessoais/profissionais dos seus usuários. A ideia geral por trás do Orkut parece estar não em local de ponto de encontro, mas necessariamente como referência de hábitos e preferências, compondo um mosaico virtual de diferentes tipos de personalidades que acaba por sinalizar afinidades que podem vir a ingressar às listas dos usuários. Nesse caso, a colaboração é bem mais marcante que a instantaneidade.



Fig. 02

Especialmente com a chegada do Orkut, a escola passou a conhecer a força da internet sobre os alunos e não pôde apenas reproduzir essa ideologia dominante, mas preparar professores e alunos para uma postura de confrontação, que opta

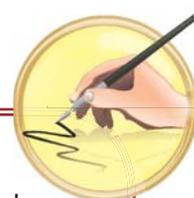
pela observação, avaliação, comparação, confirmação e até mesmo rompimento, caso necessário. A escola, abrindo-se para o mundo, acompanha e intervém por meio do professor que passa a ter o papel de saber fazer com que o aluno auto-organize o seu mundo, suas ideias, organizando e controlando o seu próprio aprendizado. Basicamente, o que se pode fazer com a internet nesse tipo de interface é desenvolver formas novas de comunicação, da fala, da imagem e da própria escrita, com a finalidade de escrever para registrar, comunicar-se e para publicar.

O estar no virtual não é garantia de aulas de boa qualidade, mas essas interfaces de relacionamento carregam consigo informações multilíngues, pois disponibilizam conteúdos em várias línguas, facilitando o acesso de centenas de milhares de alunos e professores às comunidades e seus materiais escritos e de audiovisual. Podem, também, ampliar, consideravelmente, as condições de aprendizado e o intercâmbio cultural, principalmente para aqueles que não têm acesso fácil a esse tipo de material nem mesmo o contato direto com falantes de outras línguas.

Além de podermos trabalhar as competências anteriormente citadas em sala de aula, o Orkut tornou-se instrumento de pesquisa para

que a escola compreenda melhor situações como descontentamento dos alunos com as relações estabelecidas entre esses e seus mestres, ou mesmo com o ambiente escolar. O jogo de cena que, muitas vezes, é representado pelo aluno em sala de aula, acaba sendo revelado pelo site de relacionamento onde o aluno encontra espaço e voz para romper o silêncio. A partir daí, o professor pode obter informações necessárias para (re) conquistar seus aprendizes tornando-se parte de sua rede de amizades e conduzindo melhor o papel de ambos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo, fica evidente que a internet pode trazer de volta ao aluno uma melhor ou mais saudável identificação entre ele e a escola, melhorando as relações e, conseqüentemente, as aulas.

Mãos à obra



O Orkut movimentou profundamente o imaginário dos usuários da internet. Vamos refletir sobre o assunto? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

1. Quais as principais características do Orkut?
2. Qual a relação entre público e privado nesse tipo de rede social? Como você argumentaria a sua resposta com base no texto?
3. Qual o impacto do Orkut para a esfera escolar? Como entender os laços afetivos dos usuários das redes sociais com seus sentimentos para com o mundo real?

2. Facebook: o universitário da turma

Em 2004, dentro da Universidade de Harvard, Mark Elliot Zuckerberg iniciava a maior revolução dentre as redes sociais da internet. Com o objetivo de se divertir com os livros universitários, com os nomes e fotos de alunos de Harvard – os *face books* – esse programador e estudante de psicologia e ciências da computação desenvolveu um *site* no qual colocou fotos de alunos e alunas na web, onde os demais estudantes acessavam,

para participarem de uma espécie de votação. Logo, o *website* foi retirado dos servidores da universidade por causa do grande volume de acessos, o que dificultava a acessibilidade em toda a rede da instituição. Com a popularização da nova rede pelos demais universitários de outras instituições, escolas secundaristas e pessoas interessadas em postagem de perfis, nasceu o facebook.



Fig. 03

Sua grande vantagem sobre o Orkut são os milhares de aplicativos os quais incorporam jogos, presentes virtuais, vídeos, além da possibilidade de integração com outras redes como Twitter e Flickr. Além das mesmas possibilidades do "limitado" Orkut, ele ganha em instantaneidade de comunicação com a integração com o Twitter, além de melhor compartilhamento de imagens através do Flickr.

O seu sucesso é tão expressivo entre os usuários da internet que



Fig. 04

alguns o consideram como o sucessor definitivo do Orkut, até mesmo pelo seu alcance global bem mais aceitável que essa outra rede social que ainda é popular no Brasil, mas com bem menos força do que antes. Recentemente, foi tema de filme consagrado e o seu principal fundador volta e meia aparece

entre as pessoas mais influentes do mundo, segundo revistas e editoriais americanos.

Como qualquer outro tipo de interface da internet, para a inserção de recursos tecnológicos em sala de aula presencial, ao menos dois requisitos são fundamentais: capacitação dos professores e aquisição dos recursos. A partir desses dois aspectos, vem a vontade de atualização às necessidades que vão surgindo, formação e tempo para o desenvolvimentos de materiais didáticos que se caracterizam como recursos de aprendizagem suportados pelas novas tecnologias. Evidentemente, com o sucesso de redes como o facebook, que inicialmente foi criado para entretenimento e lazer, embora dentro de uma conceituada universidade, há o favorecimento para que possa também ser utilizado nas esferas educacionais.

Podemos vislumbrar tipos de atividades semelhantes as que são possíveis com a utilização do Orkut, embora ganhemos aqui em agilidade na comunicação pela colaboração de outras redes dentro do facebook. É uma rede que se encontra completamente integrada com as demais, numa interface de colaboração total entre aqueles que têm perfis em todas elas. A integração cultural, rapidez na comunicação e melhor redistribuição de informações facilitam a utilização de alguns desses recursos em aulas de produção e compreensão oral ou escrita em outras línguas, como o espanhol.

Neste ponto, vale salientar que o emprego dessa ferramenta, no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, exige bastante planejamento e acompanhamento do crescimento dessa rede para que possa ser contextualizada ao tipo de aluno ou turma a que se pretende trabalhar e suas necessidades, além dos objetivos da disciplina e referencial teórico-metodológico adotado para o curso.

A maioria dos aplicativos do facebook é restrita para a diversão e parece ter pouca relevância em outras áreas. Há, contudo, aplicativos úteis para facilitar apresentações como: gráfico interativo de amigos e dados sociais. Esses aplicativos possibilitam a visualização de todos os amigos e como estão interconectados, o que favorece o estreitamento de gostos e interesses pessoais similares. Essas pessoas possuem algo em comum umas com as outras, como a cultura ou o interesse por um idioma como o espanhol.

Nessa perspectiva, as ferramentas dessa rede permitem que as pessoas se aproximem uma das outras produzindo interações específicas. Essas interações podem ocorrer com a finalidade de desenvolvimento de competências interculturais para o desenvolvimento da aprendizagem de línguas estrangeiras, onde pessoas se agrupam para solucionar problemas comuns.



Fig. 05



Mãos à obra

Mais uma rede social. Mais possibilidades de colaboração educacional? Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluí-la.

Atividade 2:

1. É possível identificar uma relação mais estreita entre o facebook e a esfera escolar? Comente, justificando a sua resposta.
2. Qual a grande vantagem do facebook frente ao Orkut? Em quais aspectos se assemelham e se diferem?
3. Cite funcionalidades práticas dessa rede que podem ser utilizadas como ferramenta no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

3. No momento, Twittando...



Fig. 06

Para muitos, essa não é uma ferramenta das mais fáceis a ser utilizadas. Mas a linguagem do Twitter pode ser bastante recompensadora. Trata-se de uma ferramenta basicamente desenvolvida para enviar mensagens curtas. Ele vem gradativamente substituindo o MSN como interface para o envio de mensagens instantâneas. Praticamente, tudo o que

acontece no mundo real instantaneamente acaba indo parar no Twitter, o que o faz responsável por intenso tráfego da rede atualmente.

A interatividade é o seu ponto forte, ao ponto de observar-se uma alteração significativa no uso da telefonia móvel, pois usuários de pacote

de dados acabam deixando de telefonar para enviar mensagens curtas aos seus seguidores, pela capacidade em uni-los por meio de uma única mensagem. Muitas vezes, um desabafo ou simples afirmação atrai a corrente de tráfego que acaba por se espalhar rapidamente pela rede e que é, até mesmo, mensurada através de ranking mundial de comentários sobre o assunto, ou quantidade de seguidores.

Tal característica faz com que essa ferramenta funcione como uma poderosa estação transmissora de SMS com grande alcance e a custo baixíssimo. Os benefícios na comunicação podem ser enormes, pois se apoiam na velocidade, nos números e na mobilidade. Uma única mensagem enviada por SMS, à página do Twitter, pode ser lida por milhares de pessoas, fazendo com que o retorno seja imediato, trazendo enormes vantagens comunicativas aos indivíduos. O fato de o Twitter ter um grupo de seguidores formados também por amigos com atividades, profissões, gostos específicos faz com que se tenha um centro de informações que está permanentemente aberto à ajuda para quase todo o tipo de assunto de que se possa imaginar.

Uma pergunta ou dúvida que é postada no Twitter tem a capacidade de fazer surgir reflexões para o seguidor do aluno que está "twittando" sobre uma aula, seminário, palestra. Essas simples transcrições de falas possibilitam que perguntas comecem a emergir como base que alimenta novas questões para demais alunos de um grupo ou turma da escola e suas plateias de seguidores. As discussões que ocorrem nas aulas podem passar a surgir em forma de tópicos, promovendo interações instantâneas ou não com outras pessoas que estão debatendo aquele assunto naquele momento. Se o aluno é seguidor de autores de livros e outros professores ou especialistas no assunto, o que seria uma simples aula local, ou resultado dessa, pode tornar-se globalizada através dos *tweets* dos próprios autores ou de outros professores atingindo um número considerável de alunos que passam também a acompanhar o debate.

O Twitter, portanto, tem aqui a excelente função de tornar rápida a informação em caráter de compartilhamento de ideias, onde o usuário poderá receber adesões ou oposições, críticas ou sugestões sobre determinado assunto conforme o número de seguidores que se vai construindo em uma microrrede de relacionamentos virtuais. Poder integrar, em uma aula, a interação de um grupo local ou a distância é um recurso que pode potencializar estratégias cada vez mais envolventes que permitam um melhor acesso às informações por meio de reflexões e



Fig. 07

construção do conhecimento. Quanto às intervenções que podem surgir, podemos observar dois tipos básicos:

- Intervenção com interação: ocorrem aparições de mensagens que podem ser de forma espontânea ou provocadas por perguntas diretas.
- Intervenção sem interação: ocorrem quando os seguidores não se manifestam publicamente.

A primeira situação assemelha-se a uma interação entre os alunos e o seu professor. Na segunda, a mensagem toma um caráter mais informativo que interativo, mas não se destituindo de seu caráter pedagógico. Verifica-se, tanto no primeiro quanto no segundo caso, que há a possibilidade de disseminação do conhecimento de maneira veloz, saindo das quatro paredes da sala de aula para um território global o qual permite a ampliação da rede de novos contatos, expandindo a aula para a esfera virtual – letramento digital.

Como nas demais redes sociais, há o perigo constante entre o limite do que é público e o que é privado, o Twitter apresenta outras limitações para a esfera educacional e é importante mencionarmos algumas delas a seguir:

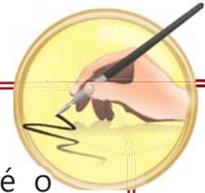
- Não se tem muita clareza o momento em que o autor da mensagem está sendo narrativo, descritivo, dissertativo, porque o limite de 140 caracteres faz com que a qualquer momento essa mensagem mude de característica.
- Essa mesma limitação de caracteres provoca uma limitação também sob uma perspectiva pedagógica, pois restringe o diálogo com excesso de uso de expressões abreviadas, sentenças mais curtas, tornando-o menos interativo. Nesse caso, para aulas a distância, por exemplo, o Twitter não é recomendado, pois existem outros recursos na internet com maior performance para a comunicação mediadas por computadores com fins escolares, como é o caso das plataformas de aprendizagem que veremos mais adiante.
- Podemos perceber que o Twitter, enquanto complexa rede social, pode tornar uma interação menos didática, pois podem aparecer *tweets* não previstos, oriundos de outros seguidores de alunos ou professores.
- As limitações de caráter não apenas semântico-linguístico, mas socioeconômico e até cultural, eventualmente, surgem porque há alunos que não possuem Twitter ou mesmo acesso à internet e, portanto, não sabem utilizá-lo.

De acordo com Oliveira & Araújo (2011), o Twitter pode ter uso para fins educativos tanto para comunicações rápidas em forma de avisos, indicações de links para pesquisa e leitura, quanto por usuários com competências mais avançadas nessa ferramenta. Esses usuários, com mais competência, podem desenvolver atividades educacionais mais caracterizadas, como descrições de aula e palestras, envio de links com questionários, além de interação online num processo de ajuda mútua na resposta às questões e orientações possíveis diante da limitação dos 140 caracteres permitidos por SMS.



Fig. 08

Mãos à obra



Velocidade, instantaneidade, interatividade. Esse é o Twitter, poderosa ferramenta de comunicação virtual. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

Atividade 3:

1. Como entender o Twitter dentro do próprio propósito da utilização da internet?
2. De acordo com o texto, faça uma reflexão quanto às possibilidades do uso do Twitter como ferramenta de aprendizagem em aulas de espanhol.
3. Aponte soluções que podem diminuir alguns tipos de limitações dessa rede social para fins educacionais.



Já sei!

Procuramos compreender, através desta aula, alguns aspectos de usos atuais das redes sociais como o Orkut, Facebook e Twitter, com finalidades pedagógicas. É possível verificarmos possibilidades promovidas ou potencializadas por esses recursos, dos quais o Twitter é emergente, bem como seus limites como recursos educacionais.

Considerando todas as características da utilização da internet que afetam o dia a dia dos nossos alunos como a conectividade, a convergência midiática, as tecnologias da informação e a própria globalização, as redes se destacam como poderosas ferramentas de comunicação social. Assim se tornam recursos atraentes entre professores e alunos que podem compartilhar conhecimentos, realizar discussões em forma de ideias abreviadas ou não, estimulando não só a leitura virtual, mas a criação e transformação das informações em material didático.

As redes ultrapassam os limites do espaço virtual quando se transformam em canais de comunicação que são, na verdade, extensão da sala de aula quando da sua utilização na discussão dos conhecimentos, tarefas e problemáticas que podem surgir até mesmo de maneira instantânea e eficaz, desde que considerando seus limites e possibilidades.

A usabilidade dessas redes, dentro da esfera educacional, está sendo construída por todos nós, num processo sem volta. Neste momento, podemos adaptá-las para finalidades de intercâmbio com os nossos alunos e com outros educadores como colegas de pesquisa. Esse contexto emergente, oriundo das redes sociais, permite-nos criar novas formas de interação para essas interfaces, rompendo os limites geográficos e temporais, o que possibilita a superação de restrições e provoca a criatividade em novas formas discursivas de comunicação.

É possível vislumbrar um futuro próximo onde professores e alunos possam construir modelos de interação e comunicação via redes sociais permitindo um olhar mais amplo para essa nova realidade virtual, considerando múltiplas possibilidades e suas específicas limitações.



A participação nas redes sociais tem demonstrado uma importância que vai além das facilidades de comunicação. As pessoas se sentem aceitas e acolhidas pelo seu grupo de relacionamentos, seus amigos ou seguidores. Elas desenvolvem, através do respeito do outro, sentimentos de pertença e de direito – um lugar no mundo real através da aceitação no espaço virtual. Isso contribui para o aumento da motivação em enfrentar as barreiras que, por vezes, impossibilita a realização de desejos e aspirações. A identidade é reforçada por meio do outro, da interação constante entre si mesmo e o próximo e que, aliás, pode estar bem distante. Há perigos constantes de exposição dentro e fora das redes virtuais e há também muitas limitações quando tentamos construir novas perspectivas que fogem daquelas originalmente planejadas para determinados fins. Mas é possível entendermos que uma das grandes mágicas desse mundo virtual é que não estamos sozinhos e que, a qualquer instante, outros podem juntar-se a nossos desafios na busca de respostas e soluções para as mais diversas tarefas. Vale a pena tentar!

Após uma autoavaliação do que aprendeu, sugerimos que você:

1. Acesse a internet e navegue por entre algumas das redes sociais.
 - a) Dê preferência a sites de língua espanhola para facilitar o desenvolvimento de competências interculturais de língua hispânica; é possível acessar perfis abertos do Orkut, public timelines do Twitter e redes de compartilhamento de imagens como Flickr sem a necessidade de cadastro.
 - b) Procure entender melhor o funcionamento dessas comunidades e listar possibilidades da sua utilização como material didático-pedagógico ou ferramenta de ensino-aprendizagem de línguas.
 - c) Se você é usuário do Facebook ou Twitter, procure experimentar um debate virtual sobre a necessidade de aprendizagem de uma língua estrangeira nos dias de hoje. Remeta a sua experiência ao restante da turma.
2. Destaque suas preferências quanto à utilização dessas redes no dia a dia, justificando opiniões positivas ou críticas.

Atenção! Organize a atividade em um único texto. Não é necessário dar um título ao texto.



Leitura complementar

Acesse o Google books e leia os seguintes livros:

Aplicaciones Web 2.0 - Redes Sociales, disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=iqdulye2vWEC&pg=PA27&dq=la+escuela+en+redes+sociales+de+internet&hl=pt-BR&ei=XaPcTo2tAavH0AHWw7WKDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&sqi=2&ved=0CFkQ6AEwAw#v=onepage&q=la%20escuela%20en%20redes%20sociales%20de%20internet&f=false

La escuela en la sociedad red, disponível em: http://books.google.com.br/books?id=_NLhXSxmBTgC&pg=PA60&dq=la+escuela+en+redes+sociales+de+internet&hl=pt-BR&ei=XaPcTo2tAavH0AHWw7WKDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&sqi=2&ved=0CE0Q6AEwAQ#v=onepage&q=la%20escuela%20en%20redes%20sociales%20de%20internet&f=false/



BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (orgs). **A trama do conhecimento**: Teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2008.

CORTEZ, E.; JUNQUER, A.; PAVANI, C. **Jornal**: Uma Abertura Para a Educação . São Paulo: Papyrus, 2007.

FARIA, E. T.; RAMOS, M. B. J. (orgs). **Aprender e ensinar**: diferentes olhares e práticas. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

JOHNSON, Steven. **A cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e de comunicar. Trad. Maria L. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (orgs). **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, R. S.; ARAÚJO, J. C. **O Twitter como ferramenta de discussão acadêmica**: Possibilidades e limitações. São Paulo: Universidade de Sorocaba, 2011.

POWELL, J.; **33 milhões de pessoas na sua rede de contatos** – como criar, influenciar e administrar um negócio de sucesso por meio das redes sociais. Trad. Leonardo Abramowicz. São Paulo: Editora Gente, 2010.

Fonte das figuras

Fig. 1 – http://recados.hlera.com.br/dicas/como_excluir_meu_perfil_no_orkut

Fig.2 – <http://www.scrap.mixplanet.com.br/buscar.php?imagem=figuras+para+orkut+e+hi5>

Fig.3 – <http://circuscircus.com.br/blog/top-10-milionarios-da-internet/>

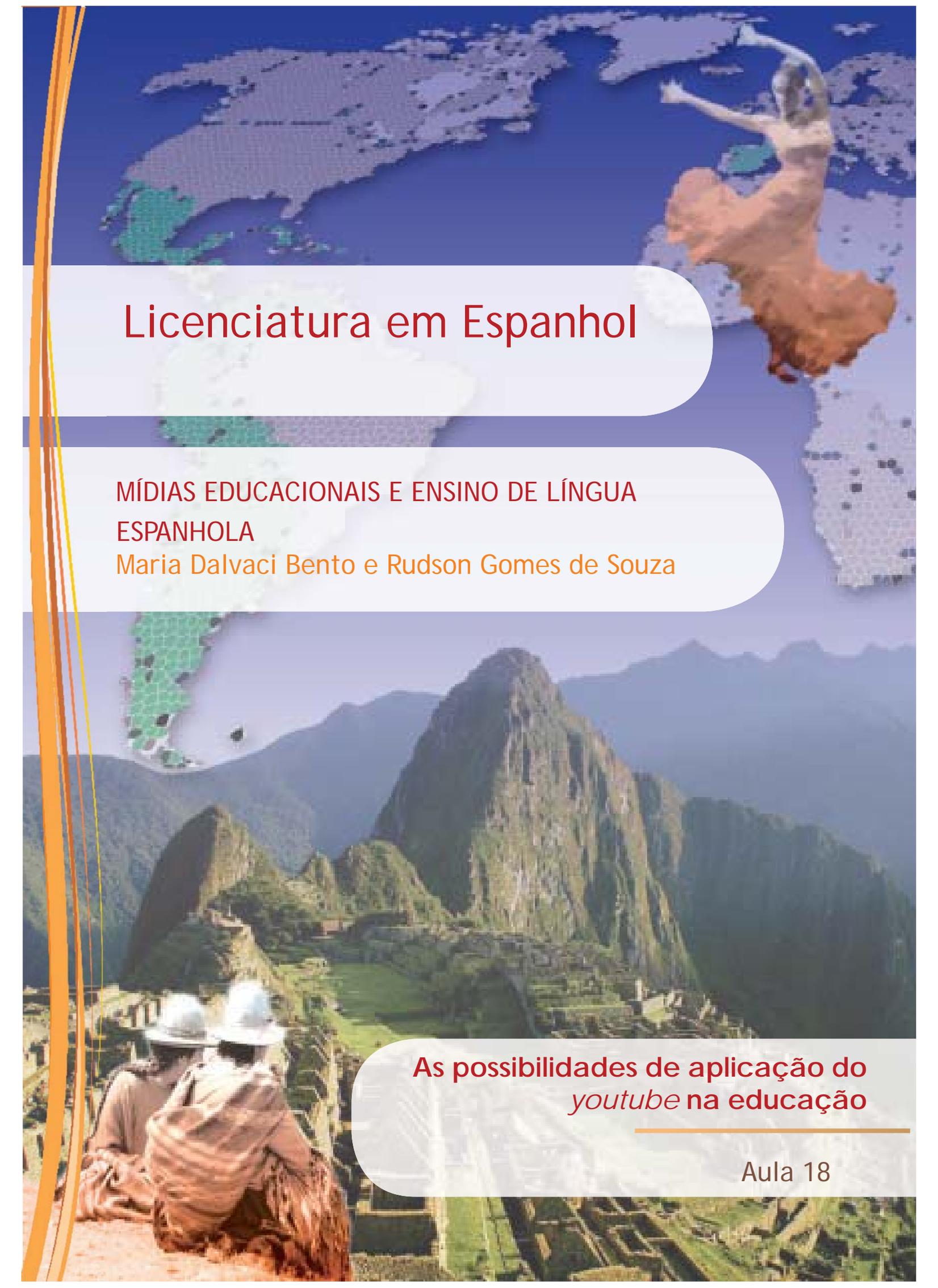
Fig. 4 – <http://cinegnose.blogspot.com/2011/01/incomunicabilidade-em-banda-larga-no.html>

Fig. 5 – <http://www.tutoriaisedicas.net/2010/05/os-aplicativos-do-facebook.html>

Fig. 6 – <http://www.twitter-brasil.net/>

Fig. 7 – <http://hypescience.com/a-origem-do-twitter/>

Fig. 8 – <http://www.biojobblog.com/2011/01/articles/bioeducation/twitter-as-an-educational-tool/>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

As possibilidades de aplicação do
youtube na educação

Aula 18

Aula 18

As possibilidades de aplicação do *youtube* na educação

Apresentação e objetivos

Desde o surgimento, em 1960, do método audiolingual o qual utilizava rolos de filme como material didático disponível para professores e alunos para o ensino-aprendizagem de LE e, logo após, com o advento do videocassete e DVD já na fase da chegada da abordagem comunicativa, em meados dos anos 1980, o vídeo esteve sempre presente como uma das mais competentes ferramentas utilizadas em cursos de idiomas, em escolas regulares ou especiais.



Fig. 01



Fig. 02

Se lançarmos um olhar mais crítico, perceberemos que o cinema e a TV, ambos com suas imagens em movimento e sons cada vez mais nítidos e potentes, nos seduzem até os dias de hoje, seja para puro entretenimento, ou mesmo para a sua utilização como aula complementar em qualquer disciplina curricular.

Com o advento da internet, houve a rápida convergência de todas as mídias anteriores para essa mídia moderna. Isso fez com que o vídeo, aos poucos, ganhasse espaço e estivesse presente em todos os tipos de blogs, websites e portais, geralmente carregados de um servidor exclusivo, quando se trata de uma grande corporação de empresas ou, simplesmente, de uma interface pública onde podemos encontrar qualquer tipo de vídeo que se possa imaginar. Essa novidade tem um endereço: o *YouTube*.

Interligada em outras redes sociais ou através de acesso direto por domínio próprio da internet, essa nova interface tem movimentado milhões de usuários por todos os continentes. O seu poder atrativo é tão envolvente que os maiores estúdios de cinema, assim como as maiores redes de TV do mundo, já disponibilizam conteúdo nessa interface ou realizaram algum tipo de parceria para não ficar para trás. Mesmo com a chegada da imagem em alta definição em aparelhos de TV cada vez mais

sofisticados, o *YouTube* vem conseguindo manter-se atualizado nesse movimento midiático e bate de frente com os antigos dominadores da reprodução visual, lutando pelo aumento constante de usuários.

Nesta aula, você estudará essa interface, buscando não só refletir sobre suas implicações, mas também utilizando-a em sala de aula, como recurso para melhoria do ensino-aprendizagem.

Ao final desta aula, você deverá:

- conhecer algumas das principais funcionalidades do *YouTube*;
- aprender quanto às possibilidades de utilização e postagem de vídeos na internet;
- relacionar o uso dessa interface com conteúdos gerais e específicos que possibilitem a aprendizagem da língua espanhola.



Para Começar

Olá, caro (a) aluno (a)!



Fig. 03

O *YouTube* é uma interface de informação e comunicação das mais acessadas na atualidade. Praticamente, tudo o que acontece ao nosso redor é publicado instantaneamente na internet através dessa ferramenta, muitas vezes, antes mesmo das maiores e mais poderosas redes de comunicação visual.

Nesta aula, abordaremos aspectos gerais do *YouTube*, desde a sua concepção, um pouco da sua trajetória e algumas das suas funcionalidades mais utilizadas pelos usuários da internet. Para isso, abordaremos caminhos que nos levam a entender e aplicar essa interface em favor de conteúdos educativos, mais precisamente quanto ao desenvolvimento de competências comunicativas em língua estrangeira e, mais especificamente, em língua espanhola.

Conforme abordado na aula anterior, a questão do que é público e do que é privado passa diretamente pelo uso correto, ou não, dessa ferramenta pelos usuários da rede. Como será essa relação? Há um padrão, ou um plurilinguismo multicultural que também prevalece nessa interface, dividindo o seu uso, conforme vão surgindo acontecimentos e necessidades coletivas e/ou privadas?

Buscaremos, então, respostas para essas e outras questões, por meio de uma perspectiva de descobrimento desse tipo de sub-convergência dentro daquela que acontece na própria rede. Nosso próximo passo tentará apresentar-se de maneira objetiva, mas certamente nos levará para vários caminhos ou formas diferentes de abordagem do *YouTube*, apontando opções para o seu uso na esfera escolar como agente facilitador da aprendizagem de uma LE.

Vamos “assistir” a mais uma intrigante aula sobre a internet e suas interfaces?

Bons estudos!

Assim é



E quando menos se esperou, tudo já estava visível ao acesso de todos...

Em 2005, Chad Hurley e Steve Chen estavam em uma festa fazendo vários vídeos. Eles desejavam enviar os vídeos para os amigos, mas era algo difícil de fazer por meio de e-mail, por exemplo. Chad já tinha o desejo de enviar alguns vídeos aos seus pais que moravam distante, pois ele residia na Califórnia e os pais, na Pensilvânia. A partir dessa dificuldade, os amigos tiveram a ideia de criar uma ferramenta eletrônica para compartilhar os seus vídeos. Esse projeto pessoal foi o pontapé inicial para que existisse um espaço onde qualquer pessoa pudesse



Fig. 04

compartilhar os seus vídeos com amigos e/ou anônimos.

Não demorou muito e essa plataforma eletrônica atingiu proporções gigantescas. Em 2009, a cada dia, o *YouTube* recebia aproximadamente 365 mil novos vídeos, o que equivale a vinte horas de imagens por minuto. Nada era descartado e os arquivos da empresa armazenavam muitos terabytes de imagens, à época equivalia a cinquenta vezes o conteúdo da biblioteca do Congresso Americano, até então a maior do mundo. Em um mês, o site recebia 400 milhões de visitantes. Não havia como manter a empresa provendo tamanha estrutura. Essa foi a razão para que os amigos vendessem essa ferramenta para o Google em 2006, com valor estimado em 1,65 bilhão de dólares.



Fig. 05

O sucesso do *YouTube* pode ser entendido por razões bem simples: não há tanta restrição para a publicação ou acesso de vídeos, ou questionários e formulários a responder, exceto em se tratando de conteúdos inapropriados para menores de 18 anos; a tecnologia do *Flash* permite que os vídeos sejam visualizados rapidamente na internet; dentro e fora da plataforma é bem simples compartilhar um vídeo. Essa simplicidade, sem necessidade de conhecimentos técnicos apurados, responde bem ao sucesso da interface.

Os problemas referentes à invasão de privacidade, um dilema da internet, são minimizados pelos próprios usuários que marcam um conteúdo que é considerado inadequado. Para a maior plataforma de vídeos do mundo, esse problema também passa pela questão do bom senso para quem vai publicar um vídeo. Além disso, há várias ferramentas que estão o tempo todo tentando detectar problemas com direitos autorais na plataforma, embora haja uma controvérsia entre o *YouTube* e as indústrias cinematográfica e fonográfica que não vêem com bons olhos a divulgação de material de seu *casting*, embora, para muitos, tal procedimento seja encarado como novas oportunidades de negócios, sem custo e com alta visibilidade.

Sites de relacionamentos como *Facebook* e *Twitter*, fenômenos de audiência, diferentemente não têm uma fonte eficaz de receita e precisam de maior interação dos usuários para que a atividade com vídeos seja eficiente. Novamente, a simplicidade do *YouTube* faz com que essa interface ganhe terreno entre as demais, pois cria um verdadeiro espaço onde pessoas podem interagir entre elas e também com as marcas das

empresas, o que não ocorre na TV ou no cinema, por exemplo. Enquanto a euforia em torno das redes sociais tende a diminuir, se considerarmos o declínio do Orkut, as pessoas parecem cada vez mais buscar imagens interessantes e ouvir boas histórias.

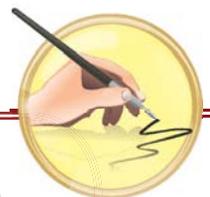
Como uma plataforma tecnológica feita unicamente para a exposição de vídeos, com acesso livre, o futuro do *YouTube* parece mais tranquilo, necessitando apenas que seus controladores trabalhem para que o seu acesso seja, cada vez mais, eficiente e abrangente, saindo dos computadores e adentrando em novas tecnologias como uma TV ou um celular. Com mecanismos de busca mais inteligentes, essa interface continuará permitindo melhor desempenho ao acesso de dados, quando comparado com outros *websites* de compartilhamento de vídeos.

Para concorrer com os avanços tecnológicos do cinema e da TV, o *YouTube* também conta com produções de todos os tipos em HD: amadoras, oficiais e vídeos em 3D. O site parece acompanhar de perto a transição para essas novas tecnologias de produção e exibição de vídeos. Provavelmente, as pessoas continuarão se reunindo em frente à TV, o que nos leva a crer que o *YouTube* não é uma ameaça visível para esse tipo de tecnologia. Contudo, a própria programação e maneira de exibição pelas emissoras de TV devem ficar mais parecidas com a aproximação que o *Youtube* consegue com seus usuários, em termos de conteúdo.



Fig. 06

Mãos à obra



O *YouTube* é a maior e mais acessada plataforma de vídeos da internet. Vamos refletir sobre o assunto? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

1. Quais as principais características que tornam o *YouTube* um sucesso?

2. Que relação o texto da aula faz entre o *YouTube* e as redes sociais?

3. Qual a sua opinião quanto ao futuro da TV, após o surgimento do *YouTube*? A resposta é pessoal, mas você pode justificá-la a partir do texto.

É possível explorar o *YouTube* como recurso pedagógico?



Fig. 07

Muito se questiona sobre como essa interface tão sedutora pode ser aproveitada na escola por professores em salas de aula. Na verdade, ela pode ser uma "carta na manga" para qualquer projeto pedagógico, uma vez que possibilita trazer a criatividade para dentro dessa nova sala de aula. Embora o *YouTube* ofereça uma combinação com formato de tecnologias educativas que podem se transformar em boa oportunidade

para os professores e para os alunos por ser capaz de expandir o processo educacional, a escola deve criar mecanismos de proteção ao aluno, tanto em projetos que apenas requerem a contemplação de vídeos quanto aqueles que trabalham com a produção e publicação de pequenos filmes e documentários. A permissão e o acompanhamento dos pais são aconselhados e bem-vindos, pois também proporciona à comunidade um maior conhecimento das tecnologias que a escola oferece aos seus filhos.

Podemos, então, dividir as atividades com o *YouTube* em dois macro-grupos: a) atividades de contemplação passiva; b) atividades de produção e publicação de vídeos, dessa forma colaborativa. Ambas as atividades podem contemplar qualquer disciplina da grade curricular, em qualquer nível escolar.

Para atividades passivas, o professor pode sugerir o uso da ferramenta como fonte de pesquisa para a discussão de assuntos específicos. O aluno buscará, no vídeo, as informações necessárias para realizar as tarefas pretendidas pelo professor, escola ou pelo grupo de alunos. Essas informações servirão como recurso bibliográfico para o desenvolvimento de trabalhos escritos; também à realização de debates, provas, testes seminários e qualquer tipo de atividade que envolva basicamente pesquisa de conteúdos. A pesquisa pelos vídeos pode ser trabalhada na escola, em sala de aula, no laboratório de informática, em casa, ou em outro local onde o aluno tenha acesso à internet.

Em atividades colaborativas como a produção e divulgação de algum tipo de documentário ou pequeno filme, necessitaremos identificar o papel de cada participante na realização do projeto, além dos recursos a serem utilizados. Alguns pontos básicos devem ser seguidos para o sucesso desse projeto, o que provavelmente envolverá a utilização de outras mídias, tais como livros, computador com programas específicos como o *MovieMaker*, câmeras fotográficas, filmadora, gravador e reproduzidor de som, entre outros.

Embora esse tipo de atividade seja mais difícil de ser realizado, pois, além de pedir maior capacidade e domínio do professor para com o uso de diversas mídias, requer maior suporte por parte da escola, no caso da escola pública, ou dos próprios alunos. Em instituição privada, é o tipo de atividade que pode apresentar os melhores resultados devido às várias etapas que serão percorridas pelos alunos para a realização do projeto. Os



Fig. 08

procedimentos básicos que devem ser tomados e podem determinar se a atividade será viável ou não, geralmente, são:

- trabalho na preparação de efeitos sonoros e gestão do som e da música, caso haja trilha sonora;
- coordenação e preparação de cenários, para tomadas internas, e providência de deslocamento e avaliação de locações para tomadas externas;
- desenvolvimento ou escolha do tema, roteiro do projeto.

Após a realização da produção do vídeo, o controle da escola anteriormente citado entra em ação para que o conteúdo seja analisado e devidamente publicado para a apreciação de todos através do *YouTube*. Nessa etapa, poderá ser necessária a criação de contas na plataforma, o que exige explícita autorização dos pais e/ou responsáveis pela publicação. Esse material poderá servir para aulas de atividades passivas, apresentação em ocasiões especiais, tais como seminários e eventos de maior porte ou como trabalho final de disciplina.

Finalmente, a publicação do vídeo possibilitará acesso fácil e livre a todos da comunidade, em qualquer local, ou por outros alunos e internautas interessados no assunto em qualquer parte do mundo.



Mãos à obra

Não nos parece mais tão difícil imaginarmos o *Youtube* no espaço escolar. Mais uma vez, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que aprendemos. Vamos, então, realizar a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluí-la.

1. Em sua opinião, na prática pedagógica, é realmente possível acontecer uma utilização consciente do **Youtube** no espaço escolar? Comente, justificando a sua resposta.

2. Que tipos de atividades o texto, que você acabou de ler ,apresenta como possibilidade de uso dessa ferramenta para fins pedagógicos? Caracterize-as.

3. Mesmo com a simplicidade de acesso ao *YouTube*, quais as maiores dificuldades para a produção de material autêntico e posterior publicação na internet?

O *YouTube* nas aulas de línguas estrangeiras

Parece que a tarefa mais difícil para o professor da atualidade é prender a atenção dos alunos, que, por sua vez, estão cada vez mais conectados às novas tecnologias. Para o professor de línguas estrangeiras, em especial, esse novo hábito dos alunos pode ser um facilitador para o desenvolvimento das chamadas competências comunicativas, que é o desenvolvimento e aprimoramento da capacidade em compreensão e expressão escrita e oral.



Fig. 09

Em sala de aula, a utilização do *YouTube* pode vir a ser fator encorajador para que os alunos desenvolvam melhor essas habilidades, o que pode tornar-se em um bom motivo para incluir essa rede social no planejamento e na rotina profissional do professor. Essa ferramenta oferece conteúdos diversos na língua-alvo que podem servir como recursos didáticos para o desenvolvimento de discussões orais e/ou escritas em aula. Incentivar os alunos a participarem desse tipo de aulas, compartilhando com eles vídeos que serão relevantes para o desenvolvimento das habilidades e conhecimento enciclopédico, pode facilitar o relacionamento em sala de aula. Desde que bem selecionados, alguns conteúdos audiovisuais específicos podem mostrar diferentes pontos de vista sobre uma determinada cultura, fomentando debates e discussões na própria língua a ser aprendida.

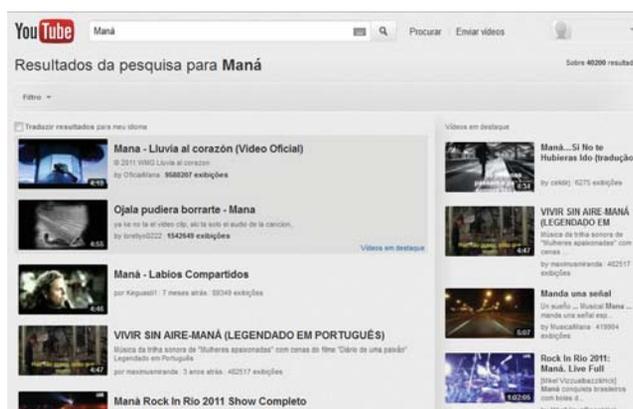


Fig. 10

A prática de armazenar todos os vídeos de que o aluno necessita em um só lugar é outra grande vantagem para esse tipo de aprendizagem, pois, somente os conteúdos na língua-alvo, o espanhol, por exemplo, ficarão organizados em listas de reprodução sequenciadas. Para tal, basta criar uma conta gratuitamente nessa interface para ter acesso às listas. Elas permitem a organização de vídeos favoritos o que faz com que um usuário não precise selecionar apenas os vídeos publicados por ele,

porque a própria lista de reprodução do professor, do curso, da turma, poderá conter vídeos publicados por outros usuários cadastrados no *Youtube*. Há uma ferramenta que faz com que, quando um vídeo termina de ser exibido, o que está na sequência da lista comece, sem que surjam outros vídeos que podem até estar relacionados aos temas propostos pelo curso, mas que não interessam ao seu propósito didático para determinada aula. Essas listas tornam mais confiável o material que será acessado pelos alunos, pois o professor pode garantir a confiabilidade no conteúdo hospedado em seu canal.



Fig. 11

O *YouTube* pode servir como material de revisão para atividades em todas as habilidades, bastando apenas que o professor ou a turma de línguas monte um acervo virtual de todos os vídeos realizados na sala de aula. Com uma câmera fotográfica, ou mesmo um simples celular que capture imagens e sons, é possível salvar todos ou alguns projetos e discussões realizados em sala de aula, entre professores e alunos,

mesmo os trabalhos escritos. Com esses registros, através do *YouTube*, todos terão acesso em qualquer lugar e a qualquer momento (na rede) ao rico material produzido, que pode servir ainda como base para revisões e análises críticas ulteriores de todo o conteúdo. Esses registros ainda podem se transformar em material pedagógico de referência para outros usuários com os mesmos objetivos, pois qualquer vídeo armazenado no *YouTube* poderá ser facilmente acessado por outras pessoas fora da escola.

Existem tutoriais prontos nessa plataforma com vídeos confiáveis e relevantes, o que permite aos alunos o acesso e o contato direto com os conteúdos que interessam a eles, e, além disso, com a cultura representada por esse material. Esses tutoriais tornam acessíveis conteúdos que vão desde a apresentação de aspectos gramaticais da língua espanhola até o estudo de vocabulário e, principalmente, permite a familiaridade com o idioma, em virtude do acesso constante aos materiais audiovisuais que podem vir em forma de videocliques, trechos de programas populares de países de língua hispânica, trechos ou *trailers* de filmes, documentários e vídeos amadores.

Para trabalhar diretamente com a escrita e a oralidade, os alunos podem desenvolver apresentações contendo narrações em slides sobre o conteúdo da aula a ser estudada para serem usados na própria sala. O mecanismo de canal de vídeo para contar uma história ou apresentar conteúdos gramaticais oferece um material de apoio mais bem elaborado que programas como *PowerPoint* com a vantagem de poder ser praticado e consultado posteriormente fora do espaço escolar.

Incentivar os alunos a produzir e compartilhar conteúdos no *YouTube* é uma ótima tarefa para o desenvolvimento de todas as habilidades que envolvem a aprendizagem de uma LE. Devemos lembrar que a atual geração já nasceu em meio às novas tecnologias e por isso o professor pode aproveitar o que eles já sabem sobre elas, além dos artefatos que eles já possuem, tais como câmeras digitais e/ou smartphones que podem ser utilizados para filmar as experiências feitas nas aulas de língua espanhola. Esse conteúdo pode ser disponibilizado na rede, não perdendo de vista a questão do controle aqui abordado. Possivelmente, essa ação pode incentivar ou motivar os alunos a participarem ativamente das aulas.

O *YouTube* também permite a inserção de comentários sobre os vídeos armazenados, o que pode propiciar um bom canal para que os alunos possam comentar as atividades, tirar suas dúvidas, de preferência na língua-alvo, ainda compartilhando essa experiência com outros alunos e usuários dessa plataforma. Esse mecanismo serve como canal de comunicação direta com usuários de outros países e culturas diferentes, proporcionando melhor desenvolvimento de competência intercultural,



Fig. 12

principalmente para alunos que não têm contato com nativos da língua a ser aprendida. É uma maneira simples de socialização com a realidade da outra cultura.



Mãos à obra

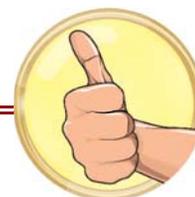
No espaço virtual, você vê e ouve o mundo real, ao vivo e em cores, compartilhando seu mundo e conhecendo o mundo do outro. Nesse sentido, o *YouTube* pode te levar além dos limites geográficos da escola. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

1. Com base em seus conhecimentos prévios e nas leituras proporcionadas por esta aula, como você entende a utilização do *Youtube* dentro das aulas de LE?

2. De acordo com o texto que você acabou de ler, faça uma reflexão quanto às possibilidades do uso dessa plataforma como ferramenta de aprendizagem em aulas de espanhol.

3. Aponte um ou mais recursos do *YouTube* que mais lhe chamou a atenção, no que tange ao ensino de LE, justificando a sua resposta.

Já sei!



Descobrimos mais uma interface da internet que vem revolucionando a maneira como enxergamos o mundo ao nosso redor: o *YouTube*. Através dessa aula, foi possível vislumbrar suas principais ferramentas e a sua capacidade de unir milhares de pessoas em torno de suas várias funcionalidades. À semelhança das aulas anteriores, procuramos entender como as características e propósitos originais para a utilização dessa ferramenta facilmente podem ser deslocados para o espaço pedagógico.

Mais uma vez, considerando todas as características e recursos proporcionados pela utilização da internet que afetam o dia a dia dos nossos alunos, em sua maioria que já nasceram e estão crescendo com a presença constante dessas novas mídias, com toda a possibilidade de conectividade com o outro, com a convergência de todas as mídias em um só canal de distribuição de conteúdos, o *YouTube* se destaca dentre todas as ferramentas das novas tecnologias da informação e da comunicação tornando-se atraente pelo poder da fácil utilização da imagem, o que o torna um recurso ideal para o estreitamento entre conteúdos, uma vez que professores e alunos podem compartilhar conhecimentos mais rebuscados de maneira simples.

Postagem de vídeos na internet torna-se uma extensão do que se pratica em sala de aula por meio da utilização controlada e responsável do poder da imagem que agrega texto, iconicidade e sons. A multiplicidade de ferramentas pode ajudar o professor no desenvolvimento de aulas mais atrativas e facilitadoras, na disseminação de conteúdos e no trabalho com atividades linguísticas, além de favorecer o aluno que, possivelmente, já conhece a ferramenta utilizada como material didático e é também usuário facilitador do entendimento dos mecanismos que fazem funcionar essa fantástica interface. A publicação dos conteúdos em ambiente de fácil e rápido acesso possibilita a reavaliação constante da própria aprendizagem. Sua utilização, naturalmente, já favorece ao desenvolvimento de competências comunicativas, pois abre para o aluno um leque de possibilidades de se enxergar a língua-alvo, seus falantes e diferentes culturas.

A característica colaborativa do *YouTube* e sua expressiva aceitação entre os usuários da internet são aspectos facilitadores que podem ser considerados como altamente atrativos para o ensino de língua espanhola, haja vista que, além de ser ótimo canal de distribuição de conteúdos específicos para o melhor desenvolvimento de atividades direcionadas, também desempenha naturalmente uma atração pela possibilidade de “ensinar” por meio da informação e do entretenimento.

Mesmo que a TV e o cinema continuem a dominar as atividades e os espaços a que se propõem, é possível que uma maior presença do *YouTube* dentro do espaço escolar contribua diretamente para a diminuição da utilização de mídias audiovisuais mais antigas nas escolas.



Autoavaliação

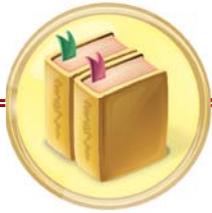
Com a sua simplicidade e fácil acesso, o *YouTube* parece ser a interface mais acessada quando o assunto é informação e entretenimento. Trata-se de um espaço genuinamente colaborativo onde o outro aparece tal como é, na maioria dos casos, sem pseudônimos ou máscaras. O acesso rápido e direto às informações que circulam no dia a dia e a possibilidade de descobrir o novo pelo contato visual fazem com que, cada vez mais, as pessoas compartilhem suas vidas, desejos, aspirações, gostos da forma mais direta possível. Sua capacidade de armazenamento audiovisual facilita uma verdadeira extensão da memória humana, memória essa que

não é formada apenas por palavras, mas têm diferentes formas, sons, cores, movimentos, vida. Essa interface pode desenvolver motivação para a aprendizagem de uma língua estrangeira apenas pela curiosidade humana em conhecer o outro por completo. O acesso repetido ao conteúdo possibilita releituras de conteúdos, práticas de habilidades linguísticas e várias atividades que podem ser realizadas a partir da observação orientada ou não, em qualquer lugar e a qualquer momento. A publicação, em rede, da própria imagem, com responsabilidade, pode fazer com que o ser humano se sinta aceito e verdadeiramente participante de um mundo que parece, por vezes, distante, mas que, com o advento do *YouTube*, está a apenas um clique do próximo usuário que acessar a rede.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

1. Acesse a internet e navegue por alguns vídeos do *YouTube* ([HTTP://www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)).
 - a) Dê preferência aos vídeos em língua espanhola para facilitar o desenvolvimento de competências interculturais de língua hispânica. É possível acessar vídeos de músicas, filmes, programas de TV, ou mesmo, vídeos amadores relacionados a assuntos dos mais variados. Não acesse vídeos marcados como inadequados.
 - b) Procure listar os tipos de vídeos que você consegue uma melhor compreensão em língua espanhola. Tente identificar que aspectos e/ou particularidades desses vídeos facilitam o entendimento.
 - c) Se você é cadastrado no *YouTube*, compartilhe os seus vídeos com os colegas da turma.
2. Se possível, a turma deve produzir um texto sobre essa aula e publicá-lo no *Youtube*. Após a publicação, cada aluno deve colocar o seu comentário sobre o vídeo, identificando seus pontos positivos e negativos, dentro de um projeto pedagógico, para a utilização dessa interface na escola, especificamente no aprendizado de língua espanhola.

Atenção! Organize a atividade em um vídeo e poste-o no YouTube.



Leitura complementar

1. Acesse o *Google books* e leia os seguintes livros ou capítulos de livro:

La Lectura Digital en el Ambito de la Universidad Veracruzana.

Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=EKptBQc3LNMC&pg=PA63&dq=youtube+en+escuela&hl=pt-BR&ei=N-_mTv6XOJPMtgeu8dGECg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=6&ved=0CFgQ6AEwBTgK#v=onepage&q=youtube%20en%20escuela&f=false

Aprendizaje Invisible. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=gRm1NfSWWqsC&pg=PT91&dq=youtube+en+escuela&hl=pt-BR&ei=N-_mTv6XOJPMtgeu8dGECg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CEAQ6AEwATgK#v=onepage&q=youtube%20en%20escuela&f=false/

YouTube, el mediador de la cultura popular en el ciberespacio.

Disponível em: http://www.ull.es/publicaciones/latina/200717Denis_Reno.pdf

Vídeos do *YouTube*

1. Acesse o *YouTube* ([HTTP://www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)) e assista aos seguintes vídeos:

Elementos Paraverbales en la Comunicación Oral y Escrit. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OdekvoLOvYs&feature=related>

Elementos de la comunicació. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=hnmIpKcN_04&NR=1&feature=endscreen

El Gato con Botas ~ Trailer 2 Español Latino ~ FULL HD. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cVg61MHyLxg>

Cnn en español ironiza temporal no RJ: rios em Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tasMa3eBVsY>



ALVARO, A. **YouTube**. São Paulo: Editora Santos, 2008.

ENRICONE, D. **Professor como aprendiz**. Saberes docentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

PECHI, D. **8 razões para usar o Youtube em sala de aula**. Revista Gestão Escolar. Sessão formação de Professores. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2011.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://blog.opovo.com.br/educacao/files/2011/09/imagesCAM27XPH-150x120.jpg>

Fig.2 – http://www.undergoogle.com/blog/uploaded_images/cartoonoogle.jpg

Fig.3 – http://1.bp.blogspot.com/-O_dGTS3rMmk/To0Sz8Pe2TI/AAAAAAAAAac/sxqIqdtqhA0/s1600/youtube.jpg

Fig. 4 – http://www.youtube.com/watch?v=Pz4vQM_EmZI

Fig. 5 – http://4.bp.blogspot.com/_hEx5sJz32ds/TL0G9DnMkcI/AAAAAAAAACcc/KxJMb6N7zgY/s400/charge_youtube.jpg

Fig. 6 – <http://cdn.mundodastribos.com/wp-admin/uploads/2011/07/Youtube-11-300x238.jpg>

Fig. 7 – http://4.bp.blogspot.com/_B3P1WUK-qzg/S9HUWhsOQ9I/AAAAAAAAADE/gD05ztwsm10/s1600/youtube.jpg

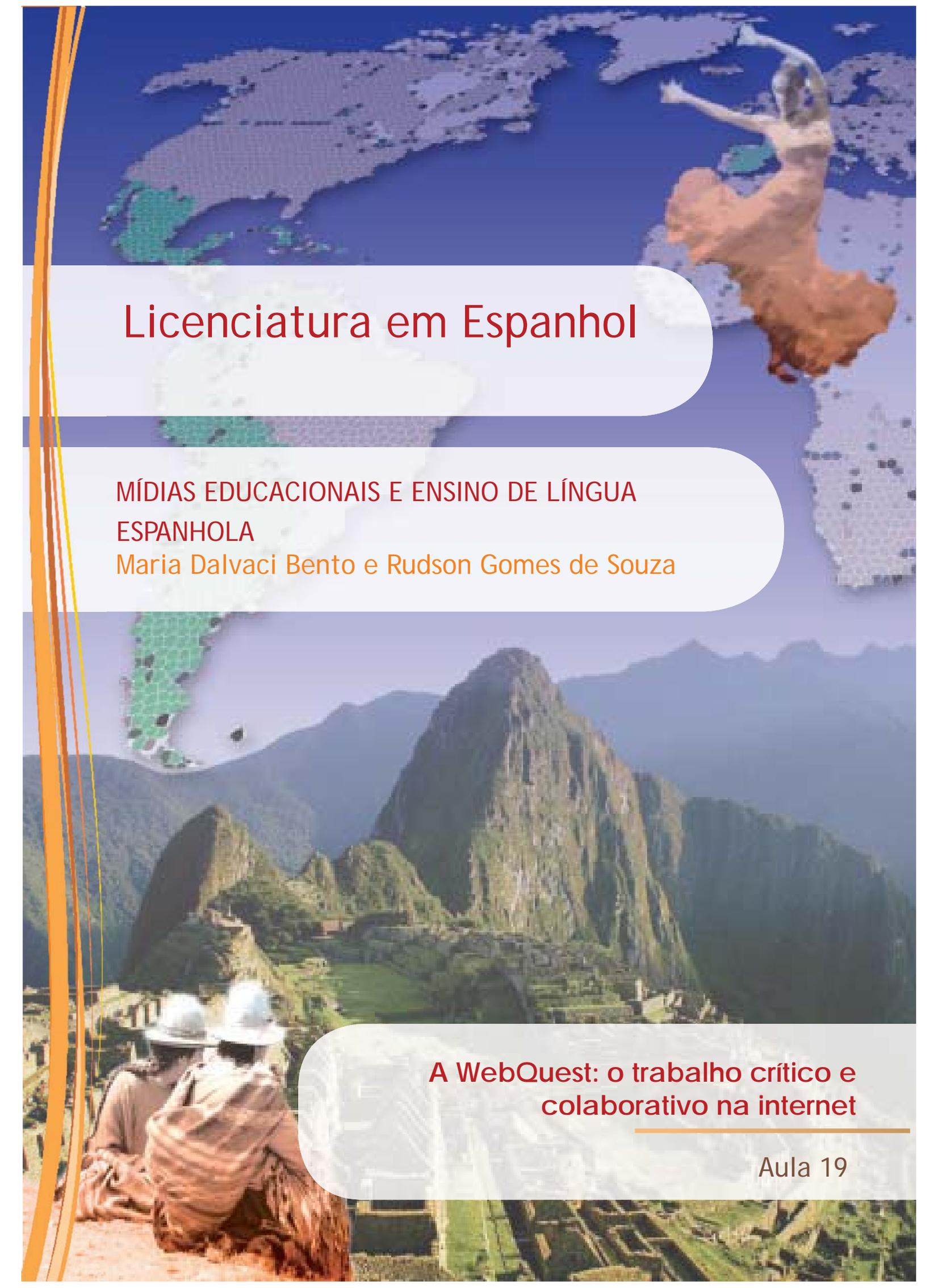
Fig. 8 – <http://www.mini-movie-maker.com/images/remixer.jpg>

Fig. 9 – <http://www.youtube.com/watch?v=qK5OOTWUKyQ&feature=related>

Fig. 10 – http://www.youtube.com/results?search_query=Man%C3%A1&oq=Man%C3%A1&aq=f&aqi=g4&aqi=&gs_sm=e&gs_upl=582981589701015930414101010101290182711.0.31410

Fig. 11 – <http://www.youtube.com/watch?v=hPpKMc2qhiA&feature=fvwrel>

Fig. 12 – <http://www.youtube.com/watch?v=Y06zFKNoPI4&feature=related>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

**A WebQuest: o trabalho crítico e
colaborativo na internet**

Aula 19

Aula 19

A WebQuest: o trabalho crítico e colaborativo na internet

Apresentação e objetivos

Estamos quase chegando ao final da nossa navegação pela internet e suas nuances educativas. Entretanto, olhando para trás, sobre várias possibilidades de aprendizagem de línguas estrangeiras pela internet, percebemos que, em grande parte das tentativas de aplicação de métodos de aprendizagem, por meio das novas mídias, encontramos dificuldades em conseguir integrar de fato essa interface em sala de aula.



Fig. 01

Além de o professor, agora fazendo mea-culpa, raramente possibilitar à existência de uma sistematização dos objetivos a serem atingidos, o que acarreta em não orientação ao que o aluno deve desenvolver para o seu próprio aprendizado, há uma constante disparidade entre as pesquisas quanto ao uso de internet na escola e suas reais possibilidades. Não obstante, tal diversidade de informações tem como consequência o insucesso escolar, de professores na aplicação de novas abordagens e de alunos na aprendizagem por meio dessas.

Nesta aula, procuramos compreender o porquê de a WebQuest estar chamando a atenção de alguns pesquisadores por se tratar de uma metodologia de pesquisa própria da internet que é direcionada para o processo ensino-aprendizagem, e pretende o estímulo ao pensamento crítico e à pesquisa.

Ao final desta aula, você deverá:

- compreender conceito e procedimentos básicos da WebQuest;
- reconhecer elementos estruturais necessários à produção de um ambiente de colaboração crítica de conteúdos da internet, especificamente, em língua espanhola;
- identificar especificidades quanto a outros tipos de novos ambientes colaborativos.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Depois de percorrermos as Redes Sociais mais famosas e especificamente o YouTube, observaremos de perto o desenrolar de novas séries de aplicações colaborativas que estão surgindo na internet, com maior aprofundamento sobre a WebQuest como metodologia para o aprendizado crítico de línguas.

Nesta aula, fazemos um convite a você para refletirmos, juntos, a respeito dos procedimentos que envolvem essas plataformas colaborativas e seu estreito laço com a educação em ambientes virtuais de aprendizagem. Embora seja acessório novíssimo e pouco conhecido, esse terreno é fértil em propiciar ambientes participativos que aproximam professor, aluno e conteúdos de maneira bem mais justa e coerente em se tratando de intermediação de ensino e papéis entre professores e alunos nesse processo.

Sabemos que a novidade pode produzir inspiração, motivação e admiração, mas, ao mesmo tempo, traz consigo, num primeiro momento, apreensão e distanciamento pela dificuldade de compreensão na utilização de recursos que cada vez mais estão se desenvolvendo dentro de um verdadeiro processo de mutação que não parece ter mais fim. De qualquer maneira, nosso papel agora é quebrar a barreira inicial do desconhecido e navegarmos por entre interfaces de colaboração de conhecimentos múltiplos e específicos.

Qual o professor que não deseja uma oportunidade de propiciar um ambiente de trabalho mais autônomo e colaborativo à aprendizagem da sua disciplina e, ao mesmo tempo, ter condições de levar o seu aluno a desenvolver um senso crítico quanto aos conteúdos aprendidos em sala de aula? E se tivéssemos parâmetros mais claros sobre como navegar por entre essas novas possibilidades, demonstrando ao nosso aluno que podemos acompanhar a evolução tecnológica tornando-a aliada dentro do nosso campo de trabalho, muitas vezes, tão limitado?

Sendo assim, navegaremos entre conceitos metodológicos e possibilidades de utilização desses novos ambientes colaborativos.

Bons estudos!



1. A WebQuest na escola

1.1 Colaborando no processo de compreensão

Parece não ser mais novidade para ninguém que as nossas escolas estão em meio a um novo momento de grande transformação, com a chegada da chamada globalização, dentro do sistema de ensino-aprendizagem de línguas, principalmente com o advento das novas tecnologias e, principalmente, com a chegada da internet, que possibilita o acesso a um mundo de informações antes inimaginável, o que pede ao aluno e professor novas formas de pensar e construir o conhecimento. O que antes era individual, agora é coletivo e particular ao mesmo tempo.

Segundo Piaget, o que conhecemos como processo de construção do conhecimento "significa assimilar o objeto a esquemas mentais. Logo o sujeito aprende quando a estrutura cognitiva é reajustada pela incorporação de um elemento novo". (La Rosa, 2003, p.119).

Sendo assim, como qualquer outro instrumento utilizado para fins educacionais, se o objetivo é a busca de um sujeito mais crítico, que produz um conhecimento consciente, esse instrumento deve oferecer uma multiplicidade relevante de possibilidades de aprendizagem a fim de permitir que o aluno reflita e seja estimulado frente às questões que vão surgindo no meio do percurso. Certamente, que a Internet, tomando para si esse papel como a grande tecnologia da informação e comunicação, pode ser uma interessante ferramenta para a escola e as grandes transformações que ela enfrenta atualmente. A Internet possibilita essa gama variada de recursos que podem contribuir para a transformação da sala de aula em um espaço mais ativo para alunos e professores, em detrimento ao velho ambiente de passividade sem qualquer sinal de colaboração, onde o currículo ainda supera a instrução que deveria estar centrada no aluno.



Fig. 02

Não nos parece suficiente pensar que, por causa do uso da internet dentro da esfera escolar, vá existir, instantaneamente, um ambiente colaborativo. Ainda teremos o grande desafio de contar com professores preparados e capacitados para estimularem e serem capazes de apresentar tarefas para o uso da internet. Faz-se necessária uma mudança de postura nos professores para que a forma de ensinar exija um novo papel para a escola com a adoção de novas tecnologias ou ferramentas de aprendizagem.



Fig. 03

Necessitamos quebrar a inércia de professores meros navegadores da internet, acomodados com suas anotações superficiais em sala de aula, o que pouco poderá contribuir para que se concretize a tão aguardada ou desejada mudança para melhor na esfera educacional e, principalmente, em um ganho de aprendizagem para o aluno depositado na entrada da

internet na escola.

Acreditar que a internet é uma solução pronta e acabada para resolver todos os problemas educacionais, por meio da utilização de computadores no espaço escolar, não é algo que se possa permitir passar pelas mentes dos que fazem a educação em nosso país. As possibilidades devem, então, serem mapeadas e a WebQuest pode ser uma delas.

2. Entendendo a WebQuest



Fig. 04

No ano de 1995, um professor de tecnologia educacional da Universidade Estadual de San Diego desenvolveu um novo formato de atividades baseados na linguagem da World Wide Web. Bernie Dodge desenvolveu lições orientadas para um tipo de pesquisa que pudesse carregar todas ou algumas informações com as quais os alunos pudessem interagir a partir de fontes da própria internet. Essa noção de “aventura na Web” passou a ser desde então adaptada e reconhecida por professores de diferentes partes, principalmente

na América do Norte, como uma boa opção para a integração da internet com os conteúdos educacionais, o que poderia promover corretamente a escola virtual.

Segundo Yoder (1999), essa abordagem mostrou-se como um útil recurso pedagógico que provocava a reflexão e ao mesmo tempo favorecia uma aprendizagem mais cooperativa e colaborativa entre professores e alunos.

2.1 Tipos de atividades com WebQuest

Podemos classificar a WebQuest com dois tipos padrões de atividades: curta-duração e longa-duração. Numa atividade de WebQuest de curta-duração, ou seja, que ocupa no máximo três aulas, o objetivo almejado provavelmente se resumirá à aquisição e / ou integração de conhecimentos. Os alunos recebem uma grande quantidade de

informações da WWW, trabalhando de maneira isolada ou, na maioria das vezes, de forma colaborativa, a fim de dar novos significados a essas novas informações adquiridas enquanto constroem o produto final da aula. O trabalho pode ser apresentado em forma de texto, *slides*, outros tipos de apresentações multimídias ou mesmo pela construção de *webpages*. Todo esse processo que envolve a pesquisa até o desenvolvimento em si do produto pode ser uma estratégia interessante para desenvolver nos alunos o pensamento crítico, tomada de decisões, capacidades criativas.



Uma WebQuest de longa-duração pode ser desenvolvida por semanas, ou até mesmo um mês. Nesse tipo de atividade, busca-se atingir níveis mais elevados do que na de curta-duração. Há uma tentativa maior para a ampliação e refinamento do conhecimento por parte dos alunos. Com o desafio maior, a análise feita pelos alunos, das informações disponíveis na WWW, integra-se com outros materiais e, por meio da capacidade de conhecimento dos alunos, a compreensão é compartilhada com a turma.

Marzano (1992) inclui como habilidades de pensamento exigidas por uma atividade de WebQuest de longa-duração:

- Comparar: identificar e articular similaridades e diferenças entre coisas.
- Classificar: agrupar coisas em categorias definíveis com base em seus atributos.
- Induzir: inferir generalizações desconhecidas ou princípios a partir de observações e análises.
- Deduzir: inferir consequências não declaradas e condições a partir de princípios e generalizações.
- Analisar erros: identificar e articular erros no pensamento próprio ou de outros.



Fig. 05

- Construir apoio: construir um sistema de apoio ou prova para uma afirmação.
- Abstrair: identificar e articular o tema subjacente ou modelo geral de informação.
- Analisar perspectivas: identificar e articular perspectivas sobre questões ou temas.



Mãos à obra

Agora que você compreendeu um pouco mais sobre a WebQuest como recurso pedagógico, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluir a atividade.

Atividade 1:

1. Com base no conteúdo que você estudou até agora, responda às questões que seguem.
 - a) Iniciamos a aula abordando a questão da utilização da internet na escola. Como você avalia a presença dessa mídia na esfera escolar?
 - b) Como relacionar a ideia de que a internet já vem pronta para o uso em sala de aula com a concepção desta aula? Aponte evidências no texto.
2. Explique o que você entendeu sobre a WebQuest em termos de conceito, apresentação de resultados e características.
3. Sobre os tipos de WebQuest, responda:
 - a) Quais as características da WebQuest de curta-duração?
 - b) Que habilidade da WebQuest de longa-duração exige que o aluno construa uma prova para uma afirmação?

3. A Wikipédia

Neste ponto da aula, faremos algumas considerações quanto a uma plataforma de informações que vem revolucionando a pesquisa por verbetes: a Wikipédia.

Em aulas anteriores, mais específicas sobre dicionários e enciclopédias, assinalamos para a transformação pela qual esses tipos de impressos vêm passando. Não podemos afirmar que esse tipo de livro caiu em desuso, ou tampouco que perdeu a sua utilidade e, muitas vezes, o seu encanto. Contudo, a internet tem revolucionado a forma com a

qual, principalmente, os jovens têm lidado com o acesso aos verbetes e a Wikipédia aparece como a grande novidade dentre os vários dicionários online justamente pela sua característica puramente colaborativa.

O projeto Wikipédia foi iniciado em 15 de janeiro de 2001 por Jimmy Wales e Larry Sanger, em uma versão em língua inglesa. Trata-se de uma enciclopédia online, que se baseia no modelo de uma linguagem derivada de um software livre conhecido como Wiki Wiki. Esse termo – Wiki – foi utilizado para identificar exemplos específicos de coleção de documentos do programa de computador usado no processo de sua criação ou na coleção de informações por hipertexto. A característica mais marcante dessa enciclopédia está na facilidade com que páginas são criadas e alteradas sem que haja qualquer tipo de revisão anterior a esse processo, sendo a grande maioria dessas Wikis abertas a todo o público ou, no mínimo, àqueles que têm acesso ao seu servidor. Nem mesmo qualquer tipo de registro é obrigatório aos seus usuários.

Hoje, a Wikipédia é a maior enciclopédia do mundo em números (espetaculares) de artigos e verbetes. As famosas enciclopédias impressas estão online, mas os números não deixam dúvida do fenômeno trazido pelas wikis. Para termos uma ideia do seu poder e capacidade de gerenciamento de informações, basta atentarmos para o fato de que, enquanto ela completou apenas uma década em 2011, a famosa Enciclopédia Britânica, que possui 236 anos, chegou com a sua versão online também em 2001. Nesse mesmo espaço de tempo, a Wikipédia chegou a aproximadamente 57 vezes o número de verbetes da Enciclopédia Britânica e a 25 vezes o número de artigos. É traduzida para mais de 205 línguas e dialetos frente a apenas pouco mais de sete línguas da Encarta e apenas um idioma da Britânica.

O que explica o seu imenso sucesso é justamente o seu modelo colaborativo e aberto, onde milhares de colaboradores frequentemente escrevem, traduzem, corrigem esses artigos e verbetes, seguindo algumas normas de conduta do website, sem custos para quem acessa ou colabora nas informações. É fato que a Wikipédia gera controvérsias desde a sua criação, principalmente, pelo seu caráter indiscutivelmente livre que permite a qualquer pessoa inserir uma informação sobre qualquer tipo de assunto, mas é esse papel colaborativo que a torna uma ferramenta ou interface extremamente eficiente e fascinantemente colaborativa e cooperativa.



Fig. 06

Wikipedia: Bienvenidos

Te encuentras en Wikipedia en español, un proyecto para construir una enciclopedia libre en nuestro idioma, comenzado el 20 de mayo de 2001 y que ya cuenta con **862.024 artículos**.

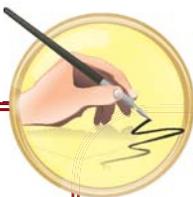
Wikipedia crece cada día gracias a la participación de gente de todo el mundo. Es el mayor proyecto de recopilación de conocimiento jamás realizado en la historia de la humanidad.

Estamos encantados de haber llamado tu atención, y te invitamos a colaborar mejorando los artículos y creando los que faltan. Todo el mundo es un pequeño o gran experto en algo; quizás te dediques a la enseñanza o a la investigación, o bien tengas acceso a información sobre la historia de tu ciudad, o te encante el ajedrez, o seas un gran fan de alguna serie de televisión o tipo de música. Hay miles de posibilidades; seas quien seas, ¡tú puedes contribuir con tu saber en esta monumental obra.

Contenido [ocultar]

- 1 Las normas básicas de Wikipedia
 - 1.1 Los cinco pilares de Wikipedia
 - 1.2 Normas sobre la calidad
 - 1.3 Por último...
- 2 Cómo puedes colaborar
- 3 El futuro de Wikipedia
- 4 Véase también

Fig. 07



Mãos à obra

Como o trabalho com a metodologia de WebQuest presume a busca constante de informações e materiais na internet, faz-se necessária uma reflexão quanto ao que conhecemos da Wikipédia. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos depois de concluí-la.

Atividade 2:

1. Sobre a origem da Wikipédia responda:
 - a) Qual a ideia principal da Wikipédia?
 - b) De acordo com o que você leu, e que você entendeu pelo termo wiki?
2. Refletindo quanto aos conteúdos presentes nos dicionários e enciclopédias impressos, qual a grande vantagem da Wikipédia?
3. Considerando as características dessa interface virtual, cite algum tipo de desvantagem ou problema em se trabalhar com a Wikipédia, justificando a sua resposta.

4. A estrutura de uma atividade de WebQuest



Fig. 08

Uma WebQuest possui alguns atributos críticos, o que dá forma aos seus principais componentes. Introdução, tarefa, processo, fontes e conclusão são, portanto, os atributos estruturantes de uma atividade em WebQuest.

A Introdução propõe-se a fornecer as informações básicas sobre toda a atividade, buscando primordialmente estimular o interesse dos alunos para a realização das tarefas geralmente interessantes e concretas nesse tipo de atividade. É na introdução onde se desenham os cenários e a parte introdutória aos temas

propostos aparece nesse ponto do trabalho. A questão da pesquisa é colocada e a sua relevância com experiências vividas pelos alunos ou suas metas futuras, além do lado atrativo e interessante da tarefa, a sua importância e suas implicações gerais podem fazer com que a atividade seja interessante para o aluno.

Para a Tarefa, cabe uma descrição mais clara, embora de cunho geral, do que se espera para resultado da atividade dos alunos. O resultado pede um produto concreto que deverá ser desenvolvido pelos alunos, como um texto, apresentações ou outros tipos de produtos anteriormente apresentados. É comum que toda essa produção seja desenvolvida de maneira cooperativa por meio de estímulo mútuo entre os trabalhos dos participantes envolvidos com a tarefa o que desenvolve competências necessárias para uma convivência mais produtiva no que chamamos de mundo globalizado.

A tarefa mais comum do WebQuest coloca o aluno para dar nova roupagem ao que aprendeu, desde que não signifique buscar na WWW a resposta pronta ou pré-determinada para a tarefa. A releitura e reescrita do produto requer o desenvolvimento de recontar o que aprendeu, compilando informações de diferentes fontes que serão posteriormente organizadas em um lugar ou formato comum para a resolução de mistérios, jogos criativos, etc., a partir de um plano de ação. Esse produto desenvolve a construção de consenso e de argumentos persuasivos de análise e julgamentos.

Para o cumprimento dessa tarefa, são descritos passos essenciais por meio de um Processo que serve tanto para a orientação dos alunos na organização das informações e desenvolvimento do trabalho quanto para sugerir a escala de tempo necessária para o desenvolvimento desses passos buscando a otimização do tempo dos alunos.

Para o cumprimento das tarefas, os alunos buscam informações em *webpages*, como a Wikipédia, indicadas através de hipertextos. Essas Fontes de informação permitem um acesso imediato aos sites da WWW selecionados pelo professor para a realização da atividade, o que não significa que os alunos ficarão restritos às fontes previamente selecionadas, mas pode estimular a criatividade dos alunos na busca de fontes similares ou complementares, permitindo-lhes praticar a busca de informações na WWW. Esse recurso é bem visto porque evita a dispersão e aponta para um produto completo por meio de um amplo uso da internet. A etapa de seleção dessas fontes prévias possivelmente será a que demanda mais empenho do professor, exigindo maior capacidade técnica e crítica na escolha de conteúdos seguros, interessantes e eficientes.

No passo seguinte, a Conclusão exigirá a reflexão quanto ao que os alunos aprenderam com a atividade e todos os fatores que cercaram a concretização do produto final, como o estímulo e o encorajamento para a aprendizagem do tema ou assunto pesquisado.

5. O Google Docs e a WallWisher

Outros ambientes colaborativos surgem como estratégia de compartilhamento de informações e realização de tarefas. Podem servir como produtos finais ou etapas de WebQuest.



Fig. 09

Um recurso bem interessante e que já vem sendo bastante utilizado nessa perspectiva cooperativa é o Google Docs, que nada mais é do que uma suíte "Office" *online* e gratuita bastante utilizada por quem tem que criar documentos. É possível criar planilhas, cartas, apresentações, tudo totalmente *online*. Para quem realiza trabalhos em grupo, é ferramenta ideal para compartilhar documentos em que cada aluno participante da tarefa poderá fazer suas próprias atualizações, além de ter a certeza de que o trabalho estará armazenado no servidor do Google, sem correr o risco de perder essas informações caso necessite, por exemplo, formatar o computador. Para utilizar o Google Docs, é necessário ter uma conta no Google para, a partir daí, criar os documentos e realizar a tarefa colaborativa. Essa é uma boa maneira de ter acesso a um verdadeiro Office da Microsoft online. O ideal é ter as tarefas armazenadas *online* e baixadas no computador para a criação de *backup*.



Fig. 10

Uma interface bem menos rebuscada, mas bastante atrativa para a inserção do debate em sala de aula é a WallWisher. Esse *website* funciona basicamente como um mural virtual onde é possível postar avisos, conteúdos, multimídia e notas explicativas de maneira fácil e intuitiva. Embora haja limite de caracteres nas mensagens postadas, trata-se de uma

interface bastante colaborativa. O acesso é feito através do endereço eletrônico <http://www.wallwisher.com>.

Mãos à obra



Ambientes colaborativos desenvolvem o trabalho crítico e estimulam a participação ativa de um grupo para a realização de uma tarefa. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

Atividade 3:

1. Descreva os atributos básicos que estruturam um trabalho configurado como de WebQuest.
2. Em sua opinião, há um atributo que se destaca para a realização de um trabalho de WebQuest? Justifique a sua resposta
3. Como associar o Google Docs e a WallWisher com o trabalho de WebQuest?

Já sei!



Nesta aula, abordamos um assunto não tão fácil de ser assimilado, mas muito proveitoso se devidamente bem realizado. Destacamos as características de um trabalho sobre o ponto de vista de uma abordagem denominada de Webquest. Apresentamos suas principais vantagens e diversos tipos de produto final que podem ser desenvolvidos por meio dessa metodologia de aprendizagem de línguas.

Dentro do projeto de convergência de mídias trazido pela internet para dentro da esfera escolar, a WebQuest aparece como símbolo evidente e significativo do que vem a ser um trabalho realmente colaborativo que envolve todo o grupo na realização de um produto final com grande utilização da WWW, mas de maneira crítica e orientada. Esse deveria ser o principal pressuposto de utilização da internet para qualquer tipo de finalidade, mesmo a mais privada e particular.



Autoavaliação

Refletindo sobre o que aprendemos até o momento, podemos destacar o poder que a internet possui em abrir novos caminhos que colaboram para o aprendizado de línguas. As atividades colaborativas são a nova forma de se pensar uma internet em que todos possam participar ativamente, com poder de voz e de construção de suas próprias identidades e papéis dentro de processos de aprendizagem ou apenas como usuários responsáveis. Sejam atividades simples ou mais complexas, o que importa é que há estruturas e processos fáceis de serem seguidos até o encontro de soluções interessantes a dilemas pertinentes e de grande alcance, e que podem ser compartilhados por um grupo maior de pessoas. Neste grupo, todos poderão reescrever o seu próprio dilema e procurar na internet a construção e reconstrução de respostas cada vez mais conectadas ao pensamento crítico e autônomo da nova geração virtual que chega com atitude e participação conjunta na busca de um mundo plural.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

1. Acesse a Website da WallWisher com os outros alunos e comentem sobre suas conclusões quanto ao papel das interfaces colaborativas da internet.
2. Realizem uma pesquisa na Wikipédia sobre plataformas e interfaces colaborativas e desenvolvam um pequeno texto seguindo a estrutura de uma WebQuest.
3. Utilizem alguma ferramenta do Google Docs para apresentar o produto final da tarefa 2.



Leitura complementar

Acesse um exemplo de WebQuest sobre O Museu Moderno do Romantismo: Acesse em: <http://questgarden.com/80/56/4/090414191926/>

O livro: Vivências com aprendizagem na internet. Luís Paulo Leopoldo Mercado. Acesse em: <http://books.google.com.br/books?id=c21XfpbzgSwC&pg=PA30&dq=la+webquest&hl=pt-BR&sa=X&ei=zNzvTsaaMcTW0QG8rsXeCQ&sqi=2&ved=0CDgQ6AEwAQ#v=onepage&q=la%20webquest&f=false>



DODGE, B. (1995). **Some Thoughts About WebQuests**. Acessado em 15/12/2011. Disponível em: < http://webquest.sdsu.edu/about_webquests.html >.

_____. (1999). **WebQuest Taskonomy: a taxonomy of tasks**. Acessado em 15/12/2011. Disponível em: < <http://questgarden.com/> >.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <http://piemasculino.blogspot.com/2010/11/bienvenido>

Fig.2 – <http://www.publicidadeimobiliaria.com/2011/07/relacionamento-no-mercado-imobiliario.html>

Fig.3 – <http://www.educared.org/global/educarnaculturadigital/inovacao-tecnologica>

Fig. 4 – <http://teachers.net/gazette/wordpress/wp-content/uploads/2011/07/Man-Surfing-on-a-Computer-Mouse.jpg>

Fig. 5 – <http://lnx.aprendercom.net/blog/>

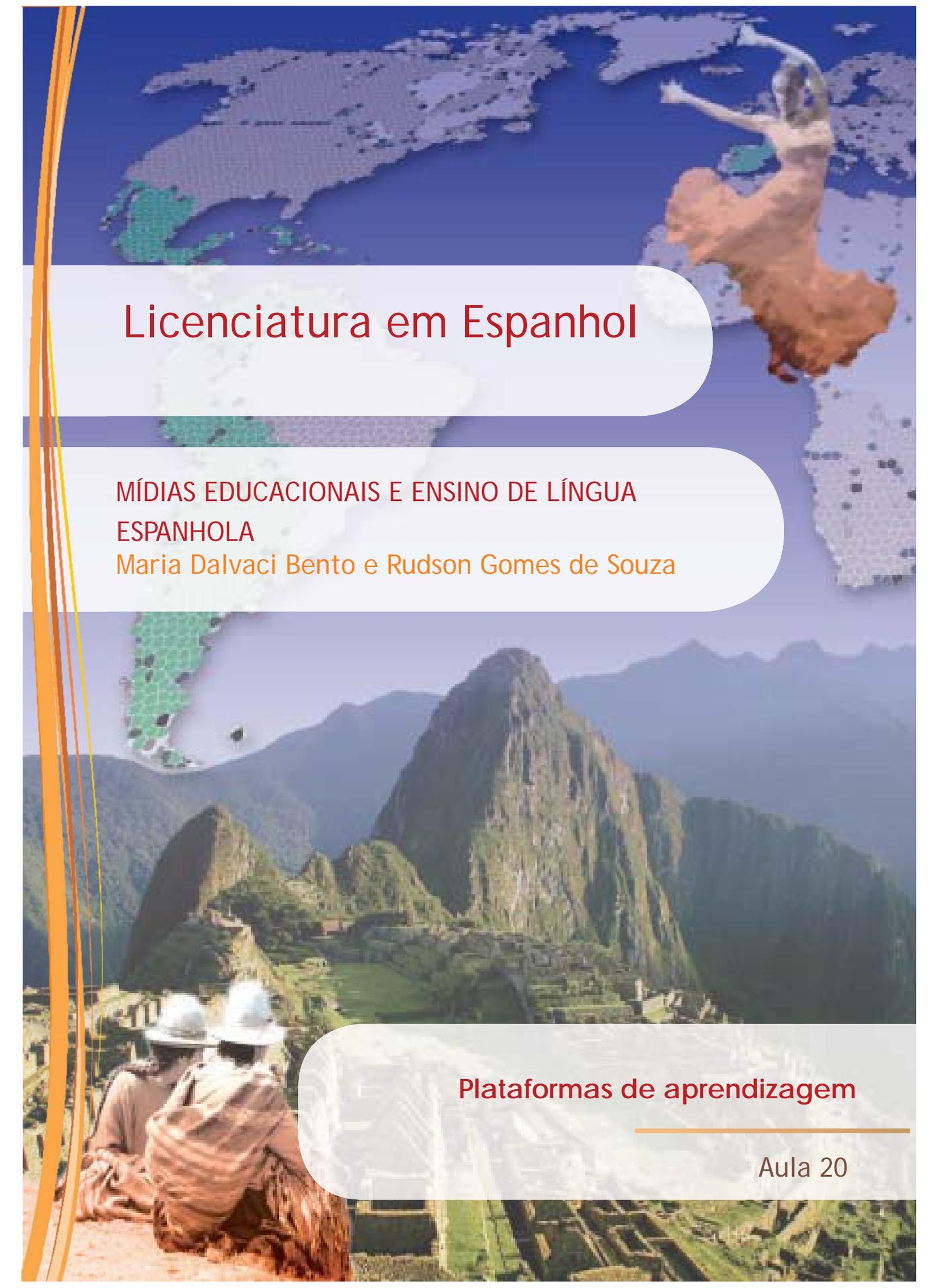
Fig. 6 – http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia_em_espanhol

Fig. 7 – <http://es.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Portada>

Fig. 8 – <http://honoriobezerra.blogspot.com/2010/06/webquest-uma-ferramenta-pedagogica.html>

Fig. 9 – <http://www.mundotecno.info/software/google-docs-viewer-agora-e-compativel-com-arquivos-do-autocad-e-photoshop>

Fig. 10 – <http://enioaragon.wordpress.com/tag/tecnologia-educacional/>



Licenciatura em Espanhol

MÍDIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Maria Dalvaci Bento e Rudson Gomes de Souza

Plataformas de aprendizagem

Aula 20

Apresentação e objetivos

Tudo o que conhecemos e aprendemos sobre mídias, tecnologias e a inserção de conteúdos educacionais em plataformas de aprendizagem, ou através desses artefatos, desde a mídia impressa até a internet, passa pelo conhecimento sobre como e onde as informações foram organizadas ao longo do tempo. Seja através de livros, fitas de áudio e vídeo, CDs e DVDs, parece simples reconhecermos o funcionamento do armazenamento e acesso às informações depositadas nessas mídias. Mas, e enquanto aos blogs, websites, portais e outras interfaces da internet? A resposta parece mais óbvia ainda: estão na internet! Contudo, pode ser bem mais interessante nos aprofundarmos um pouco mais sobre partes “reais” desse mundo virtual.

Todo o sucesso da internet não aparece nas telas dos computadores por acaso. Como pudemos perceber em aulas anteriores, essa poderosa mídia é capaz de agregar todas as demais em si mesma, criando um universo virtual quase paralelo ou complementar às nossas vidas. Este só é possível devido a componentes físicos reais, programas e aplicativos. Todas as informações devem estar alocadas em algum espaço físico, que conhecemos vulgarmente como servidores – computadores geralmente maiores e mais potentes que os PCs domésticos – para que, conectados entre si, possam nos fazer apreciar textos, imagens, vídeos e todas as formas com as quais a internet se faz chegar aos seus bilhões de usuários.

Nesta aula, gostaríamos que você conhecesse sobre como é possível a realização de um curso de graduação como a Licenciatura em Língua Espanhola a distância.

Ao final desta aula, você deverá:

- compreender a funcionalidade de softwares que podem ser acessados pela internet;
- identificar como acontece a promoção de atividades educacionais online;
- compreender melhor a relação entre o ambiente virtual e o que há de real por trás do universo da internet.



Para Começar

Olá, caro(a) aluno(a)!

Navegamos por vários ambientes e interfaces da internet, sempre observando particularidades quanto às funcionalidades das quais poderíamos tirar proveito para aplicarmos dentro de uma perspectiva de integração entre a comunicação, a informação e a instrução, mas não nos aprofundamos sobre como todas essas ferramentas funcionam.

Por isso, nesta aula, fazemos um convite a você para conhecermos, juntos, o funcionamento das plataformas de aprendizagem da internet, como por exemplo, o moodle, que usamos para levar as informações até você desde o nosso primeiro assunto abordado nesta disciplina. Pode parecer uma informação descartável, mas é, na verdade, a parte mais importante para que tudo o que foi realizado desde a primeira aula pudesse acontecer.

Comparando com um filme, uma peça, um concerto, onde o papel dos bastidores para que todos os efeitos e representações possam aparecer de maneira perfeita para o público final, por trás da oportunidade de acesso a tantos materiais e conteúdos diversos, estão programas específicos que, quando acionados, fazem a aula acontecer. Estamos falando das chamadas plataformas de aprendizagem.

Como um diretor de cinema, de arte, um figurinista e qualquer outro “acessório” fundamental para a realização de um grande trabalho, não lhe parece mais fácil conhecer e até mesmo escolher com qual material trabalhar? E, enquanto professor, não seria mais fácil conhecer e escolher os ambientes virtuais por onde você navegará com os seus alunos na busca do conhecimento ideal?

Sendo assim, convidamos você a percorrer os bastidores de todo esse universo percorrido por todos nós com a disciplina de Mídia Educacional e Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira.

Bons estudos!



1. Da carta ao computador: a internet e o seu poder de convergência de todas as mídias

O debate em torno do ensino-aprendizagem como um ato que só é possível unicamente pela proximidade física, possivelmente, gira em torno de séculos de discussões, o que, de certa forma, ficou estabelecido como uma máxima intocável na cabeça das pessoas. Pensar, então, no ensino a distância quase sempre leva a uma conotação negativa pelo afastamento entre as partes envolvidas, sobretudo o professor e o aluno. Esse debate ainda carrega certa carga de preconceitos pelo fato de a distância em relação aos estudantes ser ainda percebida como principal fator negativo, pois o desejável é a presença física, próxima, constante do professor. O fato é que, desde as primeiras tentativas de se estabelecer princípios didáticos para esse tipo de modalidade, o homem tentava buscar meios de amenizar a distância física. Esses princípios foram se estabelecendo devido às necessidades reais que surgiam.



Fig. 01



Fig. 02

Desde os tempos antigos, o ensino por meio de cartas sugere o princípio de encurtar a distância entre mestres e aprendizes. Essa cultura passa por Platão, que transmitiu muito dos seus pensamentos pelas cartas. Outro exemplo pode ser visto no procedimento que também foi adotado pelo apóstolo Paulo, isto é, que escreveu grande parte de seus ensinamentos por meio de correspondências aos povos de diferentes cidades para divulgar o cristianismo.

No Brasil, possivelmente com a fundação do Instituto Rádio Monitor, em 1939, começaram a surgir os meios formais de ensino a distância via correspondência, rádio e os famosos televisivos Telecursos de 1º e 2º graus. Todos esses modelos surgiram com o intuito de encurtar a distância entre professor e aluno, o que permitia maior interação e participação colaborativa, embora em menor escala, na construção do conhecimento em situações presenciais desfavoráveis.

Com o surgimento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTICs, tanto as relações interpessoais quanto as próprias instituições experimentaram um salto sem precedentes quanto às possibilidades de ensino a distância e os seus efeitos no desenvolvimento de inovações que se convergem e se potencializam, a partir do surgimento do computador com sua capacidade de armazenar informações e da oferta de recursos de texto, imagens, áudio e vídeo e o desenvolvimento e evolução dos serviços de telecomunicações que oferecem tecnologias com desempenho cada vez maior e mais acessível.

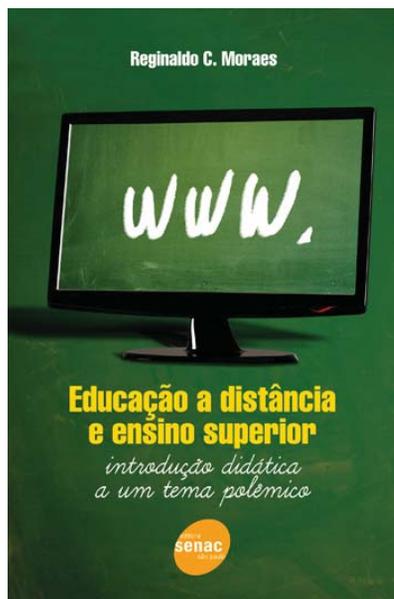


Fig. 03

Com o surgimento da WWW, essas novas tecnologias – diga-se CDs, DVDs, computadores pessoais, palmtops, celulares, tablets e TV em alta definição, dentre outras – com conteúdos para cada um desses diferentes suportes, diminuíram ainda mais os espaços, atingindo uma camada da população antes inimaginável, num movimento constante que iniciou um processo cuja transmissão de dados passou a ser mais ágil, por meio da interação instantânea ou estratégica, devido à criação de bancos de dados com imensa capacidade de armazenamento, abrangência e ligação com as redes de computadores espalhadas por todos os países, através da internet.

O Ministério da Educação (MEC), através da portaria 2.253 de 18 de outubro de 2001, permitindo às instituições de ensino superior a oferta de 20% da carga horária dos seus cursos em atividades não-presenciais, proporcionou um avanço significativo no uso das NTICs, que, por sua vez, passaram a indicar novos caminhos para um ensino superior eficiente e de qualidade. Essa abertura trouxe à discussão como desenvolver possibilidades com a criação de tecnologias de ensino – por meio de softwares – que viessem a melhorar a forma de ensinar e aprender para além da sala de aula presencial.



Fig. 04

Com toda essa movimentação ganhando corpo dentro das instituições, a discussão de projetos voltados ao desenvolvimento de ferramentas, sistemas e programas que se utilizavam dessas novas tecnologias saiu do campo de objeto de pesquisa e foi ganhando forma por meio de ambientes virtuais de aprendizagem e trabalhos colaborativos, iniciando um processo de incorporação de novas ferramentas baseadas na internet, especificamente para o contexto educacional como suporte às disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação, por meio de cursos semipresenciais e a distância.

O debate passou do campo da validação desse tipo de modalidade de ensino para a esfera de escolha do ambiente virtual de aprendizagem mais adequado para a troca de conhecimento entre professores e alunos, de acordo com as necessidades não apenas de instrução, mas quanto ao tempo e local mais conveniente para ambos. O preconceito inicial parece diminuir e dar lugar à escolha das melhores ferramentas para o gerenciamento mais eficiente desse processo.

2. Entendendo uma plataforma de aprendizagem da internet

A internet é composta por vários tipos de ambientes virtuais, dentre os quais está a categoria de ambiente virtual de aprendizagem. Um volume de funcionalidades é projetado para o armazenamento, o gerenciamento e a distribuição de conteúdos educativos por meio da interatividade. Na prática, um grupo de sujeitos ligados a essa plataforma obtém suporte necessário para a construção do conhecimento por meio de discussão, tendo os recursos da informática como ferramentas de mediação desse processo de ensino-aprendizagem.

Nos cursos presenciais, esse ambiente de aprendizagem é constituído de salas de aula com mesas, cadeiras, quadro, material didático, alunos e professores em proximidade constante. As atividades de aprendizagem, quase sempre pré-estabelecidas, se constroem ao longo de uma interação que obedece um tempo pré-definido num espaço determinado, estático. Em um ambiente virtual de plataforma de aprendizagem, o tempo e o espaço devem ser compreendidos e coordenados, isso porque a interação ocorre em um espaço virtual, por meio de relações constantes dentro de redes digitais percebidas por alunos e professores na interface de aplicações da web escolhida.



Fig. 05

Nesse processo de aprendizagem em ambientes ou plataformas virtuais, os quais são espaços concedidos, planejados e até mesmo executado por especialistas em programação e softwares, o grupo tende a dar significado ao ambiente de aprendizagem, o que acarretará em uma identificação que foge um pouco à totalidade desse ambiente previamente desenvolvido. As plataformas por si só não garantem que a aprendizagem ocorra, mas a partir de uma evolução na utilização de suas ferramentas em processos constantes de comunicação, informação e interação, típicos da funcionalidade geral da internet, o ensino passará por todas as fases necessárias para se chegar à aprendizagem desejada.

3. Ensino a distância



Fig. 06

Essa evolução nas ferramentas de aprendizagem, com a necessidade cada vez mais frequente de colaboração, fez surgir plataformas de aprendizagem virtuais específicas para o ensino a distância – e-learning – ganhando popularidade, mesmo ainda emergente, dentro das instituições de ensino superior. Na maioria desses ambientes virtuais, o que definirá uma boa plataforma de aprendizagem pública ou privada (ligadas às próprias instituições de ensino) será a adequação de

ferramentas facilitadoras, levando auxílio ao professor no entendimento da sua turma virtual por meio de um acompanhamento satisfatório que não cause o temido distanciamento entre os envolvidos, o que pode acabar provocando uma falta de motivação para a turma.

Os recursos dessas plataformas concentram-se em mecanismos variados como recursos de envio de mensagens, fóruns, bate-papo, troca de materiais e gerenciadores de tarefas, o que possibilita variadas tarefas executadas a distância pelos alunos, de acordo com atividades predefinidas. O ambiente propicia uma grande vantagem para esse tipo de aprendizagem que é justamente a possibilidade de troca do conhecimento entre os alunos e o professor conectados à plataforma, o que possibilita a recriação desses mesmos conhecimentos através de estratégias especialmente desenvolvidas para atingir uma aprendizagem eficiente. Essas plataformas possuem características diferenciadas por meio de um conjunto de funcionalidades desenvolvidas para armazenar e distribuir conteúdos, trazendo outras vantagens e benefícios como:

- ganho em competências comunicativas;
- baixo gasto com pessoal;
- diminuição nos custos para a realização de uma graduação nesse tipo de modalidade;
- flexibilidade em local e horário para a aprendizagem.



Fig. 07

Embora esses sistemas possam ter sido desenvolvidos para fins específicos, a sua evolução notoriamente tomou a direção para um modelo comum pela satisfação de necessidades diferentes. Esse modelo comum abrange funcionalidades típicas dos sistemas de gestão da aprendizagem a distância: criação, gestão de perfis e acesso protegido; configuração e gerenciamentos dos conteúdos produzidos; comunicação entre o autor do conteúdo e seus utilizadores; registro das atividades de cada utilizador do sistema para o controle ou gestão de todo o processo de ensino-aprendizagem, entrando aqui a gestão pedagógica, a administrativa e a organizacional.

Mãos à obra



Agora que você conheceu o que está por trás deste maravilhoso ambiente de trabalho da sua graduação, a plataforma de aprendizagem, é hora de avaliar o que aprendeu. Vamos fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluí-la.

Atividade 1:

1. Com base no conteúdo que você estudou até agora, responda as questões que seguem:
 - a) É possível afirmar que a modalidade de ensino a distância, com ou sem os recursos da web, é facilmente aceita como meio eficaz para a aprendizagem de conteúdos?
 - b) Trace um breve panorama da aprendizagem a distância no Brasil e seus principais recursos.
2. O que você entendeu por Plataforma de Aprendizagem?
3. Sobre o e-learning, responda:
 - a) Quais as principais particularidades dessa modalidade a distância?
 - b) Destaque alguns benefícios dessa modalidade.
 - c) Como funcionam os sistemas que definem essas plataformas da web?

4. A interatividade e a aprendizagem colaborativa na web



Fig. 08

A finalidade principal de um curso a distância, nos dias de hoje, é, sem dúvida, a aprendizagem colaborativa suportada pelo uso específico do computador. Ele é a ferramenta central que ajuda na comunicação e na colaboração das atividades dos alunos, sendo a única ferramenta que permite, dentro dessa modalidade, o acesso aos processos de coordenação e organização dessas atividades. Ele é o meio, através do qual os alunos da turma podem colaborar uns com os outros, a distância, para atingirem objetivos que, a princípio, são específicos, mas tornam-se comuns. Os ambientes escolhidos para a realização das atividades devem oferecer rapidez e eficácia na busca de informações para o desenvolvimento da aprendizagem desejada.

A conectividade da internet passa a ser operada de maneira particular ou múltipla, dentro do ciberespaço, o qual reúne objetos diversos que perpassam por diferentes grupos, mediante o compartilhamento de memórias e hipertextos em fóruns, e-mails, chats, listas e murais, os quais estão reunidos e estruturados em cada plataforma de aprendizagem desse ambiente virtual. Embora tenda a distanciar-se da reprodução de salas de aulas reais, na tentativa de proporcionar novas ferramentas, a concepção desses ambientes virtuais disponibiliza conteúdos semelhantes, organizados e estruturados por um professor para o cumprimento de atividades e tarefas, mesmo que a distância.



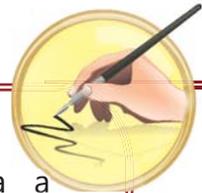
Fig. 09

Nesse contexto, a interação que se dá nas relações entre alunos e o ciberespaço foge à semelhança das aulas presenciais, face a face, embora a interação esteja presente e seja necessária também no tipo de modalidade tradicional. Como em nossa graduação, os ambientes

apresentam módulos, iniciando com uma proposta de conhecimento de base, ou módulo básico, com todas as estruturas principais definidas em páginas e apresentadas por um conjunto de recursos relacionados à estrutura do curso. Essas páginas são geradas automaticamente por meio de formulários constituídos por ferramentas de comunicação, de segurança, acesso a banco de dados, estatísticas de acesso, dentre outros. Três grupos funcionais compõem essas ferramentas:

- **Autoria:** ferramentas para edição e formatação de textos, imagens, áudio, vídeo e animações, definições de cores, padrões de páginas e recursos de comunicação, através da internet (há diferentes formatos como HTML, PDF, etc.), as quais são realizadas por diagramadores, conteudistas, revisores, programadores, professores, entre outros.
- **Administração:** professores, auxiliares ou técnicos de informática, os quais dispõem de ferramentas que fazem o gerenciamento das plataformas, ou do curso propriamente dito, fornecendo informações de controle de acessos, período de inscrição, realização de atividades, notas, relatórios, e todo o acompanhamento de desempenho e desenvolvimento dos alunos no curso.
- **Recursos dos alunos:** ferramentas para comunicação, pesquisa, anotações, criação de páginas, avaliação e acompanhamento de notas, conteúdos são os recursos funcionais mais comuns à disposição dos alunos de um curso desenvolvido em uma plataforma de aprendizagem.

Mãos à obra



Em ambientes virtuais, todo o trabalho para a formulação, concepção e participação em um curso depende inteiramente de processos colaborativos. Vamos, então, fazer a atividade abaixo? Lembre-se: só prossiga com os estudos, depois de concluí-la.

Atividade 2:

1. Como você entende, de acordo com a leitura do texto, o funcionamento geral de um curso na modalidade a distância em plataformas virtuais de aprendizagem?
2. Refletindo sobre o papel da interação dentro do ciberespaço, como você pode conectar a interação comunicativa da internet com processos educacionais?
3. Como resumir os grupos funcionais de maneira mais objetiva para que os papéis e etapas fiquem evidentes?

5. Pressupostos educacionais para um bom curso em plataformas de aprendizagem

Dependendo do site de um curso em ambiente virtual, os acessos entre professores e alunos nem sempre são identificáveis por ambos, se estão conectados ao mesmo tempo ou não, trazendo novamente à tona a polêmica da distância e até mesmo certa frieza ou sensação de solidão dos usuários, isto é, de alunos e de professores. Há um perigo em se fazer confusão entre o trabalho autônomo do aluno e essa sensação de solidão, diante da visão, muitas vezes, distorcida de que os alunos trabalham em um ambiente de total autoaprendizagem. Plataformas de aprendizagem eficientes consideram pressupostos educacionais. Vejamos:

- A pesquisa e o estudo de modo independente são incentivados, mas não devem ser confundidos com distanciamento entre professor e alunos;
- O dinamismo tem de se fazer presente na comunicação entre os alunos da turma e também dos alunos para com o professor, a partir de atividades individuais e, principalmente, em grupo;
- Os aspectos culturais e/ou particulares dos alunos têm de ser considerados no ambiente global do ciberespaço, haja vista ser essencial a esse processo educativo;
- O professor cria o ambiente necessário à interação para a construção da aprendizagem;
- Os exercícios e experimentos devem estar conectados à realidade do aluno.

As plataformas de aprendizagem estão cada vez mais sofisticadas, com novas versões que trazem diferentes apresentações de conteúdos e aumento de recursos e ferramentas. O professor deve se valer desses recursos para minimizar possíveis problemas de acompanhamento das turmas, promovendo melhorias na interação e na colaboração dos conteúdos depositados no ambiente de aprendizagem. Tais procedimentos refletirão em uma melhor avaliação do curso e dos alunos, uma vez que esse feedback dá ao aluno uma melhor sensação de acompanhamento e melhor percepção para trabalhar também em colaboração com os demais participantes do grupo.

Nesse sentido, a interatividade deve ser considerada como o principal pilar desse processo de aprendizagem, dinamizando o ambiente e acesso aos conteúdos e páginas, arquivos e outros suportes, geralmente estáticos. Perguntar e ser respondido, comentar e receber feedback dos comentários, são a representação de sistemas de gestão de aprendizagem eficientes que observam essa necessidade de constante interação e colaboração.



Fig. 10



Fig. 11



A interação parece responder a grandes dilemas enfrentados por professores e cursistas que se utilizam de plataformas de aprendizagem na internet para o aprendizado. Vamos pensar um pouco mais sobre o assunto?

Atividade 3:

1. Como aluno de um curso a distância, de que forma você observa a relação de interação/solidão dentro das plataformas de aprendizagem?
2. Qual o papel dos alunos do grupo para que o desenvolvimento do curso não dependa exclusivamente da mediação do professor ou de acesso aos conteúdos?
3. Em sua opinião, é possível escolher um único pressuposto educacional para considerar um ambiente virtual como eficiente ou favorável ao aprendizado? Justifique a sua resposta.



Nesta aula, procuramos compreender a funcionalidade dos ambientes de aprendizagem virtuais ou, simplesmente, plataformas de aprendizagem. Refletimos sobre o que acontece por trás do produto final, momento em que construímos todo o conhecimento adquirido em nossa disciplina. Apresentamos mitos, possíveis entraves para uma aprendizagem eficiente nessas plataformas, as ferramentas que contribuem para essa realização, seus autores, protagonistas e papéis desempenhados pelas partes envolvidas nesse tipo de modalidade de aprendizagem.

Compreendemos o papel interativo e colaborativo proporcionado pela internet e seus ambientes, desenvolvidos especificamente para o ensino a distância ou semipresencial, fazendo um verdadeiro reconhecimento do terreno por onde navegamos durante as nossas aulas e, principalmente, aprendendo como usufruir de todos esses recursos que surgiram para promover um tipo eficiente de modalidade de educação online.



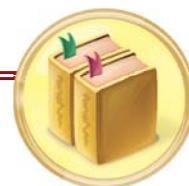
Autoavaliação

A partir do conhecimento de como funciona um curso de graduação através de plataformas de aprendizagem, é possível fazermos uma autoavaliação mais abrangente da nossa participação em toda a disciplina de Mídia Educacional e Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira. Todas as atividades realizadas, conteúdos selecionados, compartilhados e desenvolvidos, tiveram a finalidade de conhecermos como funcionam as várias mídias e as tecnologias educacionais; como podemos utilizá-las para a aprendizagem de línguas; como aluno ou professor passam pelo processo de interação e colaboração na realização de cada tarefa e atividade propostas para o entendimento ou alcance dos objetivos propostos no início do curso.

Esse tipo de modalidade de aprendizagem ganha mais autoridade e, principalmente, reconhecimento quando verificamos e compreendemos particularidades que vão além do propósito de oferecer, compartilhar, construir e reter conhecimentos, quais sejam todos os recursos, ferramentas e pressupostos educacionais que proporcionam a existência desses ambientes de aprendizagem tão eficientes e necessários para uma nova geração de alunos que depende cada vez mais da utilização de novas mídias no seu dia-a-dia.

Após uma autoavaliação do que você aprendeu, sugerimos que você:

1. Releia os objetivos de todas as aulas sobre o advento da internet na educação e faça uma relação entre o que você aprendeu nessas aulas e o papel da colaboração e interação para a funcionalidade da internet como meio de aprendizagem. Sugerimos que essa atividade seja discutida no fórum do curso.
2. Troque e-mails com outros alunos sobre a importância da interação para um melhor aproveitamento das plataformas de aprendizagem.



QUIROZ, Juan Silva. **Diseno y Moderacion de Entornos Virtuales de Aprendizaje(EVA)**. Capítulo IV. Acesse em: http://books.google.com.br/books?id=_OdFFeq_wbMC&pg=PA109&dq=ambientes+virtuales+de+aprendizaje&hl=pt-BR&sa=X&ei=Iob6Tp7IEI3hggeEk9WgAg&ved=0CDkQ6AEwAQ#v=onepage&q=ambientes%20virtuales%20de%20aprendizaje&f=false

PORTILLA, José Rafael Capacho. **Evaluacion Del Aprendizaje en Espacios Virtuales-TIC**. Acesse em: <http://books.google.com.br/books?id=44Q4hgDjilUC&pg=PR9&dq=ambientes+virtuales+de+aprendizaje&hl=pt-BR&sa=X&ei=Iob6Tp7IEI3hggeEk9WgAg&ved=0CD4Q6AEwAg#v=onepage&q=ambientes%20virtuales%20de%20aprendizaje&f=false>

MUÑOZ, Ana García Valcárcel. **Experiencias de innovación docente universitaria**. Acesse em: <http://books.google.com.br/books?id=12IY8zN-6eYC&pg=PA76&dq=ambientes+virtuales+de+aprendizaje&hl=pt-BR&sa=X&ei=6of6TrK9GYqRgQePoZi6Ag&ved=0CEQQ6AEwAzgK#v=onepage&q=ambientes%20virtuales%20de%20aprendizaje&f=false>

Una metodología para el desarrollo de cursos en línea. Acesse em: <http://books.google.com.br/books?id=hiMg8pJaOOIC&pg=P A64&dq=ambientes+virtuales+de+aprendizaje&hl=pt-BR&sa=X&ei=koj6TuXqMIOfgwfBpM2YAg&ved=0CGEQ6AEwCTgU#v=onepage&q=ambientes%20virtuales%20de%20aprendizaje&f=false>



Referências

STEINFELD, Charles; McVOY, D. Stevens; BALDWIN, Thomas F. **Convergence: Integrating Media, Information and Communication**. USA: Sage Publications, 1996.

MAIA, Carmem. **Guia Brasileiro de Educação a Distância**. São Paulo: Editora Esfera, 2002.

PETERS, Otto. **Didática do Ensino a distância**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2001.

Fonte das figuras

Fig. 1 – <https://lh3.googleusercontent.com/-tMkacBRCjI/TYY3QCAgUBI/AAAAAAAAA-U/5ESNE8IMXQI/Imagem1.jpg>

Fig.2 – <http://2.bp.blogspot.com/-koeGIVQloxM/TbgDhdY5GwI/AAAAAAAAAQI/F-brJKrF4UA/s1600/bruxariatradicional.JPG>

Fig.3 – http://www.editorasnacsp.com.br/portal/CONTENT/base/imagens/produtos/zoom/21187_zoom.jpg

Fig. 4 – http://www.revistaoprofessor.com.br/wordpress/wpcontent/themes/revistaonline/images/ilustracao_ead.jpg

Fig. 5 – http://2.bp.blogspot.com/-rYygMzu_ds/TadeXzjBikI/AAAAAAAAAiY/IuB32GtGs0Q/s320/Educacao-a-Distancia-Aprendizagem-a-Distancia-e-Ensino-a-Distancia.jpg

Fig. 6 – <http://2.bp.blogspot.com/-O6QXE6pq0QE/TqjLRBzdKI/AAAAAAAAABWs/uFT5kORW6Ok/s1600/charge-EAD-nova.jpg>

Fig. 7 – <http://ead.ifrn.edu.br/moodle/>

Fig. 8 – http://4.bp.blogspot.com/___RhrAagsYJQ/StpFpJ7389I/AAAAAAAAACs/kvKPvr6lLqc/s320/colaborativa.jpg

Fig. 9 – <http://ead.ifrn.edu.br/moodle/>

Fig. 10 – <http://www.ead.pt/blog/wp-content/uploads/2009/08/estagiario.jpg>

Fig. 11 – http://pplware.sapo.pt/wp-content/uploads/2011/12/moodle_00.jpg